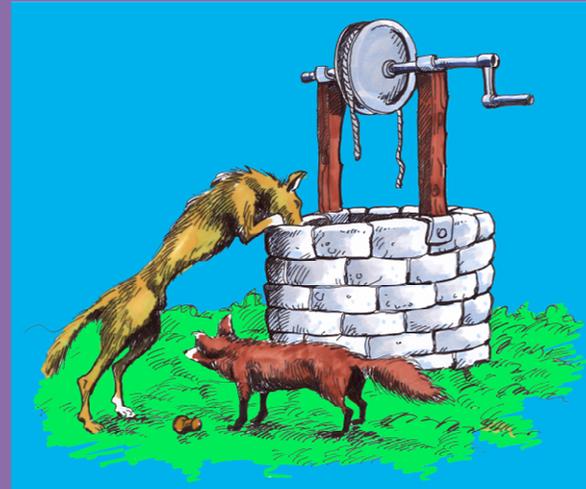


## CONTOS POPULARES E LENDAS DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Folk tales and legends of Cortelhões  
and Plingacheiros

Francisco Henriques, Jorge Gouveia,  
João Carlos Caninas, Maria de Lurdes Barata,  
José Manuel Batista, João Sena, Paulo Barreto  
e José Preto Ribeiro



Vila Velha de Ródão, 2013

**CONTOS POPULARES E LENDAS DOS CORTELHÕES  
E DOS PLINGACHEIROS  
(PROENÇA-A-NOVA E VILA VELHA DE RÓDÃO)<sup>1</sup>**

**Folk tales and legends of Cortelhões and Plingacheiros**

**Recolha e redacção:** Francisco Henriques, Jorge Gouveia e João Carlos Caninas<sup>2</sup>

**Apresentação:** Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

**Prefácio:** José Manuel Batista

**Ilustrações:** João Sena, Paulo Barreto e José Preto Ribeiro<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** tradição oral; contos; lendas; Vila Velha de Ródão; Proença-a-Nova

**Keywords:** oral tradition; tales; legends; Vila Velha de Ródão; Proença-a-Nova

<sup>1</sup> Editado em 2001 no número 4 da revista Açafa. Imagem da capa da autoria de João Sena.

<sup>2</sup> Membros da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>3</sup> As ilustrações foram inspiradas nestes contos mas não acompanham os respectivos textos.

**Resumo**

Divulga-se, em formato digital, o livro de contos e lendas editado, em suporte papel, no ano de 2001, no número 4 da revista Açafa, edição que se encontra esgotada. As 204 peças que integram esta colectânea foram recolhidas, oralmente, entre os anos de 1976 e 1995 e correspondem, maioritariamente, aos concelhos de Proença-a-Nova (Cortelhões) e Vila Velha de Ródão (Plingacheiros). Os textos foram agregados em dois grupos principais (contos e lendas) e, em cada um daqueles grupos, foram distribuídos pelos ciclos convencionados pelos etnógrafos Alda Soromenho e Paulo Caratão Soromenho.

**Abstract**

It is disclosed in the digital format and edited storybook legends, on paper, in 2001, the number of 4 Açafa revised edition is exhausted. The 204 pieces that make up this collection were collected orally, between the years 1976 and 1995 and correspond, mostly, to the municipalities of Proença-a-Nova (Cortelhões) and Vila Velha of radon (Plingacheiros). The texts were grouped into two main groups (tales and legends), and in each of those groups, were distributed by the cycles contracted by the ethnographers Alda Soromenho and Paul Caratão Soromenho.

## Índice

### Uma arca da memória

### Uma demanda entre o real e o imaginário

### Introdução

### Os contos

#### Animais

- 1 - O leão, o lobo e a raposa
- 2 - Os desejos dos animais
- 3 - O pisco escrivão
- 4 - A criação da cobra
- 5 - As cobras de África
- 6 - A rolinha brincalhona
- 7 - A cigarra e a formiga
- 8 - O lobo, a raposa e o queijo
- 9 - O lobo a raposa e o carneiro
- 10 - O Tio Melias
- 11 - O lobo do Carvalhal
- 12 - O sapo e o cágado

#### A Bela e o Monstro

- 13 - A princesa encantada

#### Cristo e São Pedro

- 14 - Deus e o Diabo dividem o batatal e o couval
- 15 - Deus vence o Diabo
- 16 - Às crianças nem o Diabo escapa
- 17 - A velha e o badalo
- 18 - O pastor mentiroso
- 19 - Comido pelos lobos
- 20 - São Pedro e o Mestre
- 21 - O Arrasa Montanhas
- 22 - João Soldado
- 23 - São Pedro e as cerejas
- 24 - O Divino Mestre e São Pedro

#### Enigmas

- 25 - A princesa e o pastor
- 26 - O nó na linha
- 27 - O rapazito e o Rei Salomão
- 28 - Já o ferro no aço pegou
- 29 - O João Pequeno e o João Grande
- 30 - O ter e o ser
- 31 - O velho e o príncipe
- 32 - A rapariga dos três namorados
- 33 - O padre e a criada
- 34 - A filha do rei e o pastor

#### Entes sobrenaturais

- 35 - O comboio dos Portelinhos

- 36 - As bruxas da Ladeira
- 37 - A bruxa e o namorado
- 38 - A bruxa que quebrou a sina
- 39 - O Cadela Branca
- 40 - A mulher do lobisomem
- 41 - As bruxas do Ribeiro
- 42 - O rapaz destemido
- 43 - O medo do Alto da Piloteira
- 44 - O coice do lobisomem
- 45 - O meu avô e a bruxa
- 46 - A namorada do Vale D'água
- 47 - Mestre Luís e a chiba embruxada
- 48 - As varas embruxadas
- 49 - Por baixo de toda a folha
- 50 - Os dois almocreves
- 51 - O baú da Cova das Bruxas
- 52 - Bruxas do Vale Pinhora
- 53 - O medo do Pereiro
- 54 - Gritos na madrugada
- 55 - O medo do Vale D'água
- 56 - Zaragata por uma princesa
- 57 - O moleiro e os príncipes
- 58 - O Guilherme e Nossa Senhora
- 59 - O cavalo da Ribeira
- 60 - O medo do Fojo
- 61 - As bruxas dos Degolados
- 62 - Um sonho

- 63 - A panela de libras
- 64 - As almas do outro mundo e o enchido
- 65 - O medo e o cinto
- 66 - O medo da Capela da Senhora da Paz

**Entre marido e mulher**

- 67 - Odre sem baraça
- 68 - A amante da Moita da Sora
- 69 - A ladaíinha da viúva
- 70 - Almas do outro mundo
- 71 - Doze mulheres para um homem
- 72 - O filho do padre
- 73 - Uma ida a Lisboa
- 74 - A alegria do casal
- 75 - O compadre e a comadre
- 76 - O Homem e a Mulher
- 77 - Andar na linha
- 78 - Mulher velhaca
- 79 - Os marrecos
- 80 - O vendedor de santos
- 81 - Uma camisa à medida
- 82 - Tirar os picos
- 83 - Calças à cabeceira
- 84 - O Ti Marrucho
- 85 - A chantagem da mulher
- 86 - A Ti Barrenta
- 87 - Um patrão para encher a barriga

88 - O sal

89 - Os gatos do padre

**Facécias**

90 - Roubar para comer não é pecado

91 - Três arrates da pá do cú

92 - O gigante e o agreirito

93 - A confissão na sobreira

94 - O cú cantante

95 - Cheiro a chouriço

96 - De cavalo não se faz doutor

97 - O Bento e o vento

98 - Deus acrescentou, o Diabo o levou

99 - A rapariga e o namorado

100 - O porco da comadre

101 - Os reбуçados no cemitério

102 - O come e cala-te da avó

103 - A costureira e a tesoura

104 - O porco do padre

105 - O castigo do padre

106 - O melão come-o o dono

107 - Pô pró rei, pô prá rainha

108 - A gripe pobre e a gripe rica

109 - "A caixa do incenso"

110 - O borrego de São Pedro

111 - Três raparigas à janela

112 - O enterro do "Cacete"

113 - O ladrão do albornoz

114 - Os rapazes e o lobo morto

115 - A confissão das velhas

116 - Aqui jaz um inocente

117 - O criado esperto

118 - A confissão

119 - A gente não lê jornais

120 - O criado gago

121 - Cortaram-te a pichota

122 - Todos os três juntos

123 - É porco ou porca?

124 - A graça de Deus

125 - Apertar bem as perninhas

126 - O preto e o bezerro

127 - O papel das instruções

128 - Dois miúdos falam de cães

129 - O má s'neile

130 - O Lagar do Carvoeiro

131 - Ida à cidade

132 - Ti Agostinho

133 - A venda do burro

134 - A velha e o soldado

135 - Pedras ou dinheiro

136 - O rei e os figos

137 - O Valentão e o padre

138 - Os dois namorados

**A gata borralheira**

139 - A gata borralheira

**Heranças**

140 - O chapéu e as botas da virtude

**Instrumentos maravilhosos**

141 - A navalha maldita

**Pecados mortais**

142 - As cem libras

143 - Casa Correia

**O Pedro das Malas-Artes**

144 - Não tragas Pedros

145 - O moço mei indoudado

**O sabor dos sabores**

146 - Dona Vinte

**As lendas**

**Lendas religiosas**

147 - Lenda da Senhora dos Remédios (1)

148 - Lenda da Nossa Senhora dos Remédios (2)

149 - Lenda das sete irmãs ou de Nossa Senhora e São Simão

150 - O banho de São Bento

151 - Conho Grande da Ladeira

**Lendas de entidades míticas**

152 - O Traitolas

153 - Lenda do Vale Mourão

154 - A cobra do Vale do Cobrão

155 - O Valentão

156 - O Valentão posto à prova

157 - O Valentão da Carqueijosa (1)

158 - O Valentão da Carqueijosa (2)

159 - O Valentão da Carqueijosa (3)

160 - A bezerrinha de Oiro

161 - O padre dos Cabecinhos

162 - A luz do Moinho Branco

163 - O medo das Fontainhas

164 - O medo do Vale Serrão

165 - Esquife da Fonte do Meio Alqueire

166 - O burro do Ti Elias

167 - Medo no Vale das Porcas

168 - Bruxas no Vale D'Água

169 - O medo da Pracana

**Lendas históricas**

170 - Lenda do Rei Vamba (1)

171 - Lenda do Rei Vamba (2)

172 - A lenda da tripla maldição ou lenda do Rei Vamba

- 173 - Lenda da Buraca da Moura do Vale do Cobrão
- 174 - Lenda dos Castelinhos
- 175 - Lenda da origem do Monte Fidalgo
- 176 - Lenda da Portela do Vermum

#### **Lendas de mouras e de mouros**

- 177 - O mouro e a parteira
- 178 - A parteira e os mouros dos Castelos
- 179 - A moura do pente de ouro
- 180 - Buraca da Moura do Chão de Galego
- 181 - Escorregadoiro da Moura

#### **Lendas etiológicas**

- 182 - A criação do Homem e da Mulher (1)
- 183 - A criação do Homem e da Mulher (2)
- 184 - A maçã de Adão
- 185 - Lenda do Poço da Caldeira
- 186 - A Penha Amarela e as Portas do Almourão
- 187 - Ferraduras do Ribeiro das Ferraduras
- 188 - Oliveira da Cancela
- 189 - Tapada dos Pés
- 190 - A Fonte Boa de Sarnadas
- 191 - O Moinho das Calhondras
- 192 - Corticeiros
- 193 - Cortiçada
- 194 - Lenda da Senhora de Alagada (1)
- 195 - Lenda da Senhora de Alagada (2)

- 196 - O Penedo do Sardão
- 197 - O tesouro do Ribeiro de São Pedro
- 198 - A Lenda do nome de Vale do Homem

#### **Lendas de povoações desaparecidas**

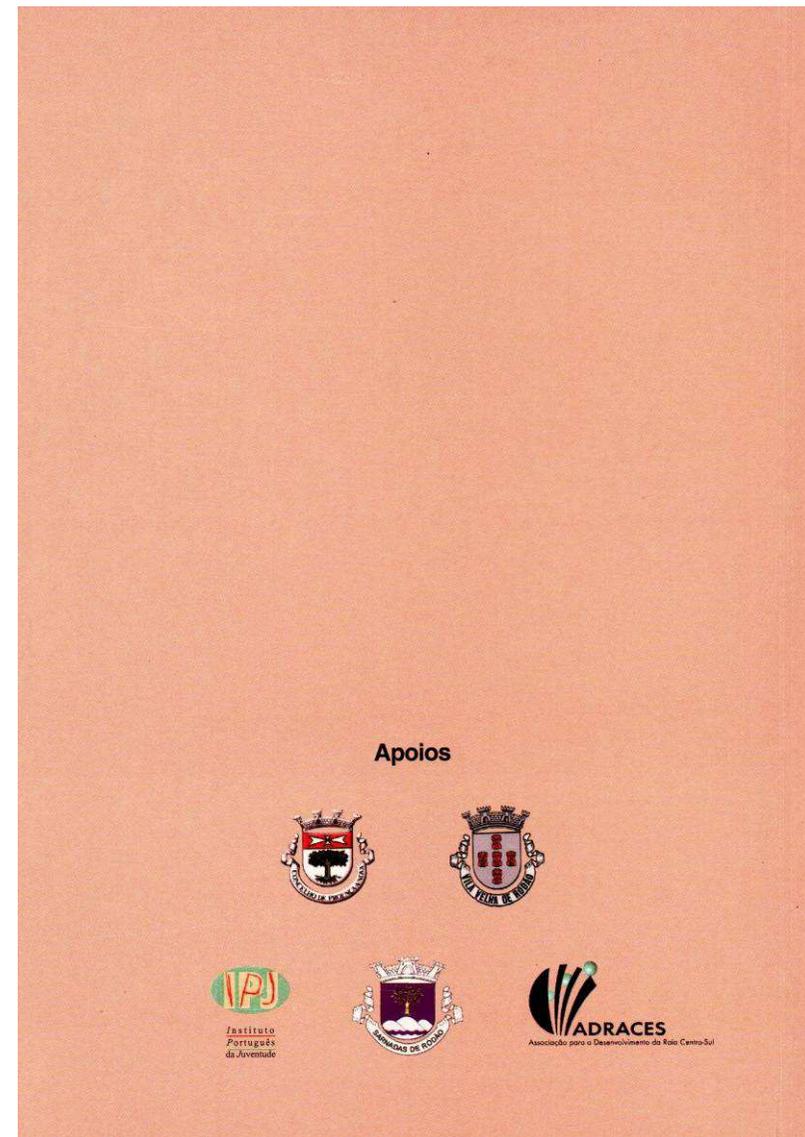
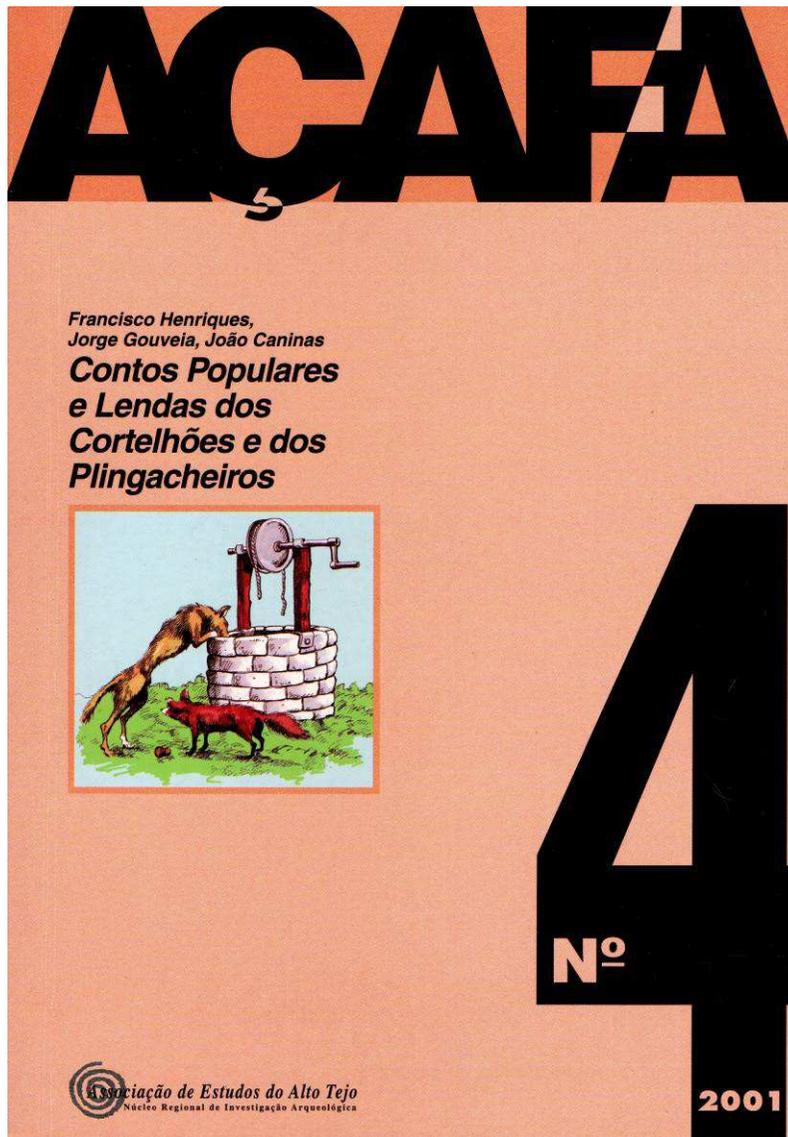
- 199 - Lenda dos Castelos
- 200 - Lenda do Monte Queimado
- 201 - A Calva
- 202 - Cerca do Peral
- 203 - S'la Velha
- 204 - Salgueiral Velho

#### **Bibliografia**

#### **Glossário**

#### **Notas biográficas dos artistas plásticos**

#### **Informantes**



## Contos populares e lendas dos Cortelhões e dos plingacheiros. Uma arca da memória

*Ó velha Carlota! Tivesse-te ao lado,*

*Contavas-me histórias:*

*Assim ... desenterro, do Vai do Passado,*

*As minhas Memórias.*

António Nobre, Só

Assim falava António Nobre, recordando a sua infância ... E que recorda? As histórias contadas, ouvidas, uma das primeiras evocações da sua memória. Diz ainda um conto de Miguel Torga («O Sésamo», Novos Contos da Montanha):

- Abre-te, Sésamo! - gritava o Raul, no meio do silêncio pasmado da assistência.

A fiada estava apinhada naquela noite. Mulheres, homens e crianças. As mulheres a fiar, a dobar ou a fazer meia, os homens a fumar e a conversar, e a canalhada a dormir ou nas diabruras do costume. Mas chegou a hora do Raul e, como sempre, todos arrebaram a orelha às histórias do seu grande livro. Em Urros, ao lado da instrução da escola e da igreja, a primeira dada a

palmatoadas pelo mestre e a Segunda a bofetões pelo prior, havia a do Raul, gratuita e pacífica, ministrada numa voz quente e húmida, que ao sair da boca lhe deixava cantarilhas no bigode.

«- Abre-te, Sésamo! - E o antro, com seu deslumbrante recheio, escancarou-se em sedutor convite ... ».

Sedutor convite é também o da leitura dos contos agora vindos a lume, recolhidos nas zonas de Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão. São histórias que foram ouvidas durante anos nos serões de Inverno, nas noites de verão, quando, comentadas as novidades, as gentes se sentavam na soleira das portas ... Ecos de vozes seculares estão decerto em muitos destes escritos, sussurros de suspiros, ressonâncias de gargalhadas, rumores de espanto. Agora fica a leitura, uma viagem permitida nesta preservação de memórias, viagem a percorrer mundos, alguns ainda da nossa lembrança, outros mais dissemelhantes pela lonjura no tempo ou pelo afastamento de espaços.

Todavia, é ainda a leitura que permite o estremecimento do ouvir contar: *Era uma vez ... Em tempos que já lá vão ... No tempo em que os animais falavam ... Dizem que ...* Fica suspenso o coração, fica pendente o pensamento. Aventuremo-nos, portanto.

É de pôr em relevo a «Introdução» que nos orienta nesta viagem, bem como as notas explicativas, liminares de cada divisão proposta, uma divisão por ciclos como Animais, A Bela e o Monstro, Cristo e São Pedro, Enigmas, Entes Sobrenaturais, Entre Marido e Mulher, Facécias, A Gata Borracheira, Heranças, Pecados Mortais, O Pedro das Malas Artes, O Sabor dos Sabores e Lendas.

Estas subdividem-se ainda, segundo a perspectiva (seguida em Alda e Paulo Soromenho - 1969), em Lendas Religiosas, de Entidades Míticas, Históricas, de Mouros e Mouras, Etiológicas e de Povoações Desaparecidas. É uma proposta, como outra qualquer das que existem, ajudando a definir uma linha de opção de leitura, conforme preferências do leitor: o maravilhoso que transforma as realidades pelo condão de encantamentos, o poder mágico que tudo altera num ápice, a descoberta de mundos desconhecidos, a graça, que faz sorrir ou dar uma boa gargalhada, o encantatório dos animais que falam, a lição que se tira, pela prática da vida já vivida para a vida prática por viver, em que se tomam decisões, um nunca acabar de tiradas e lances para deleite da imaginação e para alimento das nossas aspirações.

Divertindo, explicando, informando, sempre através de momentos de recreio que sublimam a nossa revolta numa leitura que pode tornar-se catártica. Não serão estes os verdadeiros tesouros de Ali-Bábá?

Para quem desconheça a atribuição de origem dos contos, «dos cortelhões e dos plingacheiros», tem esclarecimento na introdução: os cortelhões, são «os naturais do concelho de Proença-a-Nova que vinham, ciclicamente, trabalhar para Vila Velha de Ródão. Estes homens, nas tabernas, bebiam vinho por copos grandes, de meio-quartilho, o que não acontecia com os naturais da região de Ródão, que apenas bebiam vinho por copos pequenos. Este facto era sinónima de maior virilidade e poder económico superior dos homens de Proença em relação aos de Ródão.» (p.17). No entanto, uma consulta da Geografia de Portugal de Orlando Ribeiro (1989), de que os autores fazem uma transcrição, não abona a favor do poder económico, quando se diz que charnecos ou cortelhões são alcunhas desprezíveis, «que lembram os

matagais das suas serras ou as pobres casas de terra solta, simples como "cortelhos" de porcos que lhes servem de abrigo» (p.17).

A explicação de plingacheiros ou pinga cheiros, epíteto atribuído às «gentes do concelho de Ródão», está no facto de serem considerados como «mais cosmopolitas, mais cuidadosos na apresentação e na higiene e mais bem cheirosos (pinqa-cheiro)» (*ibidem*).

Esta colectânea de recolhas é um contributo de grande valor para preservar uma memória que o nosso mundo agitado tende a olvidar. Eis o tesouro que agora se guarda numa arca com a possibilidade de a abirmos sempre que nos apetecer.

Abrir essa arca é ler, recordar, aprender. Mesmo que haja crueldade em alguns contos, sabemos a saída airosa que privilegia os bons, permitindo-nos o sorriso de alívio do nosso contentamento. Esta alegria transmite-se também na esperteza que dá lição, na crítica subtil que o trocadilho frequentemente conduz. A título de exemplo, o conto recolhido em Proença-a-Nova (p.177):

### **De cavalo não se faz doutor**

*Hoje, o que vos vou contar aconteceu há muitos anos.*

*A história é de um pai e de um filho. E, qual é o pai que não gosta de ver os filhos bem na vida? Todos gostam, apesar das discórdias que surgem de quando em quando.*

*É preocupação dos pais dar uma vida mais desafogada aos filhos, de forma a evitar sacrifícios tão duros como os que já passaram.*

*Para isso, e desde que o pai tivesse possibilidades, só havia uma saída: mandá-lo para lugar onde houvesse escolas, além do mais estava também na moda fazê-lo. Rico que não tivesse filho doutor, não era rico.*

*Mas, como nem todos os filhos dos ricos têm uma especial apetência para este tipo de actividade, urgia arranjar uma solução. Até para salvar-se da vergonha de ser rico sem um único doutor na família.*

*Assim, mandou preparar os cavalos e pessoal e dirigiram-se a Coimbra, cidade de estudantes e lentos.*

*Chegados falaram com o mestre, pessoa muito inteligente e influente, que a troco de uma taleigada de libras em ouro passou o diploma, comprovando que o filho do senhor fulano de tal, conde não sei de quê, era doutor nisto ou naquilo.*

*Regressavam. E enquanto o faziam, pensamento puxa pensamento, palavra puxa palavra, diz o pai para o filho:*

*- Ó filho, não será vergonha agora chegares a casa e tu seres senhor doutor e eu, teu pai, não ser nada? E se voltássemos para trás e falássemos novamente com o mestre para me fazer também doutor? Temos ainda aí tanto dinheiro.*

*Voltaram à cidade e o mestre, a troco de outra sacada de libras, passou-lhe um documento em como era também doutor.*

*De regresso a casa, pararam para descanso e reflexão. Disse então o pai para o filho:*

*- Ó filho, já há dois dias que venho com esta na cabeça, já era para ta ter dito.*

*- Diga, senhor meu pai.*

*- Não será vergonha tu agora seres doutor, eu ser doutor, mas os nossos cavalos não o serem? E se voltássemos para trás e fizéssemos também os nossos cavalos doutores?*

*Voltaram e bateram uma vez mais à porta do mestre que, perante a pretensão apresentada, respondeu:*

*- Saiba vossa excelência que de burros tenho feito muitos doutores, mas de cavalos ainda não consegui fazer nenhum.*

*(Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança)*

Documentam-se também os desaires da nossa vida, por confusões, umas vezes por certa falta de discernimento: eis uma recolha (p.146) em Vila Velha de Ródão, que, mesmo que não fosse identificada, tinha de ser-lhe atribuída pela referência ao comboio:

### Andar na linha

*Era uma senhora e fez-se tarde em casa. E pegou no burro e vinha pela linha do comboio. O Chefe Lance encontrou-a e disse-lhe assim:*

*- A senhora não se envergonha de andar pela linha com o burro.*

*Ela então disse:*

*- Ó senhor, já nom sei como hei-de fazer, todos os dias se ralha na minha casa por eu não andar na linha. Hoje venho a andar na linha o senhor está a interpretar comigo. Como é qu'eu hei-de viver?*

(Maria Rosa Mota, Gavião de Ródão, Vila Velha de Ródão, Fevereiro de 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques)

Não resisto ainda à leitura de um conto integrado na parte «Entre Marido e Mulher», que veicula a velha crítica entre o parecer e o ser numa eterna actualização. A recolha é de Rabacinas - Proença-a-Nova (p.137):

### A ladainha da viúva

*( ... ) Para aqueles lados onde eu me criei, quando eu era novato, morreu o marido de uma mulher ainda nova e com uns bocados de terra ainda bem bons. Morreu, morreu. Prepararam-no, meteram-no no esquife, que naquele tempo era esquife e não caixão, e vá de ir para a igreja para o padre o benzer e fazerem-se as rezas.*

*Na igreja enquanto o padre ia dizendo a ladainha, a mulher gritava:*

*- Ai home, quem é qu'há-de beber o nosso vinhinho?*

*Respondia-lhe o padre em latim:*

*- Nós, nós, nós.*

*Tornava a viúva:*

*- Ai home, quem é qu'há-de cavar as nossas vinhas?*

*Respondia-lhe novamente o padre em latim:*

*- Vós, vós, vós.*

(Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança)

Embora o ciclo abrangente deste conto se situe na temática referida, poderia considerar-se também facécia, definida como «uma historieta divertida, contada para análise social», como esclarece a nota introdutória desta parte. Estes contos estruturam-se através de espertezas e ignorâncias, que criam situações cómicas. A título de exemplo, vejamos uma recolha feita em Vila Velha de Ródão, (p.198):

### A gente não lê jornais

*Uma mulher tinha uma filha para fazer a primeira comunhão. Mas a garota nom dava nada, nom sabia nada, ó depois ela um dia encontrou-se c'o senhor padre, a mulherzinha, depois disse assim:*

*- Bom dia, senhor prior, então a minha cachopita não poderá ir à primeira comunhão?*

*E ele diz:*

*- Isso sim, se ela nem sequer sabe que Jesus Cristo morreu para nos salvar.*

*- Nom m'admira, senhor prior, como a gente nunca lê os jornais! Olhe eu nem sequer sabia qu'ele tinha estado doente.*

(Balbina Castelo Pires, Perais, Vila Velha de Ródão, 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques)

O conto «Os reбуçados no cemitério» (p.181) é recolhido em Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova, com nota final de «versão ouvida quando era criança» por Francisco Henriques. Acrescento que uma versão idêntica conservo em reminiscência: ouvi-a em Monsanto, na casa dos meus avós. Outras pessoas a ouviram em aldeias próximas de Castelo Branco. A voz anónima que está por detrás dos contos populares faz, portanto, rumor em várias áreas geográficas. Será que é ainda mais vasta do que o testemunho agora dado? Vamos, porém, à história:

### Os reбуçados no cemitério

*Dois gaiatos tinham acabado de roubar um frasco de reбуçados e havia que dividi-los. Qual seria o melhor sítio, qual não seria, até que um diz:*

*- Vamos pró cemitério qu'ó menos lá ninguém nos atenta.*

*Para lá foram. Ao saltarem a parede caíram alguns reбуçados para o lado de fora. Entraram, esconderam-se e começaram a dividi-los.*

*- Um pra mim, outro pra ti; um pra mim, outro pra ti.*

*Às tantas, ia um homem a passar e ouviu falar pra dentro do cemitério. Parou, escutou e ouviu:*

*- Um pra mim, outro pra ti; um pra mim, outro pra ti.*

*Pensou logo ser Nosso Senhor e o Diabo a dividirem as almas. Nisto, a conversa parou porque a divisão terminara e disse um para o outro:*

*- Agora vamos aos que lá estão fora.*

*Que eram, naturalmente, os reбуçados que tinham caído ao saltar o muro.*

*O homem ao ouvir aquilo deitou logo a fugir porque pensou que o vinham já buscar para o outro mundo.*

(Recolha e redacção de Francisco Henriques, versão ouvida quando era criança em Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova)

A paródia faz-nos rir, torna a relação informal, familiariza. É na inversão que principalmente lança âncora, dando origem à ambiguidade do sentido.

Contar, ouvir é acto eminente social. Também ler, porque o livro agora apresentado também nos vai conceder, mesmo numa solidão de leitores, a audição de muitas vozes que já deram vida a estes contos. Nessa solidão de leitor vão perdurar os ecos do passado em que eram simplesmente, e sedutoramente, contados.

O ciclo de contos que inaugura a recolha diz respeito a «Animais», que se personificam nas vozes anónimas da tradição, pretendendo ainda dar lições aos homens.

Para lhes dar a respectiva verosimilhança, evoca-se um tempo imemorial: «Nos tempos em que os animais falavam», «no princípio do mundo», em que se fala do *bicho-homem* e do *bicho-mulher* («Os desejos dos animais», p.36), em que se fala que «Deus estava na fase de ordenação do mundo que acabara de criar» (cf. p.37). Tudo se transforma no Era uma vez ... , sem se saber quando, com perdição nos tempos, varinha de todos os condões.

Mais um conto vou propor para este momento que é breve fruição do longo espólio que nos oferece o livro: «Doze mulheres para um homem» (p.139).

Também o maravilhoso dos *entes sobrenaturais*, que se integram num ciclo de contos inserido em quarto lugar no livro, tem o encanto mágico e secreto, apesar do *arrepio* que alguns possam ter provocado (ou ainda provocar ...) no cá e no lá de dois mundos vizinhos, que são os da luz e da sombra.

Retenhamos um, «A bruxa e o namorado» (p.104), cuja verosimilhança se quer insinuar pela referência a um determinado *senhor M. Fernandes do Pergulho*, identificado como possibilidade de testemunho. A recolha é feita em Março, no ano de 1984:

### **A bruxa e o namorado**

*O senhor M. Fernandes do Pergulho namorava na povoação do Carvoeiro. Um dia, quando ia visitar a rapariga, no sítio do Lagar do Poçarrão ele ouviu cantar e dançar para dentro do lagar. Curioso espreitou. E o que viu? Um baile de bruxas, no qual a sua namorada também participava. Um grande cão preto dominava o baile, era o Diabo.*

*O rapaz continuou e quando chegou a casa da namorada ela já lá estava, para grande espanto seu.*

*O rapaz, pouco satisfeito, começou logo a discutir. Ao que ela respondeu:*

*- Cala-te e se me descobres eu mato-te.*

*Mais tarde, foi o rapaz confessar-se ao padre do Pereiro. Expôs-lhe a sua preocupação e se devia ou não casar com ela. Respondeu-lhe o padre não haver qualquer tipo de problema ou impedimento.*

(Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos T. Henriques e redacção de Francisco Henriques)

É sobremaneira curioso o desfecho. Permite mais do que uma leitura, dependendo de cada leitor, das suas crenças, do seu modo de estar: o padre não acreditou e então disse-lhe que não havia qualquer impedimento; ou o melhor era não se meter com a bruxa? Não é de considerar que um ministro da igreja não pudesse perspectivar a hipótese de bruxaria. A História da Idade Média e da Inquisição oferece-nos testemunhos. Este padre poderia ter o que chamamos de espírito científico, que afastasse qualquer hipótese de explicação obscura.

Na segunda sugestão temos a bruxa, a mulher. As referências que se lhe fazem deixam sempre no ar a sua manha, até o perigo das suas seduções. Muitos dos contos apontam nesse sentido. Não permite o tempo que prestemos agora atenção a estes aspectos. Mas cabe no momento dizer do manancial de estudo que nos foi posto à disposição, para além do deleite da leitura, com a vinda destes contos a público. Não posso deixar de referir as linhas de força já deixadas por José Manuel Batista no artigo com que abre o livro, «Uma demanda entre o real e o imaginário», que são na verdade demanda, que fica num discurso atento e arguto, de agradável leitura, e estética mesmo, que outros poderão continuar. Faço apenas duas transcrições: «A obra é um chamamento, um apelo às nossas raízes» (p.10); «Eis o homem, na tentativa desesperada de transportar para o plano simbólico as situações vividas, ou reduzir à escala do real o universo da sua fantasia» (p.12). O privilégio de a tradição popular ser pródiga no incentivo a estudos e novas investigações, sempre esclarecedoras de memórias dos povos, exemplifica-se na meritória obra da investigadora Maria Adelaide Salvado, de co-autoria com Pedro Salvado: «Rei Wamba - Espaço e Memória» (1995). As

versões de lenda do rei Wamba constituíram-se como uma das fontes desta investigação. Os contos populares, de que agora falamos, integram também o ciclo Lendas (trinta e quatro), dedicando-se três ao rei Wamba no âmbito das «Lendas históricas».

Um aspecto interessante é a referência, por Maria Adelaide Salvado, à narrativa lendária da recepção «feita pelos povos de Idanha-a-Velha ao rei Wamba» (ob. cit., pp. 15-17), com figos, que abundavam na região e eram comida de porcos, o que muito ofendeu Wamba, que exigia algo mais especial e raro. A lenda foi recolhida no estudo de Adelino Cordeiro: «Etnografia da Beira - religião e credences - lendas e costumes de Penamacôr» (1937). Porquê interessante? É que *aparece* num conto, inserido em «Facécias», transportando para uma outra época o incidente:

### O rei e os figos

*Na inauguração da linha da Beira Baixa o rei veio pela linha acima, a inaugurá-la. Chegou aqui à estação dos Envendos, parou, cumprimentou as pessoas e no fim veio uma rapariga com uma salva com figos. Trazia um jarro de água e uma salva de figos, tudo em prata para servir os figos ao rei.*

*A água era para lavar as mãos.*

*No fim lá lhe deram os figos que vinham bonitos, muito aparatosos. O rei comeu, comeu até querer e disse:*

*- Pronto, não quero mais. Há por aqui muitos figos destes?*

- Ah!, senhor rei - responde-lhe a rapariga que estava com os figos - há aí tantos qu'até se dão ós porcos.

(Maria Helena Pereira, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques)

Quem terá ouvido a narrativa que refere a recepção com figos ao rei Wamba e a transpôs para cerca de dezanove séculos depois, mudando a oferta para outro destinatário, também rei, neste caso D. Carlos? Mas também ... que importa? De boca em boca corre a palavra, circula, volteja, atravessa espaços, transforma-se na roda viva da comunicação. Entretece-se um longo colar de palavras que vão guardando tradições, preservando culturas. Às palavras que se enlearam e construíram estes contos, juntaram-se-lhe as belas ilustrações que lhes dão o seu contributo interpretativo e enriquecedor - outros autores para felicitar.

Podemos dizer que o conto popular abrange todo um mundo, constituindo-se ele próprio uma memória. É que fala dos homens, das suas terras, das seus desejos, das suas angústias. Divulga a sua voz.

Do poema «As velas da memória» de Ruy Belo (*Antologia Poética* - 1999, Círculo de Leitores, p. 28) cito os versos seguintes:

Há nos silvos que as manhãs me trazem  
chaminés que se desmoram:

são a infância e a praia os sonhos de partida  
( ... )

Quem me deixou de novo aqui sentado à sombra  
deste mês de Junho? Como te chamas tu

que me enfunas as velas da memória ventilando:«aquela vez ... »?

( ... )

Nem de propósito: também num mês de Junho se reanima a memória através dos *CONTOS POPULARES E LENDAS DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS*.

**Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata**

12 de Junho de 2001 - Proença-a-Nova

13 de Junho de 2001 - Vila Velha de Ródão

## CONTOS POPULARES E LENDAS DOS CORTELHÕES E DOS PLINGACHEIROS

Francisco Henriques, Jorge Gouveia, João Carlos Caninas, Maria de Lurdes Barata, José Manuel Batista, João Sena, Paulo Barreto e José Preto Ribeiro



Apresentação do livro na Câmara Municipal de Proença-a-Nova, em 12 de Junho de 2001, com a presença (da esquerda para a direita) de Francisco Henriques (AEAT), João Caninas (AEAT), Maria de Lurdes Barata, Diamantino André (Presidente da Câmara Municipal), Jorge Gouveia (AEAT) e António Fontinha (contista)



Apresentação do livro na Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, em 13 de Junho de 2001, com a presença (da esquerda para a direita) de Francisco Henriques (AEAT), Maria de Lurdes Barata, Victor Carmona (Presidente da Câmara Municipal), Jorge Gouveia (AEAT), João Caninas (AEAT) e José Craveiro (contista)

## Uma demanda entre o real e o imaginário

Numa primeira incursão por este mosaico de oralidade, vem-me à memória o sempiterno confronto dialéctico entre a literatura consagrada e outras formas ditas periféricas ou desviantes. Desta marginalidade sobressai a literatura popular, que se reivindica depositária da identidade colectiva, cadinho de autenticidade, pureza e espontaneidade, património original de um povo que se manifesta a sua cultura pelas crenças, superstições, tradições, mitos, lendas, rezas, ladainhas, exorcismos... – em suma, a essência do nosso folclore .

E essa função identitária decorre da magia da palavra, manifestação comunicativa transformadora que nos convida à viagem retemperadora e nos devolve ao tempo primordial e onírico, ao reencontro com os medos por vencer, ao espaço e tempo míticos, povoados de entes sobrenaturais, que convivem na porta ao lado, vizinhos solitários da nossa infância, de personagens heróicas das estórias embaladas à lareira que, pela magia elocutória do narrador, cativam a imaginação fértil da nossa inocência e ajudam a construir os alicerces da nossa personalidade.

A clivagem entre literatura e paraliteratura, de conotação apostadamente pejorativa, radica em critérios ideológicos das épocas, na hegemonia urbana e moderna que se sobrepõe à ruralidade e à tradição. A argumentação académica que as retrata de produções anónimas do vulgo, de estrutura estereotipada e previsível, despidas de criatividade e estética, não lhes diminui o valor, pelo contrário o eleva. Porque não carecem de canonização. É outra a sua demanda. Inscrevem-se no tempo pela via oral, e a palavra liberta, de

boca em boca, escreve na memória de gerações fios de narrativas que ultrapassam fronteiras e perduram a eternidade. Pela voz, se atinge o universal. Pela memória, o poder da perenidade. Versões de contos, que ecoam prodigiosamente nesta região, campeiam os sonhos de diferentes nacionalidades: a dimensão mítica é pertença de todos nós.

No momento da concretização, o intérprete da produção colectiva inculca-lhe as marcas da sua imaginação, enriquece-a da sua criatividade, dentro dos limites consentidos pelo núcleo narrativo original. A arte de transportar o público em presença para o território da fantasia, a sabedoria de recriar o verosímil em co-autoria com o povo anónimo, fazem da sua performance um momento de revelação e êxtase. Quantas vezes o narrador, contando flagrantes do seu itinerário vivencial, não se assume também protagonista da diegese e se transmuta em herói perante a plateia conquistada. Refazendo a história, representando para um auditório expectante e sedento de maravilhoso – não fora a vida real tão degradante e disfórica -, que o interpela e é chamado à intervenção, o contador, pela alquimia dos códigos aprendidos em rituais que presenciou, transmuta-se em actor, abre um rasgo no espaço do real e transporta-nos, como um todo criador, para os domínios do imaginário, de onde regressaremos revigorados. A proximidade e interacção de todos os elementos da comunicação, face a um texto crivado e censurado pelo colectivo - que a memória só guarda aquilo com que se identifica -, no momento da actualização, proporciona a viagem ao tempo *ad initio*, à idade mítica do ouro, à pureza da inocência, logo à felicidade perdida.

E esta manifestação do sobrenatural, o retorno ao tempo e espaços imaginários à procura da catarse essencial, como afronta à realidade inóspita e

angustiante perante o desconhecido, escorre pela trama das narrativas deste autêntico pedaço de literatura tradicional e oral, que agora sai do prelo, “Contos Populares e Lendas dos Cortelhões e dos Plingacheiros”.

A obra é um chamamento, um apelo às nossas raízes mais profundas. São os sinos da memória das aldeias recônditas e deserdadas, de ruas e casas soturnas, que nos convocam ao festim feérico das palavras, ao purificador encontro com as angústias ancestrais, com a mãe telúrica que nos origina, recebe e devolve à teia de um mundo eternamente refeito.

É um legado que afirma o discurso popular na sua secular sabedoria, forjada na labuta quotidiana e comunitária, no esforço hercúleo de entender o estranho; o corte com a ordem instituída, inventando um novo quadro de valores e práticas, caminhos de entrada num campo insondável e hostil.

A rotura no poder e cultura instituídos opera-se com as estratégias colhidas na simplicidade empírica: o riso, o humor, o cómico de situação, de carácter e de linguagem, a sátira ridicularizam, e porventura moralizam, os que detêm o poder (o padre, o rei, o patrão, o marido...); a liberdade crítica, assumida nas estórias, despe o transgressor na praça pública sob o chiste carnavalesco da assistência; as figuras religiosas são dessacralizadas e humanizadas; a mulher adúltera sai impune, recaindo sobre o marido crédulo o estigma da chacota e da picardia social, em dimensão por vezes confrangedora e estremada. No final grotesco, a coesão social resiste, reforçada pelo aparente respeito dos códigos éticos dominantes.

O anedotário, assente no registo de língua calão, surge, com frequência, em textos curtos e desconcertantes, de humor brejeiro, a que não escapam o rei e a rainha, santos, padres e sacristãos, agora recambiados do universo alegórico para o terreiro da chacota e da denúncia, numa manifesta fusão entre sagrado e profano, onde o pragmatismo do pastor triunfa sobre a sapiência do padre. Claro jogo de enganos, em que o ser e o parecer se confundem e se nivelam, no tempo da noite, do embuste e do pecado. Zona de abordagem metafórica da sexualidade: a designação figurada do interdito dá aso à ambiguidade e a ignorância ou inocência suportam essa duplicidade semântica, provocando o riso e a aprendizagem.

Em todas estas narrativas, a estratégia recorrente e eficaz, punitiva ou puramente humorística, elaborada ou espontânea, firma-se no ardil, na trapaça, no fingimento, perspicácia e improvisação do herói, na capacidade inata para se transfigurar e desvencilhar dos abrolhos do percurso, arrostando contra os antagonistas e, por “Malas-artes”, sair vitorioso.

E o auditório, no final, aplaude e revê-se no seu desempenho.

Surgem, em abundância, peripécias de heroicidade pessoal, em que o protagonista, familiar ou conhecido do narrador, é caracterizado valorativamente e se move em contextos reais, por forma a enraizar o enredo no meio social, suscitar a empatia da assembleia e dar verosimilhança ao narrado. Se por um lado estes quadros discursivos derivam da incapacidade do povo, ancorado em afluentes de isolamento, de pobreza e obscuridade, interpretar as manifestações naturais e humanas, nascem por outro do impulso vital do homem se sublimar. Sem objectos mágicos adjuvantes, sempre à mão

nos contos maravilhosos, investe contra entidades demoníacas, envolve-se ou vislumbra os seus rituais, e emerge incólume e irmanado do Hades tenebroso.

Aquele que conta penetra, de igual modo, nas trevas da noite, tempo de todo o sortilégio, e com ele nos arrasta pelo itinerário dos segredos, das danças proibidas, onde esposas, namoradas e vizinhas, reais ou transfiguradas, sob o olhar vigilante do cão preto da desgraça, prestam culto, erótico, aos demónios da nossa imaginação. São as histórias de bruxas, lobisomens, diabos, almas do outro mundo, cães pretos, cadelas brancas... uma parafernália de duendes que vagueiam pela noite em cemitérios, pontes, lagares, moinhos, eiras, casas abandonadas, e se recolhem em esquifes espiando os silêncios sepulcrais dos nossos pavores.

Eis o homem, na tentativa desesperada de transportar para o plano simbólico as situações vividas, ou reduzir à escala do real o universo da sua fantasia. Partilhando os mesmos valores, códigos e sentimento de pertença, reinventando simbolicamente o dia-a-dia, vivido num contexto socio-económico escravizante, o homem cimenta, nos contos dos serões tradicionais, a coesão com o grupo social e enfrenta, no dia seguinte, o trabalho árduo de que sobrevive.

É aceite que, grosso modo, na estrutura superficial da sequência narrativa, existe um eixo lógico que conduz o herói de um estado inicial, de harmonia ou degradação, a um estado final, de equilíbrio, caminhando por etapas, obstáculos de perturbação, ditas, no conto popular maravilhoso, de qualificação, afirmação e confirmação. Há pois um esquema uniforme, cujo

desenlace enfatiza o domínio do protagonista, que, regra geral e de modo figurativo, ascende ao trono esposando a princesa.

Este ritual de ascensão inverte a situação inicial de ausência de poder, após um longo e sofrido confronto dos antagonistas, num espaço e tempo vagos “Era uma vez um rei que tinha dezanove filhas... fechadas num palácio”, - percurso iniciático moralizante onde os bons são adjuvados por objectos mágicos, que decifram a busca, e os infractores corrigidos.

Alguns dos textos deste *corpus* versátil, versões de contos maravilhosos, guardam ainda premissas desse estereótipo narrativo, mas já não são senão ressonâncias de um cosmos fantástico, que se enlaça nas rudezas da terra: o nosso herói luta contra gigantes, demónios animalizados e zombateiros, almas penadas; desce às profundezas dos mares tenebrosos, poços e antros de clausura e de abandono; é impelido para a aventura por um sonho, vontade de correr mundo, casar com a filha do rei, ou, tão simplesmente, encontrar alimento em abundância; os auxiliares mágicos são bengalas descomunais, anéis, elementos do bestial, fórmulas secretas, mas também botas, chapéus, caixas de fósforos e figuras antropomórficas com pescoços de açúcar; a princesa encantada metamorfoseia-se em enfermeira; o pretendente ao trono aconselha-se no advogado e, chegado ao final feliz, escapa ao leito conjugal e, em novas derivas, enriquece misteriosamente e retorna ao hospital, reencontrando a princesa relegada; a madrasta tece encómios às artes domésticas da Gata Borralheira e critica com severidade a inépcia da sua filha. São Pedro e padres agradam-se da mulher dos estalajadeiros.

Chão movediço e ambíguo, cujas histórias mais não são que o seu reflexo, a desconstrução do fantástico à medida da realidade, o filtro do quotidiano que transpõe fronteiras e implanta, anacronicamente, as tensões existenciais no universo mítico.

Nas lendas, como nos contos, ressurgem ainda elementos maravilhosos, com cores de ouro e carvão, a dualidade simbólica, e passes de magia que ocultam o revelado no Letes do esquecimento. Mas esta alquimia é já residual.

Ao longo dos tempos, os narradores transfiguram o original, actualizam-no e racionalizam-no de acordo com as experiências, expectativas e ética da comunidade, que nele se contempla. Cada vez mais o herói, munido do seu saber e sem instrumentos prodigiosos, enfrenta os oponentes e os suplanta, afugentando o infortúnio e garantindo a sobrevivência. Pela simbologia dos elementos, resvala de um campo para outro, numa trama labiríntica que tudo confunde e permite.

Cada texto é um fragmento da essência humana que vagueia, perpétua e universalmente, à procura da unidade. É o homem, em plena assumpção do mistério da vida, a exorcizar os símbolos nocturnos da degeneração, para da escuridão emergir sublimado e, à luz solar, recuperar a felicidade. Um filão de oralidade, de matizes regionais, a tempo preservado por clarividentes recolhedores. Um tesouro de identidade que, agora pela leitura, nos oferta as palavras prometaicas da evasão nostálgica e, porventura, da imortalidade.

Esta obra partilha e dá seguimento às preocupações de muitos escritores e investigadores que, na esteira de Garrett e ao longo destes últimos séculos,

entenderam e valorizaram o espólio oral como património inalienável da nossa cultura. Certo é que, fixado pela escrita, perdeu a vivacidade dramática dos códigos paraverbais do enunciador (movimentos corporais, gestos, entoação...), a presença cúmplice e activa da plateia arrebatada, no espaço e tempo misteriosos do relato, o ritmo e a fantasia da execução, a flexibilidade e liberdade criativas para, *in loco* e pela memória do espectador, criar novas versões, o papel demiurgico do contador.

Porém, ao aceitarmos que privamos, inexoravelmente, a literatura oral dos rituais que espelhavam a comunhão popular, estamos também certos do imenso mérito cultural desta recolha e do indispensável contributo que dará, no devir, para o entendimento da alma deste reduto do sul da Beira Interior.

Resta dizer que é paradigmática a função do redactor, que, nas narrativas gravadas, rejeita qualquer artifício e lhes guarda, no templo da escrita, as marcas fonéticas que as autenticam e diferenciam. É protectora e íntima a forma como retorna ao mistério da infância e escuta as vozes ternas do passado, as reveste e nos as declara pelo cunho poético da sua escrita, num gesto límpido de fraternidade.

**José Manuel Batista**

Professor da Escola C+S de Vila Velha de Ródão

## Introdução

O título desta colectânea integra dois etnónimos que marcam territorialmente a área da recolha dos contos e lendas. "Cortelhões" de um lado e "plingacheiros", ou "pingacheiros", do outro têm a separá-los uma fronteira natural, bem marcada, o rio Ocreza.

Na versão popular, são designados por cortelhões os naturais do concelho de Proença-a-Nova que vinham ciclicamente trabalhar para Vila Velha de Ródão e que nas tabernas bebiam vinho por copos grandes, de meio-quartilho, o que não acontecia com os naturais da região de Ródão, que apenas bebiam vinho por copos pequenos. Este facto era sinónimo da maior virilidade e poder económico superior dos homens de Proença em relação aos de Ródão.

Na Geografia de Portugal (Ribeiro, Lautensach & Daveau, 1989: 754) refere-se que *"na Beira Baixa são os chamecos ou cortelhões das pobres terras de xisto do ocidente que ajudam a tirada da cortiça e a apanha da azeitona nos planaltos graníticos do Campo e da Raia. Aqui lhes puseram estas alcunhas desprezíveis, que lembram os matagais das suas serras ou as pobres casas de pedra solta, simples como «cortelhos» de porcos que lhes servem de abrigo"*.

Os plingacheiros ou pingacheiros, gentes do concelho de Ródão, tinham-se como mais cosmopolitas, mais cuidadosos na apresentação e na higiene e mais bem cheirosos (pinga cheiro).

A área de recolha dos contos e lendas, que agora se apresentam, corresponde a dois concelhos contíguos do distrito de Castelo Branco, no sul da chamada Beira Interior.

Apesar das muitas semelhanças há diferenças consideráveis entre os dois concelhos, ao nível da história e da cultura. O rio Ocreza separa administrativamente aqueles concelhos e culturalmente os respectivos territórios.

A paisagem, de grande parte destes territórios, é caracterizada pelo modelado típico dos xistos. Fisionomia diferente apresentam as terras situadas, em Ródão, no compartimento inferior da falha do Ponsul e as terras altas correspondentes à crista quartzítica, que percorre ambos os concelhos, e é denominada serra das Talhadas.

O pinheiro, o eucalipto e a oliveira cobrem a quase totalidade da área.

Desde a década de 50 que os elementos mais novos destas comunidades emigram sistematicamente, pela carência de perspectivas de vida que as aldeias lhes oferecem. Os que ficaram concentram-se nas sedes dos concelhos atraídos pelos pequenos núcleos industriais e pelos serviços, principal fonte de emprego.

A população é, em termos gerais caracterizada pelo envelhecimento, analfabetismo e isolamento.

A actividade agrícola tradicional é ainda a principal ocupação das gentes mais idosas.

Hoje, em termos demográficos, parece assistir-se a uma revitalização dos espaços rurais, principalmente durante os fins-de-semana e as férias.

As aldeias onde estes contos foram recolhidos estão a descaracterizar-se rapidamente, os velhos morrem, e muitos deles são verdadeiras enciclopédias do conhecimento popular num mundo em rotura.

Em consequência de uma acelerada e imparável transformação social pouco resta de um vasto e diversificado património cultural. A escola, a televisão, os jornais e a rádio aceleram o processo de transformação e massificação, impondo um padrão cultural, unificador, que nada tem de comum com o dia-a-dia de um passado recente das pequenas comunidades rurais da região em apreço.

### **Objectivos**

Esta recolha está em continuidade com outras temáticas patrimoniais, relativas à mesma área geográfica, já divulgadas pela Associação de Estudos do Alto Tejo, como são os contos populares (Henriques e Caninas, 1988), a medicina e farmácia popular (Henriques e Caninas, 1990) e a poesia (Henriques e Caninas, 1991). Os contos e lendas agora publicados correspondem a uma segunda edição dos *Contos Populares dos Cortelhões e dos Plingacheiros* (Henriques e Caninas, 1988), revista e substancialmente aumentada.

Os objectivos desta recolha são essencialmente dois. O primeiro consiste em preservar a memória da tradição oral da área de Ródão e de Proença no que diz respeito a contos e lendas. O segundo objectivo é disponibilizar informação

útil para futuros trabalhos, nomeadamente nos domínios da sociologia, da antropologia, da filologia e da mitologia. Com a publicação destes contos e lendas, em livro, pretendeu-se tornar os textos mais acessíveis aos investigadores, aos contadores profissionais e ao público em geral, como livro de leitura.

### **Colectores e redactores**

A recolha dos contos incluídos nesta colectânea foi executada por pessoas com formações e sensibilidades muito diferentes, com consequente reflexo no produto final. Além dos signatários participaram na recolha Maria dos Anjos Henriques, Maria Albertina Matos Martins, Helena Isabel Marques e quatro grupos de jovens integrados nos OTL (Ocupação de Tempos Livres) em Agosto de 1983.

No caso dos OTL cada um dos quatro grupos de trabalho era composto por quatro ou cinco elementos, de ambos os sexos. Cada grupo ficou responsável pelo levantamento cultural numa freguesia do concelho de Vila Velha de Ródão. O trabalho de campo terá demorado duas semanas e o trabalho de gabinete e preparação do relatório, outras duas. Alguns grupos percorreram todas as aldeias da respectiva freguesia. Motoristas com veículos da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão iam levá-los de manhã e recolhê-los à tarde. A Câmara Municipal forneceu todo o material necessário para o levantamento.

O mentor deste trabalho foi o então Presidente da Câmara Municipal, Inspector José Baptista Martins e o seu orientador o Senho. Mendes Serrasqueiro (funcionário da Câmara Municipal).

Os jovens que compunham os grupos de recolha não tiveram preparação específica para este trabalho. No trabalho de campo foi utilizado gravador. Do material recolhido mereceram destaque a poesia, as lendas, as adivinhas e os contos. Em suma, a tradição oral das gentes do concelho de Ródão. Para os informantes constituiu uma experiência inesquecível.

### **Informantes**

Os informantes, ou transmissores dos contos e lendas, foram pessoas de ambos os sexos, em número sensivelmente igual, quase todos com mais de seis dezenas de anos de vida, à data das recolhas. Destes, uma percentagem elevada já morreu. Raros foram os informantes que tiveram contacto com culturas estranhas (emigrantes, ou retornados das ex-colónias).

Podemos afirmar que quem conta um conto conta mais que um, conta em série. Parece haver uma apetência natural, ou vocação e gosto, por parte de algumas pessoas para o fazerem.

No caso das recolhas efectuadas, em 1983, pelas equipas OTL desconhece-se a identidade da quase generalidade dos informantes.

O contador de contos e lendas tinha uma magia especial para enfeitiçar os ouvintes, principalmente as crianças. E, durante a sessão, ao fim de tarde ou ao serão, tentavam dar sempre a maior credibilidade possível ao evento narrado. Para isso, utilizavam referências a lugares comuns e a protagonistas vivos ou mortos, mas com descendentes em qualquer aldeia do aro. E os

ouvintes não punham em causa os factos extraordinários que acabavam de ouvir.

### **Metodologia de recolha**

Os contos foram recolhidos segundo diferentes metodologias, quase tantas quantos os colectores e, conseqüentemente, foram utilizados vários instrumentos de recolha.

Um grupo significativo de textos foi redigido por Francisco Henriques, depois de os ter ouvido aos informantes. Houve o cuidado de ser o mais fiel possível à fonte, objectivo que nem sempre foi atingido. Os desvios encontram-se, talvez, ao nível do léxico usado pelos informantes. O sentido essencial do conto não foi alterado, embora possamos também ter acrescentado o tal ponto de quem conta um conto.

Muitos contos foram ouvidos em criança, pelos colectores, e redigidos anos mais tarde. É o caso dos contos e lendas narrados por Luís Henriques que apenas foram redigidos no início dos anos oitenta, após a sua morte prematura. Ainda assim, sempre que tivemos hipótese de dispor de uma versão mais recente, daqueles contos, recolhida com ou sem gravação, optámos pelo seu registo nesta colectânea, em detrimento da ouvida há muitos anos e conservada apenas na memória.

O segundo grupo de contos foi recolhido, directamente, do informante para fita magnética e transcrita, a seguir, para o papel. Respeitámos a fonte em toda a extensão do conto e, tanto quanto nos foi possível, transcrevemo-lo segundo a

oralidade usada. Estes contos são bem mais extensos que os anteriores e têm a vantagem de apresentarem menos danos, em consequência da passagem da oralidade à escrita.

No caso dos testemunhos recolhidos pelos grupos de OTL, em 1983, não houve, em geral, a preocupação de transcrever fielmente a fonética.

Sempre que iniciámos a transcrição do material recolhido junto dos informantes notámos alguma dificuldade na percepção clara da fonética. Essa dificuldade foi-se desvanecendo à medida que avançávamos na gravação e nos habituávamos àquela sonoridade. Este fenómeno pode ser testemunhado nos contos que tentaram seguir de perto a fonética dos informantes.

No momento da transcrição é por vezes difícil, ou mesmo impossível, decifrar a amálgama de sons compactados que o informante por vezes emite.

### **Área e tempo de recolha**

Os contos agora divulgados foram recolhidos junto de pessoas, residentes ou naturais, dos concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Mação. A maior parte foi ouvida a informantes dos dois primeiros concelhos.

Aceitámos integrar contos do concelho de Mação pelo facto de dois informantes dali naturais residirem há muitos anos nos concelhos de Vila Velha de Ródão e de Proença-a-Nova e, também, pela intensidade das relações sócio-culturais existentes entre as áreas fronteiriças dos concelhos de Mação e de Proença-a-Nova.

A recolha dos contos prolongou-se por um período de quinze anos (1980-1995) e teve maior incidência entre 1982 e 1988.

Confrontando o volume de material apresentado com o âmbito geográfico da recolha, acreditamos tratar-se de um vasto e expressivo conjunto de contos e lendas.

### **Contos e lendas**

As funções de entretenimento, aculturação e perduração da memória colectiva do grupo estavam sempre presentes no acto de contar.

Os serões de Outono e Inverno, ao lume, quando as noites eram grandes e os trabalhos agrícolas não sobrecarregavam, eram momentos privilegiados para contar e ouvir contos.

A função do contador de histórias não era específica de um dos sexos. Ainda assim a mulher, como portadora e transmissora privilegiada dos valores do grupo, tinha uma importante função no meio doméstico.

Pudemos verificar que os contos possuem uma estrutura essencial consubstanciada, muitas vezes, pelas palavras dos personagens e que quase não diverge de versão para versão e, ainda, uma estrutura acessória constituída por elementos novos, fruto da vivência e da inspiração momentânea do narrador.

Os cenários e as experiências vividas pelos personagens dos contos e lendas são os mesmos da vivência diária. É quase inevitável que assim seja, porque a

comunidade tende a transpor as suas realidades sócio-económicas, culturais e os ambientes físicos para as suas histórias. A lógica da vida é recriada na lógica dos contos.

No corpo de alguns textos damos conta da existência de elementos narrativos pertencentes a outros contos. Este facto pode ser atribuído a falhas de memória dos informantes.

Seria interessante analisar o sobrenatural e as personagens dos contos e lendas, como por exemplo:

- o rei Salomão, que mesmo identificado como sábio, nos casos apresentados, é manifestamente ultrapassado pelo comum dos homens;
- os padres, que saem vexados, geralmente pelo seu comportamento anti-social ou anti-estatutário;
- as mulheres, e mais propriamente o confronto homem / mulher. O homem surge, frequentemente, como um ser socialmente desprestigiado, chegando nalguns casos a atingir a ingenuidade. Noutras circunstâncias a mulher aparece com poderes mágicos, para o bem e para o mal;
- as crianças, que entram e saem destas histórias incólumes. São os heróis irrequietos e inteligentes. A crítica mordaz não as atinge, talvez porque as histórias sejam feitas a pensar nelas e o objectivo não possa ser amesquinhado;
- o erotismo de alguns textos.

Alguns contos são relativamente curtos e, muitos deles, apresentam uma espécie de introdução onde uma mensagem de cariz social surge directa ou indirectamente inscrita, antecedendo a acção do conto propriamente dito que a reforça.

Outros contos são relativamente mais longos e a mensagem social introdutória está ausente. É provável que esta mensagem dependesse do contador e do objectivo com que estivesse a fazê-lo.

Com pequenas variantes, algumas destas histórias e lendas são conhecidas noutras regiões, ainda assim, achámos útil registá-las, até para viabilizar o estudo da sua distribuição geográfica. Outras tomam um carácter mais regional ou mesmo local.

A quase totalidade dos textos referentes a bruxas e lobisomens são muitíssimo bem referenciados geográfica e nominalmente.

Não era frequente, na área da recolha, haver para os contos e lendas uma designação específica, salvo contos como o João Soldado, a Princesa Magalona, o Touro Azul, o Arrasa Montanhas ou outros congéneres. Os contos com designação própria são quase sempre longos, bem estruturados e o seu registo escrito já havia atingido as camadas populares.

Assim, quando se pretendia mencionar qualquer história fazia-se menção a alguma cena ou a dizeres de qualquer personagem, “ó pai, conte-me aquela que roubaram o porco ao padre.”.

Nesta colectânea optámos por dar um título a cada um dos contos ou lendas. Nos casos em que o informante mencionou um título optámos por ele. Nos casos restantes, a maioria, a escolha foi nossa e procurou-se que o título encerrasse a essência do registo.

Foram vários os conceitos identificados para definir contos e lendas, as duas grandes áreas deste trabalho. Optámos por utilizar o conceito usado por Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho (1963) na coordenação que fizeram dos Contos Populares e Lendas, originalmente coligidos por José Leite de Vasconcelos e que, de um modo breve passamos a citar.

*“Admitiu-se que a lenda assenta em fundamento histórico (provável ou possível) ou que, sem ter verosimilhança, é contada como facto histórico, modificado pela intervenção do maravilhoso (popular, cristão, pagão), com acção normalmente utilizada no espaço (ou no tempo, ou nos dois casos)...”* (Soromenho & Soromenho, 1963, pág. X).

Assim, a lenda pode ser caracterizada por *“fundo autêntico, probabilidade do acto, localização, época, maravilhoso popular, maravilhoso cristão e autenticabilidade”*.

*“Aos contos [referem os coordenadores na pág. XI] faltam, em conjunto, estas características: não se enquadram em qualquer período da História; podem não ter maravilhoso; e, quando verosímeis, não se lhes reconhece autenticidade (geralmente apenas no caso das facécias há atribuição a fim de se obter mais efeito). Mas o que fundamentalmente distingue o conto é a*

*existência dum objectivo: moralizador, social, político (como tanto se dá com esse curiosíssimo tipo – a anedota), satírico, etiológico ou distractivo”*.

Estas características distintivas determinaram a divisão dos textos, nesta colectânea, em contos e lendas.

### **Agrupamento dos contos e lendas**

Na primeira colectânea de contos e lendas, que publicámos nos anos oitenta (Henriques & Caninas, 1988), não fizemos qualquer tipo de divisão ou agrupamento dos textos, excepto no que respeita à metodologia de recolha.

Na presente colectânea optámos por agrupar os textos em dois grupos principais (contos e lendas) e, dentro de cada um dos grupos, adoptámos os ciclos convencionados por Alda Soromenho e Paulo Caratão Soromenho (1963, 1969, 1984 e 1986).

Aqueles investigadores dividem os contos em 14 ciclos temáticos. Os ciclos não são estanques e podem ainda ser divididos em sub-ciclos, como é o caso do ciclo III – Cristo e São Pedro que pode incluir os sub-ciclos do João Soldado, “Eu Caio” e A Velha que Queria Ser Nova.

São os seguintes os ciclos adoptados para agrupar os contos:

I – Animais

II – A Bela e o Monstro

III – Cristo e São Pedro

IV – Enigmas

V – Entes Sobrenaturais

VI – Entre Marido e Mulher

VII – Facécias

VIII – A Gata Borracheira

IX – Heranças

X – Instrumentos Maravilhosos

XI – A Nossa Senhora

XII – Pecados Mortais

XIII – O Pedro das Malas-Artes

XIV – O Sabor dos Sabores.

Alda Soromenho e Paulo Soromenho (1969) distribuem as lendas pelos seis seguintes grupos:

I – Lendas Religiosas

II – Lendas de Entidades Míticas

III – Lendas Históricas

IV – Lendas de Mouros e Mouras

V – Lendas Etiológicas

VI – Lendas de Povoações Desaparecidas

Não foi fácil distribuir os 204 contos e lendas pelos respectivos ciclos. De facto, alguns textos podiam ser incluídos em mais que um ciclo. Finalmente, excluiu-se a sub-divisão dos textos por sub-ciclos.

#### **Registos de contos e lendas**

Ao longo das últimas décadas foram recolhidos inúmeros contos e lendas nas áreas correspondentes aos concelhos de Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão e posteriormente publicados.

De 1926 a 1970 Jaime Lopes Dias publicou, na Etnografia da Beira, nos volumes I, VI, VIII, IX e X, cerca de uma dezena de contos e lendas relativos às áreas atrás indicadas.

Em 1965, Paulo Caratão Soromenho publica na Revista de Portugal, série A-Língua Portuguesa, um texto com a designação Lendário Rodanense onde divulga 19 lendas recolhidas no concelho de Vila Velha de Ródão.

Em 1974, Francisco Henriques publica no jornal Portas de Ródão (25.09.74) três lendas situadas no concelho de Vila Velha de Ródão, cujos textos que estão integrados na presente colectânea.

No ano seguinte, no mesmo periódico (Portas de Ródão, 25.01.1975) e do mesmo autor, surgem Duas S'tórias. Estes textos foram transcritos por Soromenho (1984:135-139) no seu trabalho Contos Populares Portugueses e igualmente compilados neste conjunto.

António Henriques divulga, em 1981, no boletim Preservação, nº 4, quatro contos populares da área de Sarnadas de Ródão, integrados num documento mais vasto intitulado "Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão". Aqueles textos constam também deste volume da Açafa.

Nos volumes I (1984) e II (1986) dos Contos Populares Portugueses (inéditos), Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho divulgam 10 contos recolhidos em Fratel e Peroledo, no concelho de Vila Velha de Ródão. Inexplicavelmente, naquela colectânea não constam contos da área do concelho de Proença-a-Nova.

Em 1988, F. Henriques e J. Caninas divulgam, no boletim Preservação, nº 8, a primeira colectânea de Contos Populares dos Cortelhões e dos Plingacheiros. Este conjunto de contos e lendas é constituído por 92 textos e é a base da colecção que agora divulgamos.

Em 1996, José Carlos Moura publica "Contos, Mitos e Lendas da Beira" de que inclui quatro contos e lendas do concelho de Proença-a-Nova e sete do concelho de Vila Velha de Ródão.

A melhor e mais completa antologia de narrativas em prosa relativas ao concelho de Proença-a-Nova é constituída por 14 contos, três fábulas, 25 lendas e nove histórias fantásticas que integram o trabalho de M. Assunção Vilhena (1995) com o título "Gentes da Beira Baixa – Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova".

A nossa colectânea também integra contos e lendas publicados em títulos dispersos, como jornais locais e escolares, ou textos, inéditos ou publicados, de divulgação muito restrita.

Constatamos que esta região possui um extraordinário acervo de contos e lendas já recolhidos e divulgados.

Os contos e lendas encontram-se magnificamente ilustrados com gravuras produzidas especificamente para este livro por três artistas plásticos, os amigos João Sena, Paulo Barreto e José Preto Ribeiro. As gravuras foram inspiradas nos contos e lendas e estão ordenadas de acordo com a sequência dos respectivos textos embora nem sempre se encontrem localizadas junto destes.

A terminar, um agradecimento muito especial aos nossos colaboradores na recolha dos textos, e muito especialmente a Maria dos Anjos M. T. Henriques, Maria Albertina de Matos M. Tavares e Helena Isabel Marques e aos artistas

plásticos que emprestaram a sua inspiração para dar vida aos textos. Este agradecimento é extensivo a todos os informantes, porque sem eles não teria sido possível concretizar este livro. Um agradecimento também a Luísa Filipe pela ajuda prestada na revisão dos textos.

## Os contos

### Animais

Este grupo é constituído por 12 contos. Apenas dois foram transmitidos por informantes do concelho de Vila Velha de Ródão, sendo os restantes provenientes do concelho de Proença-a-Nova.

Estes contos têm como protagonistas 15 animais [leão, lobo (em 5 textos), raposa (em 4 textos), bicho-homem, bicho-mulher, peixe, pisco, cobra (em 2 textos), rola, cigarra, formiga, carneiro, cão, burro, gato, galo, sapo e cágado].

É de realçar que o homem e a mulher surgem em pé de igualdade com os restantes animais. O lobo surge com características semelhantes às do homem (forte, ingénuo perante a argumentação fina da raposa/mulher) enquanto a raposa assemelha à mulher (matreira, engenhosa, inteligente e rápida no raciocínio e argumentação).

### 1. O leão, o lobo e a raposa

No tempo em que todos os animais falavam, o Leão, rei de todos os animais, adoeceu. Pelo que, era dever dos outros animais ir visitá-lo, manifestando-lhe subserviência, aliviando-lhe os males da melhor maneira e tentando curas atrás de curas.

Era a segunda ou terceira vez que o Lobo visitava o Leão. Este, meio desanimado, manifestava a sua insatisfação por a Raposa não o ter ainda visitado.

O Lobo, que há já algum tempo não andava de muito boas relações com a sua comadre Raposa, disse logo:

- Essa sim, reles bicho. Não veio visitá-lo nem há-de vir.

O Leão continuou pensativo.

A Raposa resolvera visitá-lo naquele dia e ao chegar à porta apercebeu-se que lhe traçavam na pele. Aguardou, e enquanto o fez, pensou na desforra. Por fim, entrou.

- Então senhor Leão como vai? Tem tão mau aspecto coitadinho. Eu cá tinha razão.

- Olha Raposa, foste o último bicho a visitar-me e já há tanto tempo que estou doente.

A Raposa não fez esperar a resposta e deitou-lhe logo para a cara:

- Sabe lá o senhor Leão o que eu tenho passado por sua causa. Não há doutor nenhum, e dos melhores, que não tivesse corrido sempre à cata de um bom médico para o senhor.

- Então Raposa, e conseguiste? Perguntou o Leão cansado.

- Consegui sim senhor. Consegui sim senhor. E foi bem longe daqui. E sabe o que disseram? Que a cura estava em matar um lobo e embrulhar-se na sua pele.

O Lobo que se mantinha junto ao leito do Leão ao ouvir a Raposa disse à laia de cansado e velho.

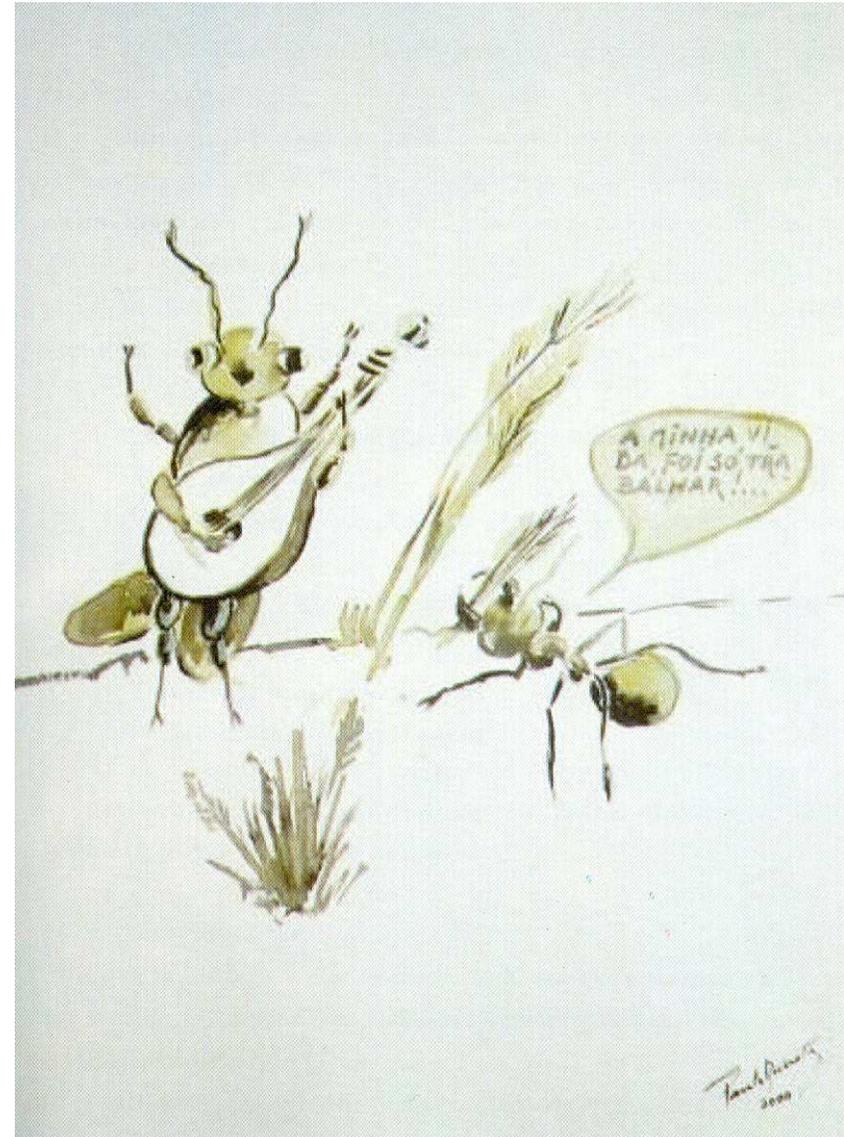
- A mim não que já sou velho.

- Quanto mais velhinho melhor. É assim que diz aqui na receita.

E mostrou um papel que tinha encontrado à entrada.

O Leão, mesmo doente, não se esforçou muito para cumprir o que o médico receitara.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]



## 2. Os desejos dos animais

No princípio do mundo, no tempo em que os animais falavam, mandara Deus reunir todos os bichos. Queria-lhes falar. Porque aquela confusão não poderia continuar. Todos andavam por todo o lado! Não havia limites! E desta confusão resultava bagunça de tal ordem na qual ninguém se entendia.

Depois de se colocar em sítio estratégico, mandou Deus desfilar pela sua frente todos os animais, um por um.

Ao passarem pelo Senhor, iam dizendo das suas preferências.

Naquela infundável bicha, chegou o lobo em frente de Deus.

- E tu lobo o que queres? Perguntou Deus.

- Quero grandes matagais, montes, serras e vales. Disse o lobo em tom muito sóbrio e aparentando dignidade.

Passados uns animais mais, surgiu a raposa, tareca e manhosa como costuma ser, que disse em tom galhofeiro.

- Quero matos.

- Assim será. Respondeu Deus.

Mas tarde ainda, surgiu o peixe. Este pediu água, águas muito profundas.

Naquela fila interminável o bicho-homem acabou por aparecer. Vinha um pouco pensativo. E, mal chegou junto de Deus, lançou-lhe para a cara.

- Quero artes e manhas.

- Ah, ah, ah! Artes e manhas, do que havia de se lembrar. Disse apressada a galhofeira raposa.

- Ele com artes e manhas, há-de ir buscar-te aos maiores matagais e a mim às mais profundas águas. Disse o peixe em tom sábio e profético, como que arrependido de não se ter lembrado antecipadamente de formular esse desejo.

Seguiu-se o bicho-mulher.

Ao chegar-se junto de Deus vinha em franco choro, com soluços. Ao fim de uma pequena espera, questiona-lhe Deus:

- E tu mulher, que queres?

Estancando o pranto, respondeu rápida e revoltosamente.

- Quero merda.

Houve um silêncio completo. Meiga agora, mas novamente a chorar, acrescentou:

- Depois de teres dado todas as coisas boas aos outros animais, que hei-de eu querer?

- Pois se assim é, merda limparás toda a vida.

E a fila continuou lentamente a avançar.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 3. O pisco escrivão

Deus estava na fase de ordenação do Mundo que acabara de criar. E pela sua frente, e de S. Pedro, iam desfilando os animais, cada qual mencionando as suas preferências.

Chega-lhes então o pisco, uma avezita quase minúscula, de corpo coberto de peninhas fofas, castanhas ou quase acinzentadas. A barriga branca ou de um branco sujo, não chegava para lhe dar porte e airocidade suficiente, ou mesmo arrancá-lo à mediocridade a que parecia condenado.

Chegado, e com o ar mais simples possível, diz ao criador:

- Eu quero ser escrivão.

- Escrivão tu? Pergunta-lhe admirado S. Pedro.

- Escrivão sim, tens medo que te tire o lugar? Perguntou o passarito.

- Não, não tenho medo. Gritou S. Pedro, espetando profundamente o aparo da caneta na garganta do bicho.

A ferida sangrou e veio manchar de um amarelo torrado o branco do pescoço e do peito.

Para que todos vissem e jamais esquecessem o pedido estúpido que fizera marcou-o Deus, a si e aos seus descendentes, com a mancha sanguinolenta.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 4. A criação da cobra

Deus criou a cobra e esta ficou muito descontente por ficar condenada a passar a vida inteira a rastejar e perseguida.

- Como se podia defender? Perguntou a Deus.

Deus disse-lhe então que, apesar destas contrariedades, imporia medo e respeito.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 5. As cobras de África

Conta-se que as grandes cobras de África têm origem nas nossas cobras. Assim, quando atingem o estado adulto, não podendo crescer mais, enrolam-se sobre si e deitam-se ao Tejo, durante as grandes cheias. Quando chegam ao mar vão para África.

Já houve pessoas que as viram passar rio abaixo e em dois casos meteram-se com elas, atirando-lhes pedras. Então, as cobras desenrolaram-se e deitaram a fugir atrás da pessoa que as ameaçou.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança, em Vila Velha de Ródão.]

## 6. A rolinha brincalhona

Quem já andou na escola, e mesmo quem nunca o fez, sabe a função utilitária desta instituição.

Mas reconhece também, penso eu, o prazer que é faltar à escola, ir nadar, brincar, expandir-se, não ter que aturar, pelo menos durante um curto dia, o professor que aparece sempre como figura sinistra e ladrão das coisas boas da vida. Nem que, à noite, ao chegar a casa se pague por tudo isso.

Quem assim também pensava era a rola, isto no princípio quando Deus a criou. Nessa altura tinha Deus um trabalhão desgraçado em ensinar toda aquela bicharada, a como se defenderem, como construir o ninho e outras coisas mais.

A rola era muito brincalhona - por isso se diz, és mesmo uma rolinha -, só queria festa, faltava muitas vezes à escola, desprezava os bons conselhos do Divino Mestre, e então é o que se vê. Enquanto as outras aves fazem o ninho seguro, almofadado, com princípio, meio e fim, a rola junta meia dúzia de gravetos, dispõe-os em círculo sobre um tronco e pronto, já está.

Agora chora lágrimas de sangue, mas já é tarde. Devido à insegurança do seu ninho perde com frequência os ovos ou os filhos.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança]

## 7. A cigarra e a formiga

Durante o Verão, pessoas e animais fazem as suas reservas para o inverno.

Assim acontece com a cigarra e a formiga. Uma, como exemplo de vida a quem tudo falta, outra, um exemplo de trabalho, disciplina e abastança.

Durante o Verão, podemos observar a conduta de ambas. A da formiga que trabalha dia e noite armazenando comida e a cigarra que passa o dia inteiro atroando os ares com a sua cantiga.

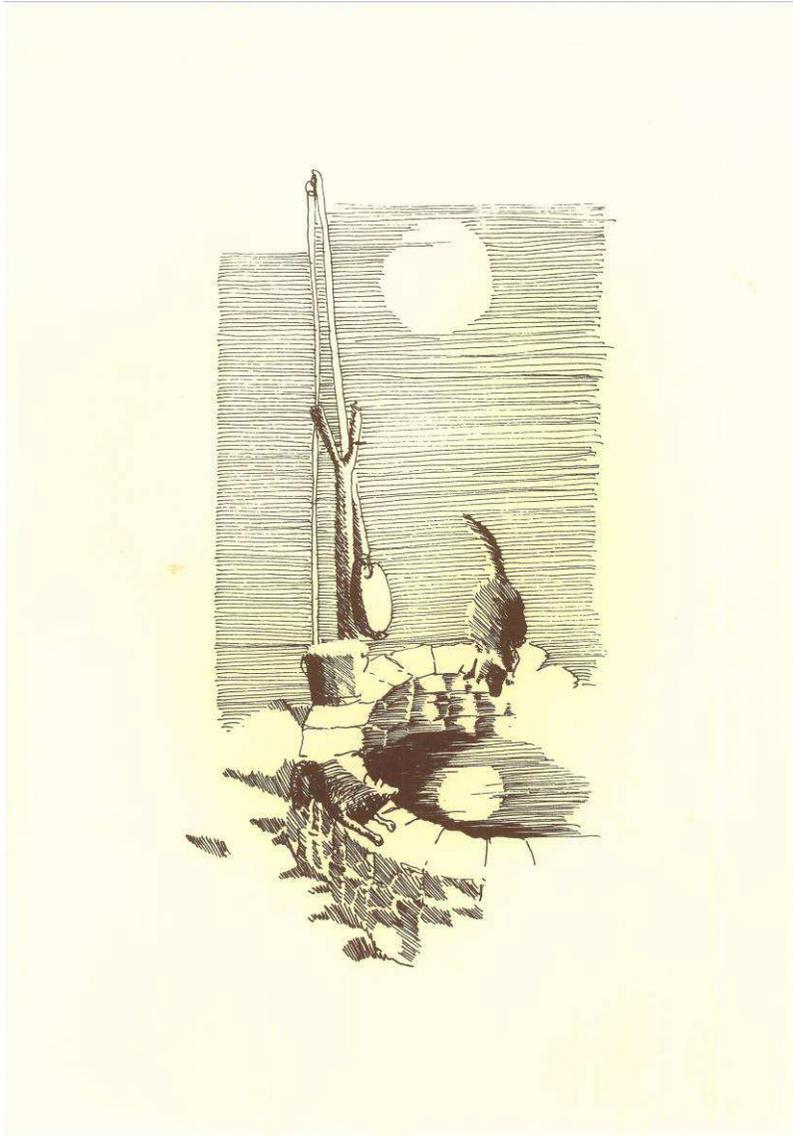
Depois, é frequente vir a cigarra mendigar junto da formiga um naco de pão por “alma de quem lá tem”.

- O que é que andaste a fazer durante todo o Verão? Pergunta a formiga toda senhora de si.

- Andei a cantar cantiguinhas para os ceifadores do pão. Diz a cigarra.

- Pois agora come merda. Responde-lhe a formiga.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]



## 8. O lobo, a raposa e o queijo

A raposa, no tempo em que todos os animais falavam e viviam em comunidade, procurava comida quando encontrou o seu compadre lobo. Então, empreenderam a tarefa em comum.

De local em local, encontraram uma queijeira, com a gateira um pouco alargada pelo apodrecimento da madeira. Surgiu então um problema: quem entra?

A premiada foi a raposa enquanto o compadre lobo fica de guarda e sentinela aos cães do Monte, até porque não cabia na gateira.

A comadre entrou.

O compadre, esse foi mais tarde obrigado a retirar-se, assediado pelos cães do Monte. Nessa ocasião a raposa "colou-se" à parede da queijeira julgando que iria ser descoberta.

O perigo passou e a comadre raposa saiu despreocupada e com um belo queijo entre os dentes. Procurou em lugar seguro e saciou-se em seguida com o belo manjar. À noite os compadres encontram-se novamente.

- Então? Questionou o compadre. Ó comadre, e se a gente fosse agora comer o queijo?

- Ó compadre, eu já comi a minha metade, a sua metade atirei-a para aquele poço.

Chegaram às bordas do poço.

A lua ia a média altura. A face desta era intermédia entre o quarto crescente e a meia lua. A tranquilidade de uma água límpida e estagnada fazia reflectir, em todo o seu esplendor, uma face bem amarelinha da lua.

Ambos se debruçaram e disse então a raposa:

- Ó compadre, aí está a sua metade tive que a aventar para o poço para lha guardar!

Retorquiu vaidosamente a raposa e continuou:

- Agora tem que beber essa água para o tirar, pois não há cá balde.

O lobo começou a beber.

A raposa, rapidamente, procurou um bom rolhão de estevas e enfiou-lhas no cú.

O compadre bebeu, bebeu, bebeu e nunca mais chegava ao queijo, até que se fartou e abandonou empanturrado o local.

Como a raposa é o bicho mais fino lembrou ao lobo que devia manter o rolhão de estevas até de manhã.

No outro dia, ainda o sol não era nado, já ambos se encontravam em lugar seguro, olhando a azáfama de uns malhadores.

A raposa começou então a apresentar a tática.

- Olha compadre, quando a mulher cá chegar com o almoço, deixa-o debaixo daquele castanheiro e então passas pela eira a correr e esvazias a pança tirando o rolhão de estevas do cú. Acontece que deixas toda aquela gente atrapalhada; cada um para seu lado tentando separar o trigo do colmo. E a mulher como vê tanta atrapalhão vai-os ajudar. E nós aqui por trás comemos-lhe todo o almoço que era prós homens.

Puseram mãos à obra...

- Olha! Olha o lobo que vem direito a nós.

- Dá-lhe com a malhoeira.

- Eia! eia! Que trabalho!... O que nos fez!... Alagou-nos a eira!...

A agitação começou como a comadre tinha previsto. A mulher foi ajudá-los. Certo é que mal a mulher se afastou do cesto do almoço logo a raposa saltou ao local e começou a comer as melhores coisas. Quando o lobo chegou, momentos mais tarde, já nada encontrou tendo que se contentar com o lamber das caçoulas.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

Este conto foi inicialmente publicado em 25/1/75, no nº 93 do mensário Portas de Ródão. Posteriormente, foi incluído no vol. 1 dos Contos Populares

Portugueses, uma colectânea da responsabilidade de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho (1984).

A eira onde se encontravam os malhadores costuma ser identificada com a que se encontra em Tavila (Vila Velha de Ródão) perto do local da confluência dos antigos caminhos do Vale de Coirão e Alvaiade.

### 9. O lobo, a raposa e o carneiro

De vaguear já estava farta. A esperteza e a manha de nada lhe valiam. Já havia bastante tempo que não deixava de perseguir aquele carneiro.

A força de dois cornos velhos mas potentes desencorajou a raposa a uma primeira investida. Contudo, tinha esperança de que um bom bocado de carne, dependurado dentre as pernas e a abanar acabasse por cair.

"Mais hora, menos hora, aquele bocado de carne acaba por cair". Dizia ela para si.

Prosseguindo com este objectivo encontrou o seu compadre lobo. Contou-lhe o sucedido e o objectivo ao que o lobo lhe respondeu:

- Ó comadre, matamo-lo e teremos de comer para hoje e para amanhã.

O lobo, menos esperto mas mais pujante, atirou-se sem rodeios nem problemas.

Grande parte do carneiro não foi devorado na altura, prevendo os intervenientes um bom manjar para o outro dia.

A parte do carneiro não devorada foi enterrada, ficando o rabo farfalhudo e os cornos fora do terreno como sinalização.

Os compadres dispersaram-se.

No outro dia, o lobo dirigiu-se a casa da raposa e perguntou-lhe:

- Ó comadre, e se fossemos comer o resto do carneiro?

- Ó compadre hoje não pode ser. Tenho de ir a ser madrinha, volte cá amanhã.

Enquanto isto, a artimanha da raposa levou-a ao local para saborear a fresca carne.

No outro dia apareceu novamente o lobo em casa da raposa e perguntou:

- Ó comadre vamos comer o carneiro?

- Ó compadre que coisa, não posso lá ir. Veja lá, que tenho que ir a ser novamente madrinha.

- Ó comadre e como se chama o seu afilhado de ontem?

- Comecei-o.

- Ai! Que bonito nome.

Afastando-se o lobo, de imediato a raposa se preparou para ir tragar mais uns bons bocados de carne.

No outro dia, surgiu novamente o lobo com um pronto convite a lançar à raposa.

- Ó comadre, e o carneiro?

- Ó compadre, veja lá que tenho de ir a ser madrinha outra vez!

- Então, ó comadre, e como se chama o outro seu afilhado de ontem?

- Imeiei-o.

- Que lindo nome! Veja lá, ó comadre, se lá vamos o mais depressa possível.

No outro dia veio o lobo e pergunta:

- Ó comadre, hoje é que temos de ir comer o carneiro, pois a fome já me aperta.

- Tá bem, vamos então.

- E como se chama o seu afilhado de ontem?

- Acabei-o.

Chegaram ao local onde tinham enterrado o carneiro, e disse a raposa:

- Ó compadre, puxe com toda a força pelo rabo porque deve estar bem enterrado.

Ela bem sabia que tinha devorado a carne e que apenas se encontravam os cornos e o rabo que tinham sido deixados primitivamente como sinalização do local.

O lobo obedeceu às ordens da sua comadre e ao puxar pelo rabo do carneiro, com toda a força, caiu um grande bate-cú e espetou um garrancho nas costas.

A raposa fugindo, ria-se e galhofava dizendo:

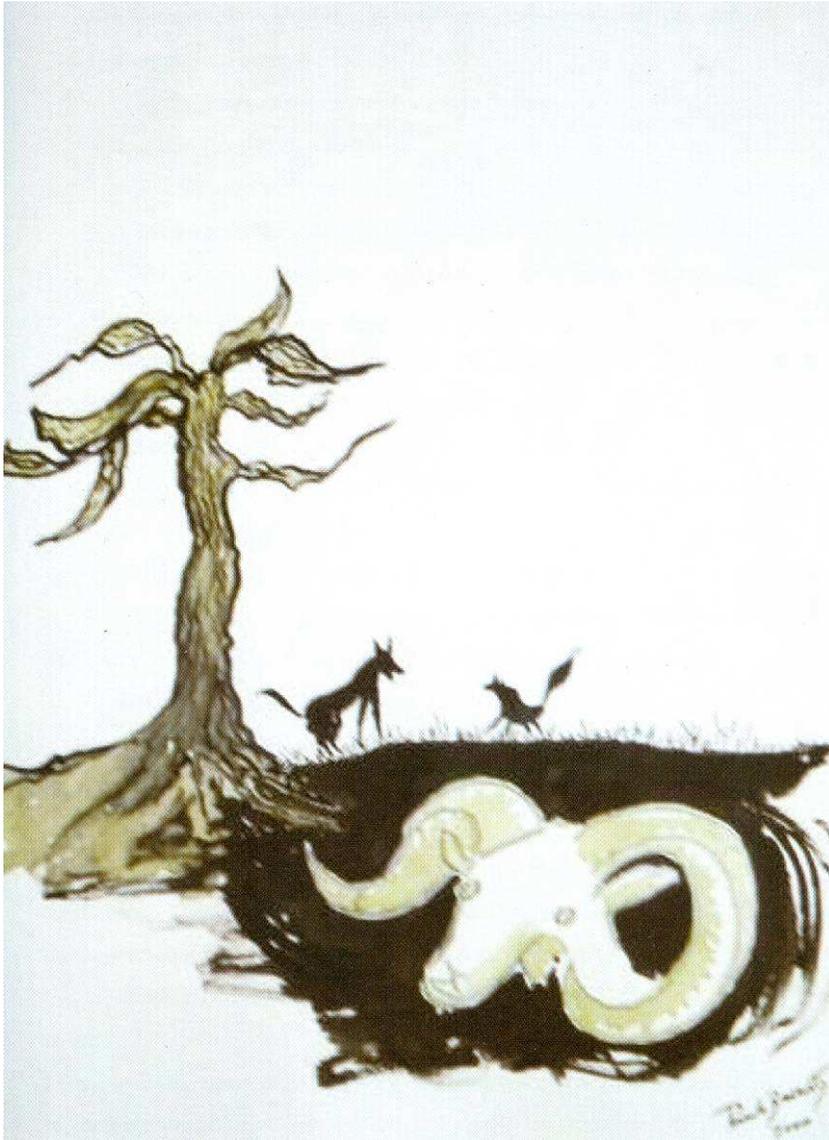
- Bem te enganei, bem te enganei!

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

Este conto foi inicialmente publicado, em 25/1/75, no nº 93 do mensário Portas de Ródão. Posteriormente, foi incluído no vol. 1 dos Contos Populares Portugueses, uma colectânea da responsabilidade de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho (1984).

## 10. O tio Melias

Era uma vez o Tio Melias das Vilas Ruivas. Tinha um burro muito velho e queria ir vendê-lo à feira. E foi, mas ninguém olhou para ele. Quando chegou a casa disse para a mulher:



- Olha mulher, ninguém quis comprar o burro. Sabes o que vamos fazer? Anda para se realizar uma filarmónica no Fratel. Matamos o burro, esfolamo-lo e vendemos a pele para o bombo.

Era no tempo em que os animais falavam.

O burro ouviu e nessa noite abalou. Encontrou um cão no caminho e perguntou-lhe:

- Onde vais amigo?

- O meu dono disse que eu já não prestava para a caça e que me ia mandar matar. Eu ouvi e abalei.

Diz o burro então:

- A mim também me aconteceu o mesmo.

E seguiram os dois. Lá mais para a frente encontraram um gato e tornaram a fazer a mesma pergunta e respondeu o gato:

- Eu ouvi dizer à minha dona que me ia mandar matar porque eu já não apanho ratos e fugi.

Responderam eles então.

- Anda connosco que a nós aconteceu-nos o mesmo.

Passado algum tempo encontraram um galo e perguntaram-lhe:

- Então amigo, onde vais?

- Olha a minha dona estava a dizer para a criada que tinha visitas amanhã e que me fosse ela matar. Eu ouvi e fugi.

- Então anda também connosco, responderam os outros.

Quando chegaram a um certo sítio, disse assim o burro:

- Olhem, saltem todos para cima de mim para ver se avistamos alguma terra para onde nos dirigir.

O cão saltou para cima do burro, o gato para cima do cão e o galo para cima do gato.

Diz o galo:

- Olhem, está além longe uma luz!

E dirigiram-se então a essa luz. Chegaram lá. Era uma casa e toca a entrar. O burro foi para a estrebaria, o cão ficou por detrás da porta, o gato ficou na pedra do lar e o galo foi-se empoleirar na trave da casa.

Mais tarde chegaram os donos. Viram a porta aberta e tinham medo de entrar. O que fizeram? Foram a sortes para ver quem havia de entrar primeiro. Entrou um e foi à estrebaria buscar lenha. O burro deu-lhe dois coices. Foi acender o lume e vendo os olhos do gato a luzir pôs-se a soprar, pensando que eram

duas brasas. O gato arranhou-o todo. Quando vem para sair o cão dá-lhe duas boas mordidelas e o galo começa de lá a cantar có-coróco!

Ele vem de lá a fugir e diz para os amigos.

- Vamos embora, fui à estrebaria deram-me lá dois grandes sopapos, fui para acender o lume picaram-me todo com uma agulha, quando ia para sair esfaquearam-me todo com uma faca e ainda lá estava um em cima a dizer traz-mo cá, traz-mo cá!

Os donos foram-se embora e os animais lá ficaram todos contentes.

[Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

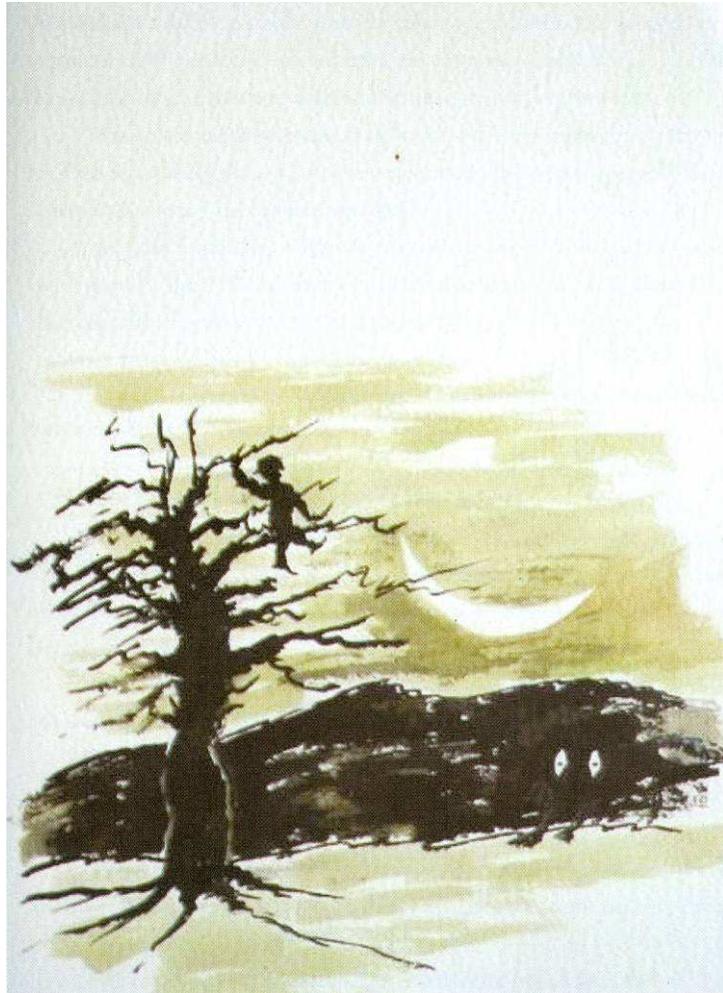
## 11. O lobo do Carvalhal

Era uma vez um homem que vinha para as Cimadas, pela estrada do Carvalhal. Depois, quando chegou ao Marco apareceram-lhe duas luzes à frente. Arrepiou-se todo. Era um lobo. Subiu rápido para cima de um castanheiro. E, mesmo assim, o lobo arriçava-se para ele. Quando o lobo deixou o troço do castanheiro desceu e apanhou logo um braçado de carqueijas que ia incendiando e deitando fora. Fez isto até chegar à povoação.

É que os lobos têm medo do lume.

[Ilda da Conceição, Cimadas, Proença-a-Nova, Fevereiro de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Diz-se que as pessoas ficam arrepiadas quando há um lobo por perto; isto acontece mesmo que as pessoas não o vejam.



## 12. O sapo e o cágado

Era uma vez um sapo que queria casar com um cágado. E assim, andava o sapo sempre à volta do cágado e às tantas pediu-lhe casamento.

Diz-lhe então o cágado:

- Se passares três dias e três noites em cima das lajes da ribeira sem comeres nem beberes, casarei contigo.

O sapo aceitou o desafio.

Na manhã do dia seguinte, quando o sol ainda não rompera, já o cágado andava de volta do sapo.

- Então, muito frio? Pergunta-lhe.

- Nem frio

Nem friaça

Quem anda de amores

Nada se lhe embaraça.

Responde-lhe em tom de herói.

Na manhã do segundo dia, a cena e a quadra repetiram-se, mas o sapo já não era o mesmo, o frio e o jejum emaleitaram-no.

Na manhã do terceiro dia chegou-se o cágado junto da laje e perguntou:

- Muito frio?

Nada. Não obtive resposta. Subiu à laje e viu o sapo morto.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### A Bela e o Monstro

Um único conto constitui este grupo. Foi recolhido no concelho de Proença-a-Nova.

É um texto que nos parece composto por elementos que primitivamente teriam pertencido a outros contos mas que por falhas de memória do informante surge aqui num único conto.

O monstro, que caracteriza os contos deste ciclo, surge sob a forma de uma “coisa fria”. O personagem, que quase sempre é feminina, aqui é masculino, o filho do pescador.

### 13. A princesa encantada

Era uma vez um pescador qu' ia prá pesca. Depois já há dois dias qu' não apanhava nada. Ele tinha um cão e tinha um filho.

Atão, um dia ia um esperá-lo, outro dia ia o outro. Um certo dia apanha lá um peixe muito grande. Pois quando ele apanhou o peixe, diz o peixe pra ele.

- Bom, nom me mates qu' d' hoje pró futuro vais a ter sorte com a pescaria.

Bom, ali teve uns dias qu' apanhava a pescaria qu' ele queria. Ao fim dum certo dia faltou-lhe a pescaria outra vez. Andava esmorecido, até que torna a apanhar um peixe grande, outra vez.

Diz o gaje assim:

- Bom, nom me mates qu' voltas a ter a pescaria boa. D' hoje pró futuro voltas a ter a pescaria que tu quiseres. Mas vamos a fazer um contrato.

- Atão?

- Dás-me o que te vem buscar hoje.

- Bem, pode ser.

Quando estava naquele dia qu' era o cão, mas quim o veio sperar foi o filho. Bom, ele tamém num quis voltar atrás, no outro dia levava o filho pra entregar aos peixes. Quando lá chegou lá lhe entregou o filho. Bom, o filho teve qu' se lançar em cima do peixe, a água abriu e escapou lá pró fundo do mar. Lá ficou.

Teve ali um tempo, uma temporada, e um dia diz-lhe o rei dos peixes:

- Atão tu gostavas d' ir lá à tua terra, à tua casa?

- Já sim.

- Atão vai, mas não tragas nada, num precisas de nada, tu tás aqui bem, num precisas de nada.

- Tá certo.

Num trazia nada.

Era bem tratado, tinha boa cama, o que é, só sentia uma coisa fria ao pé dele, mas num tinha luz, num tinha nada, num via nada.

Bom, pois foi a casa visitar o pai e a mãe e a avó, a família dele. Depois quando ele abalou, à' vó abraçou-se a ele e meteu-lhe uma caixa de fósforos no bolso, sem ele dar por ela.

Bom, quando lá chegou, o rei dos peixes procurou-lhe:

- Atão, não trazes nada?

- Não, acho qu' não trago nada.

Passado dois ou três dias e lá calhou a mexer nos bolsos e encontrou uma caixa de fósforos. "Bom, hoje é que vou saber o que se deita ó pé de mim." Quando foi às tantas da noite, aquela coisa fria qu' se deitou ó pé dele, o gaje ripa da caixa de fósforos e risca um fósforo. Apraceu-lhe uma linda mulher ó pé dele.

- Ai ladrão, já me tinhas aquase merecida. Agora meu amigo vai-te imhora, vai pra tua casa. Agora se quiseres alguma coisa de mim procuras-me entre o mar

e a areia, no palácio tal, assim assim, à qu' eu ainda stou, o meu incanto agora fic' aí. Já me tinhas a quase ganha. Agora já nom pode ser nada.

- Pronto.

O rapaz voltou pra casa. Chega a casa diz pró pai:

- Ó pai, eu vou servir, eu vou correr mundo. Vou a ver dum patrão. Quero ir.

Quande o gaje ia por aí fora, chega a um certo sítio encontra ali três bichos c' um burro morto, o lião, a águia e a formiga.

E depois pediram-lhe pra ele fazer a partilha, dividir o burro.

O gaje chega lá ó pé deles, disseram eles assim:

- Bom, faze-nos esta partilha. Temos aqui uma partilha, não sabemos com' havemos de fazer.

- Eu faço.

O gaje vai corta a cabeça ao burro e diz prá formiga:

- Formiga, leva a cabeça, já tens casa pra viver e carne pra comer.

Foi, abriu o burro e tirou-lhe as tripas.

- Águia, toma as tripas que nom tens dentes.

E o lião ficou com o corpo.

- Tu lião pega o corpo.

Ficaram todos satisfeitos, depois d' ele s' ter ido lá por da fora, diz um:

- Não deramos nenhuma prenda das nossas ao bicho-homem.

- Atão temos qu' dar uma prenda das nossas.

Chamaram-no. Diz o gaje assim: "se calhar é agora qu' eles m' vão matar. Se calhar não ficaram satisfeitos com a partilha".

Chegado lá ó pé, um deles disse-lhe:

- Ficámos satisfeitos com a tua partilha, agora vais a receber uma prenda das nossas.

O lião arrancou um cabelo e diz-lhe o lião pra ele:

- Olha, pega este cabelo, quando te vires a naufragar dizes só: "vailha-me o lião", fazes-te num lião, vences qualquer animal.

Diz assim a águia:

- Olha pega lá uma pena das minhas, quando te vires atacado ou naufragado, dizes: "vailha-me a águia", fazes-te uma águia, começas à voar.

Diz a formiga:

- Pega lá uma perninha das minhas, quando te veres atragado por qualquer meio, dizes: "valha-me a formiga", fazes-te uma formiga. Toma, metes-te debaixo duma pedrinha, em qualquer lado te safas sem ninguém te ver.

Bom, tá certo, o homem abalou. Abalou por aí fora e depois diz o gaje assim:

- Bom, agora é qu' eu já vou a procurar onde é qu' fica este sítio. Agora já lá vou ter com ela.

Bom, o gaje já levava tudo, chega lá por aí fora. Abalou, foi andando, andando, andando, até qu' lá chegou, lá ó sítio onde ela dizia, lá ó palácio. O gaje chega lá, quande foi à noite, entra p' la porta, é claro, é formiguinho, passa im qualquer lado. Lá presenciou e quando chegou às tantas da noite metia-se lá debaixo do coiso. Quande era às tantas da noite fazia-se no home qu' ele era, deitava-se ó pé dela.

Ela primeiro começou qu' num suportava. Tinha um home qu' se deitava ó pé dela. Vinha o gigante fazia ali trinta por uma linha e ele fazia-se formiga e ninguém o via, e ela tamém não.

Bom, fez aquilo algumas três vezes. À última vez diz pra ela:

- Atão tu não sabes, não te lembras, im tal parte assim assim, tu dizeres isto e isto e isto?

- Ah, e agora pra isso, a força do meu incante é um gigante. E a força dele anda na serra tal, dentro dum porco-espinho, e dentro desse porco-espinho tá uma lebre e dentro dessa lebre tá uma pomba e dentro dessa pomba tá um

ovo. E matar esse porco-espinho, matar essa lebre, matar essa pomba e trazer esse ovo aqui e dar-lhe com ele na cabeça, é qu' ele fica morto, só assim é qu' podes quebrar o meu incante. Só assim é qu' eu posso ser pra ti.

E ela disse ainda:

- Logo que matem o porco-espinho, ele fica logo com a força perdida, mas ainda resiste.

Pronto, o gaje abalou. Lá disse onde era, pra lá foi indo, indo, lá foi ter pr' àquele sítio, foi pra lá pra casa dum fulano a guardar as vacas. Estava lá de pastor das vacas, diz-lhe o patrão:

- Olha qu' tu, não vás além assim prá serra de tal porqu' anda lá um bicho feroz que s' lá apanha as vacas nada custa ainda comer alguma, já têm desaparecido naquele sítio.

- Atão ond' é?

- É assim assim, na serra de tal.

Bom, o gaje pra lá abalou, ía pra lá todos os dias com as vacas.

As vacas é claro, era um sítio onde havia sempre muita pastagem, não ia pra lá mais gado, vinham sempre fartas.

Ora, até qu' um dia aperceu lá o porco-espinho, vá de zaragata. O gaje vá:

- Valha-me o lião.

Vá de zaragata. Zargateavam até s' infadar. Òdepois, sentavam-se de cú voltado um pró outro e dizia o porco-espinho:

- Ai lião, lião

S' eu comesse três pazales

Passados pró Rio Jordão

Eu te bateria a ti, lião, lião.

Dizia o lião:

- Ai porco-espinho, porco-espinho

S' eu comesse três pães trigos

Remolhados im vinho

Eu te mataria a ti

Garanto-te porco-espinho.

E naquelas coisas todas cada um desabelhava para seu lado e ele voltava c' as vacas. O patrão deu im ver as vacas todas os dias fartas; "atão, pra onde este gaje vai?" Foi espreitá-lo.

Foi espreitá-lo, pra lá escapou prá serra e ele foi atrás dele, pois, lá tava ó pé e lá via a desorde dele c' o porco-espino, lá via as coisas dele todas e à noite diz ele prá patroa:

- Amanhã remolhas-me três pães trigos, remolhados im vinho, aí pra uma saca qu' eu vou a tal parte assim assim. Atão o nosso criado faz-se num lião, matava o porco-espino, quere ver s' ele é capaz do matar.

O homezinho pra lá abala c' os três pães de trigo remolhados im vinho. Assim qu' eles travaram a desordem infadados um com outro, o porco-espino diz:

- Ai lião, lião

S' eu comesse três pazales

Passasse pró Rio Jordão

Eu te bateria a ti, lião, lião.

Faz o lião:

- Ai porco-espino, porco-espino

S' eu comesse três pães trigos

Remolhados im vinho

Eu te mataria a ti

Garanto-te porco-espino.

O patrão aparece, aventa-lhe os pães trigos pra diante dele, o lião come-os, lança-se ao porco-espino e matou o porco-espino. Depois do porco-espino estar morto, diz assim ele pró patrão:

- Ó patrão, este já está, agora dentro deste está uma lebre, s' a gente não for capaz d' apanhar essa lebre é qu' stá tudo lixado.

Bem, o patrão lá estava. Lá abriram o porco-espino e, nabanão, quande mal precurava "rrrrrrrrr" fugiu. Diz o gaje:

- Valha-me o lião.

Fez-se num lião, foi caçar a lebre.

Quande tavam àbrir a lebre fez assim o criado:

- Ó patrão dentro desta lebre tá uma pomba, s' ela foge, já nom somos capaz d' àpanhar.

Estava com muito jeitinho, o patrão tava assim à trela, ele lá abriu e nabanão, "vrummmm", faz a pomba, e ela aí vai. Diz o gaje:

- Valha-m' a águia.

Fez-se na águia e foi apanhar a lebre. Foi apanhar a pomba é que foi. Pois diz o gaje:

- Bom, dentro desta pomba tá um ovo, agora s' agente parte o ovo é qu' nada feito.

Lá abriu a pombazinha, lá tirou o ovozinho, com muito jeitinho e diz pró patrão:

- Patrão, leve as vacas pra casa qu' eu já pra lá num vou. Sigo o meu destino, já cá tenho o que quero.

Abalou.

Bom, o gaje lá foi ter, outra vez ó palácio onde ela stava. Assim qu' lá chegou, ela lh' apraceu, faz ela assim:

- Bom, atão amanhã às tantas horas ele já nom tem força. Quande tu mataste o porco disse ele logo qu' já nom tinha força. Portante amanhã às tantas horas ele incosta-se a dormir pró meu colo, tu vás, bates-lhe c' o ovo na cabeça, pronto, já nom se levanta. Fica morto.

Assim foi.

Lá casou ele com ela depois. Ela era filha dum rei tamém, lá ficou sendo o rei e ela a rainha.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]



### **Cristo e São Pedro**

O ciclo de contos Cristo e São Pedro é constituído por outros subciclos como o João Soldado, “Eu Caio” e “A velha que queria ser nova”.

Nos textos em que Cristo e São Pedro são os principais protagonistas, durante a sua passagem pela terra, o segundo aparece-nos ingénuo mas curioso acerca do porquê das coisas. Cristo esclarece realçando valores morais frequentemente esquecidos.

Os autores da colectânea acharam adequado incluir neste grupo os textos de Deus e o Diabo. Estes textos estão bipolarizados em torno do bem e do mal e são protagonizados, respectivamente, por Jesus Cristo e pelo Diabo. O Diabo surge-nos como um indivíduo, ingénuo, vencido e desconfiado.

Foram aqui agrupados onze textos. Seis foram recolhidos no concelho de Proença-a-Nova, três no concelho de Vila Velha de Ródão e os dois restantes no concelho de Mação.

### **14. Deus e o Diabo dividem o batatal e o couval**

Num final de tarde de Primavera, chegaram dois homens à extrema de um batatal. Eram os donos.

O ano correrá a jeito, e em todo o redor o chão cobria-se de um manto verde escuro aqui e além salpicado com cachos de floritas brancas.

O trabalho do amanhã da terra, da sementeira, da rega e afins, tinha sido sabiamente distribuído entre ambos.

Chegara a altura da divisão. Anteviam um acordo bem difícil. A ganância de um, impressionado talvez pelo esplendor do verde, levou-o a aventar uma hipótese de divisão.

- Ó compadre, eu fico com o que se vê e você com o resto?!

O tom foi mais em jeito de conclusão que de proposta. Que resposta a dar-lhe? De cariz baixo, ar resignado e um tanto ou quanto confinado a si próprio acrescentou à longa espera.

- Está bem.

Foi a resignação que falou.

Depois foi ver a azáfama do Diabo, o verde a ser derrubado e amontoado em paveias.

Que fazer? Não havia alternativa. Remédio? Era aproveitar os pequenos talos do que fora um excelente batatal.

Para tal, havia que cavar a terra e Deus assim o fez. Nesta árdua tarefa, descobriu que no fundo naqueles desprezíveis talos estava a riqueza, o fruto do seu trabalho. E desta maneira, via surgir a cada cavadela, ninhadas de batatas, do tamanho de punhos.

Encheu a casa. Foi um farto governo para o resto do ano. O Diabo queixava-se. Queria a desforra. Era vê-lo bufar de raiva, enquanto a rama estornicava.

Derrota? Nem pensar, queria a vitória final.

Não tardou em se abeirar de Deus e propôs-lhe tratarem agora de um couval.

Plano assente. Este nasceu, cresceu, foi alvo de todos os cuidados que lhe são próprios e na altura da divisão chegaram-se junto do mesmo e diz o Diabo.

- Ó compadre, desta vez não me engana. Agora quero o que está debaixo da terra e você fica com o resto.

Assim, começou Deus a cortar as frondosas e repolhudas couves que faziam esbugalhar os olhos pelo tamanho e beleza.

Qual não foi o seu espanto ao acordar no outro dia com o compadre junto da porta, fazendo uma lambança desgraçada. Dizia ter sido enganado que só raízes lhe couberam em quinhão.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança]

### 15. Deus vence o Diabo

O adversário obrigara-o a escolher as armas. Eram simples e estavam arrumadas por ambos os lados da sala.

O Diabo escolhera primeiro. Depois de as revoltar e remirar uma por uma, acabou por decidir-se pela maior, era uma grande vara de castanho. Deus, ao contrário, optou por uma pequena.

Em cada extremo da sala ambos estavam a postos. Adivinhava-se uma luta desigual e os assistentes comentavam os critérios da escolha das armas. Todos estavam temendo que Deus perdesse pela má escolha que fizera. Nunca se vira uma vara pequena vencer uma grande.

Começou a porrada e logo nos primeiros lances se notou a superioridade de Deus. A vara do Diabo, pelo tamanho descomunal, prendia-se por tudo quanto era canto, parede, caibro ou telhado. Enquanto isto, Deus não perdia tempo nem oportunidade e então era zumba e zumba, vai e vira, no adversário, deixando-o por terra e derreado. Passar por esta vergonha não esperava o Diabo, e assim, convidou logo ali o adversário para uma outra luta, só que agora em terreno aberto.

No dia combinado lá estavam frente a frente com muita gente a envolvê-los. Pelo insucesso da primeira batalha, preferiu agora o Diabo um pequeno cajado. Deus pelo contrário preferiu uma longa vara.

Inicia-se o combate. A falta de entraves para um trabalho perfeito da vara maior permitiu que o Diabo nem sequer se aproximasse de Deus. Deste modo, Deus deu uma vez mais quanta porrada quis no Diabo.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

## 16. Às crianças nem o Diabo escapa

No tempo em que o Diabo andava pela Terra, um dos seus compadres convidou-o para uma grande jantarada. Aceitou de imediato, como não podia deixar de ser. Colocou entretanto uma condição imprescindível: nesse jantar não deviam estar crianças.

O compadre velou pelo cumprimento da condição imposta por tão ilustre convidado.

Chegou o Diabo, disfarçado, bem arreado, de barbichas e bengalinha, como era moda. Disputado por todos, especialmente mulheres, mas meio indiferente acabou por sentar-se ao cimo da mesa ao lado do compadre.

Numa olhadela de soslaio acabou por notar a presença de uma criança, quase no extremo oposto aquele em que se encontrava e disse numa voz muito baixa.

- Ó compadre, que aborrecimento, está lá em baixo uma criança.

- Não é possível! Dei ordens tão apertadas.

- É verdade, ao fundo da mesa, e tenho medo que ela me descubra.

O compadre levantou-se, dirigiu-se à família e daí a momentos a criança desaparecera. Voltou a sentar-se e pediu tranquilidade e à-vontade ao seu compadre e amigo. O banquete iniciou-se e continuou com muitos pratos.

Como qualquer outra criança arreou-se da mesa mas ficou por ali na brincadeira e ninguém mais lhe ligou importância. Até que começou aos berros.

- Está aqui o Diabo, está aqui o Diabo, tem patas de cabra. Está mesmo aqui.

Todos os convidados pararam de comer e viraram-se para a criança que apontava o alvo.

Foi o fim. O Diabo virando-se para o compadre teve ainda tempo para dizer:

- Eu bem te dizia, nada de crianças, porque a elas nada lhes escapa, são pior que o Diabo.

[Luis Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

## 17. A velha e o badalo

Quando Cristo andava pelo mundo a ensinar o catecismo chegou a uma pobre aldeia perdida na Serra. A gente moça, como era hábito, tinha ido para os campos trabalhar, restavam os velhos e as crianças. Era a estes últimos que Jesus Cristo se dirigia. Para tal, desde a casa cimeira da povoação que vinha tocando o badalo.

O forno era o centro do mundo. Durante o dia era das mulheres, à noite pertencia aos homens, nas horas vagas, aos viajantes e às crianças.

Jesus Cristo chegara. Poisara o badalo à entrada da boca do forno e a cada criança que chegava, quase sempre vermelha pela corrida, não fosse perder a doutrina, dirigia-se ao Divino Mestre que cumprimentava. Este, tirando a campainha da porta do forno dava-a a beijar ao recém-chegado.

Mas havia lá uma velha, muito chata, que também queria beijar o badalo, que também queria beijar o badalo. Deus ia dizendo que aquilo era só para as crianças.

Mas o raio da velha era persistente, não desistia, nem deixava de envenenar o juízo ao Divino Mestre. Às tantas, este, farto de a ouvir, tirou a campainha da boca do forno e deu-lha a beijar.

Agora era a velha que gritava e todos se riam incluindo Cristo. É que a velha ficara com os beiços queimados e agarrados ao badalo. Pois ela não estava na graça de Deus, ao contrário das crianças.

Só nos rimos do mal, até Deus!

[Luis Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 18. O pastor mentiroso

Era uma vez um pastor que guardava cabras na serra do Gavião.

Certo dia, sem que ninguém soubesse porquê, começou a bradar:

- Aqui d'El Rei quem me acode, aqui d'El Rei quem me acode.

Todos acorreram ao encontro do rapaz e ao chegarem, cansados, responderam-lhes o pastor, com grande tranquilidade, que nada se passava. Era o medo aos lobos que o levava a gritar.

Passado algum tempo a cena voltou a repetir-se, alarmando a povoação. Todos acudiram com as armas que tinham à mão. Mas foram uma vez mais enganados pelo pastor.

Certa tarde começou de novo o pastor a gritar:

- Aqui d'El Rei quem me acode, aqui d'El Rei quem me acode.

Eram os lobos e desta vez não mentia, só que ninguém o veio ajudar. Enganou as pessoas uma vez, duas vezes, e agora já não acreditavam nele.

Há noite não recolheu com o rebanho. Mais tarde foram encontrados os seus pés dentro das botas grosseiras.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança, em Vila Velha de Ródão.]

### 19. Comido pelos lobos

A tarde tinha terminado, com ela a claridade e a jornada de trabalho. Agora, ali estavam os três sentados, apáticos, a olhar o lume que lhes afogueava as faces.

O trabalho era de sol-a-sol e muitas vezes com água até à cintura, esforço de heróis.

Mas havia a promessa de reparar os muros de sirga no Tejo e hoje a de passar a noite em Salavessa.

Deitou-se a pensar nas palavras da mãe. O que a levaria a opor-se tão obstinadamente ao seu intento tão simples?

Depois do silêncio e da escuridão terem avassalado o casebre, pegou na guitarra e saiu.

A noite parecia tranquila mas, do Monte Pombo a Salavessa àquela hora e só...!

Já os ouvira uivar pouco depois de sair de casa. Agora, apareciam ali a dois passos, do outro lado da ribeira do Ficalho.

Voltar para trás? Nem pensar.

Um pesadelo na tranquilidade do leito.

Que visão!... O seu único filho a ser devorado pelos lobos, a luta desigual, os últimos movimentos, o último grito. Depois, o vermelho do sangue a pintar a ramagem, a terra, o xisto musgoso. As feras a disputarem o corpo sem vida.

Acordou em pé, fora da cama e com o coração a saltar-lhe da caixa. Correu ao quarto vizinho. A cama estava vazia e fria. Saiu. Correu e chamou, correu mais e chamou. Em vão, tudo em vão.

Na ribeira, junto da borda, chamou mais e mais. Então a guitarra, como que possuída de vida própria, respondeu-lhe em voz lânguida tombando pela encosta.

De madrugada, entre as estevas e forte matição, foram encontradas as migalhas do manjar e um par de botas com pés humanos.

[João Dias Caninas, Vila Velha de Ródão, 1981. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

## 20. São Pedro e o mestre

Quando Nosso Senhor andava pelo mundo São Pedro levava muita sede e disse para o Senhor:

- Mestre, vou àquela casa pedir água.

- Então vai.

São Pedro foi lá e meteu-lhe cobiça a dona da casa. E como ela também se agradou dele... remediou-o...

Ao fim de muito tempo tornaram a passar naquela terra. E São Pedro tornou a dizer:

- Mestre vou além a ver de uma pinguinha de água.

- Então vai.

Quando lá chegou estava um homem entre a porta com uns cornos tão grandes que São Pedro teve medo e foi-se por onde tinha vindo.

Chegou ao pé do Mestre e disse:

- Oh meu Divino Mestre estava lá um homem com uns cornos tão grandes que até metia aflição.

- Então e não sabes do que isso é?

- Não Mestre.

- Foi o que tu lá foste fazer da outra vez!

- Ah Meu Divino Mestre, esconda aquilo aos homens, não lhes traga aquilo à vista que aquilo tem pouca vista.

E Nosso Senhor então, escondeu-os a todos os que os têm. Sim, porque quase todos os homens os têm, eles é que andam encobertos e é a sorte deles.

[Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

## 21. O arrasa montanhas

Era uma vez uma mulher mais o home que nom tinham filhos. Depois pediram a Deus que lhes desse um filho, depois Deus deu-lhe um filho. Pois ela não deu lête para criar o filho. Naquele tempo era tempo atrasado, o qu' é foi qu' eles fizeram, tinham ali uma burra e a burra dava lête, criaram o filho com o leite da burra; òdepois, ele saiu um home, era quase um gigante, pois quando o home já tinha os seus vinte e tal anos disse pró pai e prá mãe:

- Mãe eu vou correr mundo.

- Ai, tão pra onde é que tu vais? Nós ficamos.

- Deixe lá eu vou correr munde depois volte.

O gaje abala por aí fora, chegou lá a um ferrêre mandou fazer uma bengala com cinquenta arrobas, ou cinquenta toneladas, vá.

Pois, o gaje quando foi pra adornar, o ferrêre, aí é qu' ele se viu à brocha, disse o gaje assim:

- Deixe cá ver, eu ajude aí. Pere aí.

Lá ajudou, lá dobraram a bengala. O gaje quando acaba de fazer a bengala, diz o gaje assim:

- Quanto é?

É tanto e tal, lá lhe pagou. Pega na bengala, pôs' a ao braço, aí vai ele com ela pendurada ao braço. O ferrêre ficou a olhar para ele. "Com' à qu' um home tanta força tem!?".

Abalou por aí fora.

Chega lá a um certo site, viu andar um gaje a arrancar pinheiros, pinheiros valentes e atão botava-lhe mão, arrancava-os, punha-os debaixo do brace, o home ficou a olhar assim muito sério pra ele e disse:

- Porra, aquele é mai brute qu' a mim.

Pois diz o gaje assim:

- Oi migo, o quê que você anda aí a fazer?

- Oi migo, ando aqui a apanhar uns cavaquitos pró lume.

- Poça, atão você quer ir a mais eu?

- Atão onde é qu' o senhor vai?

- Eu vou correr munde, precisava dum camarada.

- Atão eu tamém vou.

Abalaram os dois.

Chegaram lá a certe site, viram andar um gaje c' uma inxada, era o Arrasa Montanhas. Punha a inxada lá do outro lado do cabeço, puxava-a e ficava logo aquile tudo d' rêto.

Diz o gaje assim:

- Poça ó pá, aquele é mai bruto qu' à gente. Tal nom é o bicho home qu' lá anda.

Diz o Mama na Burra assim pra ele:

- Êh migo, atão o qu' é que você anda a fazer?

- Eu ande aqui àrrasar uns cambalhõesitos.

Diz o gaje assim:

- Um home destes. Atão você quer ir c' a gente?

- Atão pra onde vocês vão?

- Nós vamos correr munde.

- Atão tamém vou.

Os gajes lá abalaram.

Eles concerteza qu' eram dois gegantes. Chegaram lá a certe site fez-se noite, lá numa terreola, pediram pousada. Aquela gente viu aqueles três malteses,

quim é que lhe dava pousada? Vá lá vai! Ninguém lhes dava pousada. Houve um fulane qu' se limbrou "mandamos prá casa tal, lá nom habite ninguém", qu' era uma casa que tava desabitada qu' apracia, lá, lá ... medos. Vá, fantasmas. Mandaram-nos pra lá. "Deixa qu' eles handin-se lá amanhar bem com eles."

Quande foi no outro dia, os fantasmas nunca apracerim. Mas no outro dia abalarim, foram prá caça.

- Vá, aqui já temos casa, estamos aqui instalados.

Bom, foram prá caça. Quande foi à tarde diz assim o Mama na Burra:

- Bom, quem lá vai arranjar a caça prá gente comer, pra ter o jantar pronte quande a gente chega?

Diz o Arrasa Montanhas:

- Vou eu.

Lá abalaram. Os outros ficaram à caça. Quando os outros lá chegaram pensaram que já tivesse a caçinha pronta, o guisado feito. Estava o gaje ali atroumujado num canto e o comer cheie de cinza. Diz o gaje assim:

- Atão o quê qu' se passou aqui?

- É pá, deixa-me lá, atão tinha aqui o comer prontinho, começa um gaje lá de cima, "ê cai, ê cai, ê cai". Olhei pra lá e disse assim, "cai prá' i qu' a leve o diabo, mas nom caias cá pra cima de mim". Cai aqui um gato preto, começou

"ê que faz frio!" Eu comece aqui com ele "ê que faz frio! Eu já te digo". E nabanão, "ê que faz frio", bumba uma galhapada de cinza prá caçola. Eu vou pra' lhe chegar, ai Nossa Senhora atira-se a mim, oulhe, andou aqui pra dar cabo de mim. Oulhe ele abalou prá' i pra esse buraco. Ai meu Deus.

Faz assim o Arrasa Pinheiros:

- É que tu és um grande home! Pois, amanhã te digo.

Os gajes no outro dia lá foram outra vez prá caça. À tarde diz assim o Arranca Pinheiros:

- Bem, hoje vou eu lá ver s' o home lá aparece. S' o fantasma aparece.

Quande foi a mesma hora o gaje já tinha o guisado pronto, nabanão começa o gaje:

- Ê cai, ê cai.

- ã, cai prá' i qu' a leve o diabo, anda pra cá qu' eu já t' digo.

O gaje cai de lá, chega ali, ê faz:

- Faz frio.

- Eu já t' aqueço.

Nabanão, bumba uma galhapada de cinza prá caçola. Ai mãe, engataram-se ali.

- Ó moço, eu ainda andei a ver se dava conta dele, mas num fui capaz, tou mesmo morto.

- Atão, espera lá qu' eu já vos o digo, amanhã venhe eu cá.

No outro dia abalaram os três, lá foram eles prá caça. Quando foi à tarde diz:

- Bom, hoje vou eu lá, vamos lá a ver se o gaje lá aparece outra vez, eu logo digo com' à qu' éi. Ele dará é conta de mim tamém.

Hum, o gaje quande foi à mesma hora já tinha o comerzinho pronto. Começa o gaje:

- Ê cai, ê cai, ê cai.

- Atão cai, anda cá pra baixo.

Assim qu' o gaje caiu ali.

- Ê que faz frio.

- Ah, faz frio? Eu já t' aqueço.

Ripa pela bengala de cinquenta arrobos, bumba, casca-lhe sobre uma orelha, cortou-lhe logo um' orelha. O gaje já não quis bóia com ele, cavou logo, fugiu.

- Ele fugiu prá' i, pra esse buraco, depois vamos a ver dele, agora come-se.

Bom lá comeram, lá estiveram, lá foram descobrir uma pilha de lenha, umas coisas que lá andavam. Lá andaram, lá andaram. Lá viram o rastesinho pr' onde o gaje passava, mas devia ter uma estarranecina funda, boa.

- Não podemos fazer nada. Amanhã.

No outro dia lá arranjaram uma roldana, umas cordas e mete-se dentro da roldana.

Primeiro foi o Arrasa Pinheiros, levava uma campainha na mão.

- Bom, quande estiveres atacado, qu' não vejas nada, tocas a campainha qu' a gente puxa.

O gaje foi indo, foi indo. Chegou a certo site, tocou a campainha, parece qu' era escuro, aparece que já era só mosquitos, e os gajes puxaram.

Pois foi o Arranca Pinheiros. Esse foi um bocado mais abaixo. Viu-se atacado, tocou a campainha e lá puxaram os gajes outra vez. Diz o gaje assim:

- Agora vou eu lá, mas leve a minha bengala. Quando eu tocar a campainha, quante mais eu tocar, mais vocês deixam ir pra baixo.

Bom, o Mama na Burra lá foi. O gaje começou a tocar a campainha e eles deixaram-no ir pra baixe. Até que lá chegou ó fundo. Quando lá chega ó fundo começa pro lá a ver salas pra um lado, pra outro, salas, era ali salas por tudo o lado.

Bom o gaje por ali andou e nabanão foi lá ter a um quarto. Viu ali uma linda rapariga encantada. Estava ali assim.

- Ôi amigo você fuja daqui.

- Atão?

- Ôi, se aí vem ter o meu encanto, mata-o.

- Atão, o qu' é qu' é o seu encanto?

- É uma serpente. Isso é uma fera, se lhe digo que tem sete cabeças.

- Ai, não faz mal.

- Ôi, fuja daqui.

Nabanão aparece lá o encanto dela. O gaje ripa pela bengala de ferro, bumba, matou a serpente.

Bá, ela ficou desincantada e abalou.

Foi lá a outro quarto qu' havia lá outra. Ele havia lá três, qu' ele rapinou lá pra fora.

A última qu' ele foi estar com ela é o gato preto qu' era o diabo. Assim qu' ele foi lá ter, ela mandou-o fugir, qu' o encanto dela era o diabo, qu' era o gato preto, qu' agora andava pior qu' ma fera, derrubaram-lhe uma orelha.

- Ai éi? Esse é qu' eu cá quero.

E nabanão lá parece ele, parece qu' vinha pro cima de toda a folha. Parecia o diabo qu' lá vinha. E era mesmo o diabo. O gaje levanta a bengala. Conforme levantou a bengala, o gaje fugiu logo e disse que dissesse o qu' queria, mas qu' lhe desse a orelha dele.

Bom, e com aquelas voltas, ele desincantou as gajas e as gajas fugiram, cavaram d' lá pra fora. Pôse-as cá em cima. O gaje tocava a campainha e os gajes puxavam-nas.

Bom, quer-se dizer, à última da hora o gaje monta-se dentro da roldana e tocou a campainha. Os gajes puxaram um bocado e depois largaram-no pra baixo, qu' era pra ver s' ele lá ficava. Os gajes já lá tinham as três gajas qu' ele desincantara d' lá, qu' eram três filhas dum rei. Bom, òdepois o gaje viu-se ali assim, naquele estado e limbrou-se, puxa pla orelha do bolso e começa a morder na orelha. Aparece-lhe logo o diabo.

- Tu dizes o qu' queres, mas não mordas na minha orelha. Dá-me a minha orelha.

- Bom, dou-te a tua orelha mas é lá no cimo. Vais-me pôr lá acima. S' não acabo contigo.

O diabo teve qu' o levar a cavalo e levá-lo lá a cima. Pois quando o gaje lá chegou entregou-lhe a orelha.

- Pronto vai-te imhora. C' a puta qu' ta pariu.

Bom, o gaje dali abalou. Abalou, foi por aí fora. Chega lá a um certo sítio procurou uma terra, nim sei pra onde era. Depois lá lhe disseram, daqui pra lá ainda é longe, mas o senhor pode ficar aí, já é quase noite.

- Tá certo. E atão qu' novidades há por aí?

- Êh, por aqui nom há novidades ninhumas, na tal terra qu' o senhor tá à procura, calhou a précurar, é qu' há lá há dois casamentos amanhã e tal.

- E que casamentos são?

- É a filha d' um rei e tal, qu' estava há muitos anos nom sei quê, e vão-se agora casar.

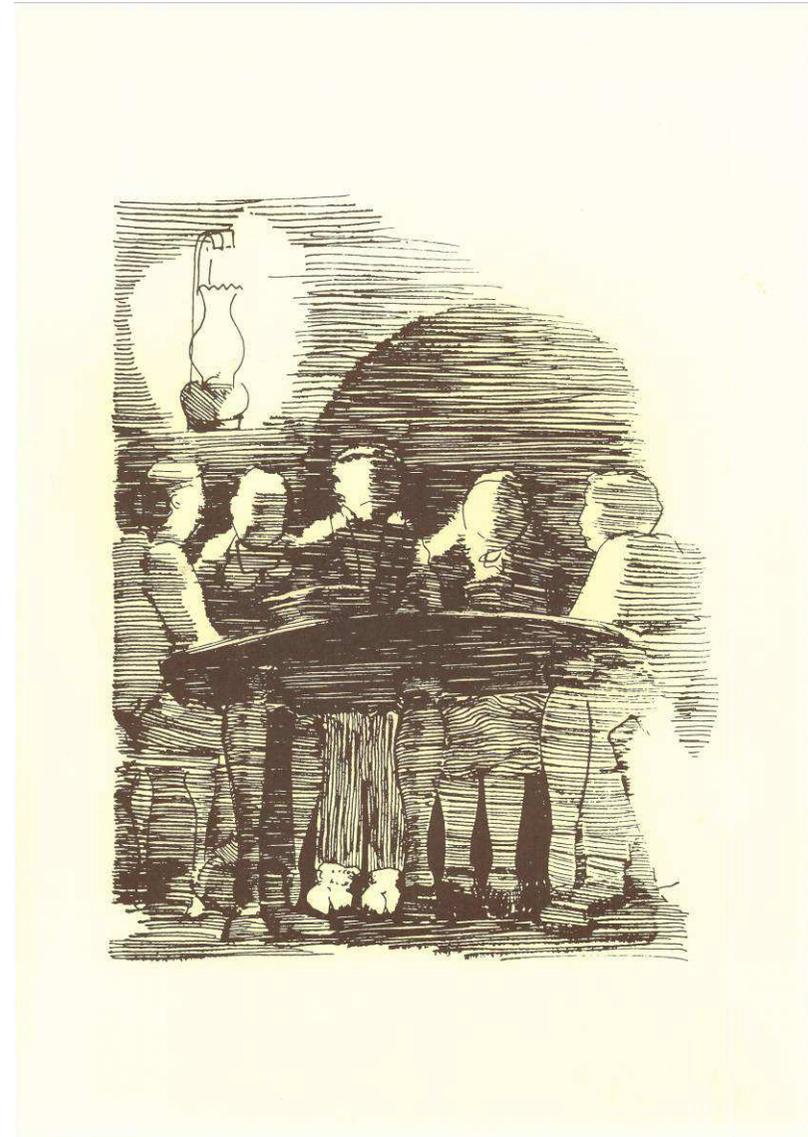
- Oh, atão é as tais.

No outro dia lá foi ter. Lá aquelas duas mais velhas já stavam pra casar cada uma com o Arrasa Montanhas e a outra com o Arranca Pinheiros. Ainda estava a mais nova qu' foi a qu' se casou com ele mais tarde.

Lá ficou sendo ele o rei e ela a rainha

Pega nesta porra qu' é minha.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]



## 22. João soldado

João Soldado era um home qu' teve vinte e quatro anos a servir o rei e no fim desses vinte e quatro anos, e no fim quando saiu d' lá ganhou só um pão e quatro vinténs.

Depois ía lá por um caminho abaixo encontrou um pobre a pedir 'smola e ele disse assim:

- O senhor dava-me um bocadinho de pão?

- João Soldado, vinte e quatro anos a servir o rei só ganhou um pão e quatro vinténs. Pega lá metade.

Bem, deu-lhe metade do pão e deu-lhe dois vinténs. Ficou só c' o resto do pão e com dois vinténs.

Pois, continuou a caminhar e encontrou uma mulher.

- Dá-me uma 'smola ó João Soldado!

- Vinte e quatro anos a servir o rei só ganhei um pão e quatro vinténs, já dei ali metade do pão e dois vinténs, toma lá o resto. Fico sim nada.

Disse assim a mulher:

- Olha, eu dou-te um bernal, olha, dou-te aqui este bernal e tudo quanto tu quiseres pede p' ó teu bernal qu' vai lá ter.

Ele abalou c' o bernal e a mulherzinha ficou lá c' o pão. E ele coitado, ía lá pô caminho adiante cheio de fome, chegou lá a uma 'stalage, cheio de fome, disse assim:

- S' o qu' ela mulher me disse fosse verdade eu agora aqui bem comia. E disse assim:

- Pães trigos e chouriços magros e garrafas de vinho p' ó meu bernal.

Vei tude p' ó bernal dele e disse assim:

- Agora é qu' eu 'stou c' m' eu quero.

Pois lá noutra terra fez-se de noite e disse assim:

- Ond' é qu' eu agora hei-de ver de poisada pra dormir?

Depois disse assim:

- Oulhe, stá além aquele palácio grande é d' uma gente muito rica que morreram, mas ninguém quer pra lá ir porque aparecem lá uns medos muito grandes.

- É prá' i é qu' eu vou.

Bom, foi pra lá. Fez ali um fogo grande, qu' havia lá muita lenha, no palácio muito bonito. Fez lá um fogo grande. Tava lá ó pé do lume, nabanão ouve pra lá, pró fumeiro.

- Ai qu' caio, ai qu' caio.

- Cai prá' i com seiscentos diabos.

Caiu uma perna. Tornou outra vez:

- Ai qu' caio.

- Cai prá' i, João Soldado nim deve nim teme, vinte e quatro anos a servir o rei e só ganhou um pão e quatro vinténs.

- Caiu outro braço.

Nabanão outra vez. Caiu outra perna.

Quando caiu outra perna, ele vai, dá-lhe um pontapé, fez-se ali um home ó pé dele. Ele ficou assim assustado e disse assim:

- Num tenha medo..., num tenha medo. Pega essa enxada e vem aqui mais eu.

Era o dono, que num podia ir pró céu qui tinha lá deixado muitas fortunas e tinham qu' as entregar a alguém e toda a gente tem medo.

Foi lá pra umas aloges c' uma enxada, cavou lá tanto ouro, tanta coisa.

- Agora é qu' eu 'tou bem. Agora é qu' eu 'tou c' m' eu quero.

Pois um dia andava lá no quintal da casa, lá no jardim muito bonito e apareceu-lhe lá o diabo. Os diabos é qu' andavam a fazer c' as outras pessoas não fossem pra lá, pra levarem o home pró inferno.

Apraceu lá o Diabo e disse assim:

- Atão João Soldado, tu agora tens qu' ir mais a gente. Ele disse assim:

- Vou, com vocês é qu' eu vou.

- Vá, atão qu' riamos levar o teu amigo pró inferno e tu mandás-te-lo pró céu, agora tens qu' ir mais a gente.

- Salta cá pró meu bernal.

Deu-lhe uma sova tão grande lá, coitado. Os diabos marcharam d' lá a caminho do inferno a fugir e disseram lá pró pai, lá p' ó diabo mais velho.

- Oi, a gente agora nom pode pra lá ir. Já lá 'tá outro. Aquele João Soldado deu-nos lá 'ma sova.

Disse assim o mais velho:

- Vocês são uns gaiatos. Num prestam pra nada. Agora vou lá eu. Agora vou lá eu.

Foi lá e disse assim:

- Atão João Soldado, tu qu' andaste prá qui a tratar mal os cachopos e isso. Agora tens qu' ir mais eu pró inferno.

Ele tinha deixado o bernal em casa, disse assim:

- Vou, mais você vou. Mais eles num ía qu' eles eram uns cachopos. Mas mais você vou. Deixe-me só ir ali a casa.

Foi a casa pegar o bernal. Quando chegou ao quintal disse assim p' ó home:

- Olhe, agora já num vou mais você, já m' arrependi, já num quer ir.

- Vais, vais.

- Num vou, num vou.

- Vais.

Disse assim pra ele:

- Salta aqui p' ó meu bernal.

Lá o Diabo velho saltou pra dentro do bernal dele e, lá em cima da bigorna do ferreiro, deu-lhe lá tantas...

Ele vai de lá a caminho do inferno e disse assim:

- Temos qu' arranjar portas e portões de ferro prá' qui. Senão vem cá o João Soldado e dá cabo da gente todos.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Há outra versão, ouvida por F. H., em criança, a Luis Henriques, que diz o seguinte:

Fechai portas e postigos

Se cá vem o João Soldado

Ficamos todos cozidos.

Assunção Vilhena (1995: 86-87) apresenta uma versão diferente da registada anteriormente.

### 23. São Pedro e as cerejas

Uma vez iam Deus e São Pedro por um caminho fora. Nisto, viram uma ferradura no chão e disse Deus:

- Apanha-a e vênde-la quando chegares à cidade.

- Para quê? Quem me vai dar dinheiro por ela e mesmo que dessem não chegava para nada.

Deus, sem que São Pedro notasse, baixou-se e apanhou-a.

Seguiram e passaram por uma cidade, onde Deus vendeu a ferradura e comprou cerejas com o dinheiro realizado.

Continuaram para além dela e o calor apertava mais e mais. São Pedro morria de sede. Então começou Deus, sem que São Pedro se apercebesse, a deitar fora, uma a uma, as cerejas. São Pedro, logo que as via, baixava-se e apanhava-as.

No final, quando Deus não tinha mais cerejas, perguntou a São Pedro:

- Olha lá, o que te custou mais, foi baixar-te tanta vez para apanhar as cerejas ou baixares-te uma única vez para apanhar a ferradura?

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

#### 24. O divino mestre e São Pedro

Deus e São Pedro foram dar um passeio, bem, por aí adiante. Lá iam falando. Chegaram a certo ponto encontraram um home qu' andava c' uns burritos a lavrar, a fazer uma sementeira, lá ó pé da 'strada. E andava atão os burritos a não andar lá assim muito bem, um pró lado, outro pro outro e tal, e ele dizia:

- Raios ta partam, assim e tal, raios ta partam e a dizer assim essas palavras pouco mais ou menos. Raios ta parta e assim e tal.

E Deus passou po pé dele mais o São Pedro e disse:

- Deus te salve alma santa.

Bom, continuaram pá frente, São Pedro num disse nada. Chegaram lá muito

mais à frente viram de joelhos ó pé d' uma cruz, uma cruz e ele de joelhos, de mãos postas a rezar. Pois Deus passou pó pé dele e disse:

- Deus te salve alma de porco.

Eles continuaram pá frente. Lá mais à frente São Pedro disse-lhe assim:

- Ó divino Mestre, atão aquele home qu' andava a praguejar, a praguejar, é alma santa e este aqui, qu' stava a rezar, alma de porco?

Aquele qu' andava a lavrar, andava na faina da vida, era para distrair, sem..., sem mais condições, sem palavras... que não têm mal nenhum, andava na distracção da vida. Aquele qu' tava ali ó pé da cruz, tava a pensar onde é qu' havia d' ir roubar um porco.

[João Pereira Eduardo, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques]

#### Enigmas

Este ciclo é constituído por um conjunto de textos alicerçados no enigma / adivinha. São ainda incluídos neste grupo três outros subciclos: a mulher vestida de homem; o homem vestido de mulher e padre José sem cuidados.

No dizer de Soromenho (1984: 261) muitos destes contos e anedotas são caracterizados por "*colorido humorístico, de que sobressaem os fechos inesperados de tipo carnavalesco*". Dos textos recolhidos apenas um tem estas características.

Dos dez textos que incluem este ciclo metade foi recolhida no concelho de Proença-a-Nova, três em Vila Velha de Ródão e dois no concelho de Mação.

## 25. A princesa e o pastor

Já há muitos anos contava-se que havia um rei que tinha uma filha e essa filha era muito sábia e como era também muito exigente para arranjar marido era sempre uma confusão. Aquilo era uma aldeia dentro do reino, o pessoal era muito velhote. Como ela era muito sábia ela propôs assim: os da aldeia vinham a contar adivinhas, aquela que ela não conseguisse adivinhar, ele (o contador) casava com ela. Assim foi, fez-se os preparos e as pessoas começaram lá a ir. Lá um, dizia a adivinha, ela adivinhava a adivinha e matavam-no.

Lá outro, dizia outra vez uma adivinha e matavam-no. Até que um dia um pastor ouviu isso e era um rapaz ainda jovem, bem, mas como ele era pobre resolveu lá ir. Disse-o à mãe e a mãe disse assim:

- Ó filho, mas ela é muito sábia ela adivinha e é de boas famílias, morres também. E ele disse assim para a mãe:

- Mas eu quero ir!

- Pronto tá bem, e a mãe disse assim: também não há-de morrer, também não te hão-de cortar a cabeça e fez-lhe um farnel que era um bolo, água e tal e envenenou-lhe o bolo e então ele pôs o farnel às costas e meteu-se na caminhada para o castelo.

Ele vai pelo caminho e tinha um cão chamado Fontes, vai pelo caminho sempre andando, tira o bolo do farnel, tira um bocado do bolo e aventa-o pró chão, não o quis comer e aventa-o pró chão. E o cão comeu e morreu e então aí é que começa a adivinha... e o cão chama-se Fontes que comeu o bolo e morre.

Ele vai andando e vê três corvos a pousar em cima do cão e a começar a comer o cão, só como o cão estava envenenado, os corvos também morreram. Aí começou:

- Bolo matou Fontes e Fontes matou três (que eram os três corvos) foi caminhando, caminhando... que era bolo matou Fontes, Fontes matou três... atirei ao que vi e matei o que não vi.

Era assim: ele ia andando viu uma lebre atirou uma pedra e matou um coelho. Ele continuou a andar, a andar e como o bolo estava envenenado, passou por uma capela roubou lá as chamiças, aqueles castiçais antigos com as velas acesas, assou o coelho e comeu-o. Então dá a adivinha:

- Bolo matou Fontes, Fontes matou três, atirei ao que vi matei o que não vi. Com palavras santas assei e comi.

Chegou lá e disse a adivinha à princesa. Ela pensou, pensou, pensou e não conseguiu chegar à solução. Mas como ele era pastor e era pobre disse ao pai:

- Ó pai, eu não quero casar com ele!

- Ó filha, mas tu não és capaz de adivinhar.

Então propõe-lhe outra coisa: Foi lá ó... às capoeiras do castelo tirou um conjunto de coelhos e disse assim:

- Tens que ir guardar estes coelhos e se faltar algum matamos-te.

- Tá bem, e ele sempre a pensar: ai agora, ai agora... e ele tinha lá os coelhos todos juntos dentro de uma saca e apareceu-lhe uma santa. Ao aparecer a santa disse-lhe assim:

- Solta os coelhos.

- Não não que depois falta um e matam-me, cortam-me a cabeça.

- Solta os coelhos.

Ele soltou. Deu-lhe uma flauta e disse:

- Cada vez que tocares a flauta os coelhos vêm ter todos contigo. Ele acreditou, tinha fé e acreditou.

Soltou-os todos, aparece-lhe lá o rei e disse assim:

- Então e os coelhos?

- Andam por aí!

- Então agora como é que os chamas?

Tira a flauta do bolso e começa a tocar. Aparecem logo todos os coelhos. Depois ele disse à filha e ela não teve hipótese, teve que casar com ele.

[Igor Castelo, Vale Pousadas – Perais, Julho, 2000. Recolha de Jorge Gouveia]

Este conto quando foi contado ao informante não foi imediatamente entendido. O tio do informante contou-o como adivinha e não deu a solução. Só mais tarde, já o tio tinha morrido, é que ele pensou e descobriu a solução.

## 26. O nó na linha

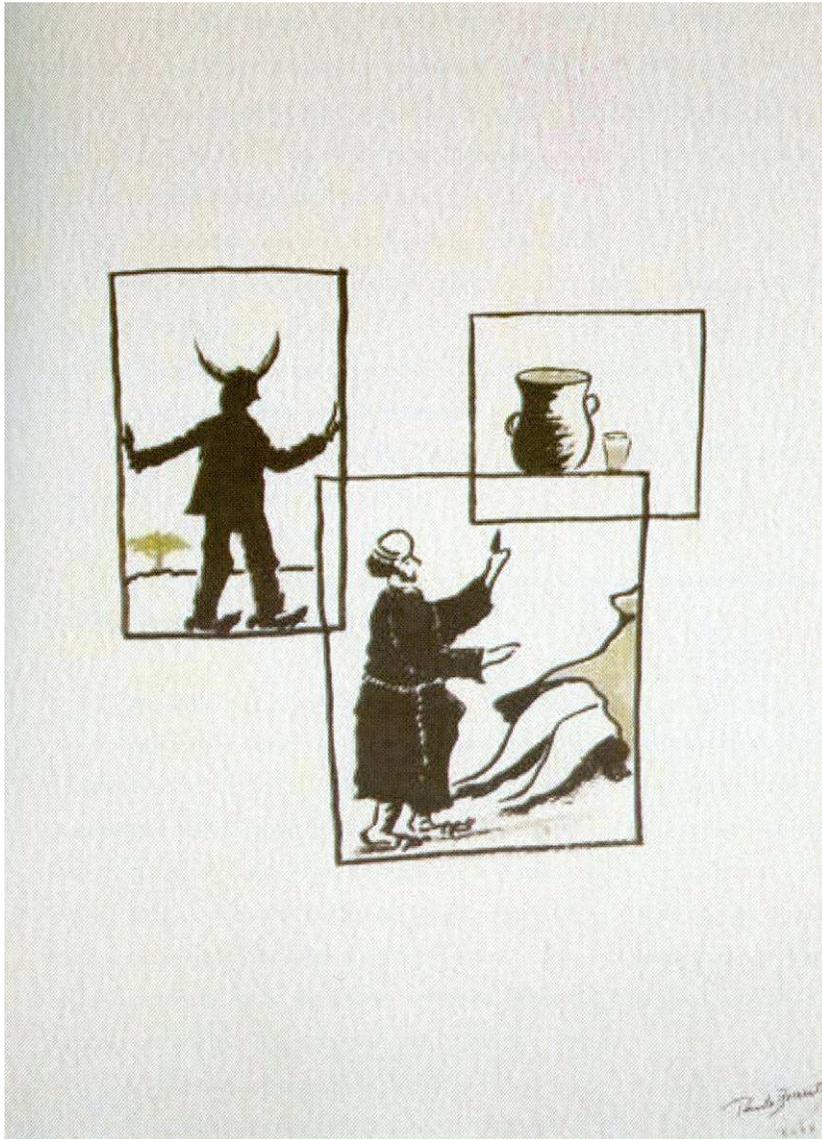
Era uma vez uma mulher e casou-se e o homem saiu para fora. Quando o marido voltou no fim de muitos anos a mulher estava a coser na rua e ela não o conheceu, mas ele conheceu-a a ela e então ele disse-lhe assim para ela:

- Ó minha senhora deu-se-lhe um nó na linha!

E ela respondeu:

- Antes ele não se desse.

[Maria do Carmo, Montes da Senhora, Proença-a-Nova, 2000. Recolha de Francisco Henriques]



## 27. O rapazito e o Rei Salomão

Toda a gente sabe que o Rei Salomão era o homem mais sábio do mundo. Sabia de tudo e a todos ensinava e dava bons conselhos. Vivia muito longe mas a sua fama chegava a todo o lado.

Sabei também que naquele tempo não havia fósforos como hoje há, nem nada do género, com a mesma finalidade. Nesses tempos, ia-se de casa em casa a pedir lume. As pessoas traziam consigo uma pinha que acendiam na altura, ou então de tição ou cavaco aceso voltavam a casa.

Certo dia, bateu à porta do Rei Salomão um miudinho pedindo-lhe lume. O sábio mirou o gaiato dos pés à cabeça e disse-lhe admirado:

- Então, como queres tu o lume se não trazes nada para o lewares. Não podes levar as brasas na mão.

O rapazito, meio envergonhado, disse então:

- Eu apanhava um punhado de cinza e depois Sua Majestade punha uma brasa em cima da cinza.

- Está bem, entra lá, disse o sábio Salomão.

O miudinho entrou e apanhou a cinza sobre a qual o rei colocou uma brasa acesa. Agradeceu e saiu apressado.

O rei, ainda meio admirado da inteligência da criança, virou-se para a mulher e comentou:

- Que tempos estes, eu, Rei Salomão, sábio, até já tenho que aprender com as crianças!

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança]

### 28. Já o ferro pegou

O conhecimento sempre foi coisa muito cobiçado. Porque quem o tinha possuía poder ou estava dele muito perto. A procura do conhecimento não é coisa recente. Já vem de longe a corrida do homem atrás dele. Àqueles que sabiam muita coisa, mas mesmo muita, chamavam-lhes sábios. E há muitos, muitos anos atrás, um houve que sobressaiu dos outros. Chamava-se Salomão e era rei.

Havia muitos homens a quererem-lhe roubar o saber, mas como o saber não é coisa que se roube como as navalhas, ou as batatas, montavam mil e uma artimanhas para o fazer.

Sabia o rei pegar o ferro com aço. Era um segredo. Ainda ninguém mais o sabia fazer.

Tinha o rei na altura um vizinho muito invejoso do saber dos outros. Era ferreiro, por coincidência era ferreiro, e todo se danava por o não saber fazer.

Se o soubesse, podia ganhar o dinheiro que quisesse e depois, talvez até chegasse a rei.

Queria estar também na posse do segredo, mas não havia forma de ver o rei a trabalhar e este não lhe dizia. Então chamou o filho e disse-lhe:

- Tu agora vais aí pela rua abaixo dizendo, "já o ferro no aço pegou, já o ferro no aço pegou". E eu, vou esconder-me na casa do rei, tenho a certeza que dirá como se faz e poderemos ficar ricos.

Combinado, preparado, cada um foi à sua função.

- Já o ferro no aço pegou, já o ferro no aço pegou. Começou o filho do ferreiro a gritar pela rua abaixo.

O sábio Salomão ao ouvir aquilo disse descuidadamente:

- Foi porque barro ou sal lhe deitou.

Assim, de uma maneira tão simples, veio o ferreiro a saber o que não conseguira de modos bem mais difíceis

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança]

### 29. O João Pequeno e o João Grande

Em tempos que já lá vão havia numa terra dois homens, precisamente com o mesmo nome de João. Ora, um era muito grande e muito rico, por isso lhe

chamavam o João Grande. O outro era baixinho e pobre e por isso lhe chamavam o João Pequeno. O João Pequeno trabalhava a dias para o João Grande. O João Grande tinha sete cavalos e o João Pequeno apenas um. Quando era aos domingos, que era quando os pobres faziam o seu serviço, o João Pequeno tinha uma tapadita ao pé da estrada, pedia os cavalos ao João Grande e levava-os para lá. Até se regalava quando vinham as pessoas para a missa e gritava:

- Prá frente meus sete cavalos.

Ora o João Grande um dia ouviu o disse-lhe:

- Ó João então tu só tens um cavalo e porque razão dizes tu “prá frente meus sete cavalos?” Ora se eu torno a ouvir o mesmo, eu mato-te o teu cavalo.

- Ó senhor João desculpe que eu nunca mais digo o mesmo.

Mas quê? Para a outra semana aconteceu o mesmo. O João Grande não fez mais nada e nem lhe perdoou. Pegou num machado e zás! Matou-lhe o cavalo. O João Pequeno chorou e lamentou a sua sorte, mas que fazer? Pegou no cavalo e tirou-lhe a pele, pô-la a secar ao sol e nunca mais voltou a casa do João Grande. Quando a pele estava seca meteu-a numa saca e foi até onde Deus o ajudasse.

Andou, andou, até que se fez noite, viu uma casa com luz e foi lá pedir pousada. Ao que a mulher respondeu:

- Não senhor, o meu marido não está cá e eu não dou pousada a ninguém.

O João Pequeno ficou desolado àquela hora da noite e cheio de fome, mas paciência, olhou para detrás da casa e vê uma meda de molhos de pão, era de Verão, no tempo das debulhas. Subiu lá para cima para se deitar que sempre estaria mais confortável. O João Pequeno mirou tudo por uma fresta da casa e descobriu que a tal mulher tinha um amigo lá em casa e era o sacristão lá da terra, aonde ele viu tudo, boa comida e bebida, tudo o que era bom. A certa hora da noite batem à porta. Era o marido que regressava da sua viagem.

Ela atrapalhada meteu o sacristão dentro de uma arca e a comida no forno. Foi abrir a porta e disse:

- Ó homem então tu disseste que não vinhas hoje, não fiz jantar.

- Deixa lá mulher, qualquer coisa se come.

- Olha, faz-se umas papas de aveia e comes.

- Pode ser, disse o homem.

O João Pequeno que viu tudo o que se passava abriu a boca como se tivesse, muita fome e fez barulho. O dono da casa ouviu e chamou... [Incompleto].

[Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão]

### 30. O ter e o ser

Era uma vez uma moça rica que tinha dois pretendentes. Um era muito rico também e o outro era pobre. Para ter a certeza da integridade moral de cada um deles decidiu sondá-los. Assim quando o rico a estava a namorar ela perguntou-lhe:

- Olha lá o que é que vale mais é o ter ou o ser?

- É o ter. Respondeu ele apressadamente. Vale mais ter do que ser. Decepcionada a rapariga recusou-o. Mais tarde fez a mesma rapariga ao pobre.

- Ouve lá o que é que vale mais é o ter ou o ser?

- Vale muito mais ser honrado e feliz do que ter muito e não ser feliz.

Satisfeita com aquela resposta a rapariga aceitou-o. Casaram e ainda hoje são felizes.

[José António, 93 anos, Perais, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão]

### 31. O velho e príncipe

Era uma vez um príncipe qu' andava à caça. E ele viu no campo um home c' um traje muito grosseiro, c' uma inxada, mas julgava qu' ele era um nalfabeto, não sabia nada, e o príncipe disse pró velho, muito velho, c' uns cem anos:

- Ó velho, muita neve há na serra.

Mas ele respondeu-lhe bem, disse-lhe assim:

- Assim o permite o tempo.

Qu' era os cabelos brancos. Tornou a repetir:

- Ó velho, come tamos nós lá d' longe?

O velho c' o traje grosseiro, disse para ele:

- Perto e mal.

Qu' era o ver, qu' não via.

Tornou lh' a dizer:

- Ó velho, come tamos nós lá de muitos?

O velho respondeu-lhe logo:

- Poucos e mal unidos.

Qu' era os dentes.

Ele julgava qu' o velho não sabia responder, mas respondeu, cum aquele traje grosseiro, c' uma inxada às costas.

[Joaquina Dias Rosa, Bairrada, Proença-a-Nova, Junho de 1984. Recolha de Maria dos Anjos Martins T. Henriques, redacção de Francisco Henriques]

### 32. A rapariga dos três namorados

Uma ocasião uma rapariga, bom, era rica, vivia bem e namorava três rapazes. Três ao mesmo tempo, im horas diferentes. Um era das nove às nove e meia. Depois esse saía, àquela hora tinha que sair. Intrava outro. Chegava à hora de sair ela mandava sair. Entrava o terceiro. Todos três. Namorou-os assim muito tempo, im horas diferentes, nunca s' ajuntavam uns c' os outros. Nim eles sabiam uns dos outros. Ela é qu' sabia. A certa altura ela viu: "estou na maré d' me casar. Nom posso casar com eles todos juntos. Tem que ser só c' um. E eu gosto deles todos três, tenho simpatia por qualquer deles. O qual é qu' há-de ser?"

Vou juntá-los aqui todos três e depois dos três é qu' eu escolho um."

- Tá bem, bom. Pensou nisso.

Disse pró primeire qu' vinha às tantas horas:

- Olha qu' tu, amanhã vinhas às novi horas, vens às nove e meia. Meia hora mais tarde.

- Tá bem.

Ó do meio:

- Amanhã vens à mesma hora.

E ó qu' vinha mais tarde:

- Amanhã vens meia hora mais cedo.

Qu' era pra juntar im pouco tempo todos os três. Bom, veio um, o primeiro. Bateu à porta, lá bateu à porta:

- Faz favor d' intrar.

Tinha lá uma sala onde havia cadeiras.

- Á, sente-se aí.

Sentou-se. Começaram a conversa, a conversa c' mós outros dias. Bom, daí a bocade, truz-truz à porta.

Outro, o segundo, quande foi a maré:

- Faz favor d' intrar.

Entrou, mandou sintar. Tanto o qu' introu como o qu' já lá stava ficaram assim surpreendidos verem aquilo, mas... ham... não desconfiaram. Não sabiam o qu' é qu' s' ía passar.

Mais conversa pra um, conversa pra outro. A gaja tinha conversa pra todos e tal. Nabanão, truz-truz. Foi o terceiro.

- Faz favor d' intrar.

Entrou e todos três assim... mas o qu' é isto? O qu' é isto aqui?

E todos assim... im sobressalto.

- Diz ela assim:

- Bom, eu tenho-vos namorado todos três e, tenho simpatia por qualquer dos três. Mas vocês já sabiam qu' eu só posso casar com um. É só um. Portante é só um. Então vou-vos fazer três procuras. Aquele qu' responder melhor às três procuras qu' eu lhe digo, é com esse com quem eu m' caso.

Bom, eles concordaram com isso também.

E um era um padre. O outro um oficial do exército e o outro era um militar.

Bom, o padre foi logo o primeiro a falar.

As palavras qu' ela precurou foi isto:

Respondam lá isto: Luza, formosura e trá-lá-lá.

O padre respondeu logo:

- Luza os meus altares, formosura nos meus santinhos e trá-lá-lá no meu pulpado. Eu é qu' a ganho.

Que ganhava e tal.

Pois o oficial foi:

- Luza as minhas espadas, formosura nos meus soldados e trá-lá-lá nos meus tambores. Eu é qu' devo ganhar.

O militar, esse ficou caladinho, num disse nada. Ó pé do oficial, do padre, já sabia qu' num fazia nada, caladinho num respondeu.

Diz-lhe o oficial assim pra ele:

- Rapaz. Levanta-te lá e responde a esta senhora o qu' ela te precura.

Ele encheu-se de coragem, levantou-se e disse:

- Já sei qu' nom é pra mim, mas é o mesmo. Luza os meus botões, formosura no meu caralho e trá-lá-lá nos meus colhões.

Diz ela logo assim:

- Este é qu' é o meu.

[João Pereira Eduardo, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques]

### 33. O padre e a criada

Um padre tinha três filhas. Tinha uma criada tamém. E elas qu' riam namorar, mas o padre não as deixava namorar... Porque, todas as cartas qu' elas escreviam, tinham qu' ir à censura por ele. Lia-as. E as qu' elas recebiam

tamém as lia primeiro. Num qu' ria qu' elas namorassem. E elas, podiam escrever c' as amigas o qu' elas quisessem, mas as cartas tinham qu' ir todas à censura.

Havia lá na terra um rapaz qu' era assim muito bem parecido, num tinha barbas nim nada. Muito bem parecido. E nabanão, namorava pro lá as cachopas. E toda aquela qu' ele namorasse, nabanão... montava. Furav' as pro lá todas. Im pensando nisso, furava-as.

Uns ricos da terra, uns ricos qu' lá haviam gostavam das filhas do padre. Queriam namorá-las, mas nom dixavam e desseram pra este:

- Ó rapaz, tu qu' és um fadista, qu' montas aí as cachopas todas, num és capaz de montar as filhas do padre?

Disse ele, o rapaz:

- O quê? Qu' dizes tu? Eu sou capaz d' montar as filhas do padre todas três e ainda inrrabar o padre plo cú.

E o gajo, o quê qu' ele fez? Foi, vestiu-se com fato de mulher, arranjou umas coisas pós peitos e era bonita, num tinha barbas, era bonito, era muito bem jeitoso.

É por isso qu' ele as enganava.

E o padre tinha uma criada. Tinha uma criada. E essa criada tinha-se ido imhora nesses dias. E foi imhora.

Ele depois foi, vestiu-se de mulher e foi-se oferecer lá a casa, pa criada, ó padre; se precisava d' uma criada, qu' ela ia pra lá. Depois vieram as filhas do padre, vieram ver. Gostaram dela e tal.

- Sim senhor. Precisamos d' uma mulher. Precisamos. Venha cá.

- Atão quante é qu' hás-de ganhar?

- O mesmo qu' a outra ganhava. O mesmo qu' ganhava a outra. Nom sei.

- Tá bem, atão anda cá.

E havia uma festa daí a três dias, onde o padre era o pregador dessa festa e ía à festa. E as filhas andavam a fazer galas, assim fatos, pra ir eu tamém à festa mais o pai. Prá apresentarem tamém as galas delas e trouxeram logo pra lá a criada. C' m' á outra tinha saído e era prá outra ir dromir lá pró quarto onde dromia a outra criada. Mas elas acharam-na tão jeitosa. E disseram assim:

- Nã, temos qu' arranjar o quarto lá primeiro. Pa ir lá dromir, arranjar o quarto dela. A outra era uma porcalhona. Tem lá tudo sujo. Agora nom a mandamos pra lá. Esta há-de dromir aí noutro lado qualquer.

- ã, dorme c' uma de nós esta noite. Dorme c' uma de nós.

- Á, tá bem, daqui a três dias temos qu' ir pá festa. Estamos aflitas c' o serviço.

Bom, quando foi à noite, mandaram-na ir dromir pá cama da... uma, bom uma. Vai dromir c' uma, vai dromir ca outra. Até qu' a mais nova é qu' disse:

- Nã, há-de ir dromir comigo. Á, vai dromir comigo.

Bom, mandaram-na ir deitar. Elas, cada uma dromia im sua casa, lá as filhas do padre. Cada uma im seu quarto e cada uma im sua cama.

E foi. A criada num sabia fazer lá o serviço.

- Bom tu vai-te deitar, vai-te deitar. Vais dromir prá minha cama. Nós ficamos a fazer serão.

Ficaram a fazer serão. Lá as galas delas pra ir prá festa e elas iam-se deitar mais tarde. Bom, quande foram mais tarde deitar, ela tava já deitada e tava voltada assim pró lado. A filha do padre, a mais nova, deitou-se ó pé dela.

- Chega-te pó pé de mim.

Assim e assado a fazer-lhe festas. Fez-lhe festas. O gajo tinha lá a coisa e começou-lhe a crescer e ela apalpou, viu o qu' aquilo era.

Ó! Bumba, saltou pra cima dela. Bom, aquilo foi à vontade.

Aquile passou-se. E no outro dia, quande s' levantaram todas, ela num disse nada e as irmãs disseram:

- Atão e depois, a Chica?

Ela chamava-se Chica.

- Ela dromiu bem. Tem um dromir muito macio. É muito bom. Esta noite há-de ir dromir outra vez mais eu.

Já lá a qu' ria outra vez.

- Não, não, não há-de dromir contigo. Amanhã há-de ir dromir comigo. Por força qu' há-de ir comigo.

E foi c' a do meio intão.

Aconteceu-lhe a mesma coisa. Foi a mesma coisa. Até que deram im saber uma à outra, as duas. A mais velha ainda não sabia. A mais velha disse qu' à outra noite havide ser com ela.

Disse uma prá outra:

- Vamos ver agora o qu' a nossa irmã lhe diz. O qu' ela faz quande s' lá encontrar.

Chegou a certa altura, bom, ele lá lhe saltou pra cima e ela queixou-se um bocade, lá a mais velha. Num gostou daquile e depois disse assim:

- Ai!

E elas tavam cá a ouvir, ó pé do quarto. A ver. Disseram elas logo as duas:

- Qual ai, nem ui. Aguenta qu' nós somos mais novas e tamém já aguentámos.

Deram im saber atão umas às outras.

No outro dia então foram prá festa. Qu' eram os três dias. O pai era o pregador e levaram o jantar pra comer lá. Levaram peru, galinhas cozidas pá festa.

E o padre quando viu assim, logo qu' ela pra lá foi começou a cobiçá-la.

No outro dia forim todos prá festa e elas queriam qu' ela fosse tamém pá festa e o padre num deixou. O pai delas num deixou.

- Não, ela tem qu' cá ficar a guardar a casa. Fica aí. Atão fica aí a casa sem ninguém? E fica aí, nós vamos todos e ela fica cá. Num pode ir, fica cá. Fica cá.

E num a deixaram ir e ficou em casa.

Ele, o padre, lá abalou mais as filhas. Lá prá festa. Quande foi lá a chegar, lá à terra, à festa, disse o padre:

- Ai eu, esqueci-me disto, aquilo, faz-me falta cá pó sermão. Tenho qu' lá ir buscar isso. Tenho qu' lá ir buscar isso a casa. Vocês ficam aí.

E vou lá buscar... a casa.

- Tá bem.

Ele cá veio a casa. Mas vinha c' o cheiro na criada.

Prá apanhar lá sozinha. C' as filhas lá num podia ser.

Chegou lá, tinha um sapateiro nuns baixos a trabalhar. Lá a bater sola num sê quê e lá tava a trabalhar e entrou pra casa e quande chegou lá ó pé do sapateiro, calculava qu' ela qu' nom desse. Queria-se agarrar a ela, ou tinha qu' ser a bem ou a mal, e diz pó sapateiro:

- Ó mestre, s' tu ouvires gritar pra cima qualquer coisa, bate com força im cima da pedra. Faz barulho, pra nom s' ouvir nada.

E foi scada acima e o sapateiro disse assim:

- C' a raio, quererá dar alguma sova na criada?

Lá foi pra cima. Lá foi ter com ela.

- Eu esqueci-me diste, anda cá tirar ó quarto, qu' é pra eu levar.

Assim c' a apanhou no quarto dele fechou-lhe a porta.

- Tenho qu' levar isto e tal. Mas dêto-me aqui agora um bocado e tal.

E mais isto e mais aquilo.

Diz ela:

- Ai nam sinhora, a minha honra. Eu nom quero perder a minha honra. Nam quero.

- Eu dou-te isto, faço isto...

Tanto ateimou com ela, qu' ele disse assim:

- Atão s' for assim pra perder a minha honra gostava de estrear à primeira vez uma roupa boa aí na cama.

- Tá bem, olha.

Abriu-lhe uma arca.

- Olha, tá aqui esta arca, escolhe a roupa qu' tu quiseres, à vontade prá cama.

- Eu num sei, escolha o senhor a roupa que quer.

Ele foi, dependurou-se assim da arca pra baixo pra escolher a roupa. Ela foi c' a tampa da arca e tapou. Deixou-o lá espendurado pra baixo c' o rabo pó ar.

Ele vai, pôs-lhe as calças pra baixo, puxou-lhas pra baixo e começou a furá-lo. Começou ele a gritar, a gritar, tava lá preso. E o sapateiro de cá, truca-catruca a fazer barulho pra num s' ouvir nada, truca-catruca.

Aquilo passou-se. Ele lá o largou e ele vei-se imhora e depois quando vei de cima disse pó sapatero:

- Atão tu num' ouviste lá a gritar? E não m' acudiste?

- Atão o senhor disse pra eu fazer barulho e foi aquilo qu' eu fiz.

Mas ele num soube do qu' se tratou.

Bom, o padre lá foi. Marchou. Foi-se imhora e ele lá foi ter c' as filhas, pá festa. Lá foi.

Fez a festa e nunca disse nada às filhas, ía todo triste.

No fim da festa foram jantar. No fim do jantar tinham lá pernas de galo, de peru, nom sei quê. Uma:

- Á, eu levo esta pernazinha tenra pá menina Chica.

E outra:

- Eu leve isto.

E outra disse assim:

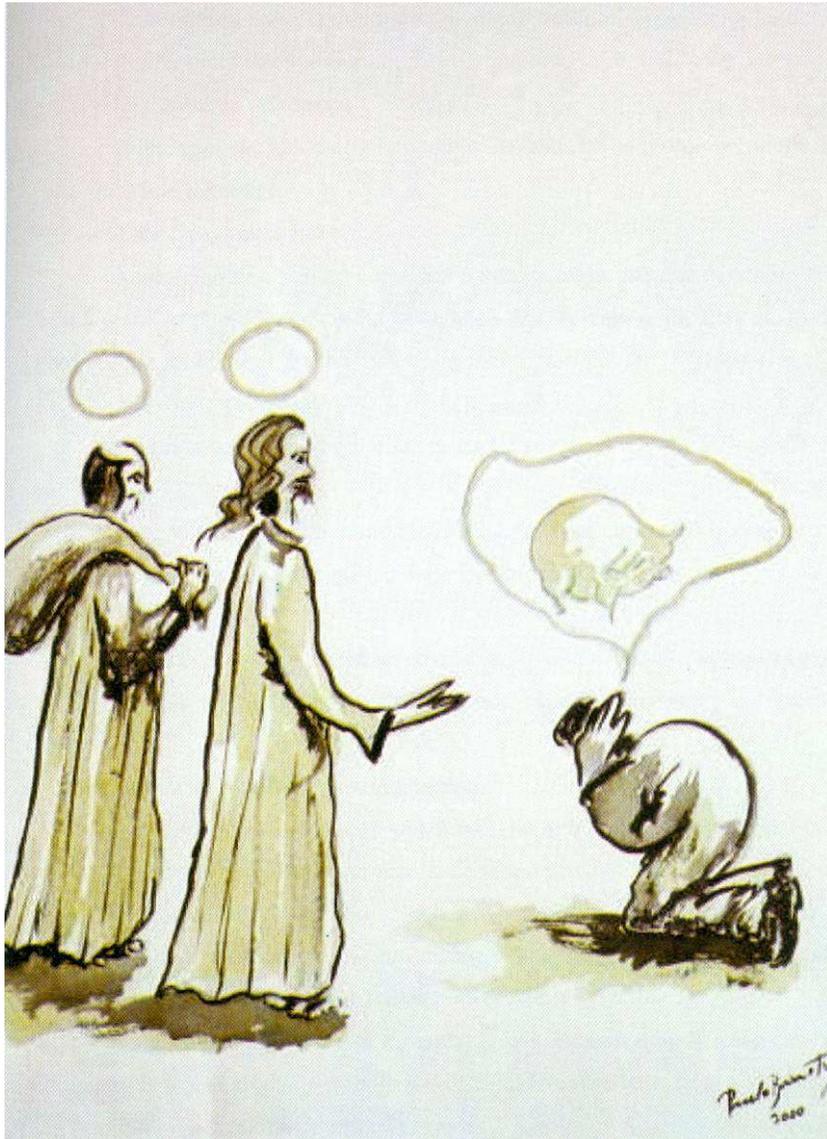
- Eu levo esta asa de Perú pá menina Chica.

Elas queriam é febra.

Diz o padre assim:

- Raios partam todas três. Esta leva perna de galinha, aquela asa de Perú. Amanhou-vos todas três e enrabou-me a mim po cú.

[João Pereira Eduardo, S. José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques]



#### 34. A filha do rei e o pastor

Era uma vez um rei que tinha uma filha, que tinha uma filha e que só casava com quem lhe dissesse as três adivinhas que ela num adivinhasse, pois um pastor andava lá e disse assim p'rá mãe:

- Ó mãe, eu vou lá!

- Tu vais lá a fazer o quei? Têm lá ido grandes sábios e todas as adivinhas ela adivinha, como é que agora lá vais?

- Mas eu vou. Arranje-me o farnel.

Ela fez o farnel e abalou. E depois ele quando lhe deu a fome chegou além e foi p'ra comer. Estava lá um bolo, mas o bolo estava cheio de bichos e ele deitou ó cão qu'era Fontes e depois o cão morreu, qu' tava o bolo envenenado, o cão morreu e vieram três corvos que comeram do cão e morreu tamém os três corvos.

Chegou mais adiante encontrou o que vim mas não o que não vim com palavras santas assei e comi. Pois ele pôs-se a pensar "Já tenho duas adivinhas".

Chegou mais adiante dê-lhe a sede no meio d' uma charneca, puxou po copo de viagem, parou p' ra beber e disse assim:

- Bebi água sim no chão ser chovida, nim no chão ser nascida. Já tenho as três divinhas, agora espera.

Chegou à casa do rei e disse assim:

- Atão meu rapaz?
- Eu venho pra fazer as três adivinhas p' rá sua filha num adivinhar.
- Atão vá lá. Diz agora a primeira.
- Olhe: o bolo matou Fontes, o Fontes matou três.

Ela andou, andou e nunca adivinhou.

- Diz a segunda.
- A segunda é assim: atirei ó que vim, matei o que não vim, com palavras santas assei e comi.

Depois tornou outra vez:

- Diz lá a terceira, meu rapaz, é a última agora.
- Olhe: parei numa charneca, puxei po copo de viagem, deu-me a sede, bebi água sim do céu ser chovida nim do chão ser nascida.

Ela não adivinhou e foi ele que casou com a filha o rei. No fim teve que lhe dizer as três adivinhas.

Solução: a mãe do pastor fez um bolo e o bolo estava invenestado. O cão qu' ele levava era o Fontes, pois comeu o bolo e morreu, pois no fim vieram três corvos comerem do cão e os três corvos morreram.

A segunda adivinha: atirei ó que vim, matei o que não vim. Atirou a um passarinho, nas trepas de uma oliveira e matou um passarinho que estava no chão. Com palavras santas assei e comi. Era numa igreja velha, fez uma fogueira e assou o passarinho e comeu-o.

A terceira é: ía de viagem numa charneca puxei po copo de viagem e bebi água sim do céu ser chovida nim do chão ser nascida. Era do suor de cavalo.

E, assim a filha do rei teve que casar com o pastor.

[Joaquina Dias Rosa, Bairrada, Proença-a-Nova, 9 de junho de 1984. Recolha de Maria dos Anjos Martins Tavares e redacção de Francisco Henriques]

### Entes sobrenaturais

Este grupo é constituído por 31 textos. Catorze deles foram ouvidos a pessoas oriundos do concelho de Mação, dez a pessoas naturais do concelho de Proença-a-Nova e sete a naturais do concelho de Vila Velha de Ródão. Lembramos que houve informantes chaves, para este grupo, que nasceram no concelho de Mação, viveram durante muitos anos no concelho de Proença-a-Nova e residem actualmente no concelho de Vila Velha de Ródão.

O sobrenatural manifestava-se, predominantemente, durante a noite consubstanciado na intervenção de bruxas, de lobisomens, de almas do outro mundo e sob a forma de “medos” vários.

Um mundo crente em entidades sobrenaturais e sem luz eléctrica facilitava as falsas interpretações.

Em muitos dos textos deste ciclo encontramos referências a pessoas que tiveram ou têm uma existência real e a locais da região que serviram de palco à manifestação do sobrenatural.

Alda e Paulo Caratão Soromenho (1964: 309), relativamente aos Contos Populares e Lendas de Leite de Vasconcelos, lembram que “*neste capítulo vive-se num mundo primitivo*”.

### 35. O comboio dos Portelinhos

Uma noite, quando o senhor Bento do Pereiro ia para o moinho, pouco depois de ter saído de casa, ouviu o soar de um comboio, coisa impossível naquele lugar. Mas, rapidamente apurou tratar-se de um lobisOMEM.

A correr, voltou para trás. Como encontrasse a porta da casa fechada, começou a gritar para a mulher e, como era gago, dizia:

- Qui, qui, qui ó Lúcia abre-me a porta que lá vem o comboio dos Portelinhos.

Entrou. Pouco depois, o lobisOMEM bateu na porta com tanta força que até lhe partiu uma tábuA. Ainda hoje lá se pode ver essa tábuA partida.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos T. Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

### 36. As bruxas da Ladeira

A um homem da Ladeira estavam-lhe morrendo as cabras e, para deslindar o caso, foi aconselhar-se com uma bruxa. Informou-o esta tratar-se de trabalho de outras bruxas. E recomendou-lhe, quando lhe morresse outra, que a migasse aos bocados e a fosse queimar no cimo da Serra porque assim que a queimasse, queimaria as bruxas que lhe vinham fazendo tanto mal. Ao morrer outra cabra o homem fez o que a bruxa mandara. Quando estava queimando o animal ouviu nitidamente os gritos das bruxas.

Na aldeia, no outro dia, viram-se algumas mulheres queimadas, uma até ficou sem uma orelha. Desta forma ficaram desmascaradas perante o povo.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos T. Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

### 37. A bruxa e o namorado

O senhor M. Fernandes do Pergulho namorava na povoação do Carvoeiro. Um dia, quando ia visitar a rapariga, no sítio do Lagar do Poçarrão, ele ouviu cantar e dançar para dentro do lagar. Curioso espreitou. E o que viu? Um baile de bruxas, no qual a sua namorada também participava. Um grande cão preto dominava o baile, era o Diabo.

O rapaz continuou e quando chegou a casa da namorada ela já lá estava, para grande espanto seu.

O rapaz, pouco satisfeito, começou logo a discutir. Ao que ela respondeu:

- Cala-te e se me descobres eu mato-te.

Mais tarde, foi o rapaz confessar-se ao padre do Pereiro. Expôs-lhe a sua preocupação e se devia ou não casar com ela. Respondeu-lhe o padre não haver qualquer tipo de problema ou impedimento.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos T. Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

### **38. A bruxa que quebrou a sina**

Era uma vez uma rapariga que namorava um rapaz há já muito tempo. Namoro que era contra a vontade dos pais dela.

Já um sem número de vezes o rapaz lhe propusera casamento, que falaria a sério com os pais dela e depois, certamente, acabariam por permitir. A resposta dela era sempre a mesma: que não o fizesse.

Por muito gostar dela o rapaz não desistiu e ía sempre insistindo com a ideia do casamento. Mas, havia ali qualquer coisa que ela lhe escondia, ela não dizia tudo.

Ao fim de grande pressão, após maiores promessas, a rapariga foi-lhe dizendo:

- Sabes, eu gosto muito de ti, mas não poderei casar contigo, porque sou bruxa e tenho de sair durante a semana, um certo número de dias, a certa hora.

E logo acrescentou:

- Mas se tu quiseres podes quebrar isto. Mas é muito perigoso.

E foi-lhe contando:

- As bruxas vão sempre para a Ponte de Santarém e põem-se todas em fila com o Diabo à frente.

Num dia acordado por ambos, ela poderia ser a última e ele teria de fazer o seguinte. Continuou ela:

- Terás de levar o aguilhão e um capote ou uma manta. Eu serei a última, espetas-me sem dó o aguilhão de modo a que faça sangue, porque se não fizer temos de te matar. Eu fico nua e sem aqueles poderes. Então, embrulhas-me no capote ou na manta que levores.

Na noite combinada lá estava o rapaz, cheio de medo, à beira do carreiro por onde elas deviam passar. Nessa noite a sua dama deveria ser a última, teria que a ferroar e esperar.

Elas aí vinham todas em fila e, ao passarem por, ele iam dizendo:

- Cheira-me aqui a carne humana, cheira-me aqui a carne humana.

E a rapariga do fundo da fila ia dizendo:

- Siga à frente, siga à frente.

Porque ela já sabia o que se passava.

Quando ela ía a passar, o rapaz espetou-lhe com força o agulhão e, logo ali, ela ficou nuazinha à sua frente.

Ele cobriu-a com o cobertor e foi levá-la a casa. Chegado lá disse para o pai da rapariga:

- Pegue, aqui tem a sua filha, não lhe bata, não lhe faça nada de mal que amanhã venho contar-lhe o que se passou.

No outro dia foi a casa do pai da rapariga e contou-lhe tudo o que acontecera. O pai, que até aí estava contra o casamento, mudou logo de opinião e disse ao rapaz:

- A partir de hoje podes casar com a minha filha e tudo quanto eu tenha passa a ser igualmente teu.

[Cesaltina Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova, Fevereiro de 1984.  
Recolha e redacção de Francisco Henriques]



### 39. O Cadela Branca

Um homem de nome Cadela Branca era lobisomem e passava quase todos os dias pela povoação de Capela. Um dia, outro homem desta povoação espreitou-o, e sabendo-o lobisomem picou-o com uma agulhada quebrando-lhe a sina. Ao fim, disse-lhe o homem que tinha acabado de perder os dotes de lobisomem:

- Tiveste sorte que eu não estava em roupa branca, senão matava-te.

E foi-se embora. Daí a uns dias, apareceu lá em casa com um burro carregado de pão para lhe oferecer, como reconhecimento pelo que lhe fizera. E disse-lhe que, enquanto lobisomem, o que mais lhe custava era subir a Serra quando se transformava em porco gordo.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos T. Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

### 40. A mulher do lobisomem

Uma mulher estava casada com um lobisomem mas, desgostosa, aconselhou-se acerca da melhor forma de quebrar tal sina.

Foi aconselhada a que durante a noite saísse atrás dele e, onde ele tirasse a roupa e se espojasse, ela deveria pegar nela e levá-la rapidamente a queimar num forno. O forno devia estar já a arder para não perder tempo.

Quando acontecesse, o lobisomem chegava imediatamente. Entretanto a mulher não lhe devia abrir a porta, só depois dele a chamar pelo seu nome três vezes.

Se assim não se precavesse ele ainda a poderia matar.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos T. Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

### 41. As bruxas do Ribeiro

Conta-se em Rabacinas que, ao irem as pessoas durante a noite para o moinho do Ribeiro, verificar o seu bom funcionamento, uma dessas pessoas via à sua frente uma luz e o outro, por muito que o primeiro se esforçasse em indicar-lha, não a via.

Tentação de bruxas, diziam.

[Cesaltina Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova, Fevereiro de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques Fevereiro]

### 42. O rapaz destemido

Se não era num sítio era noutra, toda a rapaziada se juntava ao serão, depois da ceia, para conversar até às tantas.

Não sei porque motivo, começaram a falar de almas do outro mundo, de medos, do perigo de ir ao cemitério durante a noite e coisas assim. Às tantas, diz um rapazote:

- Eu aposto com vocês em como sou capaz de ir sozinho ao cemitério durante a noite.

Os outros fizeram pouco. Um trinca-espigas como ele ir ao cemitério durante a noite?!

- Nem o mais pintado quanto mais tu. Disse logo um.

O rapazote levou aquilo em opinião e então, pôs o capote pelos ombros e abalou.

Saltou o muro e ficou dentro do cemitério. Ao andar por entre as campas sentiu-se preso. Puxou e não vinha. Puxou mais e mais e continuava a sentir-se preso. Pensou ser uma alma do outro mundo a puxá-lo e morreu de susto quando, tinha sido o capote que se prendera numa cruz.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques, versão ouvida quando era criança em Vila Velha de Ródão]

Na página 342 do primeiro volume dos já citados Contos Populares Portugueses (Soromenho, 1984), encontramos uma outra versão deste conto, estando registada como oriunda do Peroledo (freguesia de Fratel).

### 43. O medo do Alto da Piloteira

Conta-se ter-se esta história passado com o meu avô e o seu irmão.

Era inverno, a noite vinha cedo e a hora já ia espigada. Vinham lado a lado pelo caminho estreito.

Às tantas, logo após o Alto da Piloteira, um começou a ouvir um ruído de passos atrás e disse ao irmão:

- Ó Luís, mas eu ouço gente a sapatear, podemos esperar, vamos todos juntos.

- Cala-te, vamos embora.

Pouco tempo mais, dizia a mesma coisa e o irmão dava-lhe a mesma resposta.

O meu avô estranhava o que o seu irmão ouvia porque ele mesmo, não ouvia nada. Via um grande cão preto que quase lhe roçava as pernas, as dele e as do irmão Zé.

Estranhou também que o irmão não lhe fizesse qualquer referência.

Seguiram caminho, mas ao chegar à Barroca da Sarnadinha o cão desaparecera.

No outro dia calharam a falar do assunto e o Luís perguntou ao irmão:

- Olha lá, tu ontem à noite não viste um cão negro que nos acompanhou desde o Alto da Piloteira até à Barroca da Sarnadinha?

- Eu não. Respondeu o irmão espantado.

- Atão, tantas vezes que ele te roçou as pernas.

- Não vi nada, tu não ouvias passos atrás de nós?

- Não, não ouvi nada.

[José Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova, Fevereiro de 1084. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

#### 44. O coice do lobisomem

Ambos entraram no moinho. Acenderam a candeia e puseram-se ao trabalho.

No fim, deitaram-se sobre sacos vazios e entre taleigos, mais para descansar do que para dormir.

Mas, quando um deles enchera as bochechas e se debruçara sobre a laje grande do poial para apagar a candeia, ouviram-se dois grandes coices na porta. O moinho tremeu. Apagou-se a candeia. Ficaram aterrorizados e silenciosos.

Reacenderam a candeia. Que desalinho! A mó continuava a girar, mas o telhado ficou limpo das teias de aranha. Tal a violência do coice.

- Obra de cavalo. Disse um.

- De lobisomem. Disse o companheiro.

Não dormiram o resto da noite e mal falaram.

Ainda mal a manhã nascera, já os dois irmãos procuravam na porta sinais de ferraduras.

- Dois coices daqueles tinham de deixar marcas.

- Mas não deixaram, não se vêem. Disse o outro.

- Só pode ter sido o lobisomem. Sabes que eles não podem ver luz. Viu-a, atirou-se contra a porta, apagou-se a candeia e com a escuridão afastou-se. Foi o que nos valeu.

- Á, quem nos vai acreditar?

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

#### 45. O meu avô e a bruxa

Esta outra história dizem ter sido igualmente passada com o meu avô, mas ele jamais relevou o nome da mulher interveniente.

Durante o Verão, preferia o meu avô dormir no balcão da casa, uns dois metros acima do esterco que cobria a rua estreita. Essa preferência estava

relacionada com o trabalho. Se dormisse num quarto interior, quando acordava já a manhã ia alta. Dormindo aqui, antes de ela raiar levantar-se-ia e ia à vida.

Certa noite, quando estava neste seu posto, ouviu uma bruxa falar. Ia na direcção da Eira e reconheceu a mulher pela fala.

No outro dia, encontrou a mulher na rua e perguntou-lhe:

- Olha lá, na noite passada, para onde é que ias aquela hora? E a falar.

A mulher respondeu:

- Nós íamos dançar à eira, mas se me descobrires, eu mato-te, tão certo como eu e tu estamos aqui.

O segredo morreu com o meu avô.

[José Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova, Fevereiro de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

#### 46. A namorada do Vale d'Água

Informaram-me ter sido o meu pai o protagonista desta história, entretanto nunca ele me revelou.

Era novo e namorava na altura uma moça no Vale d'Água. Às tantas da noite, e depois de estar com ela, vinha para casa, a pé como era natural para aquela época e lugar.

A moça gostava muito dele e certo dia aconteceu o seguinte: namoraram pela noite dentro e devido ao adiantado da hora teve que regressar. Despediu-se, saiu, mas a partir daí não soube de mais nada. Desconhece como e onde passou a Ribeira do Alvito. Desconhece como atravessou a Serra por veredas quase irreconhecíveis.

Teria vindo a dormir todo o tempo? E nem ao menos acordaria ao atravessar a Ribeira do Alvito? Pois atravessá-la sem acordar era quase impossível, pois tinha que se despir e fazer, pelo escuro, grande equilíbrio sobre os saltos da ribeira.

Recorda foi ter chegado a casa da Tia Antónia, já às portas de Rabacinas e, logo após, ter passado as mãos pela cabeça de uma rapariga, afagando-a e espetando-lhe os dedos no cabelo.

Depois deu-lhe vontade de verter águas e verteu.

Chegou a casa.

No outro dia, antes da manhã romper, lembrou-se do acontecido e disse para os irmãos:

- Ontem aconteceu-me isto assim assim..., não sei se sonhei ou se foi verdade.

Para se certificar, pegou na roçadeira com a intenção de ir ao mato e tomou o caminho que utilizara na noite anterior.

Ao chegar junto do sítio onde mijou, ou sonhou ter mijado, viu claros indícios de o terem feito recentemente.

Então pensou: "aquela mulher é bruxa, gosta muito de mim, como era tarde pegou-me e veio trazer-me a casa."

[José Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova, Fevereiro de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

#### 47. Mestre Luís e a chiba embruxada

- Fique cá Ti Luís, dorme ali no palheiro. Já não são horas de ir para Rabacinas.

- Não, não, vou dormir a casa e amanhã estarei de volta.

- Atão, mas vai a esta hora atravessar a Serra? Sozinho? Admirou-se a mulher.

- Sozinho mais Deus. Disse baixo. Quem não deve não teme.

Após o jantar, Mestre embrenhara-se na noite. Só os cães ladravam, mesmo assim só a forasteiros.

Acabou por se meter pela vereda da Fonte que o levava à Serra. Só o conhecimento do atalho fazia com que o não perdesse.

A noite é para os cães e para os homens. E era uma verdade.

- Ó! É mesmo!... Admirou-se o Ti Luís. Uma chiba a berrar!? Cochichou para si.

Tresmalhara-se pela certa, àquela hora e naquele local. Estaria a meio caminho, em plena Serra, e só um pensamento lhe ocorreu, agarrá-la e levá-la. Mas passou um bocado atrás dela.

Era esquiava o raio da bicha. Fê-lo cansar.

- Mas que belo animal, valeu bem a pena. Desabafou para consigo.

Lançou a chiba para os ombros e avançou.

Seria do cansaço natural!? A chiba parecia cada vez pesar mais. Nisto sentiu-se molhado, a quase totalidade do dorso foi inundado por um líquido quente e de cheiro familiar.

- Já me mijou a velhaca. Concluiu o viajante.

Já não duvidava, a carga cada vez se tornava mais pesada. Começou a ganhar consistência a ideia de que transportava uma bruxa. Uma bruxa!?... E ele que nunca acreditara, apesar de ouvir tantas histórias.

Mais uma partida. Desta vez o animal deixara-lhe marcas de excrementos no casaco e um cheiro ainda pior do que o primeiro. O peso duplicara ou triplicara, tinha que se desfazer dela. Pensou e não esteve com meias medidas. Reuniu forças e com uma raiva cega de vingança lançou a chiba contra as pedras.

- Arrebenta coirão. Vociferou.

O animal ganiu e fugiu à carreira. Ouviu-se depois uma longa gargalhada entrecortada com as expressões, "bem te caguei e bem te mije", "bem te caguei e bem te mije".

À qual o Mestre Luís respondia:

- Tamém levaste uma forte bocada, tamém levaste uma forte bocada, bruxa dum ladrão.

Exausto e sem pinga de sangue chegou a Rabacinas. A aldeia estava vazia àquela hora, mas nunca a sentira tão acolhedora nem lhe transmitira tamanha segurança.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

Este texto possui algumas semelhanças com o conto intitulado "Na Estalagem do Mânjoala", da autoria de Ion Caragiale, o qual integra uma colectânea de Novos Contos Romenos (Portugália Editora, Lisboa, 1946, 343 p.) elaborada por Victor Buescu.

Assunção Vilhena (1995: 106) nas Histórias Fantásticas faz um pequeno registo semelhante ao anterior.



#### 48. As varas embruxadas

Dia seguinte ao da matança. No meio da casa havia uma boa alguidarada de chouriços para encher. O trabalho prolongou-se pela noite dentro. Às tantas faltaram varas e a dona da casa disse ao homem:

- Vai aí à rua e traz varas.

Este abriu a porta num acto obediente mas, conforme a abriu para sair, entraram-lhe as varas de rompante pela porta dentro e vieram-lhe cair aos pés.

- Aqui tens as varas. Ouviu ele dizer.

Mudos e sem pinga de sangue fugiram, com medo que fosse obra de bruxas.

[Maria dos Anjos M. Tavares Henriques, Bairrada, Proença-a-Nova, 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

A narradora refere que esta ocorrência teve lugar em Caniçal, Proença-a-Nova.

#### 49. Por baixo de toda a folha

No tempo em que ainda havia bruxas. Sim, porque agora já as não há, é que os fios eléctricos acabaram com elas. Bruxa que tocasse em fio eléctrico, era uma vez bruxa.

Nesse tempo também os sapateiros iam de casa em casa, consertar o calçado da família. Porque agora, como sabem, já não vão.

Assim, estando o sapateiro a trabalhar por conta de uma viúva e não se livrando ela da fama de bruxa, todo ele era curiosidade. Seguia-a com os olhos para todos os cantos da pequena casa. Em cada gesto ou expressão interrogava-se se não seriam aquelas palavras ou atitudes a chave do segredo.

Já em pleno serão, esgueirou-se a mulher para a outra divisão. É agora, pensou logo o sapateiro. Nervoso, esperou um pouco e como não voltava, parou o trabalho e vá de espreitar a patroa.

Estava nua no quarto e besuntada da cabeça aos pés. Medroso, o sapateiro pensou fugir, mas estava pregado àquela imagem, àquele corpo reluzente e nisto disse a mulher:

- Voa, voa por cima de toda a folha.

E desapareceu.

Deixou o pobre homem ainda mais curioso, mais intrigado e nervoso.

Entretanto, durou este estado um só momento, depois, como que revestido de uma coragem que desconhecia em si, despiu-se, besuntou-se também com o linimento que a patroa usara e disse:

- Voa voa por baixo de toda a folha.

O que ele foi dizer! Voar voava ele porque não levava os pés no chão, mas era por debaixo das árvores e arbustos. Enganara-se no dito e agora ali estava

cheio de arranhões, ensanguentado, a presenciar o arraial das bruxas, onde estavam todas nuas uns metros mais à frente.

O acesso ao arraial era controlado pelo Diabo, que com o rabo de fora o dava a beijar a cada uma que chegava. Perdido por cem, perdido por mil, o sapateiro entrou e então, como se todas estivessem à espera dele, fizeram-lhe uma grande festa e no baile só queriam dançar com o sapateiro.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 50. Os dois almocreves

Qu' era assim dois almocreves. Depois, um saía sempre muito cedo e o outro ficava até mais tarde e quando passava por ele dizia assim:

- Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.

Sempre d' zia aquile pra ele e andavam despicados um c' o outro e um dia brigaram e um tirou os olhos ó outro. Esse que ficou sim os olhos ficou lá debaixo duma ponte e de noite sentiu um barulho, eram as bruxas a bailar. Fizeram um baile em cima da ponte e cantaram lá muitas coisas. Disseram assim:

- Olha aqui, debaixo desta ponte há muita virtude, há lá uma fonte qu' dá vista ós cegos.

Ele ficou todo contente.

- Há aqui uma fonte, debaixo desta ponte qu' dá vista ós cegos.

- Im tal, uma terra tal, tanta falta d' água qu' há, tá tude a morrer c' um sede e tanta água qu' lá há im tal parte, basta dar uma cavadela e há quanta água queiram. E tá a morrer de sede.

A filha do rei tamém stá pra morrer e tamém num tem solução.

- Se isto for verdade, aquilo qu' eu ouvi...

Foi às apalpadelas molhando as mãos em todas as poças qu' ele achava; ia molhando, ia molhando e lá achou a tal fonte. Ficou a ver.

- Sempre é verdade aquilo qu' elas d' sserim.

Foi, foi lá à tal terra, tava tude a chorar, tude triste, tude àrranjar as coisas pra s' ir imbora.

- Atão o qu' é qu' há aqui, tá tude tão triste?

- Atão num temos nada d' água, tá tude a morrer c' um sede, num há água.

- Deixem-me cá ver um enxadão.

Deram-lhe uma enxada. Foi ali dar umas cavadelas onde ele tinha ouviste dizer. Correu logo ali água ós montes.

Deram-lhe muito dinheire, até ele querer. O homem ficou tão contente.

Depois disse assim:

- Agora vou ver da filha do rei, vou ver s' é verdade.

Foi. Lá foi à terra onde tava o rei, os sinos tude a tocar, tude a tocar, os sinos a tocar.

- Atão porque stão os sinos a tocar?

- É a filha do rei qu' stá a morrer.

E ele foi lá e disse assim:

- Atão o quê qu' a sua filha tem?

- A minha filha stá a morrer.

- Eu sou capaz da sarar.

- Se você for capaz d' sarar a minha filha, dou-lhe metade dum condade.

Ele ficou tode contente e disse assim:

- Arranjem-me aí uma caldeira cheia de lête a frever. E eles freveram uma caldeira grande cheia de lête e ele deborcou pra ela, qu' tinha uma bicha, ou num sei o qu' ela tinha e pôse-a pra cima da caldeira do leite e a bicha saiu com chêre do lête e ela sarou.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 51. O baú da Cova das Bruxas

Numa das passagens pela Cova das Bruxas, a Sr<sup>a</sup> Belo viu um baú escondido no meio dos arbustos. Meio espantada, foi logo falar com o seu compadre, que era barqueiro na Lomba da Barca, a quem contou todos os pormenores.

O barqueiro, que era esperto, disse que naquela noite não lhe convinha lá ir, mas que poderiam ir na seguinte.

Na noite combinada lá foram, mas nada encontraram.

Só que daí para a frente, a situação financeira da família Ferro se alterou por completo, compraram propriedades e viviam bem.

Conclusão: espertos foram os Ferros e trouxas os Belos.

[João Dias Caninas, Vila Velha de Ródão. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 52. Bruxas do Vale Pinhora

O Tónho do Pereiro qu' namorava a minha prima da Fêtera e tava lá im Lisboa e veio pra vir cá à inspecção (isto foi no tempe das cerejas) e à tarde veio na camioneta das duas pró Carvoeiro. Foram às cerejas e ficou pro lá a namorar a cachopa. E depois ficou pro lá a namorar e comerim a ceia à noite, mas não

beberam muito, qu' naquele tempe não havia tantas farturas de vinhe. Mas qu' não boberam pra s' imbobedarim nim pra nada.

À noite quande ele saiu d' lá, num sei qu' horas eram, às tantas da noite desceu o pove pra baixe e só soube que desceu o carreiro à casa do mê tio até chegar ó caminhe dos carros. Quando desceu do carreire, que viu assim uma coisa, qu' num sabe o qu' é que foi e qu' nunca mais soube onde stava. Só acordou no outro dia com um bocade de sol, p' ó Pereiro, p' ó lade da ribêra, ó pé do P'çarrão, ó pé da eira do ti Martins do Pereiro. Acordou aí só c' as cuecas e viradas do avesso, deitadinho e com os pés a tombar pra um poço e todo molhado. As cuecas tavam todas molhadas.

A minha irmã tava a stender roupa no arame, pois já era de dia, e viu-o lá passar. E ele qu' nim falava nim dizia nada e o relógio desapareceu. E já num pude ir à inspecção naquele dia porque a carreira já tinha abalado. E acordou assim na beira d' um poço. Nunca soube pr' onde andou e com o corpe moíde, moíde c' m' ó sal. O relógio nunca mais apraceu e o fato, que foi a uma bruxa e qu' o apanharim lá pra uma pedreira. E ele num ia bêbede nim nada.

Isto devia ser as bruxas, num tinha outra coisa, ele num vinha bêbede. Acordou no Vale Pinhora, chama-se lá o Vale Pinhora, ó pé do poço do ti António, deitado.

E depois eles saíram, foram a uma bruxa, e ela disse-lhe "você teve muita sorte, você era pra ter morrido e alguma coisa o livrou"

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 53. O medo do Pereiro

O Luís Manuel do Rei foi muito atentado. A casa dele é logo perto da casa do mê pai. Qu' vinha de jogar as cartas, ia sempre jogar as cartas, ia sempre pra casa desse senhor do Brasil, do Júlio. Quando chegava a casa, ele tinha dois cachopos, a gaiata, desde qu' chegasse a meia noite, era chorar, chorar, chorar, chorar sem parar e ele uma vez vinha d' jogar as cartas e viu assim como fosse um vulto, como fosse um vulto, não sei o quê qu' era na rua.

Não. Ele primeiro foi pra casa, vinha de jogar as cartas e foi pra casa primeiro e depois daí a nada viu os chibos a berrar, o palheiro dos chibos era logo ali ó pé da janela, em frente. E ouviu os chibos a berrar.

- Raios parta os chibos qu' tão pra lá a berrar.

(Ainda não havia luz no Pereiro).

Alevantou-se e foi à porta e quando chegou à porta viu assim um vulto, uma coisa tão grande e avintou-lhe uma pedrada atrás daquilo. E aquilo qu' abalou pra baixe e ele foi pra fechar a porta e qu' foi difícil fechar a porta; qu' era ele a impurrar a porta pra um lado e aquilo p' ó outro. E as cabras que continuavam a berrar e a cachopa chorava, chorava sem parar. Aquilo ficava a bater na porta, depois até quase de manhã cedo. Toma, toma, toma, na porta.

Teve qu' ir a um benzilhão, a uma bruxa várias vezes.

Ele era muito atentado com aquilo. A cachopa até qu' nom chegasse aí as quatro horas da manhã, num sossegava. Estava magrinha, magrinha, magrinha com chorar. E dizem qu' foi pior o pai aventar a pedra atrás daquilo.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

#### 54. Gritos na madrugada

Uma vez a minha mãe stava a amassar, de madrugada, era assim numa divisão da casa, à parte, aonde a gente tem hoje a adega. O mê pai stava na cama ainda.

Às tantas, stava lá e parece qu' ouvia uns gritos tão grandes, tão grandes: hãim, hãim, assim a gritar, e o mê pai tava na cama, veio à porta:

- Ó Maria, oi Maria. Gritando.

- Cala-te, cala-te. Dizia a minha mãe com voz abafada e cheia de medo.

O mê pai ainda pensou qu' era a minha mãe.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

#### 55. O medo do Vale d'Água

O mê pai também... qu' uma vez forim ós peixes, ó engano. Ó engano, apanham-se os peixes só na corrente, é pôr e alevantar a rede, só pôr e

alevantar a rede. Quande os peixes estão a desovar, é só de noite, e põe e tira e põe e tira e qu' andavam no Vale d' Água a pescar ó engano. O meu pai mais um pastor, aquele que lá tinha, porque ele tinha lá sempre assim um pastor, qu' era o Ti Isidro Seca e diz qu' ouviu tanto barulhe p' la quela ribeira abaixo, p' la quela cascalheira da ribeira abaixo, partia a cascalheira toda. E era o mê pai assim:

- Ai, tá um aqui tão grande, tão grande!

E era assim o Ti Isidro Seco:

- Vamos imbora, vamos imbora, vamos imbora, vamos imbora.

- Não, vamos aqui mais pra cima.

- Não, vamos imbora, vamos imbora.

E ó fim disse assim, quande foi p' lo Vale d' Água acima.

- Ó Arturio, quando stavas a dizer que aqui stava um tão grande, se tu visses tanto barulho que vinha p' la quela barrera abaixe, tanto barulhe, tanto barulhe.

E depois aquile passou ó lado e o mê pai nunca s' apercebeu d' nada, com barulhe d'água e sempre assim a falar. Diz assim o outro:

- Tanto barulho. E quis-se logue fugir pra s' ir imbora.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]



### 56. Zaragata por uma princesa

Era um rei que tinha uma filha e dava-a ó que fosse..., havia uma discussão entre,... aparecesse lá homens de qualquer lado, fosse d' onde fosse, com espadas e fossem à zaragata. Como era nas guerras. Aquele que vencesse é qu' à ganhava. Depois vinham lá uns e outros e era d' infiaada e lá se juntaram, à zaragata uns c' os outros e tal, com espadas e tal, e houve um que venceu. Mas era de muito longe. Venceu e depois ó resto o rei entregava-lhe a filha.

Mas nom era... pois... e ela quande ele venceu ofereceu-lhe um relógio, um relógio d' oiro, naquele tempo já havia relógios d' oiro. Recebeu o relógio e lá o levou, foi pra casa. Lá o levou. Mais tarde ouviu-se dizer que havia o casamento, ele não sabia quande, era de muito longe e... houve um qu' sa foi lá apresentar dizendo que foi ele que ganhou. Depois, aquile, faziam festa na véspera do casamento. Quande foi à noite houve baile e tudo. Houve isso tudo, a festa foi antes e ele sem saber de nada. Ele não sabia de nada, tava muito longe, num foi avisado, num sabia de nada, nim eles sabiam, nim eles sabiam qual era o qu' a tinha ganho e... a certa altura, ele tava lá muito longe e apareceu-lhe lá uma águia ó pé dele, disse qu' a tinha ganho, e ele procurou à águia:

- Atão d' onde é qu' tu vens?

- Eu venho de muito longe, muito longe.

- Atão d' onde é que vens?

- Venho de tal parte assim, assim, há lá um casamento assim, filha d' um rei... qu' a ganhou...

Lá contou aquile. E ele diz-lhe assim pra ela:

- O qu' ei?

- Olha: tu és capaz d' me lewares até essa altura, és capaz d' me lá lewares?

- Levo. Mas isso leva muito tempo, leva tempo. E é uma viagem que como muito, é preciso mandares assar um boi, assá-lo e uma barrica d' água pra m' dar até lá chegar.

- Tá bem.

Ele mandou assar um boi e, ela podia com tudo, e levou a barrica d' água.

- Quande eu te pedir carne dá-me água; quande eu te pedir água, dá-me carne.

- Tá bem.

E ele lá ia e levou-o lá. Chegou mesmo à maré, já tava... Era com antecedência, mas... chegou lá à maré. Já à noite, já tude nos bailes, lá na festa e ele apresentou-se lá. Num disse nada.

Foi, andou por lá tamém, andou, andou, quando foi ó resto, qu' o serão tava quase passado e ela, lá a princesa e procurou assim:

- Que horas são?

- Faz favor de ver.

E ela olhou pró relógio e conheceu o relógio.

- Este relógio foi o qu' eu oferecim.

- Pois foi , qu' m' ofereceu a mim, qu' fui eu qu' ganhei.

Ela quande viu aquile, tava inganada, mandou logo o outro imhora.

- Vá-se imhora.

E ficou com ele. E depois ficou com ele e ele levava um anel d' oiro qu' os pais dele lhe deram pra oferecer a ela quande lá chegasse. Lá veio e seguiu com ela e foi-se imhora. Foi passear. Pois, lá andaram, andaram e depois lá descansaram à sombra de uma árvore. Depois ela deitou-se e deixou-se dromir e o anel, qu' ele lhe ofereceu, tinha-o embrulhado num papelzinho e tinha-o ali ó lado.

Quando ela tava a dromir, mais ó menos, ele nom tava a dromir; veio uma águia de repente e pega no anel e abalou com ele. Quando ela abalou c' o ele, ele fugiu atrás da águia pra ver onde ela deixava cair o embrulho e buscar o anel. Correu, correu, correu e a águia entrou no mar, entrou na água. Pois ele já num pude avançar, pegou num bote a ver s' ainda conseguia apanhar a águia. E ela naturalmente deixou cair aquilo no meio da água, no mar, lá o embrulho.

Bom, ele foi, foi, andou lá, demorou-se muito tempo. Ficou lá muito tempo e ela quande acordou, não o viu, nunca mais o viu, olha.

- Malandro, deixou-me, fugiu.

Nunca mais o viu.

E vei-se imhora, vei ter... sabia onde era a terra do pai dele. Qu' ela sabia onde ele era e foi ter à terra do pai dele.

Mas nunca o viu lá e num disse qu' im era nim nada. A ver s' ele lá stava, de forma que os pais dele eram ricos, tamém tinham multe e formaram lá um hospital, lá nessa terra, os pais dele, depois as pessoas davam pra lá muita coisa prá aguentar o hospital e alguns doentes qu' apareciam iam pra lá.

Fugiu..., já num voltou pra trás. Se voltasse já num a encontrava e ficou pro lá. Foi, passou lá pro mar, pra outra nação, teve lá multe tempo e ainda arranjou lá fortuna, multe dinheire. E nessa altura foi quande se formou o hospital lá da terra dos pais dele, d' onde ele era tamém. E havia muitas pessoas que davam coisas lá pró hospital, pró aguentar e ele já tinha multe e mandou de lá uma barrica cheia de libras em oiro dizendo qu' era sal. Pôs sal pro fora e pôs as libras d' oiro dentro e despachou-as de lá, qu' eram pró hospital. Qu' era um donativo que dava.

E ela depois foi lá ter a casa dos pais dele e num tinha pra unde ir. E convidaram-na a ela pra enfermeira do hospital. Ela foi pró hospital. Lá tava e ganhava a vida dela.

E soube então qu' ele era de lá e conheceu atão os pais dele e os pais dele disseram que... Qu' ele tinha abalado e nunca mais apareceu. Mas ele depois escreveu ós pais. Onde ele stava, tava bem e quande mandou aquela barrica cheia de libras em oiro e ela então já sabia qu' eles eram os pais dele.

Conhecia-os bem, mas ela nunca se deu a conhecer quim era, nem quim ela era. Ela já sabia quim eram os pais dele. De forma que quande veio a barrica cheia d' oiro lá intragaram aquilo no hospital.

Mais tarde ele adoeceu lá. Ele já sabia qu' tava lá o hospital e tudo muito bem preparado e... adoeceu, pensou im vir prá terra, pra se curar; prá terra dos pais dele. Já lá havia o hospital, d' onde ele já tinha mandado aquela barrica co libras em oiro.

Pois, ela já sabia qu' ele tava lá. Ela sabia qu' ele tava lá e que vinha. Mas ele nunca se deu a conhecer quim era, quande ele chegou lá doente, pra ir pró hospital. Apresentou-se lá no hospital. Ela sabia qu' ele que vinha, e sabia qu' ele tava lá bem. Ela sabia a vida dele lá pôs pais dele cá, qu' ouvia dizer.

Veio pró hospital. E ela foi apraceu-lhe, a enfermeira apraceu-lhe lá ó pé e ele começou a olhar pra ela assim duvidoso e diz ele assim:

- Poderás ser qu' nom sejas tu, mas parece, ma parece.

Ela quase que o reconheceu e ele sabia bem qu' era ela qu' tava lá.

- Poderás ser qu' nom sejas tu, mas talvez...

Mas estava na dúvida, só com aquelas coisas. E ela então quande ele tava naquelas dúvidas foi, saiu de lá, foi vestir o fato qu' ela tinha no dia qu' ela saiu mais ele. Ela viu logo qu' ele qu' a tava a conhecer e apraceu-lhe vestida no outro dia.

- Sou eu ou nom sou?

- És mesmo.

Ficou aquile tudo muito bem. Lá ficaram os dois e os pais dele tudo ali. E ele foi pra director do hospital.

[João Pereira Eduardo, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 57. O moleiro e os príncipes

Eram uma vez duas irmãs. E uma disse assim prá outra:

- Eu sonhei qu' casava c' o rei. Eu sonhei qu'casava c' o rei e tinha três meninos, cada um com sua estrela d' ouro na testa. Três gémeos, cada um com sua estrela d' ouro na testa.

E a outra ficou a rir-se pra ela e disse assim:

- Tu há-des casar tanto c' o filho do rei como eu hei-de fazer uma combinação sem nenhum ponto.

E depois elas moravam lá assim num campo e o rei era caçador e passou lá à caça e gostou muito dela. Depois casou com ela.

Depois a mulher andava grávida e teve os três meninos, todos três c' uma estrela d' oiro na testa e depois o rei num stava lá. Quando ela teve as crianças a irmã qu' era velhaca pôs lá três sapos ó pé dela.

Quando o rei chegou, disse assim a outra pra ele:

- Olhe, vê os três meninos, três sapos.

E o rei ficou com tanto desgosto qu' a mandou pôr à porta do palácio e que toda a gente lhe cuspiasse pra cima.

E a outra pegou nos meninos quando eles nasceram, pôs lá os três sapos e meteu-os dentro d' um cesto e avintou-os à ribêra abaixo.

Avintou os meninos à ribêra abaixo, forim ter à levada do moinho do moleiro, e faltou a água no moinho e o moleiro foi lá ver e tavam lá os três meninos no cesto cada um com sua strela d' ouro na testa, ele criou-os mas sempre le tapou a testa. Andavam c' um barretinho, sempre c' um a testa tapada e eles andavam pro lá a brincar e o rei andava pro lá sempre à caça e gostava muito dos meninos, conversava muito pra eles e gostava muito deles. E o rei procurava assim pra eles:

- D' quim vocês são?

- Samos... samos... samos...

Num d' ziam mais nada. Só d' ziam samos. O moleiro só os tinha ensinado assim, pra eles nunca s' destaparem e só d' zerem aquilo. O moleiro via-os muitas vezes falar pró rei, e sabia da história, mas nunca lhe disse nada.

E depois o rei gostava muito deles e convidou-os pra irem lá a casa dele, a comerim um jantar. O moleiro deixou-os ir. E o moleiro disse assim pra eles:

- Vocês vão lá mas num comem nada. Num comem nada. Nim bebem nada. Porque aquele home é o vosso pai. Aquele home é o vosso pai e aquela

mulher qu' stá lá à porta, onde toda a gente cospe, pra cima dela é a vossa mãe. E vocês num comim nim bebim nada sim aquela mulher star lá.

Vocês dizim pra eles qu' nom querim c' mer sim aquela mulher qu' está lá à porta vir tamém pá mesa. E vocês levim aqui esta maçã, lá lhe ensinou c' mo é qu' devim fazer. Vocês levim aqui esta maçã, lá lh' teve a explicar.

Eles fizeram assim. Chegarim lá, num comim nada. Tava tudo a c' mer e eles ficarim assim quietinhos e nenhum comia nada e o rei mandava-os comer e eles disserim qu' num comiam sem aquela mulher qu' tava lá à porta tar lá tamém na mesa. E o rei mandou lavar, limpar e trouxe-a pra lá e atão quande a mulher lá chegou eles pegaram na maçã, partiram a maçã em três quartos e disseram assim:

- Aqui stá esta maçã

Partida em três quartos,

Nós nasceramos três meninos,

Não nasceramos três sapos.

E atiraram o boné e ficaram todos com a strela d' ouro na testa. E ó fim o rei ficou tão contente, assim tanta alegria, mandou prender lá a tia deles p' lo cabelo e correr com ela com os cavalos à roda do palácio. E ficou lá todo contente mais a mulher.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 58. O Guilherme e Nossa Senhora

Era uma vez um casal muito pobre que tinha um filho chamado Guilherme. Como passavam muita fome e tinham poucos escrúpulos decidiram abandonar o filho na serra, na esperança que os lobos o comessem.

Cansado de longa caminhada o Guilherme adormeceu.

Quando acordou era já noite. Assustado, viu-se rodeado de lobos. Olhando para o horizonte viu a lua muito vermelha e pensando que era o seu pai a fazer lume, dirigiu-se para lá a correr. Os lobos corriam em sua perseguição. Quando chegou mais adiante viu uma mulher que lhe perguntou:

- Que tens tu meu menino, que vens a correr tanto e a chorar?

- Vou a ter com o meu pai que está além a fazer lume e vêm dois cães atrás de mim para me morderem.

- Aquilo não é o teu pai a fazer lume, meu menino, é a lua. E isso não são dois cães, são dois lobos que te querem comer. Se não fosse eu já te tinham comido.

Era a Nossa Senhora que lhe estava a falar.

- Vês além aquela casa branca? Vai lá a ter que lá te hão-de criar.

O Guilherme foi lá a ter e lá o criaram.

[José António, 93 anos, Perais, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 59. O cavalo da Ribeira

Dizia o meu pai que na Pracana (qu' ele era da Pracana), quando era moço e ia dormir para os palheiros com os irmãos, como era hábito, aconteceu algumas vezes que ouviam durante a noite para os nateiros existentes nas margens da ribeira um barulho enorme, que até metia medo, de cavalo a galopar. Ora pra cima ora pra baixo. Diziam então:

- Naquela ribeira não ficou nem um troço de milho em pé.

E qual era o espanto, quando no outro dia esperavam ver tudo esputricado e estragado e estava tudo normal.

D' ziam então que o cavalo tinha "perdido a carreira", que se desnor-teou e não encontrou a saída do vale.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 60. O medo do Fojo

A minha mãe diz que a casa da minha tia do Fojo, das Cimadas, noutro tempo, tinha uma varandinha e qu' ela ia pra lá dormir com as filhas. No Verão fazia

muito calor e estendia-se lá uma manta ou duas e dormiam lá. E diz que também de noite passava lá "aquilo" p' la rua abaixo e qu' ela um dia foi espreitar e qu' era uma carrada de mato de lés a lés da rua, de um lado ao outro, com grande lambança.

[Maria dos Anjos Martins T. Henriques, Bairrada, Proença-a-Nova, 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 61. As bruxas dos Degolados

Havia uma cachopa nos Degolados (ali perto do Carvoeiro), uma cachopa do meu tempo e uma vez tinha vindo pró...

O pai dela era resineiro e ela andava mais o pai dela a pôr as bicas, devia ser por este tempo, e ela foi por um lado da ribeira e o pai dela foi pró outro e ficaram combinado d' se juntarem no Carvoeiro. Mas a volta dela era mais pequena e o pai passou p' lo Carvoeiro abaixo e nam a viu e pensou qu' ela s' tivesse ido im-bora e ela como stava já a fazer de noite e tava lá uma mulher qu' era amiga deles, assim conhecida, foi pra casa da mulher e o pai num a foi lá procurar e abalou, num a viu, passou no caminhe num a viu, seguiu.

- "Ela foi cedo e não esperou por mim".

E o homem abalou. E quando chegou a casa, ela num stava lá ainda. Vai mais a mulher ver da filha. E a filha já se tinha metido ao caminho qui quando chegou ao Carvoeiro, qu' é a Feira dos Burros, aí viu tar uma luz, uma luz. E viu tar três mulheres ao pé da luz a sfolarem um sapo. E ela qu' ficou tão cheia de medo, e uma qu' veie logo pró pé dela e era vizinha dela.

- Uma vei' logo pró pé de mim e disse-me "não tenhas medo qu' a gente não te faz mal, num tenhas medo qu' a gente não te faz mal, qu' eu vou-te levar e foi sempre assim uma luz à frente delas e a outra mulher sempre ao lado dela, qu' era vizinha dela. Disse assim:

- Tu nunca podes descobrir a gente, senão a gente acaba contigo.

E quando o pai dela mais a mãe dela vinha perto, desapareceu a luz e a mulher, nunca mais viu nada.

Qu' nunca foi capaz de d' zer nada pó pai e pá mãe e toda a noite sempre a tremer, a tremer, a tremer e quando d' zia aquile prá gente ainda chorava a cachopa.

Nunca disse quem eram. Só dizia, duas ainda lá stão e uma foi pró Brasil. Uma era da terra dela as outras não, mas qu' as conhecia todas.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

## 62. Um sonho

A avó do Sr. JDC ou da esposa, sonhou com "uma coisa" no canto de uma courela junto do ribeiro, no Monte da Urgueira. Foi lá, cavou, e encontrou um recém-nascido morto.

[João Dias Caninas, Vila Velha de Ródão. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]



### 63. A panela de libras

Há alguns anos o Sr. JC sonhou três noites seguidas com uma panela de libras, tapada com uma lousa e enterrada no meio do caminho nas imediações do Monte da Ordem. Uma azinheira que estava ao lado servia-lhe de referência.

Na madrugada seguinte ao terceiro sonho levantou-se muito mais cedo que o habitual e encaminhou-se para o local. O que viu ao chegar? O lugar todo cavado, um buraco no chão e uma ardósia circular ao lado. Ficou desanimado e pensou que deveria ter sido alguém que sonhou em simultâneo e mal acabou o sonho foi lá cavar.

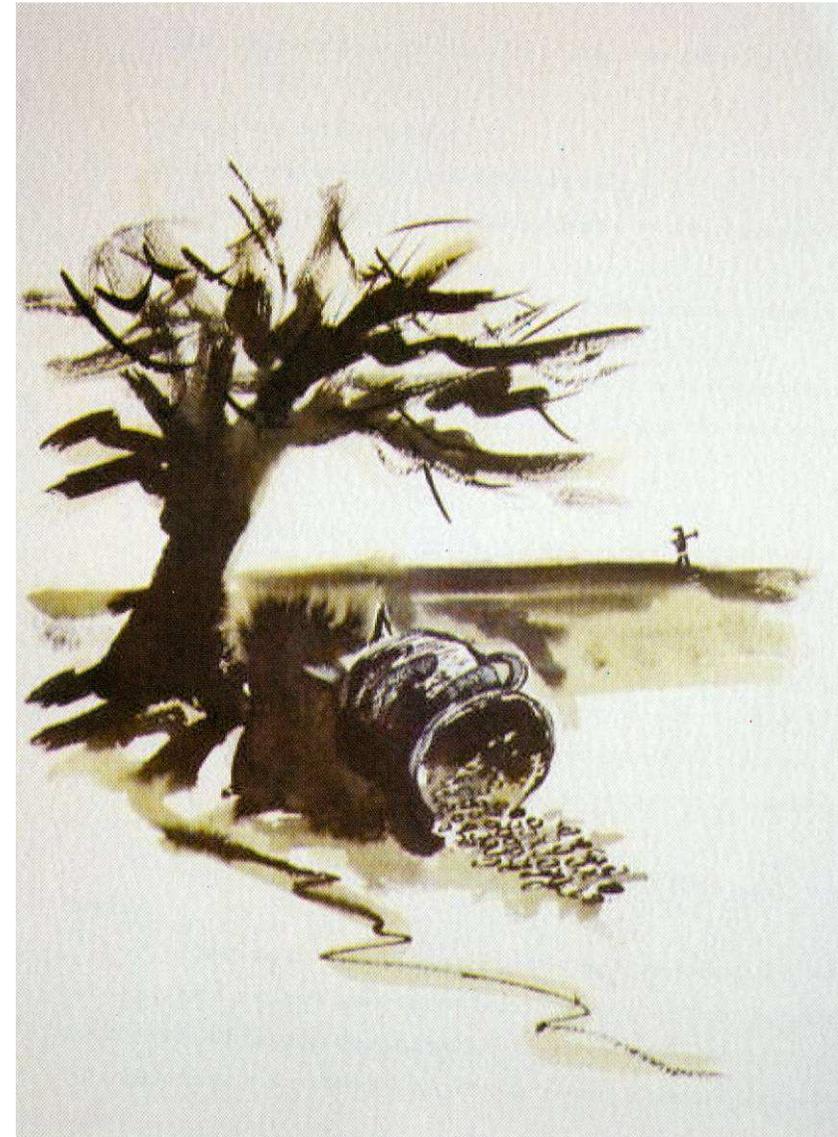
Murmura-se hoje que o contemplado deve ter sido o primo do Sr. JC.

[João Dias Caninas, Vila Velha de Ródão. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 64. As almas do outro mundo e o enchido

O Celestino Carmona conta a história dum habitante da terra que tinha os enchidos no sequeiro. Durante a noite, os ratos andavam a comer os enchidos e a senhora da casa ao lado tocava numa lata com um pau, fazendo um ruído estranho aos ouvidos do vizinho que pensava serem almas do outro mundo.

[Silva, Armando Dinis da & Maria Manuela Jesus Guimarães, 1992, *Vale do Homem*, s/ menção do local de edição, p. 16]



**65. O medo e o cinto**

O sogro de Manuel Duque, certa noite, apareceu assustado na aldeia, julgando que “o medo” o estava a perseguir, mas o que na realidade aconteceu foi o cinto que se soltou e, à medida que ia correndo, o arrastar do cinto fazia barulho estranho. Quando chegou a casa é que reparou o que era!...

[Silva, Armando Dinis da & Maria Manuela Jesus Guimarães (1992), *Vale do Homem*, s/ menção do local de edição, p. 16]

**66. O medo da capela da Senhora da Paz**

Falava-se que à noite, havia o “medo” na Capela da Nossa Senhora da Paz que lambia o azeite. Um dia de manhã, abriram a porta da capela e verificaram a presença dum cão.

[Silva, Armando Dinis da & Maria Manuela Jesus Guimarães (1992), *Vale do Homem*, s/ menção do local de edição, p. 16]

**Entre marido e mulher**

Este tema, salvo raras excepções, pode ser incluído no ciclo seguinte, “Facécias”. Entretanto, pela sua riqueza, os autores que seguimos (Alda e Paulo Soromenho, 1963, 1969, 1984 e 1986) optaram pela sua individualização.

O ciclo em causa pode ser subdividido em vários subciclos (O regresso do marido, a mulher preguiçosa, o marido e o compadre, a mulher e a comadre, etc.).

A temática geral do grupo mostra a conflitualidade no interior do casal, no qual “o tratamento satírico do assunto manifesta-se, às vezes, desbragadamente; em regra é tratado com troça; em determinadas circunstâncias com ironia; numa ou noutra ocasião, o desfecho toma feição dramática (Soromenho, 1986: 5).

Realçamos o papel activo que os padres ocupam na relação entre marido e mulher, da qual saem frequentemente maltratados; da mulher que, em termos gerais, surge como inteligente e portadora de arte suficiente para enganar facilmente o marido; e do homem que é retratado como ser pouco inteligente e subserviente.

Dos 23 textos aqui registados onze foram recolhidos junto de informantes do concelho de Vila Velha de Ródão, dez referem-se ao concelho de Proença-a-Nova e os restantes foram ouvidos a naturais do concelho de Mação.

**67. Odre sem baraça**

Em correria desalmada, desgrenhada e aos berros acabava de sair de casa. A poucos metros seguia-a o marido que procurava ocasião para fazer desabar sobre ela o que prometia.

Subiam ambos a ladeira, em corrida, um sempre na peugada do outro.

Como um furacão entrou ela na casa do compadre. Aos berros ainda, correu para a adega onde ruidosamente se fechou e trancou. Alarmado, o padre correu para a porta, onde, com surpresa, esbarrou com o seu compadre que nesse momento entrava também de rompante.

- Eu mato-a. Eu mato-a. Ameaçava aos berros.

- Então compadre, que é isso? Perguntou admirado o padre.

- Eu mato-a. Eu mato-a - continuou o homem -, onde ela se meteu?

O padre agarrou o pobre do homem.

- Deixe-me. Disse, despregando-se violentamente do padre.

- Mas compadre, que sucedeu? Ora, venha até aqui em cima e falamos. Pediu o padre em tom conciliador.

Aparentemente contrariado seguiu o padre. E, mal chegou à mesa na qual o padre se dispunha a jantar, sentou-se. Este serviu-lhe imediatamente bom palhete. Oferecera-lhe igualmente jantar, mas o homem recusou-o.

Na aloge, que servia de adega, a mulher enchia o grande odre que levava consigo e simultaneamente ia ouvindo as ameaças que sobre a sua cabeça eram proferidas.

O homem falava em voz alta, desnortado a princípio, mas agora cada vez mais calmo à medida que a falsa raiva se ia esmorecendo e o vinho entrando no bucho.

A representação tinha sido estupenda. Até aqui, ambos desempenharam fielmente os seus papéis.

Na adega, o que tinha sido euforia deu agora lugar a um nervosismo indiscriminado. O odre estava cheio, mas só agora reparara que não tinha barça. Que fazer? Que dizer? Que aflição. Mas como as mulheres têm manhas de sete raposas e as raposas são o bicho mais fino que existe, berrou para o marido que continuava a desabafar para o padre a sua desgraça.

- Cala-te meu odre sem barça.

O homem entendeu a mensagem, de raciocínio rápido, berrou imediatamente:

- Cala-te mulher sem vergonha porque se eu aí vou, até com a fita do cabelo te enforco.

Que alívio, retirou a fita suja que jungia os cabelos e com ela apertou a boca do odre.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança]

Adolfo Coelho no seu trabalho *Contos Populares Portugueses*, na 1ª edição em 1879, dá a conhecer um conto com a designação *História do Compadre*

*Pobre e do Compadre Rico* (LXII) cujo final é muito semelhante ao registado. Este conto foi recolhido em Lisboa e teve como informante “uma pessoa da Beira Baixa”.

### 68. A amante da Moita da Sora

Há cerca de 130 anos, aproximadamente, um indivíduo do Peroledo tinha como amante a última habitante de Moita da Sora. A esposa, ao ter conhecimento do facto, foi ter com a amante e perguntou-lhe:

- Onde é que o meu marido dorme?

A amante do marido indicou-lhe então um monte de feno.

A esposa saiu e passados uns dias regressou com uma enxerga e umas mantas.

Quando o homem chegou a casa da amante e viu a enxerga e as mantas, perguntou:

- Quem veio cá trazer aquilo?

A amante respondeu que tinha sido a sua mulher.

Conta-se que depois disso nunca mais dormiu com outras mulheres.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques e João Caninas, a partir de versão ouvida em Peroledo, Vila Velha de Ródão, Abril de 1984.]

Foi-nos noticiado um conto de conteúdo semelhante na região noroeste do concelho de Proença-a-Nova. Moita (ou Môta) de Sor (ou d' Açor) são outras variantes do topónimo.

### 69. A ladainha da viúva

A morte acontece a qualquer um. Costumam até dizer que a morte é a única coisa certa que temos na vida. E, até certo ponto é verdade.

Ora naquele tempo morria-se mais cedo do que agora. Sabes, não havia tanta botica como hoje há. O homem morria primeiro, devido ao muito trabalho, noites mal dormidas, más comidas, molhadelas e enxugadelas de roupa no corpo e eu sei lá que mais. A mulher ficava viúva. Tu ainda podes ver isto aqui na vila. Quantas viúvas há? Muitas. E viúvos? Muito poucos.

Mas vamos à história porque com esta conversa fiada nunca mais lá chegamos.

Á! Acabei-me de lembrar de uma coisa. Dizem que quando um homem morre é o Diabo que toma conta das mulheres, e então, levanta-lhes as saias, dá-lhes três ou quatro nalgadas no cú e abre-lhes os olhos. É por isso que as viúvas são todas muito finas e desconfiadas; hão-de estar sempre a pensar que as estão a enganar.

Vamos então à história. Para aqueles lados onde eu me criei, quando eu era novato, morreu o marido de uma mulher ainda nova e com uns bocados de terra ainda bem bons. Morreu, morreu. Prepararam-no, meteram-no no

esquife, que naquele tempo era esquife e não caixão, e vá de ir para a igreja para o padre o benzer e fazerem-se as rezas.

Na igreja enquanto o padre ia dizendo a ladainha, a mulher gritava:

- Ai home, quem é qu' há-de beber o nosso vinhinho?

Respondia-lhe o padre em latim:

- Nós, nós, nós.

Tornava a viúva:

- Ai home, quem é qu' há-de cavar as nossas vinhas?

Respondia-lhe novamente o padre em latim:

- Vós, vós, vós.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

## 70. Almas do outro mundo

Devido às ausências do marido, resolveu a esposa arranjar um amante.

Para marcar a presença do marido, colocava a infiel na parede xistosa e junto da porta principal, um corno.

Mas o marido, certo dia, chegou inesperadamente e houve esquecimento de lá pôr o corno. Pela noite dentro, começaram a ouvir esfervilhar na porta.

A mulher lembrando-se imediatamente do que seria, disse sobressaltada para o marido.

- São almas do outro mundo homem, são almas do outro mundo.

A mulher levantou-se rapidamente, chegou-se junto da porta e disse para o lado de fora.

- Ó almas do outro mundo

Se quereis algum socorro

O meu marido está na cama

E eu esqueci-me de lá pôr o corno.

A mensagem foi bem compreendida. O ruído terminou e a esposa voltou para junto do marido. Este, já apaziguado agradeceu à sua boa mulher pela forma eficiente como conseguiu espantar rápida e eficazmente as almas do outro mundo.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

## 71. Doze mulheres para um homem

Era já entradote na idade. Os pais eram velhos e pouca compreensão tinham para o limpar, aturar e trazê-lo como devia ser. Todos os dias os velhotes lhe cirandavam as orelhas com o mesmo assunto.

- Casa-te, a tua mãe já mal te pode limpar, morremos e ficas desamparado, aos pontapés de todos. Olha a Jaquina, já não é nova, mas é uma boa moça capaz de te limpar e respeitar. Olha para o teu irmão mais novo que já anda de volta da Maria.

- Já lhe disse que não me caso e se me casar há-de ser com doze mulheres ao mesmo tempo. Dizia o filho em tom determinante.

- Que raio de moço este. Desabafava desiludido o pai.

Querendo o bem do filho, foi o próprio pai falar com a Jaquina. Expôs-lhe o assunto e colocou-a a par das pretensões do filho e sem delongas acrescentou:

- Aperta com ele, aperta com ele para não ter vontade de casar com as outras onze.

Chegado a casa expôs o assunto ao filho.

- Já falei com algumas raparigas, está tudo arranjado - e em tom calmo acrescentou -, mas tu já pensaste bem no que será o casamento com doze raparigas ao mesmo tempo? A complicação que não será? Onde vamos meter

tanta gente? Donde é que virá comida? Sabes o que te digo, porque não casas tu agora com uma rapariga, daqui a quinze dias casas com outra e assim até chegar às doze?

Perante argumentação tão convincente acabou o filho por aceitar a proposta do pai.

Fez-se a boda com a Jaquina e tudo correu às mil maravilhas. Depois, passaram-se quinze dias, trinta, sessenta e o filho nada de procurar a segunda mulher. Andava murcho, marralheiro, a mulher tinha puxado bem por ele.

Apercebendo-se da situação o pai vai de tomar a iniciativa e a sós diz-lhe um dia:

- Ó filho, vai sendo altura de arranjares outra mulher, era pra ser no fim de quinze dias e já lá vão dois meses e meio. Acho melhor ir falar agora com outra, que dizes?

- Ó meu pai - disse em tom implorativo - não, não, esta chega e diga ao meu irmão para não casar que esta dá para mim e para ele.

Passado algum tempo mais, houve um grande incêndio na serra e o rapaz, como toda a população do lugar, participou no combate às chamas e iam berrando:

- Está bravo, está bravo o fogo.

- Casai-o que já amansa, casai-o que já amansa. Dizia o rapaz.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

## 72. O filho do padre

- Á! É mesmo parecido com o pai! Exclamou a parteira para a mãe pouco depois de ter cortado o cordão àquele ser choroso e besuntado.

Eu disse parteira. Parteira porque assiste a partos. Porque naquele tempo não havia cursos, nem papéis dizendo que fulano ou beltrano possuía curso disto ou daquilo ou estava habilitado a fazer o que quer que fosse.

Havia!? Bem, se havia não era aqui.

Aqui parteira era parteira e esta era o que hoje é, só que não tinha habilitações, como disse. Nem era preciso, como tinha assistido a tantos, tantos. Para ser sincero, posso até dizer que vira nascer todas as pessoas da aldeia com menos de quarenta anos, salvo um ou dois, mas não por culpa dela, porque foi chamada para casos difíceis fora da aldeia.

Mas como ia dizendo, exclamou a parteira.

- Á! É mesmo parecido com o pai.

- Com o pai? Perguntou a mãe aflita.

- Sim, é mesmo a cara dele chapada. Respondeu mansa e satisfeita a parteira.

- Atão também tem coroa? Perguntou a mãe atrapalhada.

O marido, que aguardava ansiosamente por detrás do tabique o desenrolar do acontecimento, como acontece sempre que nasce o primeiro filho - é a falta de experiência que impera ainda -, ficou espantado por ouvir aquilo.

Quis entrar, mas ficou à porta porque o atravancamento do quarto e a parteira o impediu. Pensou ter ouvido bem, "também tem coroa?" Era isso que queria saber. E de entre a porta, perguntou à mulher que parecia dormir sobre o leito.

- O que é que disseste?

Numa voz longínqua respondeu:

- Perguntei se já tinhas tratado da foroa?

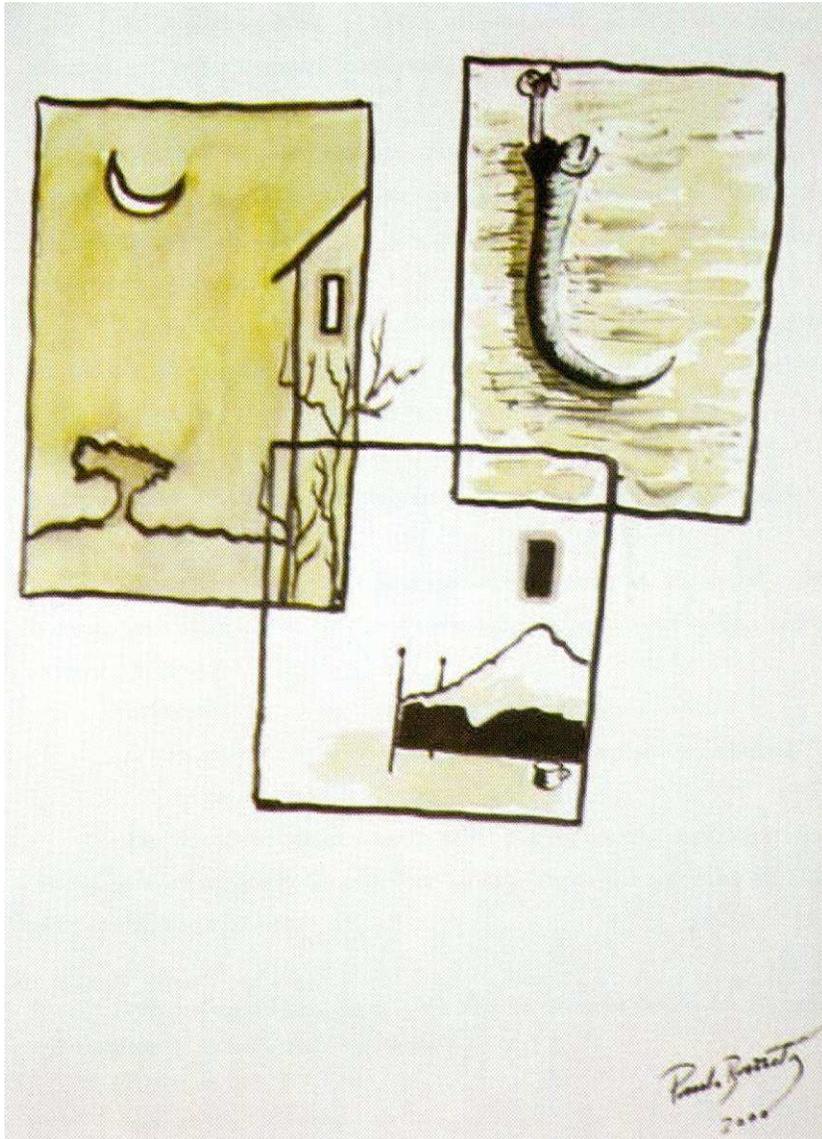
O marido quebrou-se. Porquê tanta fúria? Tanta vingança?

Enquanto a parteira recebia em bens o valor do serviço prestado, foi dizendo:

- Mas que mulher eu tenho, veja lá, mesmo naquele estado e ainda se incomoda com o raio da foroa. Boa mulher aquela, há dois anos que estou casado e não tenho razão de queixa, trabalhadora, devota, muito séria, nunca dei conta de que me faltasse ao respeito e como vê para tratar dos animais está por ali.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

Na época todos os padres usavam coroa.



### 73. Uma ida a Lisboa

Uma vez, um homem da aldeia foi a Lisboa, e ao passar pela Praça do Comércio, viu várias pessoas juntas, aproximou-se e perguntou:

- O que é que há prá ai?

- São espelhos - respondeu um.

O homem pôs-se a pensar que nunca tinha visto um espelho, e vai e pergunta ao homem novamente:

- O homem pega no dinheiro, dá-o ao homem, e arrecada o espelho na cinta. Já de regresso, lembra-se que não tinha visto o que tinha comprado, e vai tira o espelho da cinta e ao ver-se no espelho diz:

- É! Raio, que grande cabrão eles para aqui me mandaram.

Quando chega a casa a mulher pergunta-lhe:

- Então homem como é aquilo para lá?

- Á! mulher aquilo é muito bonito, tu também lá havias de ir.

- Então trouxeste-me de lá alguma coisa?

- Trouxe pois, toma lá.

A mulher quando se viu no espelho começou a disparatar com ele:

- Tal não é o alma do diabo, andaste por lá metido com as putas, e trazes-me aqui o retrato dela.

A mãe dela que estava na cozinha ao ouvir tal alarido, vem à sala e pergunta:

- Então filha o que é que tu tens?

- Então não quer lá ver, que este malandro foi lá pra Lisboa, andou lá metido com as putas, e trouxe-me o retrato duma.

- Deixa cá ver filha. A velha quando olhou pró espelho diz:

- Ó Zé então tu não te envergonhas, ainda se fosse com uma mulher nova, agora com um estupor de uma velha como esta.

[Manuel António Valente, Alfrívada, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

#### 74. A alegria do casal

Havia uma mulher e um homem que se davam muito bem; ele tocava guitarra e ela cantava. Era uma alegria naquela casa.

Um dia diz o homem para a mulher:

- Ó mulher, quando eu morrer quero a guitarra na minha mortalha!

Certo dia o homem, coitado, morreu, como também não podia durar sempre. Então a mulher tinha que pôr a guitarra no caixão, mas esta experimentou de

todas as maneiras para lá pôr a guitarra, mais desta maneira, mais daquela mas a guitarra não cabia. Então pôs-lha entre as pernas; ficou mesmo bem concertadinha. Depois no cemitério a mulher fez-lhe um pranto assim:

- Ai homem, homem

Que tanto que nós nos queríamos

Já lá levas entre as pernas

Com que nós nos divertíamos.

[Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

#### 75. O compadre e a comadre

Havia dois viúvos lá na terra. E eram compadres. Um dia diz o homem para a mulher:

- Ó comadre, você precisa, eu preciso e tenho era melhor a gente juntar-mo-nos os dois.

- Não, não, compadre não vos hei-de para cá puxar.

- Então porquê?

- Porque eu não quero!

Ao fim de oito dias ele foi à loja e comprou um carro de linhas e foi pô-lo à porta dela e puxou a ponta da linha para casa dele e ata-a a ele...

A comadre adregou a vir à porta e viu o carro de linhas e pegou nele e pôs-se a enrolar e ele, meu amigo, começou a vir.

- Então que é que eu dizia?

- Cada um sabe as faltas que tem.

- Ai compadre como vós sedes. Bem, já agora tem que ser!...

[Joaquim António Baptista Alface, Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

## 76. O homem e a mulher

Era uma vez dois rapazes muito amigos que viviam na mesma terra, mais tarde acabaram por se casarem e separarem-se.

Passados alguns anos os dois amigos voltaram a encontrar-se, e depois de se abraçarem com emoção um deles pergunta:

- Então pá como é que vai a tua vida, que tal te dás com a tua mulher?

- Olha a minha é muito má para mim. As mulheres são todas as mesmas. Quando solteiras são todas muito boas, depois de casadas é que são o elas.

- É! O que para aí vai. Olha que nem todas são iguais. Olha a minha, por exemplo, não podia ser mais minha amiga. Posso confiar nela à vontade. Além disso não é nada de mexericos.

- Olha que se fosse eu não estava tão confiante. Mas isto nada como ter a certeza, o melhor que tu fazes é fazer uma experiência. Uma dia vais para a horta sozinho mata um cão depois vais para casa e diz-lhe que mataste um homem e pede-lhe para guardar segredo.

O homem depois de muito matutar decidiu seguir o conselho do amigo, e quando chega a casa diz à mulher:

- Ó mulher, tu nem sabes a desgraça que me aconteceu, estava lá na horta quando lá apareceu um homem, discutimos e sem querer matei-o. Deixa lá homem não te preocupes. Eu não digo a ninguém e além disso tu não tiveste culpa. Foi um acidente.

Mas o raio da mulher, não se controlou e vai para a rua e conta às vizinhas o que se tinha passado. O facto chega aos ouvidos da polícia que vai lá a casa para prender o homem.

Então este diz:

- O meu amigo tinha razão não se pode confiar confiar nas mulheres.

- E depois para a polícia:

- Eu não matei nenhum homem, matei mas foi um cão, mas menti à minha mulher para ver até que ponto podia confiar nela. A prova é bem evidente. Não se pode confiar nas mulheres.

[José António, 93 anos, Perais, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 77. Andar na linha

Era uma senhora e fez-se tarde em casa. E pegou no burro e vinha pela linha do comboio. O Chefe Lance encontrou-a e disse-lhe assim:

- A senhora não se envergonha de andar pela linha com o burro.

Ela então disse:

- Ó senhor, já nom sei como hei-de fazer, todos os dias se ralha na minha casa por eu não andar na linha. Hoje venho a andar na linha o senhor está a interpretar comigo. Como é qu'eu hei-de viver?

[Maria Rosa Mota, Gavião de Ródão, Vila Velha de Ródão, Fevereiro de 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 78. Mulher velhaca

Havia um casal que se dava muito mal e foi a dar queixa ao padre e disse-lhe assim:

- Á senhor padre eu nom posso viver com a minha mulher, ela é tão velhaca, tão velhaca. Ontem cansou-se de ralhar comigo, mas olhe, ela chamou-me o João dos Lobos mas eu também lhe chamei a Isabel das Raposas. Ela é tão má, tão má que nunca foi capaz de me dar um ovo fretêde.

[Maria Rosa Mota, Gavião de Ródão, Vila Velha de Ródão, Fevereiro de 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 79. Os marrecos

Numa ocasião era um home e uma mulher, um casal, é claro. E o home era imbarcadiço e era marreco. Bom, a mulher ainda tava nova, n' é? E apareceu-lhe outro marreco, depois do home abalar, e aceitou o outro marreco. A mulher teve tão pouca sorte, o marreco morreu-lhe im casa. Bom, a mulher apaixonada e num sabia que destino ia dar ao marreco. lam aí dois dias e a mulher triste. Mas como as mulheres sempre conversam qualquer coisa com outra v' zinha, e ela já andava a par perguntava "a v' zinha anda triste, o qu'ela terá?" E perguntou-lhe:

- Ó v' zinha nom anda como tem andado.

E ela confessou a vida dela.

- Ó v' zinha atão você sabe lá, passou-se-me isto e isto e isto. E num agora Morrê-me o home im casa, eim e qu'ordes eu hei-de dar agora à vida?

Ela disse:

- Atão v' zinha, anda triste por uma coisa dessas? Ai mãe, isse é a coisa mais fácil de resolver, anda aí o Ti João do Ferre-Velhe, esse do saco qu' anda aí. Você dá-lhe dinheiro pra um fato novo qu' ele some-o logo.

Bom, a mulherzinha no outro dia, ainda o home vinha lá longe, já ela tava:

- Ó Ti João, ó Ti João.

- Atão?

- Ande cá, ande cá. Olhe aqui, atão morreu-me aqui um home im casa e você consom' o qu' eu dou-lhe dinheiro para um fato.

- Ai mãe, tá bém pá, atão isso!? É a coisa mais fácil.

O gage pega no home, mete-o no saco, qu' ele aí vai.

Chega lá fora, faz ali um rapeir' zito e mete lá o home. Bom, no outro dia o home lá veio a ver do dinheiro do fato. Mas logo nesse dia parece outro marreco à mulher, ela só aceitava marrecos, os outros eram conhecidos por causa da v' zinhança, teve outra vez a pouca sorte, morre o marreca tamém. No outro dia o homezinho parece lá a ver do dinheirito, o do ferre-velhe e diz ela assim:

- O senhor vem ver do dinheiro? Atão ele vei cá ter. Olhe.

- Rai' s partam o marreca.

Agarrou outra vez nele, levou-o, enterrou-o e deu-lhe ainda com a enxada em cima.

- Á marreca dum ladrão, já num voltas.

Bom, nessa noite veie o marido dela. O outro marreco, o verdadeiro marido dela.

Depois ele vai logo a ver do dinheiro.

- Não, hoje já levo o dinheiro.

Viviam assim numa casa de primeiro andar e ele chegou assim à escada abaixo e viu passar o marreco lá em cima dum lado pró outro. Diz ele então:

- Ó, já vais aí, não me caças mais.

Já num quis saber do dinheiro. Num queria andar toda a vida àcarretar marrecos.

[Manuel Ribeiro Santo, Vale do Cobrão, Vila Velha de Ródão, Março de 1986. Recolha e redacção Francisco Henriques.]

## 80. O vendedor de santos

Uma vez era um fulano qu' era vindedor de santes. E depois é claro, o padre lá da aldeia, deu im andar à roda da mulher, à atacar a mulher. Pois, mas ela sempre s' ia defendendo. Òdepois ela, até qu' um certe dia, ele lá abalou, pra ir vender santes, mas aquilo já tava tudo dado e depois diz ele assim:

- Atão eu amanhã vou prá fêra tal a vender santes e venhe cedo. E tu combinas atão c' o padre pra cá vir ter.

Bom, quando foi à noite, tava ali já preparadinho e tal, ele lá tava todo coisa e ela àrranjar o bom petisco pra comerim. Tava mas é àrranjar o jantar, pra chegar o home, tamém. Bem, e ele qu'ria-se era lançar à comadre, mas a comadre lá o ia entretendo. Até que bate o home à porta, ela levantou-se e tal.

- Ai qu' é meu home qu' aí vem, é porqu' ele acabou os santes, porqu' ele num é de vir. Olhe, esconda-se aí pró quarto.

Bom, o padre fugiu lá pró quarto dos santes, bê, fugiu lá pró quarto dos santes. Quande ele chegou:

- Á home, atão e tal? Já tenho um belo petisco prá gente comermos. Já ganhaste bem, já vendeste tudo?

- Pois vendi, acabei cedo, por isso é qu' vim hoje. Calhou a vida bem .

- Melhor é.

Tavam pra comer, faz ele assim:

- Á mulher, mulher, uma cousa te digo eu, vai lá chamar a criada do padre, pois s' ela tem m' andado àtentar, quer comprar um sante, qu' venha cá escolher o sante.

Bam, ela lá foi chamar a irmã do padre. Quande ela lá chegou.

- O mê maride e tal pra lá ir escolher o sante.

Bem, lá forim escolher o sante. Lá andaram, este é bonito, aquele é bonito, pr' àqui, pr' àcolá, faz o gage assim:

- Olha lá, levas o sante e fazemos agora aqui um arranjinho. Ê e tal.

- Não, tá ali a sua senhora, ela pode saber, pode ouvir e o meu mano.

- Não faz mal, não faz mal.

Lá tanto picou a irmã do padre qu' sempre ela se resolveu. Pois, ela abalou. Lá escolheu o sante e abalou. Depois d' abalar, faz ele assim:

- Bom, a mulher do padre escolheu um sante, por acase aquele é um sante jêtosu. Mas ainda vou lá reparar bem s' ela teve bons gostos, ainda lá vou ver bem o sante qu' ela escolheu.

Pois foi pra lá andar e pôs-se assim o gage muito certo pró padre, ele tava lá despido, nim pastenejava:

- Bom, mas está aqui um sante, parece qu' é... mas eu num fiz este sante. Olá, tu tás aqui?

Ripa lá duma correia, aquece o lombo do padre lá e ele fugiu d' lá pra fora. Pôs-lhe um chocalhe ó pescoço, um chocalhão grande, tlom, tlom.

Pois o padre saiu d' lá a fugir. Bate lá à porta. Pra ela lh' abrir a porta. Qu' ela já tava deitada e naquela aldeia era uso o sardinheiro passar c' um chocalhão;

of' recia sardinha e tocava o chocalho. Pois o gage, quand' ele bateu à porta respondeu-lhe a irmã lá de casa:

- Eu no quero sardinha.

O gage bateu, bateu.

- Eu no quero sardinha.

Até que tanto bateu e lá lhe respondeu e disse qu' era o mano dela. Até qu' ela lá lhe veio abrir a porta. Quande incara c' o irmão naquele disfarce e com o chocalhe ao pescoço.

- Á mane, mas donde é qu' tu vens?

- Donde é qu' eu venho? Foi donde bateram a mim e trabalharam a ti.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares e redacção de Francisco Henriques.]

### 81. Uma camisa à medida

Uma vez, havia ali um fulano im Castelo Branco. Stava casado ainda só há dois ou três anos ainda, pois trabalhava lá numa oficina. Òdepois ela arranjou um amante, claro, desde qu' o homezinho abalasse pró trabalho, o homezinho lá vinha ter.

Pois um dia o home abalou pró trabalho e quande chegou ó trabalho, havia umas máquinas variadas e o home teve que voltar pra trás, num podia ficar a trabalhar.

Bom, quande chega a casa o amante já lá stava e teve-se que s' esconder. Mas naquela altura chega a mãe, pois ela contou à mãe o qu' s' estava passando, ela andava c' um bocado de pano na mão toda aflita.

Pois faz assim a mãe:

- Á filha, pois o qu' andas tu agora a ralares-te, olha atão, faz bem daqui -qu' era uma camisa -, daqui tiras o corpo, daqui tiras as mangas, daqui tiras o colarinho, sai vestido, vês? Destas tenho eu feito muitas ao teu pai.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

### 82. Tirar picos

... Bem, tinha-lhe morrido o home. Tinha ficado viúva. E ficou só c' um filho. Pois ela arranjou um amante. Pois o filho quande já era crescido, ele lá via vir o amante todos os dias pra casa e um dia chegou lá assim e disse prá mãe:

- Ó mãe, deixe lá daquele coiso, qu' eu tamém quero.

- Tá certo. Tá bem filho.

Quande foi à noite qu' sa foi deitar, ela pega numa scova, pôs a entre as pernas, o gage vai pra se pôr na mãe, picou-se, o gage arreceuou pra trás, já num quis, pois faz a mãe:

- Ó filho, atão tu nom sabes qu' isto tem picos. Isto não se pode couse.

- O gage mais tarde casou-se, pois quande se casou, pôs-se a pensar, com' à qu' havi' de fazer pra tirar os picos. Tamém tinha picos aquela, concerteza.

Bom, depois arranjou um colega.

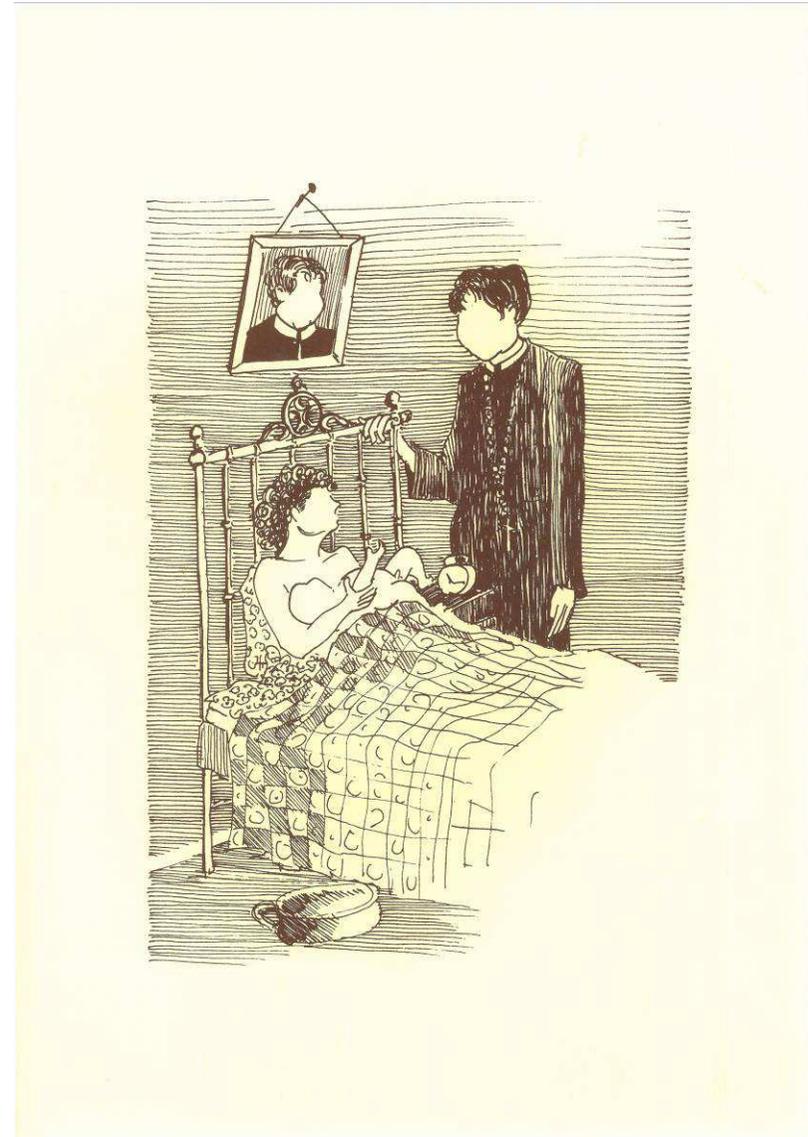
- Bom, quande for no dia do mê casamento, quande eu apagar a luz, tu vais lá, metes-te dabaixo da cama, depois quande eu apague a luz, quande eu m' deitar com ela, eu vou deito-me debaixo da cama e tu vais tiras-lhe os picos, uma vez qu' tu dizes qu' és capaz e tiras-lhe os picos.

- Pronto, está certo.

O gage conforme apagou a luz, ele infia-se pra baixo da cama e o outro salta de lá e deita-se ao pé da mulher. Pois, começou a dizer qu' lhe tirava os três. Pois o gage quande viu aquilo responde lá debaixo da cama:

- Os três não, o contrato foi de os tirar todos, tem qu' os tirar todos.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares e redacção de Francisco Henriques.]



### 83. Calças à cabeceira

Era uma vez um criado qu' stava im casa dum patrão. Era no Alentejo e o rapaz era muito d' vertido, passava os dias a cantar e era um autêntico cantador, e depois, o rapaz era muito ad' vertido e era bem posto e o patrão tinha uma filha, pois começou-se a namorar c' a filha até qu' um dia começa pra ela:

- Êi e tal, a gente namora-se, com' é qu' a gente vamos fazer, e tal, se o teu pai vai saber, tu és uma lavradora e eu nom tenho nada e tal, mais isto, mais assim, mais assado.

Diz ela :

- Nós vamos fazer uma coisa. Tu passas o dia a cantar, passas o dia coiso, amanhã, vais prá lavoura e nim cantas nim nada im todo o dia e só dizes "ando a moê" e o meu pai pergunta o qu' é tu tens. Tu diz-lhes, namoras uma rapariga na tua terra e qu' é pra lá ires tal dia, pra tratares o casamento, pra intrares im casa, pra ela te screver e tal, e qu' se calhar o pai dela qu' nom quer, qu' nom gosta, porque é filha dum lavrador e tal, mais isto, mais assim, mais assado, bom, contas-lhe o processo. E tu logo vês o c' o meu pai te diz. Depois, quando eu vier à noite diz-mo.

Bom, tá certo, o rapaz foi prá lavoura, era só "anda... boi, anda... boi". Im todo o dia foi sempre aquilo. Às tantas diz o patrão:

- Atão, mas rapaz o qu' é qu' tu tens hoje? Andas tão triste, passas o tempo a cantar e àssobiar e hoje num dizes nada.

- Ó patrão, deixe-me lá home, é porque já depois d' amanhã é domingo. E o patrão sabe? Eu tenho qu' ir à minha terra.

- Atão a fazer o quê?

- Agora namoro lá uma rapariga e ela é filha dum lavrador e concerteza c' o pai... ela escreveu-me e tal, tenho qu' pedir-lhe pra intrar im casa, prá ir pedir e concerteza qu' nom vai, nom me vai dar licença de intrar im casa, é filha dum lavrador e tal.

- Atão e ela gosta de ti?

- Atão nom gosta?

- E tu gostas dela?

- Atão nom gosto.

- Á, isso tá bom d' arranjar. Atão isso é pôr as calcinhas à cabeceira. Qu' eles depois logo vêm ter contigo.

- Tá certo patrão. Essa razão é certa e é só um bom conselho.

- Pois é rapaz, faz assim com' eu te digo.

O rapaz começou já a cantar. À noite, assim qu' ele chegou, ela perguntou:

- Atão o qu' o meu pai te disse?

- O qu' o teu pai me disse? "Põe-lhe as calcinhas à cabeceira qu' ele logo vai a ter contigo".

- Á, atão tá bem, eu logo peço à minha mãe qu' faça a cama na varanda, quero vir cantar o rouxenol, a minha mãezinha vai-me lá fazer a cama, depois eu lanço-te uma corda lá pra baixo e tu vens cá pra cima.

- Bom, tá certo.

Quando foi à noite comerim a ceia, quando acabou de comer a ceia vai ela assim prá mãe:

- Ó mãe, eu..., a mãezinha hoje vai-me fazer a cama à varanda.

- Atão?

- Gosto tanto de ouvir cantar o rouxenol, quando é agora à noite, rente à madrugada. Qu' é um passarinho qu' canta muito lindo.

- Tá bem filha.

Lá lhe foi fazer a cama. No outro dia de manhã cedo a mulher levantou-se, mas, já tardava lá pró costume dela se levantar; "ai, atão ela hoje nom acorda ó quê?" Foi lá pra ver como ela estava, tavam os dois deitados, traçados, e ela c' o "gajo" na mão. Ela quando viu aquele disfarce assim vai a correr e vai chamar o home.

- Á home anda cá, anda cá home.

- Atão?

- A nossa filha, bem dizia ela que gostava muito d' ouvir o rouxenol, tanto o ouviu cantar, tanto o ouviu cantar, qu' até o apanhou, têm-no traçado na mão.

Faz assim o home.

- Cala-te, pronto, quem o ensinou fui eu. Juntá-los um c' o outro e já está. Eu é qu' o ensinei.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

#### 84. O ti Marrucho

O Ti J. Marrucho era muito grande e a mulher era muito pequenina. E então na noite do casamento, não é, acabou-se a festa, foram prá cama, como era geral... A mulherzita, coitada, deixou-se dormir e... deixou-se dormir também. Quando foi às tantas da manhã, a mulherzinha começou a embarrar por ele acima, a embarrar, a embarrar, e ele com' era assim muito bruto, era mesmo com todas as letras muito bruto, e diz assim:

- Que raio vem prá-i?

E ela coitadita diz assim:

- Sou eu João, que te quero dar um beijo.

- Olha, então dá-me aí no cú que fica mais perto.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas.]

### 85. A chantagem da mulher

O coirão de uma mulher ali dos Montes, andava sempre a dizer "qualquer dia mato-me, qualquer dia vou-me afogar às pedreiras do Vale e mais isto e mais aquilo", só porque o homem saía um pouco dos eixos ou as coisas não lhe corriam lá como ela queria.

O homem andava sempre aflito. Já mal acompanhava com os outros homens com medo que a mulher se matasse.

Um dia, um amigo ao vê-lo sempre tão preocupado pelas ameaças da mulher, disse-lhe:

- Deix' á ir, mulheres há muitas, apoquentá-te todos os dias e tu ainda és assim. Deix' á ir, qu' ela não s' afoga. Dá-lhe tu mas é mais força pra ela ir.

Não teve que esperar muito para seguir o conselho do amigo. Bastou nessa noite chegar mais tarde a casa e começou logo ela aos berros:

- Mas qu' a triste vida a minha. Aturar um home assim toda a vida. Mais valia qu' nom m' tivesse casado ou ter-me o Senhor já levado.

O homem calado e ela continuava:

- Vou-me mas é deitar àfogar às pedreiras do Vale, já o devia ter feito há

muito.

- Vai mulher, vai qu' nom deixas saudades, vai mas nom voltes. Disse o homem em tom pausado.

- Hei-de ir, hei-de ir e há-de ser já agora. Calhar com homes c' ma ti vale mais perdê-los que achá-los.

E abalou disparada porta fora. O homem ficou com medo. Será desta que ela se vai matar? Mas, pelo sim pelo não, sai ele pela porta do quintal. Salta ali umas paredes dos vizinhos e vai pôr-se escondido à beira da pedreira, não fosse ela fazer alguma asneira.

Vinha em passo apressado. Chegou, abeirou-se da água, tirou um dos sapatos, meteu a ponta do pé na água e disse:

- Ai tão tão fria!

Viu-se logo que tinha perdido a força com que vinha e que já não se matava.

O homem abalou, fez o mesmo caminho e foi-se meter na cama. Daí a minutos, poucos, ouviu bater à porta da rua.

- Quem é? Perguntou o homem.

- Sou eu home.

- Eu quem?

- A tua mulher, o teu rico amorzinho.
- Ai almas do outro mundo não me tentai mais, pra ralação já chega, a minha mulher foi-se àfogar às pedreiras do Vale.
- Mas ó home, sou eu!
- Num pode ser, a minha mulher a esta hora tá morta. Que Deus a tenha lá muites anos sin mim.
- Sou eu home, sou eu home, abre-me a porta.

O homem, ao fim de maior insistência e de a julgar já castigada, levantou-se e foi abrir a porta.

Dizem que valeu a pena o conselho do amigo, porque nunca mais se quis ir matar às pedreiras do Vale.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 86. A ti Barrenta

... Pois o Zé Rocha, a mulher dele, era muito torta, muito travessa e depois os homes diziam-lhe:

- Ó ti Zé Rocha, você parece um home tão rijo, tão forte, tão valente e num é capaz d' indireitar a sua mulher, a ti Barrenta.

- Ó! s' ela fosse torta endireitava eu. Ela nom é torta, é revêssa. Olhe qu' s' ela alguma vez se deitar à afogar nunca a procurim ó Tejo abaixo. Ela anda sempre ó contrário. Procurem-na sempre ó Tejo acima.

[João Pereira Eduardo, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Em Vila Velha de Ródão conta-se algo muito semelhante.

### 87. Um patrão para encher a barriga

Era uma vez um rapaz e atão ele casou-se, num é verdade? E era no tempe qu' havia pouco serviço. Havia lá homes ricos qu' davam service, mas num podiam dar sempre service, nim a todos. Lá trabalhava, lá ganhava o dinheire e coisa. Pensou em casar-se e casou-se. Ó fim de certo tempo a mulher deu um filho. Pois, lá o foram criando, mas tinha pouco serviço e nessa altura não havia bem quem desse service e eles tinham que comer todos os dias, precisava de comer e passava assim um pouquinho mal, não comia o suficiente. De forma qu' andava sempre com fome, num havia comer com qu' ele enchesse a barriga. Comia muito. Comia muito! Andava faltado e ia andando.

Depois, quando o filho já tava assim maiorzito e cada vez havia menos service, não ganhava o suficiente pra comer, passava fome ele e a mulher. Quer dizer, todos a passar mal e ele disse atão pá mulher:

- Ó mulher, parece-me qu' eu vou ver s' encontro um patrão em qualquer parte, eu como muito, eu como muito, como muito e vocês parecem que comem menos qu' a mim, vou ver s' encontro um patrão, vou ver s' encontro um

patrão, pra ver s' encho a barriga, s' como e vocês cá, tu mais o nosso menino, os ricos têm pena de vocês, vocês pedem uma esmolinha e vocês se vão governando e eu como qu' nom chega pra nós todos. Vocês assim co menos passam e tal.

E resolveu sair a ver s' encontrava um patrão. Andou, pro lá andou, andou, foi muito longe e a mulher lá ficou mais o filho. Foi pra lá, andou, andou, até que, no caminhe onde ia, ia pedinde uma esmola aqui, um bocade de pão além e tal, até encontrar patrão.

Chegou lá a uma terra muito longe, dois dias ou mais e encontrou lá um patrão, incontrou lá um patrão e o patrão disse-lhe:

- Atão quante é qu' queres ganhar?

- ã, nam senhora, eu nom quero ganhar nada, é só pô comer, eu como muite, fique mesmo só p' lo comer.

- ã, tá bém, atão anda cá prá qui. Fica cá.

Depois foi pá criada, o patrão disse assim:

- Olha arranja prá' i muita comida qu' ele diz que come muito, p' lo menos a ver s' enche a barriga.

E ela arranjou comida. Lá lhe trouxe a comida, ele começou a comer e tal, comeu bem, mas não comeu lá assim com' ele dizia qu' comia. Comeu bem, pronto. Andava faltado.

Depois continuou, cada vez comia menos, já andava satisfeito, não comia más qu' às outras pessoas, era o mesmo, e se o raio do patrão gostava dele. Era muito trabalhador, muito sério, muito bom e lá teve vinte anos sem nunca vir a casa, sem saber de nada, nem do filho nem nada. Ao fim de vinte anos disse-lhe o patrão assim:

- Ouve lá, atão tu disseste qu' tinhas lá a tua mulher e um filho. Era pequenino, agora já deve ter vinte anos, já deve ser grande, já um home. Nunca mais lá foste a ver a tua mulher nem o teu filho, nim nada. Tu hás-de lá ir vê-los, hás-de ir lá a casa e vê. E se vires qu' aquile tá lá muito mau ou qu' não te podes lá governar volta pra cá, senão, ficas lá.

- Tá bem, atão eu vou.

- Tá bem.

Mandou atão arranjar um farnel bom, lá à criada, dentro d' um alforge. Farnel pró caminho.

- Olha, levas isto pró caminho, até lá chegares. Lá t' hás-de governar de qualquer maneira. Olha pega lá. Olha qu' tu nunca durmas (ele tinha qu' levar dois dias a chegar a casa), nunca durmas im pensão onde seja mulher nova e home velho. E pega lá esta tesoura, corta com ela o qu' ta' petecer e nunca deixes caminho pra ir por atalho. E pega lá esta espingarda pra te defender, mas nunca dês tiros sem pensar três vezes primeiro. Quando quiseres dar o tiro, a matar ou a fazer alguma coisa, não dês sem pensar primeiro três vezes.

- Tá bem.

Ele pegou naquelas três coisas, lá foi, e marchou. Foi andando, andando, com o farnel às costas. Chegou lá a um certo local, fez-se noite e às vezes havia assim umas casas de pontes a pontes, onde ficavam pessoas, onde davam pensão ou coisa parecida, chegou lá já de noite. Tá aqui uma pensão, deitome aqui já, num posso ir porque agora d' noite... aquile há bicharada da brava e lá por esses campos pra muito longe, tenho que ficar aqui.

Bateu à porta e veio a mulher.

- Oiça lá, posso ficar aqui esta noite?

- Pode sim senhora, pode, tá aqui um quarto logo à entrada da porta, tá aqui. Sim senhora, pode ficar.

- Tá bem.

Bom, ele lá foi indo. Mas num viu o home. Daí o bocade aparece o home lá, o velhote. Ela era uma mulher nova e ele um velhote e ele quando viu o velhote disse:

- Mas o mê patrão disse-me pra eu num dromir im pensão onde fosse mulher nova e home velho. Num posso cá ficar. Tenho qu' ir imhora, num posso cá ficar. Onde é qu' eu agora vou d' noite? Agora a esta hora, por esses campos de matos, tudo cheio de floresta, pode haver bicharada. Ai eu! Olha, seja o que Deus quiser, eu fico cá.

E pensou e lá ficou. Mas ficou já sobressaltado e lá foi pró quarto. Foi-se deitar e daí a bocade, alta noite, ouve à porta: treque treque. Ouviu bater à porta. O

quê que será aquilo!? Ele não dromia. Estava co medo qu' acontecesse alguma coisa, o patrão tinha dito aquilo. Treque treque, entrou e viu, é um padre, o velhote já tava deitado e ela tava algures. Era um padre qu' era amigo dela. Assim qu' ele lá chegou diz ela assim pró padre:

- Hoje é qu' é uma boa maré de matarmos o meu home, tá aí um passageiro e eu ponho a culpa nele. Quande é de manhã comece a gritar qu' ele matou o home, matou o home e ele vai preso.

Ela o que qu' ria era o home de lá pra fora, pró padre lá ir mais vezes. E ele a ouvir aquilo. E ele tava a escutar, a ouvir a conversa, o passageiro. Ouvia aquilo e tava já afrontado com medo e tal.

O padre foi... lá a mulher mais ele e mataram o velhote, o padre depois foi-se imhora e quande ele s' ia a ir imhora, lá o home qu' tava a dromir pega na tesoura e quande ele ia a passar ó pé, o padre tava a abrir a porta e ele foi lá c' a tesoura, bumba, corta um bocadinho da batina ou bata, ou coisa, qu' ele levava pro cima. Bolso, pôs aquilo pró bolso. O outro nunca deu por isso. O padre num deu por isso.

Depois saiu, o padre foi-se imhora e começa ela a gritar qu' aquele qu' lá stá lhe matou o home, veio logo a polícia, amarraram o home e prenderam-no. E ele sempre a dizer:

- Num fui eu, num fui eu, num fui eu, num fui eu.

E ela:

- Foi sim senhora, foi sim senhora, foi ele.

- Foi o padre.

- Atão quim é qu' é o padre?

- Olhe, mandim vir todos os padres qu' há aqui nesta área, passim todos, um por um, aqui p' la minha frente.

- Tá bem.

Lá a justiça obrigou todos os padres passarem, um por um, p' la frente dele. Depois, passava um, olhava, olhava, passava outro.

- Nam, num foi este, num foi este.

Nabanão, acabaram-se os padres.

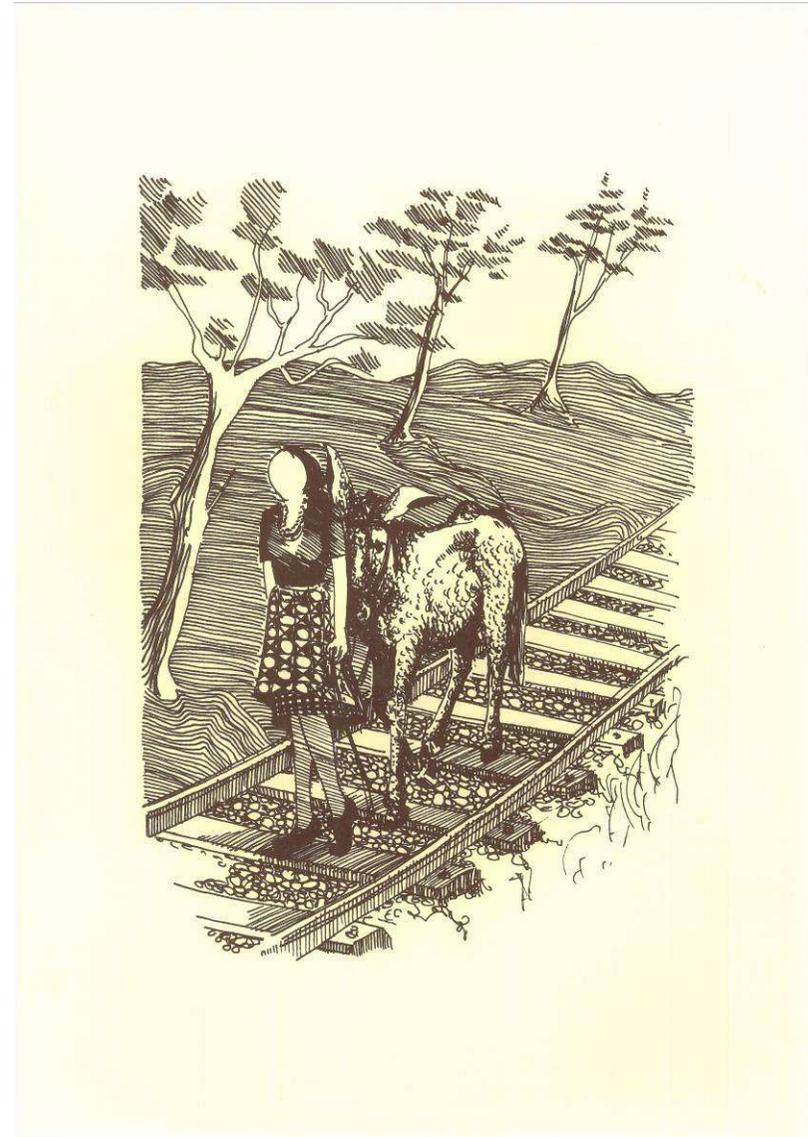
- Atão, já num há mais nenhum?

-Há-de haver mais algum.

- Num há mais nenhum, só há um em tal parte, muito longe, mas qu' é muito doente.

- É esse mesmo qu' eu cá quero. O gajo fez-se doente. É esse mesmo qu' eu cá quero.

Obrigaram o padre a ir lá, qu' ele num tava doente, fez-se doente.



Foi. E quande foi a passar p' la frente dele, ele olhou pra ele viu lá a falta.

- Foi este mesmo.

Chega além, diante das autoridades, puxa p' lo bocadinho qu' tinha no bolso e qu' tinha cortado com a tesoura.

- Os senhores façam favor, venham cá ver, vejam lá s' este bocadinho é daqui ou não era?

Lá tava a falta. Forim ver.

- Sim senhora, é daqui mesmo.

Pois, contou atão o qu' se passou.

- Ele foi lá. Ele falou c' a mulher e a mulher falou cum ele pó matarim, co matavim e deitarem as culpas pra mim.

Soltarim o home e o padre foi preso.

Ele lá continuou a viagem dele. E disse ele assim:

- Bem disse... disse o mê patrão qu' nom dromisse im stalagem d' home velho e mulher nova.

Lá continuou. Chegou lá mais à fente, fez-se de noite outra vez - já lá muite à frente - e havia um caminhe e um atalho. E disse:

- Eu p' lo atalho chego lá a tempo d' onde eu quero chegar, mas eu sei lá o mê patrão qu' num fosse eu po atalhos. Mas já agora resolvo ficar aqui e havia lá uma árvore alta. Subo pra cima da árvore, passo aqui a noite, num venha algum bicho ou qualquer coisa. Passo a noite e amanhã de manhã levanto-me cedo e vou p' lo caminho ou p' lo atalho.

Depois dele lá star em cima da árvore, daí a bocadinho, vêm dois gatunos p' lo atalho que vinha ó incontro dele. S' ele fosse pro lá encontrava-se com eles.

E disse assim:

- Olha dois gatunos qu' além vão, bem me dizia o mê patrão! Encontrava-me ali com eles, matavam-me, roubavam-me o qu' eu lá tinha e matavam-me se calhar, bem dizia o mê patrão.

Ficou a pensar naquilo.

No outro dia de manhã levantou-se e marchou caminho de casa.

Marchou...

Chegou lá à terra ainda a certa altura de dia e quande lá chegou olhou prá casa, conheceu a casa - até tinha um balcãozinho em frente da casa - lá num era muito longe e viu um movimento muito grande, via só padres, padres pra um lado, padres pró outro e viu a mulher dele, conheceu-a também vestida, muito bem vestida, c' um fato, bem vestida, passou lá tamém, ora ia pra dentro ou vinha de lá e os padres ora iam pra um lado ora iam pró outro. Um movimento lá grande em casa. E ele quande viu assim, atão olha, pensou no

outro padre qu' era amigo da outra.

- Atão aquela é amiga dos padres todos, aqueles são todos amigos dela, eu mato-a já.

Pega na espingarda pra lhe dar um tiro. Um tiro à mulher.

- Passas aí, dou-te um tiro.

Depois pensou, o mê patrão qu' nom desse eu tiros sem pensar três vezes primeiro, qu' nom descarregasse a espingarda sem pensar primeiro três vezes. Pensou a primeira, à segunda e depois, quande ia quase à terceira vez, passa uma mulherzinha p' lo pé dele c' um cântaro, à cabeça ou nom sei quê, e antes de dar o tiro perguntou à mulherzinha:

- Atão o qu' é aquilo além naquela casa, o qu' é aquilo?

- Á, o senhor sabe lá uma coisa, há ali uma grande festa hoje.

- Atão o que é? Que festa é aquela?

- Sabe,... uma senhora qu' tá além tem um filhinho e o marido dela foi-se embora quande ele era pequenino, nunca mai cá apraceu. E o filho, os ricos desta terra tiveram pena dele e mandaram-no a ensinar a padre. Aprendeu. E hoje é qu' é o dia do casamento dele, vai dizer missa p' la primeira vez, missa cantada. Dromiu c' a Nossa Senhora à cabeceira. E vai dizer missa cantada. Depois, foi os padres todos convidados, p' la fazer todos o jantar naquela casa e é uma grande alegria. É uma coisa bonita. É muita pena não ter cá tamém o

pai do padre, qu' vai ser padre houje. Ai que pena, mas atão, desapareceu e nunca mais apareceu.

Ele quande viu aquile disse:

- Bem disse o mê patrão, qu' nom desse tiros sem pensar três vezes primeiro. Olha s' eu dou o tiro, a desgraça qu' eu fazia aqui. Matava a mulher, numa festa tão grande, o meu filho padre e tudo.

Á! no meu alforge mandou-lhe tudo e um bolo tamém.

- Este bolo é pra tu partires no dia da tua maior alegria. Disse-lhe o patrão.

Já tinha passado tudo e aquele da arma tamém, pensou três vezes primeiro e num deu.

- E tu cá stás ainda pra comeres quande calhares, num dia qu' tivesse alegria.

Nabanão, ele foi, quande viu aquilo apareceu im casa e viu a mulher, encarou com ela. Entretanto ela nom o conheceu logo bem, ou não sei se conheceu. Parece-me qu 'ela qu' o conheceu e disse:

- Atão conheces-me?

Ela pôs-se a olhar pra ele.

- Conheço. Parece que conheço, num és fulano?

- Pois sou.

Bom, lá s' abraçaram, ela toda contente e ele tamém, porque já sabia a festa qu' era, qu' a outra mulher já lhe tinha contado e então chamou, chamou o filho e os padres. Aumentou a festa. Ficou muito aumentada. Muito bem tude. Depois lá forim, ele foi dizer missa. Depois da missa vieram e veio tudo, os padres, aquela gente, tudo pró jantar. Jantaram.

Depois ele disse:

- Olhe, o mê patrão dê-me este bolo pra eu partir no dia da minha maior alegria. Atão o dia da minha maior alegria é hoje.

Foi pegar no bolo, pega numa faca e traça-o ó meio. Esborralhou-se todo em libras de oiro, qu' foi o qu' ele ganhou durante os vinte anos lá. Pagou-lhe tudo d' uma vez. Vinha o bolo cheio de libras de oiro. Só libras im oiro.

[João Pereira Eduardo, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Antigamente as povoações da Feiteira e da Ladeira (Mação) tinham fama de terem muitas bruxas.

### 88. O sal

Nesse tempo havia em Sarnadas um casal (homem e mulher) que, quando precisavam de ir a Abrantes era sempre o homem que ia buscar o que necessitava. Se se tratava de compras leves, como por exemplo, agulhas, carros de linhas quaisquer fitas de nastro, o homem conformava-se e quando era preciso fazer novas compras ele lá voltava novamente sem protesto. Mas

quando se tratava de artigos pesados, como sal e que a mulher encomendava aos meios alqueires, protestava sempre e ia de má vontade.

Esta má vontade da parte dele tinha a sua razão de ser pois apenas ele regressava com o sal a mulher distribuía-o pelas vizinhas dando algum e emprestando outro.

Assim o sal acabava-se depressa e o pobre homem lá tinha que voltar novamente a Abrantes e carregar até Sarnadas com novo meio alqueire de sal.

Quando ele notou que o sal que ele trazia durava pouco tempo em virtude da mulher o repartir com as vizinhas, obrigou-a a ir com ele e trazer também meio alqueire de sal.

Logo que chegaram a casa, cansados do "frete", como é de calcular, não tardou que uma vizinha fosse pedir à mulher uma certa medida de sal emprestada.

Como ela ficasse sabendo por experiência própria o que custava o sacrifício de trazer à cabeça meio alqueire de sal d' Abrantes para Sarnadas, disse para a tal vizinha:

- Empristo-te o sal, mas o que o meu homem trouxe; daquele que eu trouxe não empristo a ninguém, para não ter que voltar depressa a Abrantes a buscar mais...

[Henriques, António, 1981, *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Samadas de Ródão*, Preservação, 4, Vila Velha de Ródão, p.10.]

### 89. Os gatos do padre

Há muito que o criado do padre vivia desanimado. Não sabia que mais fazer. Falar já não rendia, quantas vezes o fizera sem remédio?

Tudo começou quando o padre trouxe lá para casa sete ou oito gatos.

Verdade verdadinha, nunca consegui saber da razão de tanta gataria lá em casa. Para os ratos que havia, o gato da casa chegava. E este, tinha ainda uma grande virtude, não era ladrão e lambareiro muito menos. Podiam-no fechar sozinho na cozinha com um alguidar de peixe que não lhe tocava, afiançava o criado.

Agora limpava e lavava e não dava limpo nem lavado. Mijavam por tudo quanto era sítio. Respo havia-o por todo o lado, apesar do muito esforço do criado.

O pior não era isso, é que antigamente comia sempre do bom e do melhor. Saibam também vocês a artimanha usada para o conseguir.

O padre não era verdadeiramente um pisco, nem um comilão de primeira apanha e como o criado fazia comida com fartura dava para o padre e sobrava para ele. Mas isto era dantes, agora, por muita que fizesse, ia sempre parar ao

focinho dos gatos. O padre acabava de comer e logo ali, no prato que até então o servira, serviam-se os gatos.

Esta cena para o criado era tirarem-lhe o coração pela boca.

Precisava ver-se livre de tal bicharada e quanto mais cedo melhor. Para isso tinha de fazer alguma coisa. Tinha de ser algo bem feito e mais importante ainda era não ferir a sensibilidade do padre para com ele.

Um dia, quando viu toda aquela bicharada esplagatada ao sol que entrava pela janela, surgiu-lhe uma ideia. E, sem mais delongas, deitou mãos à obra. Pegou na panela de água quente que preparava para a barrela e veio direitinho ao lajedo da cozinha. Chegou-se junto dos bichos que nem se moveram habituados que estavam à paz que lhes davam em casa e berrou:

- Seja louvado e adorado Nosso Senhor Jesus Cristo.

E, ainda as palavras não eram ditas já a água quente os banhava. Os gatos pularam de dor e surpresa.

Tantas vezes berrou estas palavras e tantas paneladas de água fervente deborcou sobre os animais que chegou ao ponto de não ser preciso mais água, bastava dizer-lhes "seja louvado e adorado Nosso Senhor Jesus Cristo" e os gatos pulavam, embarravam-se pelas paredes acima, miavam desesperadamente.

Quando o criado os tinha bem treinados achou por bem chamar a atenção do padre.

- O Senhor Prior trata com tantos carinhos e meiguice estes gatos mas se soubesse que camada de hereges aí estão nem os olhava.

- Atão o que se passa? Perguntou curioso.

- O que se passa? Atão vossemecê não sabe? Quer ver? Perguntou o criado.

E logo acrescentou como costumava fazer.

- Seja louvado e adorado Nosso Senhor Jesus Cristo.

De imediato a gataria, como que possuída pelo demónio, desatou aos saltos, correrias, até cada um desaparecer pelos espaços disponíveis.

O padre ficou espantado, branco, nunca os seus olhos esperavam ver semelhante cena, era o verdadeiro demónio incarnado nos gatos. Era o demónio que o atentava sob o seu tecto. E ele que alimentou e acarinhou durante tanto tempo tal bicharada.

Magoado, mas simultaneamente irritado, disse para o criado:

- Some-me estes gatos, some-os daqui para fora que nunca mais os veja à minha frente. Eu a criá-los com tanta estima e no fim são o diabo em figura de gato.

O criado esboçou um sorriso, um sorriso de vitória oriundo do estômago, prenúncio de ser a próxima refeição à moda dos bons velhos tempos antes daqueles hereges invadirem a casa.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### Facécias

Este é o ciclo com maior número de textos. O mesmo se verifica na recolha efectuada por Soromenho (1986).

No dizer daquela autora (Soromenho 1986:163) o fundamento da facécia é *“uma historieta divertida, contada para análise social”*.

Neste ciclo observa-se uma enorme diversidade temática; destacamos o erotismo e a crítica ao poder instituído, religioso e policial. Alguns textos podem ter subjacentes acontecimentos reais.

Dos 49 textos recolhidos neste ciclo 26 são oriundos do concelho de Proença-a-Nova, 20 de Vila Velha de Ródão e dois do Concelho de Mação.

### 90. Roubar para comer não é pecado

Roubar para comer não é pecado.

Era também este o argumento com que o sacristão se auto-desculpava.

Certo que não roubava comida na caixa das esmolas dos Santos, mas era escrupuloso e fazia com que esses cobres fossem aplicados para esse fim, isto é, na compra de comida para si e para os seus.

Mas o que até aí fazia uma vez por festa, tornou-se agora um vício incontrolável.

O padre já o notara. E esta era a altura ideal para lhe pôr o dedo no nariz.

Mas como fazê-lo?

Um dia, andava o sacristão limpando o altar-mor e estando o padre na sacristia, começou este a perguntar aos berros:

- Quem rouba a caixa das esmolas? Isto tem que acabar. Há quanto tempo roubam a Santa Madre Igreja?

O sacristão, vivaço como era, compreendeu o aviso, simulou nada ter ouvido e voltou à sacristia.

Vendo-o tão distraído, ao contrário do que era de esperar, o padre perguntou-lhe:

- Não ouviste o que disse há bocado?

- Não, não ouvi nada, o que disse? Perguntou o sacristão admirado. Não acredita que não tivesse ouvido? Vá você para lá que eu grito daqui, como o senhor diz ter feito.

Inverteram-se então as posições e começou o sacristão aos berros:

- Quem anda a comer a mulher do sacristão? Quem é? Ah!!! Mas se eu o apanho estouro-lhe lá o pêlo, nem os ossos se hão-de aproveitar.

Pouco tempo passado regressou o padre, rubro e nervoso.

- Na verdade tens razão: não se ouve nada, mas mesmo nada.

[Luis Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança. Versão também ouvida, há muitos anos, em Vila Velha de Ródão.]

### 91. Três arrates da pá do cú

Uma mãe mandou o filho ir comprar três arrates de carne, da pá do cú. O filho lá foi e, para não se esquecer, ia sempre dizendo: três arrates da pá do cú, três arrates da pá do cú. Mas, ao saltar um ribeiro esqueceu-se e pôs-se então a saltá-lo de um lado para o outro, dizendo:

- Aqui te perdi, aqui t' hei-de achar; aqui te perdi, aqui t' hei-de achar.

E dali não saía.

Um vizinho que andava ali perto a lavrar via-o saltar de um para o outro lado do ribeiro e intrigado, perguntou-lhe:

- O que é que perdeste?

E ele continuava:

- Aqui te perdi, aqui t' hei-de achar, aqui te perdi aqui t' hei-de achar.

- Mas o que é que tu perdeste? Continuou o lavrador.

O moço, preocupado com o recado, continuava a saltar o ribeiro. Às tantas, o agricultor não se conteve mais e berrou:

- Ou dizes o que perdeste ou levas um pontapé no cú.

- Ah, já sei! Disse o rapaz.

- Três arrates da pá do cú, três arrates da pá do cú.

E continuou o seu caminho.

[Maria dos Anjos M. Tavares Henriques, Bairrada, Proença-a-Nova, Julho de 1988. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

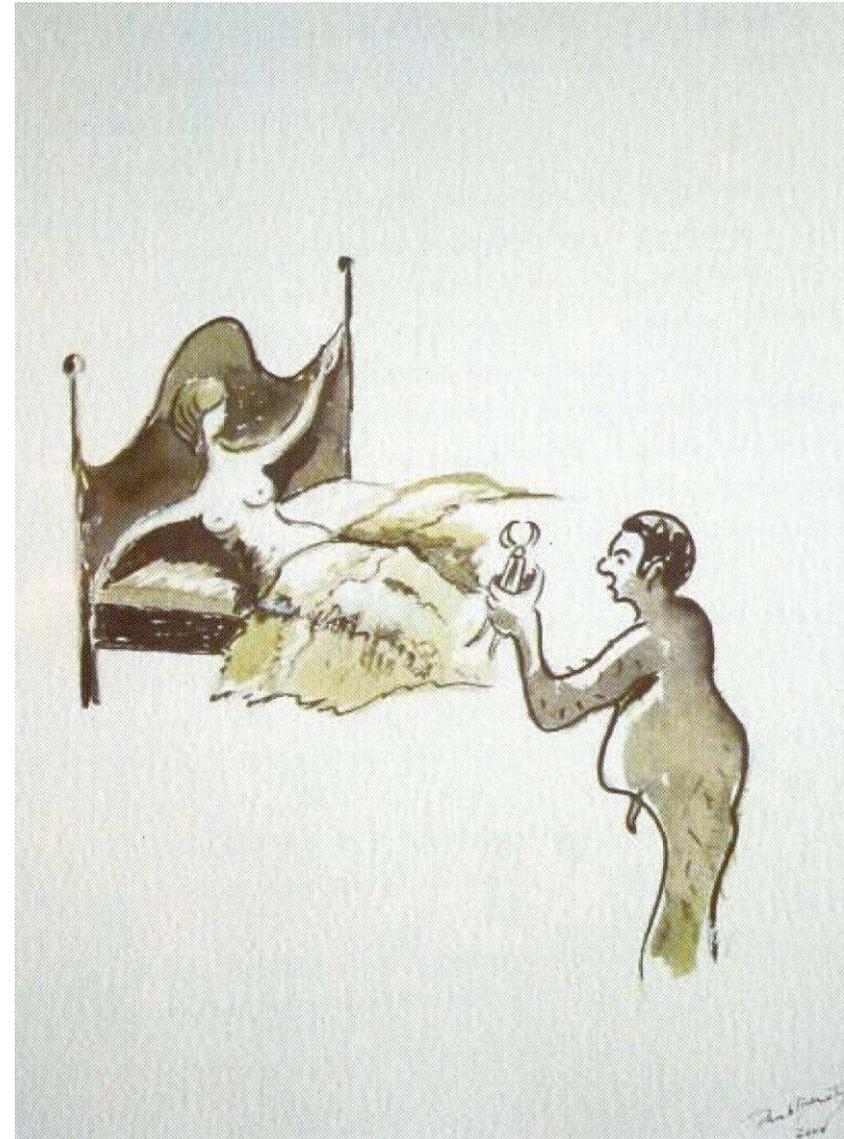
## 92. O gigante e o agreirito

Agora já não há gigantes. Não sei o que lhe fizeram, mas acabaram com eles. No meu tempo, também os não havia, mas contava o meu pai que tinham desaparecido pouco tempo antes de ele nascer.

Sabes o que é um gigante, não sabes?

Homens que faziam dois ou mais de mim, altos, largos, tinham uma força que nem uma junta de bois, onde quer que deitassem a mão era deles.

Tudo estava certo se não precisassem de comer muito, mais do que nós aqui todos juntos, nem queiras saber! E, como as pessoas aqui eram pobres, muitos deles iam para a tropa e por lá ficavam; lá ao menos havia comida.



Um passou por estes sítios e conta-se dele que uma vez estava a almoçar, mas para isso eram precisos dois homens ougarem-lhe com uma pá - daquelas de levantar azeitona - feijões pretos para a bocarra aberta e não o davam ougado. O gigante queria sempre mais e mais. Nisto, há um burro que se intromete entre eles e o gigante, um burro carregado de lenha.

Os homens que alimentavam o gigante, piscaram os olhos entre si como sinal de acordo, e, com as pás por debaixo do animal, ergueram-no também para a bocarra do gigante.

Lá dentro deu o animal duas voltas e foi para baixo com uma esticadela de pescoço.

Quando acabou de engolir tamanho volume, disse o gigante:

- Porra, tenham lá mais cuidado é que agora ia um agreirito.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 93. A confissão na Sobreira

Contam que uma vez um habitante da Foz Sardinha foi, pela Semana Santa, confessar-se à Vila da Sobreira. Ao chegar lá pediu ao padre que lhe desse prioridade, sobre as muitas pessoas que ali aguardavam. Queria voltar à Foz Sardinha com ares de dia.

O padre não foi pelos ajustes e ele, pelo avançado da hora, pela longa distância que o separava de casa, voltou à Foz Sardinha sem confissão.

Mas como era dever confessar-se durante a Semana Santa e, para que não se repetisse a cena anterior, caiu de cama e mandou parte ao padre da Sobreira para o vir visitar para confissão, porque estava muito mal.

O padre veio, confessou-o e aprendeu a lição. A partir desta altura e sempre que havia ajuntamentos para confissão, o padre procurava:

- Há por aí alguém da Foz Sardinha?

[Março, 1986, João Ribeiro da Rosa Júnior, Foz do Cobreão, Vila Velha de Ródão, Março de 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Este conto foi também ouvido a Luís Henriques, de Rabacinas, Proença-a-Nova.

### 94. O cú cantante

Era uma vez uma rapariga que queria ir ao baile mas tinha um grande defeito, andava sempre a dar peidos. Ficou triste por não poder ir. A mãe, vendo-a assim, perguntou-lhe o porquê da sua tristeza, ao que a rapariga respondeu. A velha, já muito vivida, disse-lhe:

- Mas isso não é problema, metes uma passa no cú e já podes ir para o baile.

A rapariga assim fez.

Chegada ao baile, os rapazes agradaram-se dela e convidaram-na para dançar.

Às tantas, a parelha da rapariga viu no chão uma bela passa de figo e não esteve com meias medidas, passou-a pelas calças, para lhe tirar a porcaria mais basta e comeu-a.

Uns momentos mais tarde, disse o rapaz para a rapariga:

- Ó menina, o seu cú canta.

Respondeu-lhe a rapariga com a mesma pompa:

- Pois, o senhor comeu-lhe a tampa.

[Luis Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 95. Cheira a chouriço

No tempo em que os cegos andavam de aldeia em aldeia acompanhados de moços, que os orientavam nas suas idas e vindas, disse o cego para o moço:

- Cheira-me aqui a chouriço. Desconfio de que me andas enganando, comendo tudo quanto é bom.

- Ó não, não era capaz disso. Conhece-me bem.

- A ver vamos, mas é muito mau enganar um pobre velho e cego como eu.

O moço sentira-se incomodado, pois há muito que vinha comendo e guardando para si o melhor. Ao cego, contemplava-o com as sobras.

Com o comentário do cego sentira-se também vexado e, como rancoroso que era, guardou o melhor momento para a vingança.

No dia seguinte, indo por um atalho, o moço parou e virando-se para o velho disse-lhe:

- Salta que é rego.

O cego parou também, preparou-se e fez o salto, mas foi estatelar-se com violência de encontro a um sobreiro.

Enquanto o velho se queixava de dor, lamentava a sua sorte e amaldiçoava o moço que o levava à desgraça este, rindo-se como todos os que se riem do mal, virou-se para o velho e disse-lhe em tom galhofeiro:

- Então, ontem cheirou-te a chouriço e hoje não te cheirou a cortiça ?

[Luis Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

Julgamos que este conto, refere exactamente - ainda que de uma forma aligeirada e algo adulterada - a situação mencionada no final do capítulo I do Lazarelho de Tormes, obra picaresca espanhola de autor anónimo, do século XVI. É natural, devido à proximidade com Espanha e à enorme popularidade desta obra.

Eis o texto, transcrito de “Lazarinho de Tormes”, p. 61-64, Biblioteca Básica Verbo, 44 - Livros RTP, Lisboa, 1971:

*“Posto isto e devido a todas as partidas que o cego me fazia, resolvi deixá-lo definitivamente, e como andava a pensar nisso havia muito tempo e era esse o meu desejo, com esta última brincadeira que me fez mais me decidi. E foi assim que logo no outro dia saímos pela vila a pedir esmola, e tinha chovido na noite anterior. E como o dia também estava de chuva, ele ia rezando orações debaixo de umas arcadas que havia naquela terra e onde não nos molhávamos; mas como a noite se aproximava e não parava de chover, o cego disse-me:*

*- Lázaro, a chuva está pegada, e conforme anoitece mais aperta o frio. Vamos recolher à estalagem quanto antes.*

*Para lá chegar tínhamos que atravessar um ribeiro que, com aquela chuva toda, ia muito cheio.*

*E eu disse-lhe:*

*- Meu amo, o ribeiro subiu muito; mas, se quiser, eu vejo por onde podemos atravessar mais facilmente sem nos encharcarmos, porque há um sítio onde é muito estreito, e podemos passar de um salto a pé enxuto.*

*Pareceu-lhe de bom aviso e disse:*

*- És esperto, e por isso gosto de ti. Leva-me a esse sítio onde o ribeiro estreita, que estamos no Inverno e a água fria faz mal, e ainda faz pior ficar com os pés molhados.*

*Vendo que tudo corria à medida dos meus desejos, puxei-o para fora das arcadas e levei-o na direcção de um pilar ou poste de pedra que havia na praça, sobre o qual e outros semelhantes se apoiavam os alpendres daquelas casas, e disse-lhe:*

*- Meu amo, este é o ponto mais estreito que há no ribeiro.*

*Como chovia forte e o desgraçado se encharcava, e com pressa de escapar da água que nos caía em cima, e, sobretudo, porque Deus naquela hora lhe embotou o entendimento (para eu me poder vingar), acreditou em mim e disse:*

*- Põe-me em boa posição e salta tu primeiro.*

*Eu pu-lo bem direito em frente do pilar e dei um salto, pondo-me por detrás do poste, como quem se esconde de um touro, e gritei-lhe:*

*- Força! Dê o salto maior que possa, para ficar do lado de cá do ribeiro.*

*Ainda mal eu tinha acabado de falar, o pobre cego toma balanço como um bode e arremete com toda a força, dando um passo atrás antes de se lançar, para o salto ser maior, e bate com a cabeça no poste, com tanta força que até fez eco como se lhe atirassem uma enorme abóbora, e cai logo para trás meio morto e com a cabeça rachada.*

- Então, sentiste o cheiro da linguiça e agora não te cheirou a poste? Ora toma, que é para saberes! – gritei-lhe eu.

*E deixei-o entregue a uma porção de gente que apareceu para lhe acudir, e tomei o caminho da porta da vila a sete pés, e antes do cair da noite dei comigo em Torrijos. Nunca mais soube o que foi feito dele, nem me preocupei em saber.*

### 96. De cavalo não se faz doutor

Hoje, o que vos vou contar, aconteceu há muitos anos.

A história é de um pai e de um filho. E qual é o pai que não gosta de ver os filhos bem na vida? Todos gostam, apesar das discórdias que surgem de quando em quando.

É preocupação dos pais dar uma vida mais desafogada aos filhos, de forma a evitar sacrifícios tão duros como os que já passaram.

Para isso, e desde que o pai tivesse possibilidades, só havia uma saída: mandá-lo para lugar onde houvesse escolas, além do mais, estava também na moda fazê-lo. Rico que não tivesse filho doutor, não era rico.

Mas, como nem todos os filhos dos ricos têm uma especial apetência para este tipo de actividade,urgia arranjar uma solução. Até para se salvar da vergonha de ser rico sem um único doutor na família.

Assim, mandou preparar os cavalos e pessoal e dirigiram-se a Coimbra, cidade de estudantes e lentos.

Chegados falaram com o mestre, pessoa muito inteligente e influente, que a troco de uma taleigada de libras em ouro passou o diploma, comprovando que o filho do senhor fulano de tal, conde não sei de quê, era doutor nisto ou naquilo.

Regressaram. E enquanto o faziam, pensamento puxa pensamento, palavra puxa palavra, diz o pai para o filho:

- Ó filho, não será vergonha agora chegares a casa e tu seres senhor doutor e eu, teu pai, não ser nada? E se voltássemos para trás e falássemos novamente com o mestre para me fazer também doutor? Temos ainda aí tanto dinheiro.

Voltaram à cidade e o mestre, a troco de outra sacada de libras, passou-lhe um documento em como era também doutor.

De regresso a casa, e já perto, pararam para descanso e reflexão. Disse então o pai para o filho:

- Ó filho, já há dois dias que venho com esta na cabeça, já era para ta ter dito.

- Diga senhor meu pai.

- Não será vergonha tu agora seres doutor, eu ser doutor, mas os nossos cavalos não o serem? E se voltássemos para trás e fizéssemos também os nossos cavalos doutores?

Voltaram e bateram uma vez mais à porta do mestre que, perante a pretensão apresentada, respondeu:

- Saiba vossa excelência que de burros tenho feito muitos doutores, mas de cavalos ainda não consegui fazer nenhum.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 97. O Bento e o vento

Numa noite de muito vento e chuva a criada e a patroa estão à lareira. Aguardam o patrão que ainda não chegara. Nisto, parece terem ouvido bater à porta e diz logo a patroa:

- Ó Maria, vai ver quem é.

A Maria foi, abriu a porta e, muito atrapalhada, gritou:

- É o "bento" minha senhora, é o "bento".

- Atão deixa-o entrar, tás tu à espera.

Acrescentou a criada:

- É o "bento" qu'entra p'lo cú dentro, minha senhora.

- Atão fecha a porta, fecha a porta.

É que o patrão chamava-se Bento.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques, versão ouvida em criança em Vila Velha de Ródão.]

### 98. Deus acrescentou, o Diabo levou

Era uma vez um rapaz que estava a ferver uma caldeira de leite e quando o viu subir, subir, foi logo chamar a vizinhança para o ajudar.

De regresso, viu o leite todo entornado e então disse:

- Tanto Deus o acrescentou qu' até o Diabo o levou.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 99. A rapariga e o namorado

Uma rapariga estava a namorar um rapaz ao lume. E a mãe, em vez de os guardar, foi para a cama. Pensava que os guardava na mesma, é que só o tabuado e a porta meio aberta os separava.

Foi o que o rapaz quis ver e a rapariga também. Novos como eram, o rapaz começou logo a apalpar a rapariga. Às tantas, disse ela em voz alta e com cara de poucos amigos:

- Esteja quêdo.

Que era para a mãe ouvir que ela era de confiança.

E depois, numa vozinha meiga e muito baixa, de modo que a mãe não ouvisse, acrescentou:

- Mexa sempre, mexa sempre.

Ai a velhaca!

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

#### 100. O porco da comadre

Andando o Ti Manel Fandinga a semear aveia num pequeno terreno junto da furda da sua comadre, disse-lhe esta:

- Á compadre, já viu aqui o meu porquinho?! Isto num é um porco é um santo. Veja lá que nom fossa, é bom de boca e ingordar é como quem lh' assopra c' uma palha pró cú.

Então o compadre pensou logo em pregar-lhe uma boa partida e, mal ela virou costas vá de deitar uma mão cheia de aveia para dentro da furda.

O que se passou a seguir já podem adivinhar. O porco começou a fossar, a fossar, à procura dos grãos de aveia e revoltou tudo.

À tarde, quando a comadre chegou outra vez junto da furda e viu tão triste espectáculo começou logo a lamuriar-se para o compadre.

- Á compadre, já viu o que se passou? Foi o Diabo qu' aqui introu. Já nom se pode nomear o nome de um santo sem que o Diabo nos atente.

[Guilhermino Pires Nogueira, Gavião, Vila Velha de Ródão, 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

#### 101. Os rebuçados no cemitério

Dois gaiatos tinham acabado de roubar um frasco de rebuçados e havia que dividi-los. Qual seria o melhor sítio, qual não seria, até que um diz:

- Vamos pró cemitério qu' ó menos lá ninguém nos atenta.

Para lá foram. Ao saltarem a parede caíram alguns rebuçados para o lado de fora. Entraram, esconderam-se e começaram a dividi-los.

- Um pra mim, outro pra ti; um pra mim, outro pra ti.

Às tantas, ia um homem a passar e ouviu falar pra dentro do cemitério. Parou, escutou e ouviu:

- Um pra mim, outro pra ti; um pra mim, outro pra ti.

Pensou logo ser Nosso Senhor e o Diabo a dividirem as almas. Nisto, a conversa parou porque a divisão terminara e disse um para o outro:

- Agora vamos aos que lá estão fora.

Que eram, naturalmente, os rebuçados que tinham caído ao saltar o muro.

O homem ao ouvir aquilo deitou logo a fugir porque pensou que o vinham já buscar para o outro mundo.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques, versão ouvida quando era criança em Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova.]

### 102. O come e cala-te da avó

A avó estava a dar papas ao neto e nisto, não sei que jeito deu ou o que fez, ficou com o cú de fora. O neto olhou e, espantado pelo que viu, perguntou:

- O qu' é qu' avó tem entre as pernas?

- Come e cala-te! - disse-lhe a avó.

Ao que o neto logo respondeu:

- Olha o come e cala-te d' avó, olha o come e cala-te d' avó!

[Maria dos Anjos Martins T. Henriques, Bairrada, Proença-a-Nova, 1986.  
Recolha e redacção de Francisco Henriques.]



### 103. A costureira e a tesoura

Um rapaz gostava muito de uma rapariga, costureira. Por sua vez, esta namorava com outro rapaz da povoação. O primeiro, já não podia esperar mais pela costureirinha e chegando junto do seu rival disse-lhe:

- Olha lá, tu já reparaste que a moça que namoras é doida?! Pode estar com as mãos em cima da tesoura mas anda sempre a procurá-la.

O namorado da costureira reparou quanto tinha de verdade aquele aviso. A sua moça nunca sabia onde estava a tesoura – o que é hábito das costureiras.

Mas o namorado não esteve com meias medidas, deixou pura e simplesmente a rapariga. O outro, logo que soube, apressou-se a pedir-lhe namoro que foi aceite.

[Maria dos Anjos Martins T. Henriques, Bairrada, Proença-a-Nova, Março de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 104. O porco e o padre

Era já tarde quando o padre deu pelo roubo. Foi dado o alarme. Quem foi, quem não foi, ninguém tinha sido.

Mal do padre que ficara sem o porco.

O mulherio ainda fez falatório durante alguns dias, mas acabou por esquecer.

Mas Deus tem uma mão que cobre e outra que descobre e, certo dia, quando o padre se entretinha a brincar com o seu afilhado, reparou que este tinha melhor aspecto.

Disse-lhe então o padre.

- Estás gordinho.

- É com a carne do seu bacorinho.

Estava o segredo desvendado. Levara tempo mas conseguira. Continuou o padre:

- Olha, se tu no domingo disseres na missa que andas gordinho com a carne do meu bacorinho eu dou-te um assobio e uma navalha.

Com a promessa deixou a criança a bailar as tropecinhas. Um assobio e uma navalha?! Que mais podia desejar na altura uma criança? E fugiu a correr para casa. Chegado, gritou de felicidade:

- Vou ter um assobio e uma navalha, no domingo vou ter um assobio e uma navalha.

- E quem ta dá? Perguntou o pai.

- O meu padrinho.

- O que fizeste tu prá ganhar?

- Vou dizer uma coisa na missa.
- Na missa?
- Sim, na missa do domingo.
- E o que vais tu dizer?
- Eu vou dizer que ando gordinho com a carne do porco do meu padrinho.
- Á ladrão, matas-nos a todos. Não podes dizer isso. Se roubei o porco foi para te matar a fome a ti e aos teus irmãos. E o teu padrinho não precisa, é rico.

Então lá começou a instruir o filho em dito mais apropriado para a ocasião.

No domingo, no fim do sermão, começa o padre para a assistência:

- Olhai meus irmãos, da boca das crianças é que saem as verdades, olhai o que diz este inocente, grandes coisas tem para vos dizer.

Silêncio. Tudo esperou.

Diz então a criança numa vozinha débil:

- D'á nove anos pra cá, todas as crianças louras que nasceram na nossa freguesia, são todos filhos do nosso padre.

O que ele foi dizer! Foi como deitar sal no lume.

O padre, nervosamente, começou a benzer-lhe a cabeça e a dizer:

- Está possuído pelo Demónio, está possuído pelo Demónio. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ao mesmo tempo salpicava a criança com água benta.

Quem já não ouviu o final da missa foram os homens, que iam saindo e juntando-se à porta, em magotes, para mais pessoalmente "falarem" com o padre.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 105. O castigo do padre

Os tempos eram difíceis e entre os três havia uma certa convivência.

O padre visitava quase diariamente a amante, levando-lhe sempre alguns presentes. Mas o casal desejava acabar de vez com aquilo. De modo que combinaram e prepararam a melhor forma de humilhar o padre, dando-lhe simultaneamente uma lição.

E se bem o pensaram, melhor o fizeram.

Prepararam a maior arca lá de casa e barraram todo o seu interior com grande quantidade de resina e penas de galinha.

O padre visitava-a no dia combinado. O casal pretendia que fosse a última visita. Assim, quando o padre estivesse despido e mediante sinal da mulher, o marido bateria à porta. Naquela atrapalhão a esposa mandaria o padre entrar na arca.

Nú como estava, o padre entrou.

Depois, o marido pegou na arca e colocou-a num carro de bois. Passeou-a pelas ruas da povoação e ia dizendo:

- Tenho aqui o Diabo, quem quer ver o Diabo? Tenho aqui o Diabo, quem quer ver o Diabo?

Na expectativa toda a gente se reuniu na praça. No meio de grande alarido acabou por abrir a tampa da arca saindo de lá um ser humano, coberto de resina e cravado de penas, nu e de sexo pendente.

Ao ver-se livre, o padre não fez mais que fugir tão rapidamente quanto podia.

Quando os gaiatos viram em fuga ser tão disforme, todos à uma lhe aventavam pedradas.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]



**106. O melão come-o o dono**

O meu tio Manuel Dias reivindica-se como sendo o "herói" desta história, o que muito me custa a acreditar.

Fim do Verão com a noite ainda quente e abafada. A Guarda vá de dar o seu giro. Entretanto, ou pelo calor da noite, ou por uma pontada de apetite, ou por ambos, não sei, entraram num meloal.

Roubaram um belo melão e acordaram ir comê-lo à porta do cemitério, sítio onde ninguém os incomodaria pois toda a gente tem medo de chegar-se a tais lugares àquelas horas. O raciocínio foi feito em voz alta. E como o guarda do meloal não os queria lá avezados, ao mesmo tempo que parecia mal repreender uma autoridade, até porque daqui amanhã poderia vir a precisar dela ou sofrer as consequências, despiu o fato e ficou de ceroulas e camisola interior. Saltou então para dentro do cemitério e esgueirando-se entre as campas foi até ao portão onde muito regaladamente estavam sentados os guardas.

O melão já partido abria-se em malmequer sobre a cantaria. Quando um dos parceiros estendeu a mão para tirar a primeira fatia o guarda do meloal deitou languidamente a mão pelo gradeamento e numa voz arrastada disse:

- Eu também quero o melão.

Ó pernas para que vos quero. Ficaram só as espingardas a ladear o melão e foi porque não tinham pernas.

[Luis Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

**107. Pô pró rei, pô prá rainha**

Era uma vez uma velha que vivia ao lado do palácio do rei. Vivia muito pobremente.

O Rei tendo conhecimento da sua situação ordenou que a trouxessem para o palácio e lhe dessem todas as condições.

Mas no palácio, mesmo com todos os mimos, a velha via-se emagrecer dia-a-dia, não comia, não dormia, andava inquieta.

Então o Rei e a Rainha mandaram-na chamar e perguntaram-lhe o que lhe faltava. A velhota respondeu que só queria ir para casa. Pedido esse que foi imediatamente satisfeito.

Chegada a casa disse feliz:

Pô pró Rei

Pô prá Rainha

Aqui é que é cagar

Que esta casa já é minha.

Outra versão:

Pô pró Rei

Pô prá Rainha

Agora já estou

Na minha casinha.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 108. A gripe pobre e a gripe rica

O Inverno estava a chegar. Pelos caminhos barrentos e alagados iam duas gripes magras, mal vestidas e de barriga a dar horas, a deitar contas à vida.

- Isto não pode continuar assim. Dizia uma.

- Pois não - confirmava a outra -, olha o estado em qu' a gente está, é uma lástima.

Combinaram que se enfiariam nas duas primeiras pessoas que passassem pelo caminho.

Pouco tempo depois passou um transeunte bem vestido, bem calçado e com cara de quem vendia saúde.

A mais ousada não aguardou mais tempo e, já à pressa, disse para a colega:

- Daqui a um mês cá te encontro.

E logo tratou de se aconchegar num felpudo sobretudo. Mais tarde veio a saber que o seu hospedeiro era homem rico, distinto, dos mais importantes do lugar.

Quando se sentiu engripado não mais saiu de casa, e da cama raramente. Comia do bom e do melhor, bebia das melhores bebidas e não trabalhava.

Dava graças pela vida que conseguira.

A companheira que ficara só, agora desolada, no meio de um frio que chegava aos ossos, acompanhada de uma fraqueza superior, não teve mais energia do que sentar-se à beira do caminho à espera de algum viajante.

Já ao cair da tarde passa um grande rebanho de gado, seguido por um pastor do tipo famelga. Não podia mais, agarrou-o, acercou-se do seu calor o melhor possível e lá foi.

O pastor, sentindo-se atingido pela gripe não fazia mais do que beber água muito quente, pouco comia e continuava a trabalhar.

Maldito mês, pensava ela, nunca mais termina. Estava deserta para se ir embora.

A hóspede da casa rica nem dava por passar o tempo e quando veio a si estava na véspera de estar com a amiga.

Quando chegou ao lugar combinado, afoguada pela pressa, viu a amiga e, meio espantada, disse:

- Ei como estás! Tão escanzelada, toda queimada e magra. Bem pior do que quando nos separámos.

- Sabes lá - respondeu a amiga - a pessoa para onde fui só bebia água quente para me queimar, sempre trabalhou, comia mal, puta vida. Mas tu pelo que vejo foste bem aviada, vens toda lustrosa, com cores tão bonitas, até engordaste, que vida de rico tu fizeste, até te invejo.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 109. "A caixa do incenso"

Fim do Verão, sol a pino.

Quem poderia suportar aquele calor?

Nem o Senhor Prior resistiu. E, antes de dizer a missa, vá de tirar as ceroulas de atilhos e vestir os paramentos por cima do corpo nú.

Acontece é que as relações entre o sacristão e o padre não eram agora das melhores.

O sacristão queria vingar-se de uma marotice que o Senhor Padre lhe fizera há dias atrás quando apareceu para ajudar à missa das sete com uma insuportável dor de dentes.

O padre, tirou uma badalhoça do rabo e disse para o sacristão:

- Mete este torrão de incenso na taloca do dente que já passa.

Obediente e desesperado de dores o sacristão ia cumprir a ordem mas, mal a chegou à boca, pode certificar-se da verdadeira natureza deste "incenso".

Não resmungou, esperou antes por uma oportunidade de vingança.

Hoje, quando o padre se estava preparando, ocorreu-lhe uma ideia e iria pô-la em prática durante a missa.

A cerimónia religiosa começou, avançou, e às tantas o padre para prosseguir teria que se dobrar. Nessa altura o sacristão, seguindo o habitual procedimento, levantava ligeiramente a parte posterior do paramento. Hoje tinha que exagerar na sua elevação.

E assim fez, todas as vezes necessárias, levantou exageradamente e de uma maneira alheada o paramento, deixando à vista o traseiro e anexos do padre.

O público respondia com uma forte e incontida gargalhada, logo reprimida com esforço.

Durante o ofício religioso a cena e conseqüentes gargalhadas repetiram-se três ou quatro vezes. O padre estava intrigado pela falta de respeito dos seus paroquianos, coisa que nunca acontecera.

E, mal o ofício acabou, a caminho ainda da sacristia não se conteve e perguntou ao sacristão:

- O que tinham hoje as pessoas? Cada vez que me baixava tudo desatava à gargalhada.

- Era eu que lhes amostrava a "caixa do incenso" do Senhor Padre. Respondeu calmo o sacristão.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 110. O borrego de São Pedro

Vocês já não são desse tempo, nem eu, mas era o meu pai ou então o meu avô.

É que antigamente quando o frio começava a apertar as serras e a pintalgá-las de branco, desciam de lá os pastores com os seus animais.

Vinham lentamente na direcção do sul, atrás de grandes rebanhos. Fugiam do frio e procuravam lugares mais amenos. Não tanto por si, mas pelo gado.

Procuravam lugares onde a terra se não cobrisse de neve mas de um manto verde logo às primeiras chuvas. Era uma conduta ancestral.

Uns rebanhos ficavam aquém do Tejo, outros atravessavam-no e embrenhavam-se pelo Alentejo fora.

O Vítor era um dos pastores que fazia pela primeira vez este percurso. Ficou nos Maxiais.

Nem a terra nem as pastagens lhe pareceram grande coisa, mas veio para onde o enviaram e tentaria cumprir o melhor possível a sua missão; aliás bem, como sempre o fizera.

Para ter a garantia de bons resultados, vá de ir à capelita.

São Pedro era o padroeiro, era também o maior. Os outros dois santos, eram tão pequenos que mal se distinguiam no altar.

Descobriu-se, entrou no pequeno templo e dirigiu-se ao patrono.

- Olha lá São Pedro, se tu olhares pelo meu rebanho, se os lobos não mo atacarem e as ovelhas parirem todas com bem eu dou-te o melhor borrego. Está bem?

O santo não respondeu e continuou mudo e imóvel.

- Ouviste ou não? Perguntou o pastor. Não respondes? Se fosse fidalgo falavas até te desunhavas, mas sou um pastor. Fica assim, nem é preciso falares, põe-me o rebanho em graça e eu dou-te o prometido.

São Pedro era bom vigilante e amigo dos animais.

O ano também corra a jeito, nada de frio, chuvoso quando tinha de o ser e até quente quando Abril chegou.

E, das duas ou três arremetidas que os lobos fizeram não conseguiram superiorizar-se aos canzarrões corpulentos e destemidos.

As ovelhas pariram bem e sem problemas.

O Vítor não se esquecera e na véspera de desandar com o rebanho, agora à procura de posto mais fresco onde as pastagens estivessem e se mantivessem verdes, vá de levar o borrego a São Pedro.

Pegou no borregote, atou-o com uma corda e vá de levá-lo. Entrou, atravessou o pequeno templo e já junto dos pés de São Pedro dirigiu-lhe a palavra:

- Aqui tens São Pedro. Bonito, lustroso. É o melhor. Tudo correu bem, obrigado.

O santo não se mexeu.

- Vá, deixa-te de coisas vem pegar nele. Continuou o homem.

O santo continuava no seu posto, imóvel e imperturbável.

- Estás-te a fazer esquisito? Ei, pensas que há lá outro melhor? Olha vai lá tu escolhê-lo. Mas disto percebo eu.

O santo nem truz nem buz, com olhar fixo e longínquo.

- Tens vergonha? Estás doente? Perguntou ainda o pastor.

Como não obteve resposta atou o cordeiro aos pés do santo e acrescentou:

- És muito bom mas muito tortinho, tal qual o meu pai que Deus tem.

E saiu o homem de encontro à lameirita e encosta suave onde o resto do rebanho pastava tranquilamente. Mas o borrego, ao ver-se só na igreja, desatou aos berros, aos puxões e o santo caiu atrás dele. Assobacou-se o borrego e fugiu com o santo atrelado pela encosta suave de encontro ao rebanho.

O pastor, ao ver tal desatino, começou aos berros.

- Agarra-te às estevas mãos de aranha, agarra-te às estevas mãos de aranha.

Nem aqui o santo quis ainda obedecer-lhe.

Na lameirita havia uma pequena vala, o borrego saltou-a mas o santo caiu nela e o animal foi incapaz de o tirar.

- Segura-o que já aí vou. Segura-o. Já o devias ter feito. Gritava o pastor.

E em corrida na direcção do santo e do borrego, ia dizendo:

- Eu bem sabia, tinhas de cá vir, quando te vi com aquela cara desconfiada. Agora escolhe.

Quando chegou à vala onde jazia o santo destruído já outros elementos do povo, atraídos pela lambança, iam chegando.

No final, vendeu-se o borrego que foi o suficiente para comprar novo São Pedro. O velho, ainda o pude ver todo rachado e esmurrado na sacristia da capelita.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 111. Três raparigas à janela

Um rapaz namorava uma rapariga, vizinha de outras duas e passavam todo o tempo na janela à conversa. E ele sabendo o que se passava, um dia, passa por lá uma pessoa desconhecida que ia na direcção da aldeia da rapariga e o namorado disse-lhe:

- O senhor passa muitas vezes aqui. O senhor vai para tal parte?

- Vou.

- Dava-me lá um recado?

- Dou.

- Há lá três raparigas, todas vizinhas e sempre à janela.

E assim, o viajante quando pensou que tinha chegado ao sítio indicado disse o seguinte:

- Salve-as Deus todas três

Eu de vós não sei qual é

Manda-me aqui não sei quem

Que vá ter não sei onde é.

[Eusébio Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova, residente em Gavião de Ródão, Março de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 112. O enterro do “Cacete”

Apareceu na freguesia um indivíduo, não conhecido na região, mas que depressa captou as simpatias, sobretudo as das mulheres pois fazia-lhes os recados, compras, etc.

A este indivíduo puseram-lhe a alcunha de Cacete. Mas como tudo, também o Cacete chegou ao fim e não aparecendo ninguém para fazer o enterro, as mulheres da freguesia foram ter com o Sr. Padre e disseram-lhe:

- Ó Sr. Padre, o Cacete morreu e nós vimos pedir-lhe para fazer o enterro, mas não há dinheiro para tanto.

Então o pároco disse-lhes:

- Não há problema que eu enterro-lhes o Cacete de graça.

[Alfrívada, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 113. O ladrão do albornoz

Uma vez um indivíduo levava um albornoz (espécie de alforge) em cima do seu cavalo e entrou numa taberna onde se demorou algum tempo.

Depois de muito tempo, quando saiu notou que lhe tinham roubado o albornoz e começou a gritar todo raivoso, tanto que até tinha espuma nos cantos da boca:

- Roubaram-me o meu albornoz. Qual seria o grande patife que mo roubou? Se não mo entregar eu farei o mesmo que fez meu pai.

Um dos indivíduos que se encontrava próximo ao ver o homem tão raivoso e cheio de cólera, disse-lhe cheio de pavor:

- Calma amigo! O albornoz irei buscar, mas gostava de saber o que fez seu pai.

Este retorquiui:

- Não teve outro remédio senão comprar outro.

Imagine com que cara ficou o ladrão.

[César Correia, 58 anos, Alfrívada, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 114. Os rapazes e o lobo morto

Era uma vez três rapazes que vinham da escola e encontraram um lobo morto. Combinaram então que cada um dissesse uma “anedota” e aquele que dissesse a melhor iria, com os outros, comer um jantar que seria pago pelos outros dois. Um deles disse:

- Este lobo enquanto no mundo andou, tudo comeu nada pagou.

Outro disse:

- Este lobo enquanto foi vivo comeu tudo cru e nada cozido.

E o restante disse por sua vez:

- Este lobo enquanto foi vivo dormiu muita sesta mas nunca dormiu uma como esta.

Entretanto começaram a discutir sobre qual tinha sido a melhor “anedota”. Nesse momento passou por ali um homem que lhes perguntou a razão da discussão, e explicaram-lhe o sucedido. Então este homem quis ele também dizer a sua “anedota” e disse assim:

- Este lobo está muito lindo e muito farto; paguem vocês os três o jantar e comemo-lo todos quatro!

[Monte Fidalgo, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 115. A confissão das velhas

Um sacerdote estava na confissão e como não havia maneira de aparecer ninguém pôs-se a brincar com o sacristão:

- Vamos meu rapaz, aprende a fazer o pino.

Quando o sacristão estava a fazer o pino apareceram duas velhas solteironas, e ao verem assim o rapaz dizem uma para a outra:

- Vamos embora mana que hoje a confissão é feita de pernas para o ar e eu não trago cuecas.

[Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 116. Aqui jaz um inocente

Uma menina fina, solteira, mas que por azar teve um filho. Mas este ao nascer morreu o que a sua mãe lamentou muito e para homenagear o fruto do seu amor falhado, pediu ao poeta que lhe fizesse umas palavras para gravar numa lápide. Este assim fez e escreveu o seguinte verso:

Aqui jaz um inocente

Que a luz do sol nunca viu

É filho de pai incógnito

E da puta que o pariu.

[Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 117. O criado esperto

Em casa de um homem serviram dois irmãos que acabaram por despedir-se devido a um costume dessa casa: quando doía a cabeça ao patrão, ninguém comia ceia. Um outro irmão mais novo e mais esperto não quis ir deitar-se. Quando a patroa lhe perguntou porque não o fazia respondeu:

- É que eu gosto de dormir um sono assado ao lume.

A mulher tinha uns poucos de ovos acravados na cinza. Mas o criado foi mais fino que os outros. Pegou num pau e toca a malhar os ovos de cima do lume, com a desculpa de que em casa da mãe dele também malhava a cinza quando lhe parecia algum cagulo. Daí a pouco o patrão pede por comer. A mulher cozeu um pouco de farinha, o criado agarra num punhado de cinza e ala para a panela, com a desculpa de que na terra dele também se punha cinza na cozedura das meadas de linho.

Quando o patrão viu que não ia lá ter nada à cama toca a ir para um quintal que lá tinha com nabos e toca a comer neles.

O criado saiu de casa todo apressado e gritou:

- Ó patroa, anda ali um burro no quintal.

Então ela foi lá com um pau e malhou ali no burro, bem malhado.

- Ai quem me acode! Ai quem me acode!

E desse dia em diante nunca mais ao patrão lhe doe a cabeça.

[João Manso, 70 anos, Fratel, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 118. A confissão

Numa ocasião, aqui no século passado ou mai de quantos, um rapazito foi-se a confessar, é claro, à igreja, ao padre. E o padre perguntou-lhe a confissão e ele diz-lhe assim:

- Eu num sei.

- Atão tu vens-te a confessar e num sabes a confissão?

- O senhor prior tamém num sabe tudo.

- Mas sei mais do que tu.

- Vamos lá a ver. Quantos dentes tem um chibo quando nasce?

E ele era pastor, o rapazito.

- Ai isso num sei.

- Ora vê que num sabe tudo.

E diz-lhe assim o padre:

- Olha rapazinho, tal dia vens cá, qu'eu hei-de saber responder.

O rapazito nesse dia lá foi e o padre perguntou-lhe:

- Atão já sabes a confissão?

- Ó senhor padre ainda não.

- Atão e o senhor padre já sabe quantos dentes tem um chibo quando nasce?

- Sei.

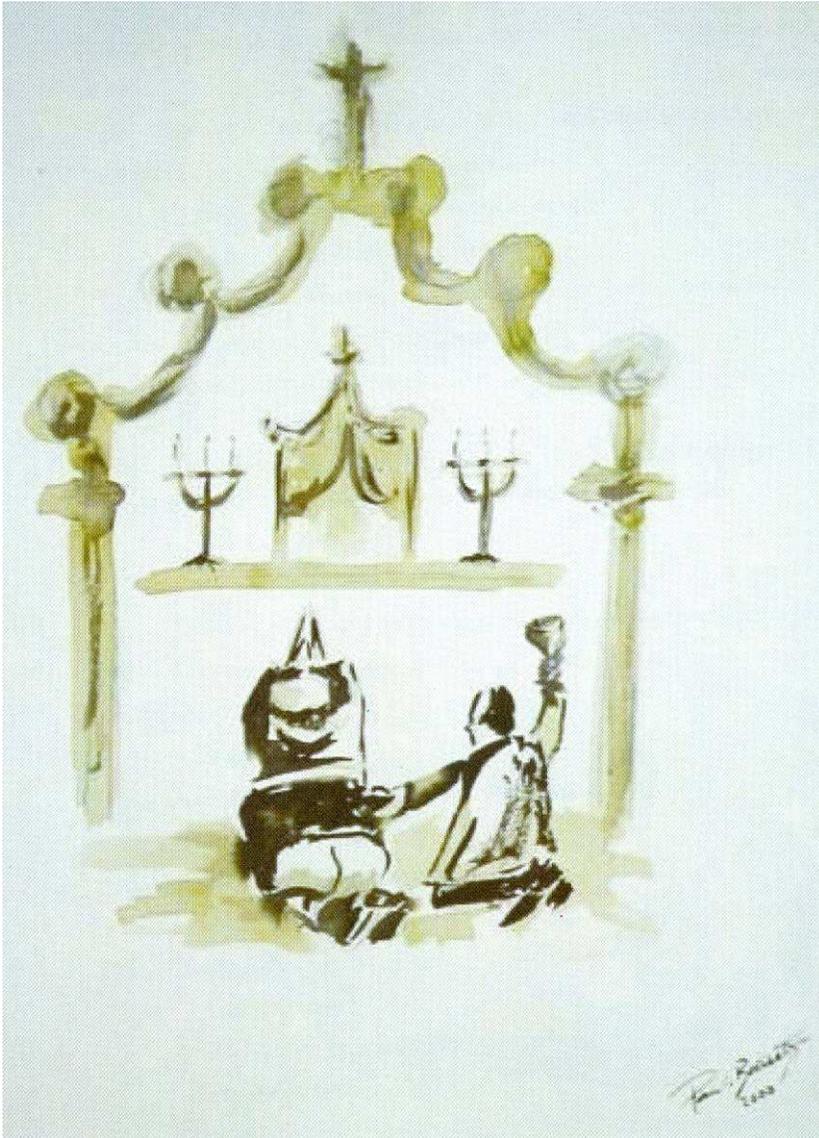
- Quantos são?

- São oito.

- De baixo ou de cima?

Deixou o padre outra vez à rasca.

[Manuel Ribeiro Santo, Vale do Cobrão, Vila Velha de Ródão, Março de 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]



### 119. A gente não lê jornais

Uma mulher tinha uma filha para fazer a primeira comunhão. Mas a garota nom dava nada, nom sabia nada, ò depois ela um dia encontrou-se c' o senhor padre, a mulherzinha, depois disse assim:

- Bom dia senhor prior, então a minha cachopita não poderá ir à primeira comunhão?

E ele diz:

- Isso sim, se ela nem sequer sabe que Jesus Cristo morreu para nos salvar.

- Nom m'admira senhor prior, como a gente nunca lê os jornais! Olhe eu nem sequer sabia qu'ele tinha estado doente.

[Balbina Castelo Pires, Perais, Vila Velha de Ródão, 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 120. O criado gago

Numa ocasião um patrão e um criado, de maneira que ô ô ô patrão mandou o criado à adega e o criado pôs-se a beber e coisa. Não, primeiramente tirou a rolha ao pipo e pôs-se a tirar vinho e depois distraiu-se e perdeu a rolha do barril e o vinho continuou a correr, num é? O criado viu-se tão aflito e correu a ver do patrão. Quando encarou c' o patrão e nim era capaz de falar, era gago assim como eu, ou talvez mais num é? E diz:

- Á patrão, á patrão, eu, eu, eu, eu...

O patrão viu-o tão aflito e diz-lhe assim:

- Diz-me a cantar.

É que os gagos a cantar, a cantar, nenhum gagueja e ele então disse:

- Ó patrão, eu perdi, perdi a rolha ao pipo e nunca mais a vi.

[Manuel Ribeiro Santo, Vale do Cobrão, Vila Velha de Ródão, Março de 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

O informante diz ter aprendido esta história no seu livro da 3ª Classe.

### 121. Cortaram-te a pichota

Numa ocasião era uma garota e um rapazinho e depois claro com' é sabido as raparigas im chegando a certa idade, que passam a ser mulheres, nom é? De maneira que a mãe nunca a tinha preparado. Eu acho que por lei que as mães devem preparar as filhas.

Aquando a rapariga lhe veio a imenstruação, estava lá só mais o irmão. A rapariga aflita chegou ó pé do irmão:

- A mãe?

- Olha num stá cá, stá assim, stá assado. O quê qu' tu tens?

- Á, num tenho nada.

Bom a rapariguita abalou. Começou-se a achar pior e voltou.

- Ó irmão atão mas a mãe?

- A mãe num stá cá.

- Atão o quê qu' tu tens?

- Eu tenho aqui uma coisa.

- Atão ó mana eu num posso ver?

- Podes.

A rapariguita pôs-se insposição do irmão ver, n' é?

O irmão assim muito sério, pôs-se assim a olhar, assim muito sério e disse assim:

- Ó mana cortaram-te a pichota, mana.

[Manuel Ribeiro Santo, Vale do Cobrão, Vila Velha de Ródão, Março de 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 122. Todos os três juntos

Era uma vez um fulano que tinha um patrão ali em Nisa, pra onde ele ia à cêfa.

E depois é claro, naquele tempo, quem tinha dinheiro é que trazia os filhos a estudar e então o lavrador trazia uma filha a estudar e o manageiro dele qu' ia lá fazer a cêfa tamém trazia um filho a estudar. E eram muito colegas, pois claro, e depois, eram do mesmo ano e tudo, pois até que o patrão tinha toda a confiança lá com o manageiro, até ele ia lá p' la Feira de São Miguel todos os anos. Bom, eram muito amigos, vá. Até qu' começaram àlembrar aquilo deles começarem a namorar pra se juntarem um c' o outro. Tá certo, aquilo tudo calhou muito bem, o rapaz namorava a rapariga.

Bom, quando foi p' la Feira de São Miguel, eles forem lá, a mãe mais o pai e ele, pra tratar o casamento. Bom, lá foram, é claro. A feira naquele tempo era de dois dias. Ficaram lá pra no outro dia. E naquele dia tudo tava muito bem certo. No outro dia já não tava bem certo. O rapaz lá ficou pois quando foi de noite, naquele tempo nã havia casa de banho como há hoje, quando foi qu' s' alevantou de manhã cedo, pumba, estava c' a vontade de mijêr e levantou-se cedo e abriu a porta e foi lá pra um quintal. Ela deu razão qu' o rapaz s' alevantou e foi à janela ver. Bom, o rapaz lá foi urinar. Bom, andaram naquele dia já a trocar a cara ao bom do rapaz. O bom do rapaz antes de s' ir embora, um pouco depois do almoço, lá foram até a casa e diz o gaje pra ela:

- Bom, tu hoje já não és a mesma qu' eras ontem. O nosso namoro tá acabado, eu sei, tá certo. Tu parece qu' nom andas bem disposta.

E ela já tinha pra bem qu' ia deixar o namorado.

- Eu vou-me e tu ficas cá, mas tens-me qu' me d' zer aqui uma coisa, uma vez qu' tamos aqui só os dois. Porque razão à qu' a gente se vai deixar? Tens qu' me d' zer.

Ela começou:

- Ai não, nom digo.

- Não dizes porquê? Temos aqui os dois.

- Invergonho-me.

- Invergonhas-te? Bom, essa é qu' tá boa, atão tamos aqui os dois, o quei qui' é?

- Não, invergonho-me. Tens essa coisa grande.

- Boa, essa coisa? Mas o quê essa coisa?

Tanto andou, tanto andou, tanto andou, qu' lá teve qu' d' zer.

Pois faz ele assim:

- Ai não, é qu' eu tenho três. Sabes, eu tenho três.

- Atão?

- Um prás solteiras, um prás viúvas, outro prás casadas. Mas s' tu queres podemos exprimentar.



Naquelas voltas todas, ele lá foi indo, e ela lá deixou exprimentar o bom do rapaz.

Quande lá tava coisa, faz ela assim:

- O das solteiras já introu?

- Já.

- Mete agora o das viúvas.

Lá foi, lá dando um jeitinho, lá meteu o das viúvas.

Faz ela assim:

- Atão o das viúvas já introu?

- Já.

- Atão mete agora o das casadas.

Lá acalcaram maneiras. O das casadas lá introu.

Nabanão faz ela; já tava quente de todo.

- O das casadas tamém já introu?

- Já.

- Mete todos os três juntos.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

### 123. É porco ou porca?

Era uma vez um fulano qu' foi comprar um porco. Depois quande vinha d' lá da feira c' o porco havia dois frades qu' iam lá pr' um caminho fora e disseram um pró outro:

- Bom, agora vamos roubar o porco aquele gaje.

- Atão c' m' á gente faz?

- Tu ficas aqui, eu vou pro i fora e chego ó pé dele, se for um porco, eu digo qu' é ma porca e se for uma porca eu digo qu' é um porco. Portante a gente não há-de-lho comprar, mas ele há-de ser roubado. E tu, s' ele chegar aqui, s' ele for um porco, tu dizes qu' é uma porca tamém, tu afirmas pro mim. Se for uma porca tu dizes qu' é um porco.

- Está certo.

Lá ficou tudo combinado. O gaje abala por aí fora e foi esperar o fulano e diz-lhe o gaje assim:

- Ê migo, atão você - era uma porca - quer vender o porco?

- O porco não, posso vender é a porca. Ele é uma porca.

- É uma porca!? É um porco.

- Nom éi, é uma porca.

- Ai, atão eu não vejo agora qu' é um porco. É um porco. Você comprou e num soube o qu' comprou. Qu' ele é um porco.

- Mas nom éi.

- Bom, você diz qu' nom é, eu digo qu' sim, o primeiro fulano qu' a gente encontrar, s' ele disser qu' é um porco eu fico c' o porco. S' disser qu' é uma porca, você fica c' a porca e eu dou-lhe o dinheiro qu' você deu p' la porca.

- Tá certo.

O homezinho trazia lá uma porca, não iam a dizer qu' era um porco. Quem encontrasse tinha que dizer qu' era uma porca tamém. Mas o truque já tava feito e chegaram ao pé do fulano:

- Oi migo - diz logo o outro -, eu trago aqui umas prefecias com este senhor. Ou ganho o porco ou lhe dou o dinheiro do porco, eu digue qu' é porco. Ele diz qu' é uma porca. O qu' é qu' ele é? É um porco ou é uma porca?

- É um porco.

- Vêi, eu não lhe dizia qu' era um porco. Qu' este senhor tamém diz o mesmo. Atão agora você perdeu.

-Bom, perdi, perdi.

O homezinho ficou sem o porco. Os gajes abalaram com o porco. O gaje chega a casa e limbrou-se e deu im pensar na vida. "Atão aqueles cabrões levaram-me o porco". E ele sabendo qu' eles estavam lá num convento, qu' eram frades: "eu tenho qu' ir ver do porco".

O gaje arranja uma mocazinha bem arranjadinha, abala por aí fora, vestiu-se em traje de mulher bem preparada, chega lá, foi lá ter ó convento d' onde os gajes tavam. Mas já lá foi ter assim à noite, procurou se podia ali ficar e tal.

- Atão no pode, atão no pode. Pode sim senhora, pode ficar aqui, fica aqui bem, ninguém a trata mal. Mais isto, mais aquilo.

Mas um dos qu' lá ia, do porco, qu' lha rapinou o porco, qu' era o chefe da quadrilha, foi logo o qu' s' armou em dormir c' a menina. Esse é qu' foi dormir c' a menina.

Diz o gaje assim quande se forim deitar.

- Bom, a menina é nova, s' às vezes ouvirim barulho, zorrím bancos, façam barulho, porque a menina é nova e tal. Quande s' lá foi deitar a menina mais o frade, diz a menina pra ele.

- Ai e tal, o senhor dête-se e apague a luz, qu' eu invergonho-me. Eu invergonho-me.

O fradesinho lá se deitou todo contente da vida. O gaje lá apagou a luz. O gaje ripa atão duma mocazinha debaixo das saias que levava, brumba.

- É porco ou porca? É porco ou porca?

Brumba. Aqueceu o gaje bem quente e só dizia:

- É porco ou porca?

O gaje viu-se tão atacado com tanta porrada qu' tava comendo do gaje e gritava. Mas os outros zorravam bancos, faziam barulho, mas num lh' iam acudir.

O gaje quande se viu tão atacade, disse:

- Oi, e s' abrisse essa gaveta e levasse um pouco dinheiro c' o senhor, num fique mal e venha-se imhora. E deixe-me.

Bom, o gaje rapinou um pouco dinheiro e abalou. Quande foi no outro dia, quande s' alevantaram, quande lá forim a ver, viram-no o gaje amadornado.

- Atão pra onde foi a menina?

- A menina? Ele era o do porco. Andou pr' à acabar comigo. Qu' tou aqui qu' não m' arrasto, todo moído.

O gaje, naquelas voltas abalou e chega a casa limbrou-se: "não, ele ainda tem-me pagar de mais maneiras". Ele tem um cavalo, pega no cavalo, pôs-se a cavalo no cavalo. Bem preparadinho armou-se em doutor. Foi lá ter. A perguntar e tal, mais isto mais aquilo, s' havia pr' ali alguém doente, qu' ele era doutor.

- Ei, nós temos aqui um colega, caiu, tá doente e tal. Sô senhor doutor fizesse o favor vinha cá ver.

- Posso lá ir ver.

O homezinho lá foi ver. O doutor lá foi ver o doente. Chega lá começa à palpar o corpo.

- Isto aparece qu' foi porrada. Aparece qu' foi porrada qu' lhe deram.

- Nam, nam senhora, foi caído.

- Podia cair, mas não. O corpo tá moído. Os senhores tiveram alguma desavença?

- Nam senhor. Foi ele qu' caiu. Ninguém o tratou mal foi ele qu' caiu. Caiu.

- Seria, mas parece-me qu' foi porrada.

- Tá certo, o homezinho tá mal. Agora vai um a tal parte ó sítio de tal, tá lá umas ervas, vai outro a tal parte, outro assim, e trazem essas ervas e pisem isso bem pisadinho e dão-lhe uma sfragação boa com isso, e isto vai passar, mas já agora, rápido, vá.

Lá os desincaminhou d' lá pra fora. Ripa outra vez pela moca.

- Vira-te. É porco ou porca? É porco ou porca?

Lá o aqueceu mais bem quente.

- Oi, abr' aí essa gaveta e leve o dinheiro.

- Eu hei-de levar o dinheiro e tendes qu' lá ir levar duas cargas de trigo. S' não venho aqui e acabo com vocês todos.

Bom, os gajes quando lá chegaram c' as mezinhas pra lhe fazer:

- Atão já tás melhor? A gente já cá traz as mezinhas.

- Já? Já? Agora é qu' ele andou pr' à acabar comigo. Ele era o do porco outra vez. E agora se vocês lá no forem levar duas carradas de trigo, vem aqui e mata a gente todos.

Bom, tiveram qu' lá ir levar as carradas de trigo. Quando chegaram as carradas de trigo e depois descarregaram as bestas. O homezinho lá ficou c' as cargas de trigo. E depois descarregaram as bestas. O homezinho lá ficou c' as cargas de trigo. E pensaram im s' ir imhora.

- Não, vocês não s' vão imhora, já é tarde, isso agora ir pro i fora. Ficam cá.

Mas eles o qu' queriam era abalar.

- Não vocês ficam cá.

O homezinho tratou-os muita bem. Deu-lhes uma boa ceia. Deu-lhes uma cama. E depois quando tavam a deitar diz o gaje assim:

- Vocês deitim-se, mas se vocês algum caga prá cama eu venho aqui e acabe com vocês.

Quande foi daquela coisa já a mulher tav' àmassar uma pouca de massa de milho, fez um bolo. Quande os apanhou a dromir foi e acravou c' o bolo no entremeio eles os dois. Eles lá se forim mexendo, no fim dum bocadito sentiram lá a trampa no meio deles, começam assim um pró outro:

- Ê pá, mas tu cagas-te!?

- Ê não.

- Atão aqui há merda.

- É porque foste tu.

Outro porque num fui eu, outro porque foste tu.

O gaje tava à trela.

- Atão vocês já cagaram prá cama? Atão espera lá qu' eu já vos digo.

Á punhal, o gaje levanta-se d' lá, mas os gajes é qu' não lhe deram tempo de nada. Rapainaram lá duma janela abaixo e fugiram. Mesmo despidos e tudo, coitados. Num precuraram p' lo fato.

Bom, fugirim. Donde é qu' s' haviam esconder? Ao meio dum nabal. Tavam lá no meio do nabal escondidos. Vai lá um gaje durante a noite roubar nabos e viu estar aquilo, parecia um conho branco, pumba, ali sacudia a terra dos nabos no cú dos gajes. Os gajes nas duas ou três primeiras qu' batiam c' os

nabos no cú dos gages nom s' incolheram, mas quande viram qu' aquilo era história deram-se em levantar e fugir.

Os gajes dos nabos quando viram aquela coisa àlevantar e fugir, fugiram tamém. Bem, todo o mundo fugiu. Os gajes saíram d' lá, donde é qu' s' haviam d' esconder. Dentro de dois cortiços. Os gajes meterim-se dentro de dois cortiços. Vêm lá ter dois ladrões de noite pra roubar colmeias. Diz um assim pró outro:

- É pá, olha c' as colmeias pra serem boas escolhim-se p' lo peso. As qu' têm muito peso tão bem meladas.

- Bom, tá certo.

Os gajes levantam-nas, tomavam-lhe o peso. O gaje lá levantou uma.

- É pá, eu tenho aqui uma pesada. Esta é boa.

- Atão leva essa.

E nabanão lá vai o outro àlevantá-las.

- É pá tamém já aqui tenho uma pesada, boa.

Pronto, lá pegaram naquelas duas às costas. Quande iam lá por aí fora, faz um assim:

- É pá a minha já escorre mel.

O gage dê-se im bazar c' o susto, ia lá às costas do outro. O gage vai de cá c' o dedo, vai c' o dedo prá boca, faz o gage assim:

- É porra, atão mas isto parece qu' é merda!?

Infadaram-se d' ir com elas às costas e a largar merda e avintaram-nas pró chão. Quande avintaram pró chão sai de lá os gages dentro do cortiço. Quande virim assim os cortiços, aquela coisa lá dentro do cortiço, já eles largarim os cortiços e fugirim e os outros fugirim tamém.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

#### 124. A graça de Deus

As mulheres às vezes quande tão assim sentadas não se guardam, assim quande são piquenos os miuditos. E o miudito lá lhe viu a coisa, pois o miudito pôs-se assim:

- Pois mãe, pois o qu' é qu' você aí tem com cerro de cabelo?

- Isto é a graça de Deus.

- Bom, tá bem.

Mais tarde o garoto pede um bocado de pão à mãe.

- Á mãe eu tenho fome. Mãe dê-me uma fatia de pão.

Depois de ter a fatia diz:

- Atão ó mãe com qu' eu o como, atão nom me dá conduto?

- Á filho, come-o c' a graça de Deus.

- Á mãe, atão cum cabelos e tudo?

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

#### 125. Apertar bem as perninhas

Um rapaz casou c' uma rapariga qu' era prima. Quer-se dizer, pois o rapaz começou a andar triste e tal, é qu' ela já tinha namorado outro primo e tinha-se deixado embarrocar com ele. E quand' ele deu por ela andava triste e depois abalou pr' Àmerica.

Depois d' ele abalar pr' Àmerica passou-se ali uma temporada e diz assim a mãe:

- Mas o qu' é qu' se passou contigo, o teu marido abalou e nunca mais nada, abalou pr' Àmerica, mais isto, mais assim, mas o que foi? O que num foi?

- Ê, e tal, fui eu qu' já tava assim e só fiz uma vez mais o meu primo tal, só uma vez.

- Á filha, qu' não soubeste. Quande eu m' ajuntei c' o teu pai já tinha conhecido sete e a ver s' ele deu por ela? Havides apertar bem as perninhas. Num soubeste.

(Voz de fundo, feminina, na gravação: "mas isso era dantes, num é agora".)

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

### 126. O preto e o bezerro

Uma vez era um preto qu' tava cá im Portugal. Tá certo. E tava de criado em casa dum patrão, pois é claro. Era a faxina do patrão, ia todos os dias à praça. Até que um certo dia passa lá por uma rua abaixo e viu tar uma gaja, uma moçazinha à janela.

O gaje passava e dizia:

- Bom dia minha rosa.

Ela, dava um arzinho de rir mas ficava-se.

Todos os dias de manhã cedo o gaje lá passava. Ela lá stava.

- Bom dia minha rosa.

Até qu' um certo dia ela diz pró pai.

- Ó pai, passa ali um preto qu' vai aviar todos os dias à praça e diz, "bom dia minha rosa", o quê qu' ele quer dizer?

- Amanhã quand' ele passar, qu' ele diga "bom dia minha rosa", tu dizes "bom dia meu cravo". Ele procura-ta às tantas, tu dizes às tantas horas pra ele cá vir ter, depois há-d' ir lá pra cima pró sobrado, tu vais pró quarto. Põe-se uma cadeira d' cima do alçapão, cai lá pra baixo onde stão as vacas que depois lá o indreiro.

- Tá bem.

O gaje, no outro dia de manhã cedo, passa lá e diz:

- Bom dia minha rosa.

- Bom dia meu cravo.

- Às quantas horas menina?

- Olhe, às tantas horas venha cá ter.

O gaje às tantas horas lá foi ter. Ela lá stava à espera dele, lá foram, e faz ela assim pra ele:

- Ai tal, o senhor tire aí o fato e sente-se aí em cima dessa cadeira, qu' eu vou já pró quarto, eu tenho vergonha sabe.

Ela lá entrou pró quarto e ele lá s' assentou em cima da cadeirinha todo despido. Ele tava ali porreiro da vida.

Conforme s' assenta im cima da cadeira, pumba lá pra baixo. Stava lá o pai dela, aqueceu-o bem quente, dê-lhe uma surra boa. Pois prendeu-o ali a um pau qu' estava drêto, pés, mãos e braços, todo arramatado. Tinha lá uma vaca c' um bezerro, tirou a vaca d' lá pra fora e o bezerro ficou lá onde ele tava amarrado. O bezerro dê-lha fome, nom encontrou mais nada, apanhou o becêlho do gaje, toda a noite apuxou o gaje.

Pois, claro, no outro dia o pai dela foi lá soltá-lo d' lá pra fora, saiu d' lá, qu' até la doído.

O gaje, chega a casa do patrão, pega na alcofinha pra ir à praça, pro aí abaixo - o gaje já num passou naquele dia, passou no outro - passa o gaje por aí abaixo muito fresco e a gaja stava à janela.

- Bom dia meu cravo.

- Vai bardamerda, se o seu pai quer criar bezeros compre vacas.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

### 127. O papel das instruções

Um gaje foi comprar carne ao talhe pr' àrranjar, pra comer, vá. E depois, quande foi qu' acabou de comprar a carne e pensou "mas com' à qu' eu vou arranjar isto?", pede ao empregado lá do talho.

- Faz favor não me screvia aí num papelinho com' hei-de fazer e hei-de acontecer?

- Tá bem, isso posso eu fazer, sim senhor.

O gaje lá escreveu, tante disto, alhe, cebola, essas coisas todas, margarina, molho, bem, fazer um molhozinho. Lá lh' disse aquilo com' há-de fazer. Escreveu num papel.

O homezinho abala c' o quilo de carne, por aí fora, satisfeito da vida pra chegar a casa e arranjar a carinha e c' mê-la.

Lembra-se dar à calça, pôs a carne no chão e pôs-se a dar à calça.

O tempo qu' sa pôs a dar à calça passa um cão, lerpou-lhe a carne e fugiu.

O gaje começa a gritar pró cão. Quando viu qu' não apanhava o cão, diz ele assim:

- Tu foges c' a carne, foges, mas o papel tenho eu cá, não sabes com' à hás-de arranjar.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

### 128. Dois miúdos falam de cães

Dois miúdos, observando um grupo de cães.

Diz um para o outro:

- Dé! Ha' vrá q' aranta cãs nu mund?

- És más blut, más de tlinta!

(este diálogo foi contado imitando o sotaque da região de Nisa)

[João Dias Caninas, Porto do Tejo, Vila Velha de Ródão, residente em Lisboa, 1980. Recolha e redacção de João Carlos Caninas.]

### 129. O má s' neile

A primeira vez que se deu razão de passar um avião, em Rabacinas, ninguém sabia o que era. E diziam algumas pessoas:

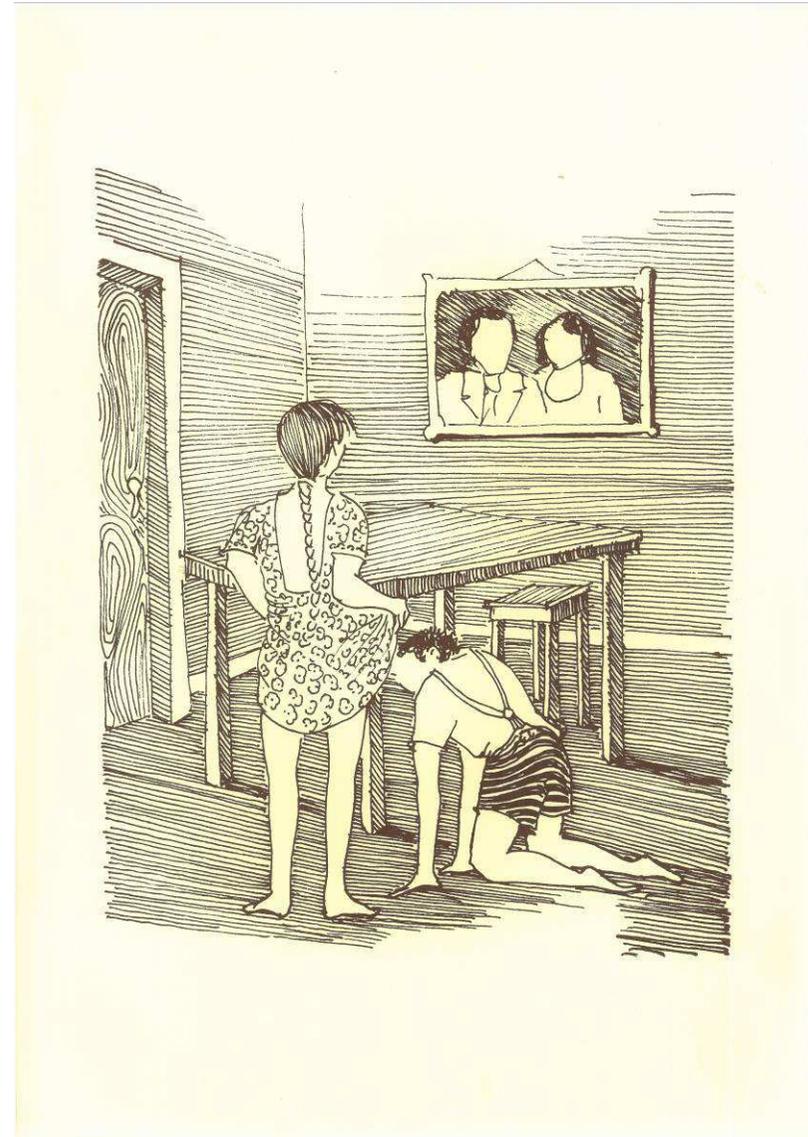
- Aquilo é um má s'neile.

Diziam outras pessoas:

- Tu és doudo. Aquilo não é um s'neile. Aquilo é um aroplano.

Via-se uma coisa a fugir no ar a deitar fumo pelo rabo.

[Eusébio Henriques, Rabacinas, residente em Gavião de Ródão, Março de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]



### 130. O lagar do Carvoeiro

Os homens lá no Carvoeiro lembraram-se de fazer um lagar. Mas não fizeram pormenores em fazerem aqui ou fazerem além. Lembraram-se de fazer um lagar e fizeram o lagar cá no cimo da serra, no cimo do monte. Era um lagar para ser tocado a água. O ribeiro estava lá ao fundo. Fizeram o lagar muito bem. Tudo foi muito bem feito.

Quando o lagar se acabou um deles diz assim:

- É pá, nós fizemos isto errado! Atão nós viemos a fazer o lagar cá ó cimo da serra. Atão a água está lá ao fundo. Atão com' é qu' há-de ser isto? Ora, ora, ora, mas como é que nós arranjámos iste?

- Olha, temos de ver alguma maneira, a ver se somos capazes de levar o lagar inteiro lá pra baixo. Como é ao baixo é capaz d' ir.

E foram buscar cordas muito grandes, muito grossas. E começou tudo a puxar.

- É pá, puxa lá. Vá. Um, dois, três vai de puxar.

E aquilo não havia meios. Pois, como é que havia d' ir?! E não ia mesmo. Tanto puxaram, tanto puxaram que as cordas partiram todas. As cordas partiram, ficaram todos embaraçados uns nos outros. Pois claro, eles estavam a puxar todos ao mesmo tempo, todos pró mesmo lado. Ficaram uns por baixo, outros por cima e não eram capazes de lá sair uns dos outros. Um mais esperto vai e diz:

- Espera lá que nós já... eu já vos desembarço a vocês todos.

Agarrou num pau e vai... trás!

- É pá, essa perna é minha.

- Atão puxá-a.

Vai ao outro...

- É pá, larga isso.

- Puxá-a, s' ela é tua.

E assim os desembarçou todos. Puxou, puxou, até que todos saíram. E o lagar lá ficou em cima, porque nunca conseguiram levar o lagar para baixo. Era o lagar do Carvoeiro.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas.]

### 131. Ida à cidade

- Ó Agostinho, queres ir a Castel-Branco?

- Não, não quero ir a Castel-Branco.

- Anda vai home. Também lá vou.

- Num quero, num quero ir.

Ele como tinha lá que fazer foi. Chegou lá a Castel-Branco, passou ali ò pé dos Grilos, não sei se conhece, ao pé da Farmácia Grave. Havia ali um grande armazém e tinha umas grandes montras. E ele ao passar viu-se lá do outro lado, lá no vidro. E volta-se para ele e diz:

- Grand' a brute! Olha o alimal. D' zia qu'num vinha e pra' í está. Brute! Tinha medo de vir comigo.

E era ele próprio, coitado.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas.]

### 132. Ti Agostinho

Era o Ti Agostinho Marrucho. Coitados eles ficaram sem pai muito novos, os dois irmãos. E um, um dia, coitado, desertou a ver de trabalho e foi ali para o Alentejo, para Campo Maior, ou coisa assim. E andava lá a trabalhar, ainda muito garoto. E lá o criado do dono do Monte tinha lá uma filha muito bonita. Tinha lá uma filha muito bonita e ele vai e diz-se assim: tenho de falar com ela, tenho de falar c' a moça mas, coitado, como é qu' ele havia de falar com a moça? O pai andava sempre por ali! Mas, lá andou, lá andou, e lá se lembrou. E ele vai um dia e bate à porta. Bate à porta da rapariga e quem é qu' lh' havia d' aparecer? O pai.

- Atão, o qu' é que você quer?

- Vinha lh' a pedir um cope d'água.

- Quere-a fria ou quente?

- Quere-a fria.

- Á, julgava qu' quizesse quente. O senhor passou ali p' la fonte.

Ele queria era ir a falar c' a moça, mas apareceu-lhe o pai.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas.]

### 133. A venda do burro

Um espanhol ia vender um burro à feira.

- Quer Dios queira, quer Dios não queira, tenho de vender o burro na feira.

Chegou lá ao ribeiro e o burro não passava. Não passava.

- Atão, ond' é qu' tu vais?

- Vou vender o burro à feira.

- Olha que não é bem assim...

- Tem de ser vendido o burro na feira. Quer Dios queira, quer Dios num queira, o burro tem de ser vendido na feira.

E o burro chegou lá ao ribeiro e o burro não passava. E voltava para trás, coitado, não vendia o burro.

Quando foi prá outra vez da feira:

- Atão onde vais?
- Vou à feira, vender o burro.
- Se Deus queira!
- Quer Deus queira, quer Deus não queira, tem de ser vendido na feira.

Chegou lá outra vez ao ribeiro e o burro não vá prá feira.

Quando foi à terceira vez:

- Quer Deus queira, quer Deus não queira, o burro tem de ser vendido na feira.

E ele foi empurrou o burro. Empurrou o burro e o burro, coitadito, lá foi, lá se vendeu.

- Então vendeste o burro?
- Tanto fez Deus querer, como Deus não querer, teve de ser.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas.]

### 134. A velha e o soldado

Elvas, antigamente, era uma cidade de soldados e de pouca água. Mesmo para beber as pessoas tinham que ir longe buscá-la. Era o cabo dos trabalhos.

Um dia, vinha uma velha com uma bilhazita na mão, que as forças já não chegavam para trazer o cântaro e encontrou uns soldados. Um deles estava morto de sede e dirigiu-se à velha a pedir-lhe um golo de água.

Não era com agrado que a velha lha dava, até porque lhe custara muito ir buscá-la, e com aquele calor... Mas a água não se nega a ninguém e passou-lhe a bilha para as mãos.

O soldado mirou a velha e a seguir a bilha, tudo lhe metia nojo. Pensou: "bebo pelo morcego, que por aqui a velha, sem dentes, não consegue beber" e bebeu.

A velha, que já não tinha nascido ontem, ao vê-lo agarrar na bilha com tamanha sofreguidão, pensou "e bebe-me a água toda, o filha da mãe" e disse:

- Ai mê filhinho, és mesmo c' ma mim. Eu tamém só bebo pelo morcego, sem dentes nem me dá jeito beber por outro lado.

O soldado enojado, passou-lhe logo a bilha sem se saciar.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 135. Pedras ou dinheiro

Havia um home, bom, que tinha muito dinheire e que depois foi iscondê-lo. Foi interrá-lo, assim, fora lá da terra, interrá-lo, escondê-lo, guardá-lo. Lá guardá-lo. Fez uma vala. Depois, de volta e meia, de vez em quando ia lá ver s' ele ainda lá tava. Tava lá, tava bem.

Um dia foi vê-lo e houve alguém qu' o viu ir pra lá, qu' viu aquile e foi lá desinterrá-lo, o dinheire, e abalou com ele.

Bom, daí a dias foi lá ver, já num tava o dinheire. Andava aflito, aflito.

- Á, roubaram-me o meu dinheire.

Aflito, pra trás e pra diante. Passou lá um home, um paneire e perguntou-lhe:

- Qu' anda você aí a fazer?

- Ai, tinha aqui o mê dinheire guardado e roubaram-me tude.

O paneire disse-lhe então:

- Atão mas você não havi' de fazer assim. Você tinha o dinheire em casa, lá guardado e quande precisava de gastar alguma coisa ia buscar o que precisava e depois o outro guardava-o tamém.

- Mas é qu' eu nom o qu' ria gastar, aquele era pra guardar. Nom era pra gastar era só pra guardar.

- Á, s' ele era só pra guardar o qu' o senhor tem agora a fazer, chegue aí, nessa cova, abra a cova outra vez e ponha lá umas poucas pedras e intupa isso e lá fica, é o mesmo qu' ter lá o dinheire guardade. Pois só pra guardar, tante faz ser as pedras c' mo dinheire.

[João Pereira Eduardo, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 136. O rei e os figos

Na inauguração da linha da Beira Baixa o rei veio pela linha acima, a inaugurá-la. Chegou aqui à estação dos Envendos, parou, cumprimentou as pessoas e no fim veio uma rapariga com uma salva com figos. Trazia um jarro de água e uma salva com figos, tudo em prata para servir os figos ao rei.

A água era para lavar as mãos.

No fim lá lhe deram os figos que vinham bonitos, muito aparatosos. O rei comeu, comeu até querer e disse:

- Pronto, não quero mais. Há por aqui muitos figos destes?

- Á senhor rei - responde-lhe a rapariga que estava com os figos - há aí tantos qu' até se dão ós porcos.

[Maria Helena Pereira, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 137. O valentão e o padre

Um dia o “valentão” combinou com o padre da terra uma maneira de conseguir que as pessoas fossem à missa mais vezes.

Pegou num corvo e sem ninguém ver escondeu-se atrás do altar. Durante o sermão o padre censurou as pessoas de não virem à missa e disse-lhes que se continuassem assim viria uma alma negra do outro mundo. Nesse momento o “valentão” picou o corvo e este começou a voar piando:

- Crau! Crau! Crau!

O padre disse:

- Não é qual qual, é tudo em geral!

As mulheres desataram a chorar e a partir desse dia nunca mais faltaram à missa.

[Monte Fidalgo, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 138. Os dois namorados

Dois namorados encontram-se pela manhã, muito cedo. Ela ia com o asado para a fonte e ele ia para o campo com o arado às costas. Começam a falar e continuam durante todo o dia, até à noite, ela com o asado à cabeça e ele com o arado às costas.

Ao escurecer diz a rapariga:

- Dias de Maio, dias de amargura, mal amanhece é logo noite escura.

[Vila Velha de Ródão, 1988. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### A Gata Borracheira

Os textos deste ciclo são caracterizados pela existência de uma rapariga órfã de mãe cujo pai se voltara a casar. Por sua vez, a mulher com quem o pai casara era também viúva e mãe.

Na vida do dia a dia havia uma constante má-vontade por parte da madrasta em relação à rapariga órfã (gata borracheira). A rapariga era assoberbada com uma miríade de tarefas diárias em detrimento da filha.

O esforço da gata borracheira acaba por ser premiado, frequentemente através da interferência de uma entidade mítica. No texto seguinte o prémio advém da extraordinária preparação para a gestão da vida diária.

Neste ciclo registámos um único texto recolhido junto de um informante natural do concelho de Mação.

### 139. A gata borracheira

Havia uma ocasião um home que casou e a mulher morreu-lhe e ficou-lhe uma filha. Mais tarde tornou a casar e daquela mulher havia outra filha qu' era mais nova.

Durante esse tempo, a mulher dele tratava a enteada mal e à filha dava-lhe muito mimo. Quande era noite dizia prá filha:

- Mija Maria vai-te deitar, qu' esta gata borralheira toda a noite há-de fiar.

E ela fazia-a fiar toda a noite. E ela sempre continuou assim.

Depois, mais tarde, pensaram em casar-se e casaram as duas no mesmo dia, mas foram pra terras distantes.

Depois delas irem lá prá terra delas, dos homes, dos maridos, ela foi vê-las. A mulher foi ver a filha e a enteada. Primeire foi a casa da enteada. E procurou-lhe:

- Mostra-me lá as tuas rabeiras.

Ela foi e chamou p' las galinhas. Apraceu-lhe um grande bando de galinhas, tudo qu' ela tinha sustentado com o resto das rabeiras que sobejavam do pão qu' eles comiam.

E depois disse:

- Mostra-me lá as tuas águas sujas.

Foi à pocilga dos suínos, tinha lá dois porcos gordos, muito gordos. Qu' era c' os restos qu' ela lhe dava, engordou os porcos.

E mostra-me lá os teus concepilhos, qu' tu fiaste.

Foi, mostrou-lhe um grande córadoiro de meadas qu' ela tinha ó sol pra fazer mantas e aquilo qu' fosse preciso. Ela viu aquilo tão bonito, tudo tão bem, ficou incantada com ela. E disse assim:

- És uma mulher pá vida, és uma mulher para t' honrar. Vou daqui muito satisfeita com a tua maneira de viver e ca tua vida.

E seguiu, foi-se imhora. Foi intão visitar a filha e procurou:

- Filha, mostra-me cá as tuas rabeiras.

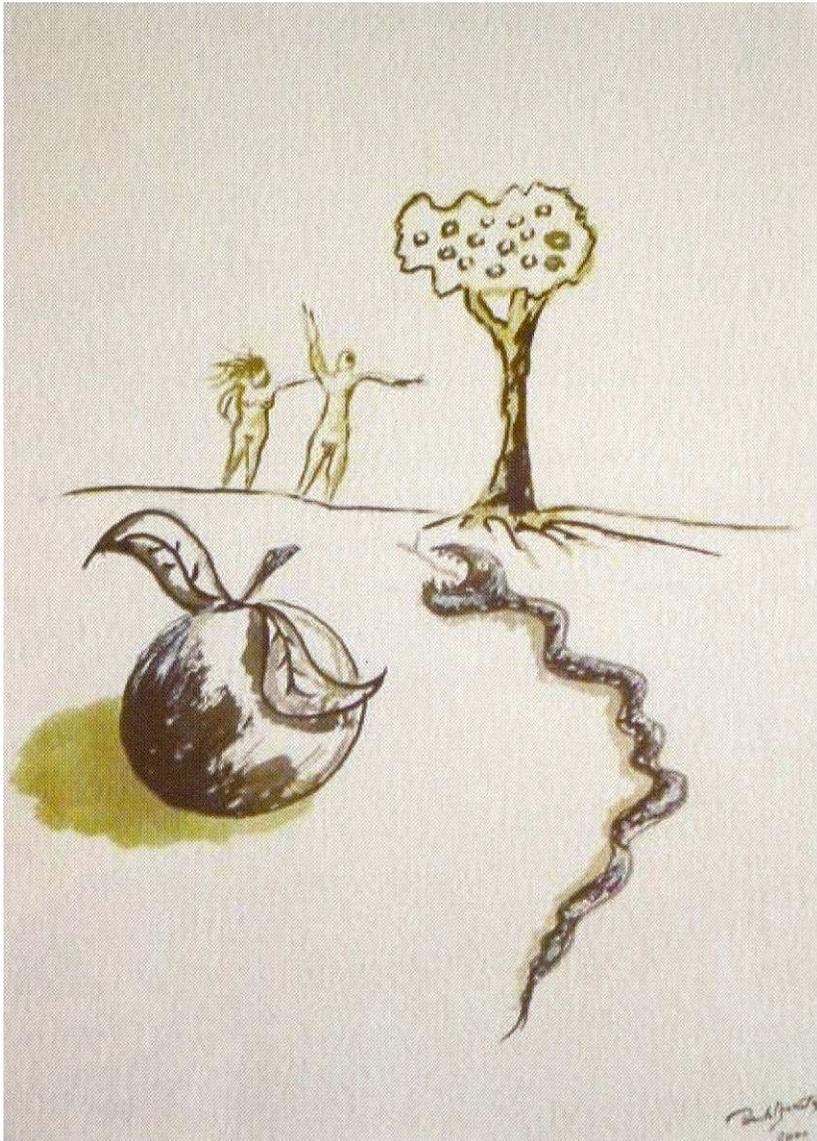
As rabeiras tinham um pratezito, uns restozitos de cinteio qu' nom valia nada. Num tinha galinhas ninhumas, num tinha nada.

- Atão as tuas águas sujas?

Tinha lá um bacorito pequeno. Quase qu' nom era qu' se matasse, qu' nom dava quase pra se matar. Era preciso mais um ano. E os concepilhos dela, tinha lá uma maçaroca ou duas qu' ela fiou, num tinha mais nada, nim coradoiro nim nada. Ela ficou tristemente entristecida.

- Ai filha, filha, quande eu t' dizia mijá Maria vai-te deitar, esta gata borralheira toda a noite há-de fiar. S' eu fizesse o mesmo a ti, eras uma mulher. Agora és um monte de trabalhos que stás aqui, qu' nim ajudas o teu home nim nada. Ai, qu' tão desgostosa qu' eu vou d' aqui contigo.

[João Pereira Eduardo, São José das Matas, Mação, Março de 1989. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]



## Heranças

Nesta colectânea, o ciclo Heranças é constituído por um único texto recolhido junto de um informante natural do concelho de Mação.

Segundo Soromenho (1986: 467) “as heranças consideradas não respeita a bens de raiz ou fortuna em dinheiro, mas de modo particular ao recebimento de objectos ou animais com poderes singulares”.

No texto seguinte os bens herdados, portadores de poderes especiais, são um chapéu e umas botas.

### 140. O chapéu e as botas da virtude

Era uma princesa qu' saía sempre de noite. O pai num sabia p' onde é qu' ela ia e havia tamém um pastor qu' num tinha mais nada, tinha dois filhos e só tinha um chapéu e umas botas mas qu' tinham virtude. E depois ele morreu e os dois qu' riam o chapéu e os dois qu' riam as botas e uma coisa sem a outra num tinha valor. Pois, uma coisa sem a outra num tinha valor e depois num sabiam o que deviam fazer e forim tomar um conselho lá c' um advogado e ele disse assim:

- Vocês vão prá ponta d' uma ladeira e pegam um pão e põem o pão p' la ladeira abaixo e vão os dois a correr. Aquele qu' o apanhar fica com isso, num tem outra solução.

Assim f' zeram. Um sempre o apanhou, sempre o apanhou e ficou todo contente c' aquilo. Depois o rei, a filha saía todas as noites e num sabia que

fim é qu' ela levava. Depois andava lá sempre pra descobrir o segredo da filha, e o rei disse que dava a filha im casamento a quem descobrisse o segredo pra onde é qu' ela ia. E depois disse assim:

- Agora vou lá eu experimentar! Agora vou lá eu experimentar! O tal das botas, qu' tinha o chapéu e as botas.

Foi lá e disse assim:

- És capaz de descobrir o segredo da minha filha?

- Vamos ver, vamos ver.

Bem, tava ali todo contente qu' deram um bom jantar e quando foi à noite ó jantar ela vei servir um chá pra todos e ela fez qu' o bobeu, mas num o bobeu. Pôs-o aqui assim, cai-lhe aqui p' la cois' ábaixo. O chá é qu' os fazia dromir e quando foi às tantas da noite vei lá um trenzinho a buscá-la.

Ele disse assim:

- Botas me ponham debaixo da saia da princesa, chapéu m' cubra com qu' ninguém m' veja.

Pronto, ele lá ia... mais o trem, mais a princesa. Pois passaram p' lo jardim da prata e ele qu' d' zia assim:

- Deus te salve ó jardim da prata e à princesa da Áustria mais à companhia que levas.

Era o Diabo qu' a vinha buscar.

E ela ficava admirada. Ouvia aquela voz, ele d' zia aquilo lá, mas ninguém o via.

Passava p' o jardim do ouro tornava a d' zer a mesma coisa.

Pois chegaram lá a um sítio, fizeram lá um baile, era um salão d' aço. Ela só dava lá sete voltas mais o Diabo e cada volta qu' dava rompia um par d' sapatos. Ele ia, metia um sapato do par pró sacco. Dava outra volta, ele tornava a fazer o mesmo. Ela levava sete saias, cortou um bocadinho de cada saia dela, das saias qu' ela levava. Pois acabou o baile ele tornou a abalar com ela lá pra casa. Quando chegou a casa ele disse assim:

- Deus me ponha na minha cama, chapéu m' cubra com que ninguém me veja.

Bom, ela chegou foi logo lá ver s' ele lá tava. E ele fez qu' tava a dromir.

- Ó, ó.

- Á ladrão qu' amanhã vais ser morto.

O que não descobrisse o segredo no outro dia era morto.

- Á ladrão qu' amanhã vais ser morto.

Ele num disse nada. No outro dia de manhã lá tava o rei todo ansioso à espera.

- Atão rapaz, descobriste o segredo da minha filha?

- Descobri.

- Mintroso, mintroso.

- Descobri.

- Atão casa c' a minha filha.

- Eu num quero casar c' a sua filha, qu' ela vai bailar c' o Diabo.

E ela qu' disse assim:

- Mintroso, mintroso.

- Olhe aqui tá. A sua filha foi bailar c' o Diabo, cada volta qu' ela dançou rompia um par de sapatos, aqui stá um sapato de cada par, venham ver s' os outros lá stão. Ela levava esta roupa, venha a ver se não falta este bocadinho.

Depois, ele num quis casar com ela. O rei c' o desgosto mandou-na matar e ela disse assim:

- O mê pai, mata-me mas quero qu' m' intarre na porta da igreja onde toda a gente me passe c' os pés pro cima e que me ponha lá uma sentinela a guardar.

Atão o pai interrou-na lá na porta da igreja e pôs lá uma sentinela a guardar. E ela comia as sentinelas todas. E aquilo era por sortes, num era quim qu' ria,

era quim calhava a ir lá e uma vez calhou a um e ia lá a chorar p' lo vale abaixo e encontrou uma mulher e disse assim pra ele:

- Proquê qu' vais a chorar?

- Eu vou, tenho qu' ir guardar a filha do rei, lá de sentinela à filha do rei e ela come-os todos. Desaparecem todos quantos pra lá vão. Já sei qu' morro tamém esta noite.

Ela disse assim:

- Olha, num tenhas medo, vais pra trás da porta do guarda-vento qu' ela esta noite num vai lá ver.

Ele escondeu-se detrás da porta do guarda-vento e ela andava pro lá incantada, lá a princesa, e ela nunca o encontrou. Na outra noite calhou lá a um capitão, a um posto alto, e prometeu-lhe muito dinheiro se fosse por ele. Ele coitadinho aceitou o dinheiro e foi pra lá outra vez. Depois, a mulher tornou àparecer e disse-lhe assim:

- Olha, tu houje vais pra trás do altar qu' ela num vai lá ver. E tu levas esta jarra d'água e esta toalha, mas nunca digas nada, só quando ela falar três vezes a pedir água. E ela qu' andava pro lá p' la igreja, p' r' um lado e pro outro e ele tava lá detrás do altar escondido. E ela que disse assim:

- Ai o ladrão do mê pai qu' já faltou c' o alimento. Dizia ela.

Tanto correu, tanto correu.

- Ó menos deiem-me um copo d'água.

E quando ela disse "deiem-me um copo d' água" e foi e deu um copo d' água e depois alimpou-a c' a toalha e ela ficou desencantada.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### Instrumentos maravilhosos

Neste grupo incluímos um único texto recolhido em Vila Velha de Ródão.

O instrumento tido como maravilhoso é uma navalha da qual o proprietário não se consegue ver livre, ainda que o tente.

Relembramos que a navalha era um símbolo masculino e que a sua posse conferia à criança o estatuto de adulto.

#### 141. A navalha maldita

A jusante da foz do Rio Nisa, na margem esquerda do Tejo, uma linha de oliveiras mais frondosas serviam de paragem aos pastores daquela área. Isto no decorrer de muitos anos.

Ali se faziam as trocas entre pescadores e pastores. Os pastores ofereciam leite aos pescadores. Estes pescavam peixe para os pastores e ambos se consolavam variando o prato do dia-a-dia.

Sob essas oliveiras, durante o acarro numa tarde de verão, dois jovens pastores trocavam impressões e merendavam.

Um deles, ao tirar o pão, o queijo e a navalha do sarrão, disse para o companheiro que estava farto daquela navalha. Há tantos anos qu' a tinha já tão velha, um podão autêntico. Pega nela, atira-a pró fundo da ribanceira.

Conversaram, comeram e à tarde, quando o gado regressava ao Chão da Velha, o outro pastor troca as voltas, procura a navalha e, próximo da povoação encontram-se. Sem que o primeiro desse por ela, o outro coloca-lhe a navalha no sarrão.

Em casa, à ceia, quando aquele que se queria desfazer da navalha tira o resto do pão para comer e depara com a navalha fica espantado, como que aturdido, quase não acredita ser a mesma navalha que lançou pela barreira.

No dia seguinte, encontra-se com o companheiro e conta-lhe o sucedido. Pergunta-lhe se não se lembra d' ele a ter arremessado lá pró fundo da barreira. O outro respondeu que sim e que isso seria impossível, que havia bruxedo, etc.

Bem, nesse segundo dia, o mesmo pastor atira a navalha muito prá' lém e cai já no leito do rio, no meio do cascalho. O segundo repete a mesma façanha e o outro mais espantado fica, à noite, quando volta a encontrar a maldita navalha da qual não se conseguia livrar.

No terceiro dia atira-a prá' água, ambos vêem que a navalha cai dentro d' água.

O mesmo parodiante volta a procurar a navalha encontra-a e volta a colocá-la no sarrão do primeiro.

Então, no último dia, o pastor dá-se por vencido e desiste de se livrar da navalha, porque já tentou tudo sem que o conseguisse.

E é esta a história da navalha, entre os dois pastores do Chão da Velha.

[João Dias Caninas, Vila Velha de Ródão, residente em Lisboa, 1988. Recolha e redacção de João Carlos Caninas.]

### Pecados mortais

Neste ciclo incluímos dois textos, ambos oriundos do concelho de Vila Velha de Ródão.

O casal Soromenho (1986:523) inclui neste grupo um conjunto de textos onde os pecados (nem todos mortais) “se alinham para comparação da fraqueza humana”.

Num dos textos a avareza e a vingança estão bem patentes e no outro a esperteza e o sangue frio de uma mulher que após a descoberta de ladrões em casa alerta os vizinhos através da narração de uma história onde tem que gritar.



**142. As cem libras**

Uma vez um indivíduo foi a uma feira e como levava muitas libras, com medo que o roubassem, lembrou-se de as dar a guardar a um estalajadeiro. Quando quis continuar caminho, foi pedir o dinheiro ao estalajadeiro.

Mas o estalajadeiro disse que não tinha dinheiro nenhum dele.

Pouco satisfeito com tal situação, o indivíduo foi consultar um advogado. Este aconselhou-o a ir entregar-lhe mais 100 libras, como se nada se tivesse passado, só que desta vez entregar-lhas na presença de duas testemunhas. A início o indivíduo achou aquilo absurdo mas, mesmo assim, decidiu fazer o que o advogado lhe tinha aconselhado.

Foi novamente a falar com o advogado que o aconselhou agora a ir pedir as 100 libras, mas sozinho. O homem lá foi e o estalajadeiro deu-lhe as 100 libras. Todo contente, o indivíduo foi ter com o advogado a disse:

- 100 libras já cá estão.

E o advogado respondeu:

- E as outras 100 também hão-de vir.

E aconselhou o indivíduo a ir pedir as 100 libras ao estalajadeiro, só que desta vez acompanhado das duas testemunhas. O estalajadeiro, ao ver a asneira em que tinha caído, não teve outro remédio senão entregar-lhe as outras 100 libras, com cara de parvo.

[César Correia, 58 anos, Alfrívada, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

**143. Casa Correia**

Quem ao sair de Sarnadas em direcção ao poente, e distante desta aldeia cerca de dois quilómetros, encontra junto a um pequeno curso de água vestígios de uma construção urbana a que o povo diz ser ali que vivia, com a sua prole, uma mulher de apelido Correia. Há quem lhe confira foros de verdade, havendo também quem seja de opinião que não passava de lenda.

O que é certo é que tanto aos restos que se observam no que seria noutro tempo uma construção urbana como ao campo que os circundam são conhecidos pela gente destas redondezas pelo nome de "Casa Correia".

Seguindo a tradição, que se vem transmitindo de geração a geração, esta mulher vinha muitas vezes nas longas e frias noites de Inverno passar os serões com as pessoas das primeiras casas de Sarnadas ou seja para a rua que ainda hoje tem o nome de Casas d' Além, deixando os filhos na cama e sós, num sitio ermo e descampado. Fazia-se acompanhar da roca e do fuso com a "estriga" de linho ou estopa que ia fiando durante o serão e em cavaqueira com as pessoas da casa junto da lareira.

Acabada a empreitada - neste caso a estriga de linho ou estopa - voltava novamente para casa percorrendo a altas horas da noite e só, cerca de dois quilómetros de caminho coberto de mato durante o qual só se ouvia o pio do mocho ou o uivar do lobo esfaimado. Numa destas noites, esta mulher, ao

chegar a casa, depois de pousar a roca e acender lume, teve necessidade de vir cá fora. Como a noite estivesse muito escura e chuvosa ela, teve esta exclamação: que bela noite para ladrões!... E logo a seu lado soou uma voz que lhe disse:

- À porta os tens ó velha.

Conquanto ela tivesse ficado aterrada, soube dominar o medo e retorquindo em tom amigável diz:

- Por aqui não há ladrões... Os tiozinhos concerteza que se perderam e andam molhadinhos e arreganhados com frio! Venham cá para casa, venham para o lume que eu vou fazer-lhes uma boa fogueira para se aquecerem e enxugarem o fato e concerteza também vêm com fome. Sentem-se e aqueçam-se enquanto eu vou arranjar qualquer coisa para comerem.

Os tais ladrões - que o eram de verdade - iam munidos de espingardas de carregar pela boca e que iam deixando ficar detrás da porta, à medida que iam entrando e se sentavam ao lume. A mulher, fingindo pressa em lhes arranjar de comer, de tal maneira se soube insinuar no espírito dos tais ladrões que os levou a pensar que ela estava convencida que tinha em casa gente honesta e séria. Enganavam-se por completo e aí é que esteve a salvação dela e dos filhos pequenos (marido se o tinha nunca se falou dele).

Enquanto os tais ladrões conversavam, sentados ao lume e no meio da maior descontração, a mulher foi matar uma galinha e a água, de que ela se serviu para a depenar fingiu que foi à porta deitá-la fora, lançando-a, dentro das

espingardas que os ladrões na sua boa fé, tinham deixado junto da porta. Inutilizando-lhes assim o fim a que se destinavam.

Continuando a tratar do comer pretextou ir a uma dependência da casa buscar os temperos para deitar na caçoila, foi ao quarto da cama do filho mais velho para lhe dizer que saltasse imediatamente pela janela das traseiras de casa e corresse às Sarnadas chamar gente para lhes acudir pois tinham ladrões em casa. Não demoraram os moradores cá da aldeia a saltar das suas camas com o que puderam encontrar mais à mão: espingardas, forquilhas, varapaus e foices-roçadoiras. Lá marcharam em direcção a Casa Correia na intenção de fazer pagar caro a proeza dos ladrões.

Estes, quando ouviram a vozear do povo, perceberam que era gente que se aproximava e depressa se convenceram que iam ser linchados. No auge do desespero, devido ao logro em que tinham caído e ainda esperançados numa possível salvação, correram a lançar mão das espingardas que tinham deixado atrás da porta quando entraram, e assim poderem enfrentar o povo e livrarem-se assim de serem caçados.

Não conseguiram o que pretendiam pois a mulher tinha enchido as espingardas com a água que tinha servido para depenar a galinha e assim, por mais que os ladrões premissem os gatilhos, não conseguiram dar um tiro!

Então o povo caiu sobre os tais gatunos com toda a espécie de armas de que iam munidos e ali mesmo lhes acabaram com a vida. E assim esta mulher de apelido Correia, devido à sua presença de espírito, ao seu sangue frio que

soube manter e ainda devido a sua argúcia e perspicácia, livrou-se a si e aos filhos duma morte certa!

Quem se deslocar a esta localidade ou por acaso por ali passar poderá ver os restos do que noutro tempo seria uma casa de habitação e a que o povo ainda hoje chama a Casa Correia.

[Henriques, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação, 4, Vila Velha de Ródão, p. 7-8]

### O Pedro das malas-artes

Este ciclo é composto por dois textos, um recolhido junto de pessoa oriunda do concelho de Mação e o outro do concelho de Proença-a-Nova.

O personagem central destes textos pode ser o bobo da aldeia, configurado num indivíduo portador de debilidade mental mas bem integrado socialmente. *“Normalmente as tolices, que faz por sua alta recriação ou por influência alheia, prejudicam-no a si próprio ou a outros, mas ás vezes tem sorte, e a tontaria consegue um termo feliz”* (Soromenho, 1986: 597).

### 144. Não tragas Pedros

O homem abalou pra ver dum criado, pois, quando ele ia pr' àbalar de casa faz assim a mulher:

- Á home, olha qu' tu não tragas Pedros, olha c' os Pedros todos são velhacos e finos.

- Tá certo.

O homezinho abala por i fora àrranjar o criado. Chegou lá a certo sítio encontrou um rapazote.

- Atão, quantos anos é qu' tu tens rapaz?

- Tenho dezasseis anos.

- Atão já me serves. Queres ir servir prá minha casa?

- Quero sim senhor. Isso é qu' eu vou.

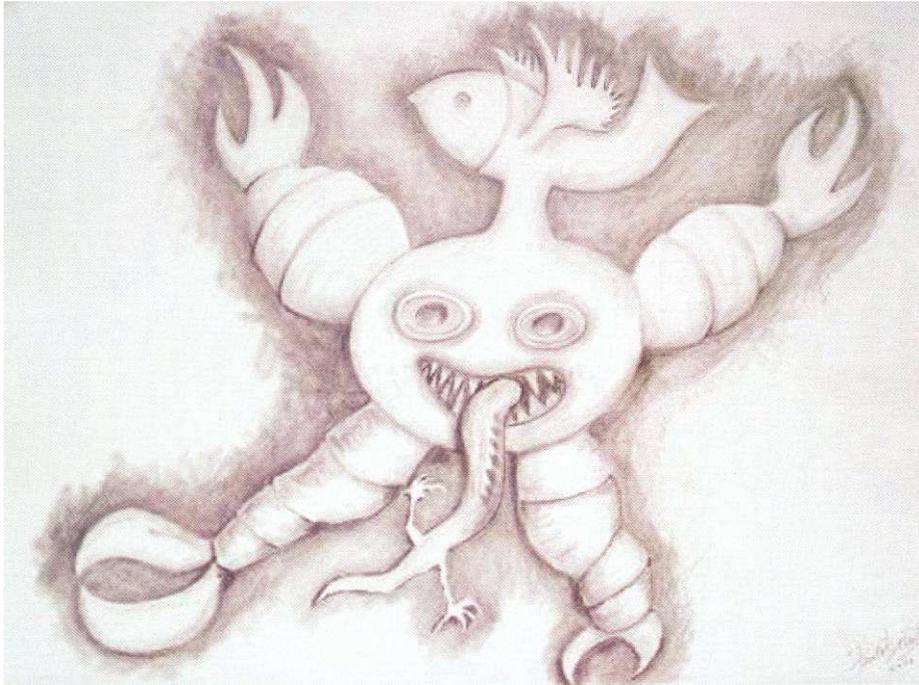
- Atão vamos imbora. Atão olha lá, com' é tu te chamas?

- Sou Pedro.

- Mau, atão não me serves. É qu' lá a minha senhora, qu' nom levasse eu Pedros. Depois ralha comigo.

- Pronto, tá bem, nom posso ir, nom posso ir.

O homezinho segue o destino dele e lá ficou o Pedro.



O Pedro parte a fugir, dá-lhe uma voltazinha lá por trás dum cabeça e sai-lhe à frente. Foi-se lá sentar outra vez à beira dum caminho. O fulano veio por aí fora.

- Ei rapaz, qu' tás tu aqui a fazer? Queres ir servir prá minha casa?

- Ah, isso é qu' eu vou.

- Atão com' é tu te chamas.

- Sou Pedro.

- Mau, atão nom podes ir. A minha senhora nom quer Pedros.

- Pronto tá bem, eu chame-me Pedro.

O homezinho abalou.

O gaje corta-lhe as voltas outra vez, vai-se lá pôr à frente outra vez aonde é qu' ele ia passar. Torna o gaje lá a chegar e diz-lhe outra vez:

- Ei rapazote, qu' tás tu aqui a fazer? Queres ir servir prá minha casa? Preciso dum criado.

- Á, isso é qu' eu vou meu senhor.

- Atão com' à tu te chamas?

- Sou Pedro.

- Mau, a minha senhora não quer que leve Pedros; mas prá qui...

- Ê patrão, prá qui num há outra coisa senão Pedros. Se o senhor entende qu' me pode levar, bem, se não entende... agora aí o senhor faça o qu' entender.

- Atão pronto, atão s' não há outra coisa s' não Pedros tenho qu' te levar a ti, leve-te a ti atão.

Lá abalaram os dois.

Quande chegaram a casa, já era assim de noite, de noite. Bateu à porta, responde-lhe ela d' lá:

- Á home, tu vens lá home, olha lá qu' eu tou tam incomodada, tou doente, olha, vai dromir pró palheiro, pró pé da nossa burrinha. Qu' eu agora tou tam incomodada pra m' levantar.

- Olha Pedro, sabes o te digo? A senhora tá um pouco incomodada. A gente vai-se deitar ali mesmo ó palheiro ó pé da burrinha.

- Á patrão, tá-se você a ralar, eu fique já aqui, eu já fique aqui.

- Ou, não, ficas aqui mal.

- Nom se rale comigo. Eu fique aqui. É já aqui qu' eu m' dête. Você venha lá pró pé da burrinha, eu fique aqui.

Lá ficou.

Às tantas, começa a gaja lá a falar mai o compadre, tava lá c' o compadre dêtado na cama, por isso é qu' ela tava incomodada.

Começa lá a falar:

- Á home, pra onde tu vais amanhã?

- Vou prá lavoura, prá sementêra. Oulhe, eu vou pra tal parte.

- Pense qu' o cumpadre tamém pra lá vai pra esses sítios. Eu amanhã mate uma p' rua qu' tenhe ali. Tenhe cá o criado e assim faço um bom jantar. Mas primeiro passo pro pé do compadre. O melhor sempr' é pró compadre.

- Bom, tá certo, o meu boi da squerda é branco.

Deu-lhe um sinal bom. Ela via bem o branco. Passava pro pé dele e depois dirigia-se pró pé do home.

Bom, de manhã cedo, quande se levantaram trataram de almoço. Almoçaram e trataram d' ir prá lavoura. Tavam a prender os bois. O Pedro tava a prender os bois. Faz o gaje assim pró patrão:

- Ó patrão, o senhor é melhor ir ver dum pano branco, este boi da squerda dá-lhe a mosca hoje e você sabe muito bem, os bois im lhe dando a mosca num há nada qu' os segure e c' o tempe qu' tá aí àpracer ela é capaz de vir a nader, e s' ele há-de abalar c' o outro desazorro e partir o arado e partir tudo, venha lá buscar um pano branco, a gente amortalha o boi quande vier a hora do meio-dia. Pronto, quande elas ataquim é pro calor, a gente evita estragos e coisa. Mas é sim a senhora saber, é prá senhora num saber qu' vem o pano.

O gaje lá foi buscar um lençol branco, lá levou o branco.

Quande foi prá i prá s onze e meia, diz o gaje assim:

- É patrão, ela já aí vem, eu já a oiçe a roier. É melhor pôr já o pano pro cima do boi.

Pronto, lá amortalharam o boi com o pano branco. Ela, quande vinha a chegar já lá perto, o primeiro qu' ela lobrigou foi aquele, o outro tava assim um pouco mais desviado. Quande vinha a chegar lá ó pé deu de cara c' o criado e c' o home e já s' invergonhou de retirar.

Chega lá.

- Á home e tal, atão no sabes, a nossa p' rua caíu lá pró pátio dos porcos, houve um amordalhou-a logo. Olha, mataram-na. Olha trago-a' àqui arranjada.

- Ai, no faz mal, bem a comemos.

- Olha, tamém fiz um nógades, fiz isto, fiz assim, e depois tá cá o criado.

- Tá bem, eu já vou jantar.

Sentaram-se pra comer. Faz ela assim:

- Á home, mas qu' é aquele qu' além anda?

- Atão, mas nom sabes quim é? É o compadre.

Foi quande encarou c' o boi branque.

- É o compadre.

- Á home, temos aqui um jantar tam bom e ele s' calhar num trouxe nada.

- S' lá fosses a dizer qu' ele viesse a comer aqui c' a gente.

- Ó, Pedro vai lá.

O Patrão mandou o Pedro.

Bom, o Pedro abalou, mas pegou logo nuns poucos de nógades e levou os nógades pra ir a comer. Mas qu' faz o gaje. Larga aqui um, larga outro além, por aí p' lo caminho fora.

Chega lá ó pé dele, disse-lhe pra ele:

- Ó migo, você esta noite foi dromir c' a minha patroa, você agora já sabe qu' tá criando, ele agora vem aí, em vez duma corta-lhe as duas pernas s' o caça. Capa-o. Portante, tenha cuidado c' o ele.

O recado qu' ele fez foi aquele, voltou pa tràs. Chega lá.

- Atão?

- Ele num quis vir.

- Á home, quem manda melhor fôra. Vai lá tu home. Sempr' a gente tem muito comer.

O homezinho abalou por aí baixo pra chamar o compadre. Começa a ver nógades p' lo caminho e começa-se' àbaixar àpanha-los. O outro quande viu direito com ele e àbaixar-se e àpanhar coisas, fugiu. Começa o gaje a dizer:

- Atão compadre andai cá, tomai lá ó menos uma perna, andai cá.

- Nim uma, nim duas, quim quiser cortar, corte as suas.

E fugiu.

Ela quando viu qu' o outro ia a fugir, faz ela assim:

- Qu' é aquilo agora? Atão o meu compadre parece qu' vai a fugir!?

- Ele nom é a fugir não, se você subesse c' a ira c' o seu marido ia. Atão você foi dromir co' ele esta noite! Ele ia c' a ideia d' lhe cortar as pernas, inde ele vinde no sei, a senhora tenha cuidado.

Bom, ela começou:

- Côme moço, côme, côme moço, côme, côme moço.

Mas largou logo e deixou o jantar. Ficou o meu bom Pedro de roda do jantar sozinho. Quando o homezinhe lá vinha chegando, viu qu' o home qu' abalou. Foi-s' àssentar pra começar a comer. Aparecem uns caçadores à caça. Faz o gaje assim:

- Mas agora qu' homes é qu' além vêm?

- Qu' homes é qu' além vêm? Atão você no sabe o qu' ele é?

- É a guarda. Vêm pró prender. Atão você esta noite foi dromir c' a burra.

O homezinho mete-se aquilo na cabeça.

- Á Pedro, tu num digas nada, eu meto-me aqui debaixo destes baledos.

E escondeu-se lá pó meio dum baledo. E o Pedro ia mamando o jantar sozinho. Ôdepois os caçadores chegaram ali.

- Ê rapaz, no viste por aqui nenhuma lebre?

- Não.

- Atão, nenhum coelho?

- Olhe vim um.

E apontou-lhe assim práas balsas. Os gajes cercaram as balsas c' as armas apontadas pra lá, amandaram pra lá os cães e àventar panedos.

O gaje viu-se lá atacado e c' as armas imbocadas lá pró baledo. Porra, saiu d' lá.

- Ê tizinho deixe-me, qu' eu fui dromir c' a burrinha porque ela era minha.

- Á sê filha da puta, ainda hoje lhe dou uma punhada. Eu importa-se-me lá qu' você fosse dromir c' a burrinha ou qu' fosse dromir c' o raio qu' o parta, eu quero lá agora saber disso.

Largaram o home. Lá andaram até à noite. Bom, à noite lá forim pra casa, tudo comeu. No outro dia, vai o Pedro c' os porcos lá p' um campo. Passa lá um gaje e armou de lhe comprar os porcos.

- Sim senhora, isso é qu' ê vendo. Quante o senhor dá por eles?

- Dou tante.

- Dá esse dinheiro, tá o negócio fêto, mas c' a condição de cortar o rabo a todos.

- Tá bem, pronto. O preço dava-to de qualquer jeito.

Pronto, lá cortaram o rabo a todos. O gaje abalou c' os porcos e ele lá ficou. Que faz o gaje? Ali no lamil onde ele andava, entarra o rabo dos porcos todos, só lhe deixou assim a pontinha do rabo àpracer. Parte a fugir e vai a casa.

- Ó patrão, venha cá, atão nom sabe, atão os porcos passaram além numa lameira a fossar, a fossar, a fossar, e começaram-se a interrar, já só lhe vê a pontinha do rabo. Tão todos lá pro baixo. É melhor levar uma inxada ou coisa.

Lá foi o patrão a fugir. Chega, bota as unhas ao rabo, conforme ao primeiro qu' ele botou as unhas, deu tamanho puxão, jogou logo um espalagato. Vai a exprimentar outro, na mesma.

- Ó patrão, não vale a pena, isto vale mais ir buscar uma inxada grande, ou maior, ou de qualquer maneira.

- Vai lá dizer à senhora que te dê a inxada maior.

Bom, o gaje lá ficava arreliado. Arrancava o rabo dos porcos, mas os porcos num vinham. O gaje parte por i fora, chega lá.

- Olhe, o patrão que me desse você a carteira maior.

Ela ficou assim a olhar pra ele.

- A carteira maior? Atão mas com' é qu' isso pode ser?

- É o que lhe digo.

- Ná, nom pode ser.

- A senhora vá ali e grite-lhe lá s' é a maior, s' é a mais pequena.

A mulherzinha não explicou mais nada. Chega lá, grita ao home s' é a maior, s' é a mais pequena.

O outro gaje, andava lá aflito.

- É a maior, mulhé.

Ela vai e prega-lhe a carteira maior nas mãos. O gaje fugiu c' o dinheiro qu' já lá tinha.

Pois aquilo tardou-lhe ali um bocadito. O home lá andava àrrencar os porcos todos; o rabo dos porcos todos, arreliado. Vem a correr e chega lá ...; o Pedro não lhe aparecia com a inxada maior.

- Atão tu não deste a inxada maior? Qu' é do criado?

- Atão o criado vei-me aqui qu' lhe desse a carteira maior. Atão ele nom apareceu lá?

- A carteira maior?... Era a inxada maior mulhere.

- Á home, nam tu d' zia, não trouxesses Pedros, vês, olha, vendeu-t' os porcos e levou-te a carteira maior.

[Joaquim Martins, Palhota, Proença-a-Nova, 1985. Recolha de Maria Albertina Martins Tavares, redacção de Francisco Henriques.]

#### 145. O moço mei indoudado

Era uma vez assim um moço qu' era mei doudo, mei indoudado e d' zia à mãe qu' se qu' ria casar mas num sabia ir pró pé das cachopas. E d' zia assim a mãe dele:

- Olha filho, compra-lhe uma flauta e vais pra lá começar a cantar e a dançar.

Ele foi pra lá p' ó pé d' uma cachopa qu' ele gostava, c' a flauta, fum, fum, a tocar. Tinha morrido a avó dela.

- Á seu velhaco. Morreu a minha avó e tu vens aqui todo contente a cantar e a dançar.

Ele foi pra casa muito triste e disse assim prá mãe:

- Ó mãe, atão ela scarreirou-me, tinha morrido a avó dela, porque eu ia a tocar a flauta e isso, tinha morrido a avó dela.

- Ó filho, num devias fazer isso, havias de rezar.

- Ó mãe, prá outra vez já sei o qu' hei-de fazer.

Prá outra vez, vai lá, chega lá ajoelhou-se e começou a rezar, a rezar, a rezar, lá vem ela outra vez a scarreirá-lo.

- Á seu malandro - tinham acabado de matar o porco - pôs porcos também se reza?!

Ele volta pra trás todo triste.

- Ó mãe, atão ela tornou-me a scarreirar. Eles tinham matado o porco e eu comecei a rezar.

- Num era isso qu' tu havias de d' zer. Havias d' zer assim: ó pé deste outro, ó pé deste outro.

- Ó mãe pra outra vez já sei o qu' hei-de fazer.

A outra vez vai lá, ela tava a curar os freimões e ele chega lá:

- Ó pé deste outro, ó pé deste outro.

- Ah seu velhaco! Atão eu stou aqui com tanta dor e tu a d' zer ó pé deste outro, ó pé deste outro.

Vai pra casa todo triste.

- Ó mãe, atão ela stava a curar freimões e eu disse ó pé deste outro.

- Ó filho, num era isso que tu havias de d' zer, havias de d' zer assim: “um qu' se seque outro que não rebente, um qu' se seque outro que não rebente.”

- Ó mãe, já sei o qu' hei-de fazer.

Vai lá e eles andavam a pôr bachelos. Começou:

- Um qu' se seque outro que não rebente, um qu' se seque outro que não rebente.

- Ai que malandro ainda m' cá aparece outra vez.

Chega a casa todo triste e diz assim à mãe:

- Atão filho porque vens tão triste?

- Atão mãe, ela tava a pôr bachelos e eu disse um qu' se seque outro que não rebente.

- Ó filho, num era isso qu' tu havides de d' zer, com saúde o ponha com saúde o beba.

- Ó mãe já sei o qu' hei-de fazer.

A outra vez chega lá tava ela a cagar e ele disse:

- Com saúde o ponha, com saúde o beba.

- Á seu porco, beba vossemecê.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### **O sabor dos sabores**

Um único texto, recolhido no concelho de Proença-a-Nova, integra este ciclo.

Este ciclo, em outras colectâneas de contos, é sempre constituído por um pequeno número de textos.

### **146. Dona Vinte**

Era uma vez um rei que tinha vinte filhas, e por isso plantaram o nome à mais nova Dona Vinte. O rei foi chamado à guerra e deixou as filhas todas vinte, fechadas num palácio.

E a Dona Vinte é qu' era a que mandava, havia lá um príncipe chamava-se o Príncipe das Marés. E aquele príncipe viu-a e pediu à Dona Vinte pra lá ir ó baile. Elas formavam lá bailes, vinte raparigas numa casa, e ódepois foi. O que fez ele? Era mau, enganou dezanove e ódepois à Dona Vinte nunca a apanhou, porque ela era muito esperta e era mais ainda do que o príncipe.

As irmãs disseram pró príncipe pra ele enganar tamém a irmã, a Dona Vinte, qu' ó fim o pai matavas todas.

Ódepois a Dona Vinte era muito esperta e elas todas dezanove d' sseram pró príncipe pra ele ir a uma quinta que lá havia de colher frutas, que gostavam daquela fruta, que tinham vontade dela, pra lá ir mais a Dona Vinte. E fecharam o portão. Eles foram lá. A Dona Vinte foi e o príncipe disse prá Dona Vinte:

- Ó Dona Vinte, ê-mos ir à quinta buscar fruta prás tuas irmãs.

- Atão vamos.

Foram. Ela foi lá, colheu, quando vinham sair ó portão c'as frutas, o portão fez bumba mas não apanhou a Dona Vinte e ela fugiu com a fruta pra entregar às irmãs.

Bem, foi, não àpanhou naquele dia. E ódepois o príncipe tornou a convidá-la pra ela ir passear pró campo. Qu' os pais dele tinham lá uma herdade fechada cum muitos vivos e ele tinha uma capoeira de galinhas e ele disse assim pra ela, o príncipe:

- Ó Dona Vinte vem cá ver c' mós homes dantes trabalhavam, olha que sabiam trabalhar bem, faziam coisas maravilhosas, anda cá ver uma capoeira com' ela é.

E ódepois ela foi.

A Dona Vinte quando apanhou o príncipe dentro da capoeira, ela ficou à porta, porque ela ia atrás, fechou a capoeira e deixou-o lá fechado. Teve lá muito

tempo. Aquilo era muito longe, não davam por ele. Quando o foram buscar vinha muito doente, num comia nim bebia lá dentro da capoeira.

Bem, ópois o rei veio.

Primeiro as irmãs da Dona Vinte tiveram os meninos, ou meninas. Não sei. E a Dona Vinte não sabia o qu' havia ali de fazer. O pai tava a chegar, ódepois mandou fazer um cabaz e plantou-se a vender flores e ódepois passava por uma rua gritava:

- Quem compra flores, é pró Senhor Rei, tem mal d'amores.

O príncipe disse assim prá mãe:

- Ó mãe veja lá o qu' essa mulher vai a dizer.

E ela tornou a dizer:

- Quim compra flores, é pró Senhor Rei, tem mal d'amores.

- Chame lá essa mulher.

Ela vei p' la escada acima, subiu e disse-lhe que trazia flores.

Ódepois ela disse:

- Comim lá im baixe naquela taberna. Esqueci-me lá da chave do cabaz, eu vou lá buscá-las.

Mas, ela a Dona Vinte, o que se queria era de lá pra fora e ele disse:

- Ó menina, deixe aqui o cabaz e venha buscar a chave, qu' aqui é casa de confiança, num lhe volhe nada no que lá está.

Ela à escada abaixo fugia. Quando ela se apanhou longe, dezanove crianças ali todas a chorar, ele disse logo:

- Ai a velhaca da Dona Vinte, qu' ainda me faz mais.

Bem, ele lá ficou. A mãe foi chamar a mulher pra criar as crianças. E disse o príncipe:

- Hei-de matá-la.

Nabanão veio o rei. E ele tinha dado um anel a cada filha, se alguma se deixasse enganar o anel fazia-se escuro.

Os anéis tavam escuros. Só o da Dona Vinte tava bom. A Dona Vinte dava o anel às irmãs pra elas o irem apresentar ao pai, tendo elas já os meninos.

E ódepois ele, pediu-a ó pai, o tal príncipe. O pai disse-lhe que sim. Bem, e ela disse tamém que sim e ódepois disse assim pró pai:

- Ó mê pai todos os vestidos que me comprades quer' os pretos.

- Atão porquê?

- Quer' os vestidos pretos.

Bem, casaram.

Foi o casamento. Quando foi o casamento à noite, ela tinha mandado fazer uma boneca com' ela, igual a ela, com a mesma cor e tudo com' à Dona Vinte e ela pantou-na na cama, ela disse qu' s' ia deitar e ele demorou e ela meteu-se debaixo da cama e tinha furado o colchão c' um arame e pantado ó pescoço da boneca, uma boneca com' ela, grande, na cama. Ele chegou lá e disse assim:

- Atão Dona Vinte, já tás deitada!? Não te lembras do qu' me fizeste?

E ela puxava o arame e açanava com a cabeça qu' sim.

- Não te lembras que me deixaste lá no portão?

E ela tornava àçanar qu' sim, qu' s' alembrava.

- Não te lembras quando me deixaste na capoeira? Tive lá não sei quantos dias sim comer nim buber. Tive aquase morto. Tive muito tempo doente.

Ela tornava a dizer qu' sim.

Ódepois ela mandou fazer um pescoço de pedras d' açúcar.

Quando ele disse:

- Num te lembras do qu' me fizeste?

Ele foi c' uma espada e avintou co a espada ó pescoço da boneca. Pensava qu' era o pescoço da Dona Vinte e saltou-lhe uma pedra d' açúcar prá boca e disse assim:

- Ai Dona Vinte, doce na vida e doce na morte.

E lá tão bem contintinhos.

[Joaquina Dias Rosa, Bairrada, Proença-a-Nova, Junho de 1984. Recolha de Maria dos Anjos Martins T. Henriques, redacção de Francisco Henriques.]

## As Lendas

### Lendas religiosas

Incluíram-se neste grupo “as narrativas cristãs referentes à intervenção de Nosso Senhor e de Nossa Senhora na vida humana; como se depreendeu as passagens de Jesus ou da Virgem pela Terra figuram nos «Contos»; as lendas de santos...” (Soromenho 1969: 474).

Registámos cinco textos integráveis neste grupo; quatro foram recolhidos no concelho de Vila Velha de Ródão e um no concelho de Proença-a-Nova.

#### 147. Lenda da Senhora dos Remédios (1)

Diz-se que a Senhora dos Remédios qu' apareceu cá no alto do Monte e depois começaram a pensar em fazer uma ermida ali, pensaram em fazer uma

ermida. E segundo dizem fizeram a ermida mas a Senhora apareceu cá em baixo, novamente, onde fizeram, novamente, a capela mas porque havia ali um regato, e uns pastores que andavam ali a pastar gado, uma das miúdas trazia uma doença nos olhos. Trazia uma doença nos olhos e a mãe, coitada, fartava-se de lavar e fartava-se de fazer isto e fazer aquilo e fervia malvas e fazia, como digo, fazia muitas coisas e não havia meios de a miúda se curar. Um dia a miúda foram para lá, foram para lá e que lhes apareceu lá uma imagem de uma Senhora e que lhe disse:

- O que tens tu minha menina, nos olhos?

- Eu num sei. A minha mãe farta-se de lavar, farta-se de lavar e num há meios de se curar isto.

- Olha menina, vai ali a lavar-te naquele regatozinho. Lava-te ali naquele regatozinho.

E a miúda foi lavar-se. Foi lá lavar-se e quando foi à nôte a miúda num tinha nada nos olhos. A mãe muito admirada procurou à menina:

- Atão filha o que é que... os teus olhos já estão bons?!

- Olhe mãe, apareceu-me lá uma Senhora e disse-me para eu me lavar lá no regato. Num regato que havia ali e eu lavei lá.

- Atão e agora já não tens nada nos olhos?!

- Não, já estão os olhos... já estão bons.

No outro dia a miúda tornou lá a lavar-se, tornou a lavar-se lá no regato e a miúda curou-se. Começou-se a falar.

Ai a miúda de fulana, a miúda de fulana está já está boa e foi isto e foi aquilo e foi uma Senhora que lh' apareceu. E que disse qu' ela que... para s' ela lavar lá no regato. Que... E a miúda curou-se. E daí vem a lenda da Senhora dos Remédios. Curou a miúda e fizeram então a capela ali nesse sítio e a água mesmo lá dentro da capela, da ermida. A miúda continuaram lá com o gado, mas fizeram a capela naquele sítio, mas o povo não a queria lá, o povo queria qu' a capela fosse cá em cima onde estão as casas do Dr. João, no Monte da Senhora dos Remédios. O Monte é do Dr. João.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas.]

#### 148. Lenda da Nossa Senhora dos Remédios (2)

Os antigos de Alfrívada contam que em tempos apareceu uma senhora em cima de uma azinheira que fez muitos milagres curando pessoas. O povo deu-lhe o nome de Nossa Senhora dos Remédios.

Conta-se ainda que uma vez a mesma Senhora mandou duas crianças fazer um “rapeirinho” no chão e logo brotou água que curou as feridas que as crianças tinham na cabeça.

Em agradecimento, os habitantes fizeram uma capela na barroca e aquela apareceu destruída.

A imagem continuava na toca da azinheira, no cimo do cabeço onde hoje ainda se encontra a capela. O altar foi construído em cima do tronco da dita azinheira.

[Maria dos Santos Lopes Gonçalves, Alfrívada, Vila Velha de Ródão, 1995. Recolha de Francisco Henriques.]

#### 149. Lenda das sete irmãs ou de Nossa Senhora e São Simão

Nossa Senhora vivia no Castelo das Portas, onde seu pai a encerrara por castigo. Todos os dias vinha sentar-se na cadeira para às escondidas do pai namorar S. Simão, que lhe aparecia do outro lado do rio.

Nossa Senhora do Castelo é filha de Santa Ana (Montes do Duque, Arneiro e Pardo) na margem esquerda do Tejo – cuja festa se celebra no Domingo seguinte ao da Senhora do Castelo que é a 15 de Agosto, Dia da Ascensão e tem mais seis irmãs que se falam e se avistam umas às outras:

Nossa Senhora dos Remédios de Gardete, cuja festa é em Maio, no dia das Ladainhas;

Nossa Senhora da Piedade, no Alvaiade, cuja festa se celebra no domingo anterior às ladainhas;

Nossa Senhora de Alagada, no Porto do Tejo, de Vila Velha de Ródão, com a festa no quarto domingo de Agosto;

Nossa Senhora das Dores, no Fratel, sem festa;

Nossa Senhora das Necessidades, da Comenda, com festa no primeiro domingo de Setembro;

Nossa Senhora do Rosário, no Fratel, com a festa no domingo anterior ao da Feira de São Mateus.

[Afonso, Ana Maria Tavares e Maria de Jesus Tavares Afonso (s/d), *Região de Ródão – A Economia e as Pessoas*, Escola Secundária Amato Lusitano, policopiado, p.11-12.]

### 150. O banho de São Bento

Aproximava-se a Festa de São Bento, na freguesia de Cardigos. E, como já vinha sendo hábito por esta altura, as raparigas foram lavar o santo ao rio. É que o santo era de cobre e sujava-se muito. Mas enquanto o lavavam sempre iam dizendo:

- Agora todo bonito e com a festa, á, desta vez é que vai arranjar uma cachopa.

Com esta e com outras, iam gozando o santo. Mas, terminada a limpeza, pegaram no santo para o trazerem de volta à Igreja, só que o santo recusou-se a sair do ribeiro, deixando as raparigas apavoradas.

Acabaram por chamar o padre que, após umas rezas, o tirou de lá.

[Maria dos Anjos M. Tavares Henriques, Bairrada, Proença-a-Nova, Março de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 151. Conho Grande da Ladeira

Trata-se de um bloco quartzítico situado junto ao caminho de acesso à aldeia da Ladeira. Hoje encontra-se um pouco fragmentado devido ao alargamento do caminho.

Dizem ter sido Nossa Senhora que o trouxe à cabeça para este lugar.

[Henriques, Francisco e João Caninas (1992), *Nova Contribuição para a Microtoponímia Rodanense*, Preservação, nº 13, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, p. 68.]

José Carlos Moura (1996: 65) regista uma lenda semelhante com a designação “O Penedo dos Cágados”, recolhida em Foz do Cobreão.

### Lendas de entidades míticas

*“As lendas das entidades míticas são as que narram em localidades como aí acontecidas, tendo como personagens: o Diabo, fantasmas, gigantes, bruxas, sereias, feiticeiros, mostros...”* (Soromenho 1969: 475).

Dos 18 textos que a seguir se apresentam nove foram recolhidos no concelho de Vila Velha de Ródão, sete no concelho de Mação e dois no de Proença-a-Nova.

## 152. O Traitolas

O Cadafaz dista alguns quilómetros de Rabacinas e Maxiais. Fica na margem esquerda da Ribeira da Fróia e é um lugar de muitas hortas.

Diziam que aparecia aqui uma "estátula" chamada Traitolas.

Ao Cadafaz as pessoas só podiam ir durante o dia. De noite tinham medo do Traitolas porque a "estátula" batia e metia medo aos visitantes.

Durante o dia o Traitolas metia-se nos muitos palheiros do lugar.

Durante a noite, nem para aquele local iam à pesca e os rapazes que iam para o baile em Maxiais, só passavam pelo Cadafaz à ida, durante o dia. De noite, assistiam ao baile, onde cada um arranjava uma rapariga para dançar toda a noite, e sobre a manhã quando voltavam vinham pelo Chão de Galego. Isto obrigava-os a dar uma grande volta, só para não passarem pelo Cadafaz.

Pessoas havia que diziam que era mentira. Outras diziam que era verdade.

Mas para se dizer tinha que haver algum jeito.

[Eusébio Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova, 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

## 153. Lenda do Vale Mourão

Conta-se que havia um carrinho de ouro dentro do poço do Vale Mourão, na Foz do Cobreão, e que não saía de lá. O carrinho de ouro que não saía de lá e

só de lá saía puxado por uns bois pretos. E a certa altura houve quem lá levasse uma junta de bois pretos e conseguiu tirar o carro até acima e depois então o fulano que ia a conduzir os bois disse assim:

Deus quer queira

Quer num queira

Mas o carrinho de ouro

Há-de ir à feira.

E ele a largar estas palavras a corrente que o puxava partiu e o carro foi para o mesmo sítio onde estava e nunca mais ninguém o tirou.

Neste mesmo pego (pego do Vale Mourão) há uma buraca que vai ter ao Chão de Galego. Numa ocasião meteram lá um gato e ele foi ter ao Chão de Galego, gordo. E dizem também que essa buraca pega com a Buraca da Moura, aqui, próximo do Vale Cobreão.

[Manuel Ribeiro Santo, Vale do Cobreão, Vila Velha de Ródão, 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Este texto pode ser tido como lenda, apesar de o informante lhe chamar conto. O seu sentido geral não difere muito do de outros contados para os lugares dos Castelinhos (Alfrívada, Vila Velha de Ródão) e Castelo do Peral (Proença-a-Nova).

#### 154. A cobra do Vale Cobrão

Antigamente aparecia aqui, no Vale do Cobrão, um grande bicho, uma cobra muito grande. Comia quantes animais havia e num havia por aqui, neste vale. Plantaram uma divisão na Portela da Milhariça pra ver se guardavam aquele bicho. Juntou-se intão uma grande remessa d' homes, com armas, com paus pró matar e assim o matarim.

Por isso se chama Vale do Cobrão.

[Maria Pires Ribeiro, Vale do Cobrão, Vila Velha de Ródão, 1986. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Nota: divisão surge neste texto com sinónimo de defesa, cerca, cercado. Até ao século passado a designação desta povoação do concelho de Vila Velha de Ródão era Vale Cabrão.

#### 155. O Valentão

Conta-se que existiu em tempos um homem de grande robustez física e por essa razão bastante conhecido na região. Chamava-se Manuel Vieira. A veracidade das histórias seguintes foi confirmada por elementos da família com quem falámos.

Certo dia andando o “valentão” a lavrar chegou perto dele um homem e perguntou-lhe:

- Oiça lá, não se importa de me indicar o caminho?

O “valentão” levantou o arado no ar e disse-lhe apontando com ele:

- Olhe tanto faz ir por um lado como pelo outro.

[Monte Fidalgo, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

#### 156. O valentão posto à prova

Um dia um homem de Malpica que também tinha força resolveu vir verificar quem tinha mais força: se ele ou se o “valentão”.

Estava num certo local uma azinheira que necessitava de ser transportada e então o de Malpica diz para o “valentão”:

- Ó pá queres que eu te ajude a levá-la?

O “valentão” sem responder pegou no troço da azinheira, pô-lo às costas e levou-o com a maior das facilidades.

O outro muito surpreendido exclama:

- É pá, eu sou forte mas este ainda é mais bruto e mais valente que eu!

[Monte Fidalgo, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

**157. O valentão da Carqueijosa (1)**

Era um senhor muito gordo que aguentava com dois alqueires de trigo e aveia desde Castelo Branco até à Carqueijosa, uma pequena e antiga aldeia que existia perto dos Amarelos e da Carapetosa. Ora um dia, junto a uma fonte onde iam buscar água, um vizinho do valentão disse-lhe:

- Serias capaz de carregar com duas azinheiras ao ombro, desde a fonte até Castelo Branco, sem descansar?

O valentão apostou e venceu e por isso ficou conhecido por valentão da Carqueijosa.

Os antigos também dizem que existe nessa aldeia, escondido na cozinha onde viveu o valentão, um tesouro composto por medalhas de ouro e prata que ele ganhava nas apostas onde mostrava muita valentia. Hoje, essa aldeia pequena está toda coberta de matagais mas, entre giestas e estevas, ainda se descobrem algumas paredes.

[Bruno (1990), *O Valentão da Carqueijosa*, Gente em Acção, nº 2, Abril, Escola C+S de Vila Velha de Ródão, Vila Velha de Ródão, p. 9]

**158. O valentão da Carqueijosa (2)**

Este homem, e ainda segundo a tradição, andava certo dia alqueivando umas "terras" com dois bezerros jungidos ao arado.

Em certo momento chega-se a ele um homem que disse andar perdido e pedia-lhe que lhe ensinasse para onde ficava a povoação de tal, dizendo qual a povoação que procurava.

Então o "Valentão da Carqueijosa", com a mão que segurava a rabiça, levantou o arado no ar e com os bezerros presos na ponta fez meia volta na direcção que o outro homem procurava e, sempre com o arado e bezerros no ar, diz-lhe:

- Olhe, a sua terra fica nesta direcção que eu lhe estou a indicar!!!

Voltou em seguida a colocar o arado e bezerros no mesmo sítio donde os tinha levantado; continuando com toda a calma a lavoura interrompida. O outro homem quando viu tamanha demonstração de valentia ficou tão aterrorizado que abalou a fugir sem agradecer a informação que lhe foi dada.

[Henriques, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação, 4, Vila Velha de Ródão, p.11.]

**159. O valentão da Carqueijosa (3)**

Um conhecido seu em Castelo Branco, homem possuidor de alguns bens de fortuna, sabendo que o "Valentão" vivia em muito precárias circunstâncias e para se certificar se ele dispunha realmente da força que lhe atribuíam disse-lhe, em certa ocasião, que lhe dava um quarto de trigo (15 alqueires) e cinco litros de azeite mas com a condição dele transportar de Castelo Branco para a sua casa da Carqueijosa sem nunca descansar ou pousar a "carga" durante o

caminho. O nosso homem não esteve com hesitações. Dirigiu-se a casa do seu amigo em Castelo Branco, pediu que lhe deitassem os 15 alqueires de trigo para dentro duma saca de que ia munido e quando a operação estava pronta deitou a saca com uma das mãos para as costas e com a outra pegou na vasilha que tinha os cinco litros de azeite, pondo-se imediatamente a caminho da Carqueijosa.

Este percurso foi seguido a certa distância, e sem ele o saber, por duas pessoas convidadas pelo tal amigo de Castelo Branco para se certificarem se efectivamente ele pousava a mercadoria. Nunca pousou a "carga" nem se pôs quieto para descansar! Ainda para melhor demonstração de valentia nas pequenas barrocas ou pequenos cursos de água que teve de atravessar até chegar a casa, galgava-os num só pulo de um lado para outro!

Se o amigo que lhe ofereceu o trigo e o azeite o fez, convencido que ele não era capaz de transportar a oferta sem a pousar e assim a poderia reaver novamente enganou-se redondamente pois o "Valentão" chegou a sua casa com a melhor disposição e sem o mais pequeno sinal de cansaço!

[Henriques, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação, 4, Vila Velha de Ródão, p.12.]

#### 160. A bezerrinha de oiro

Num local chamado Vidigueira há uma bezerrinha de oiro dentro de uma charca e que costuma sair da água na manhã de São João.

Um dia um homem dos Cebolais de Baixo foi até lá, num dia de São João, e levou-a até ao cimo da barreira dizendo:

- Quer Deus queira quer não queira

Já cá vai a bezerrinha ao cimo da barreira.

Mas a vitela ainda as palavras não eram ditas deitou a correr e voltou ao mesmo sítio. Ainda hoje se vê na charca duas nascentes perto uma da outra que dizem ser as "ventas" da bezerra.

[Vale Pousadas, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão]

#### 161. O padre dos Cabecinhos

O teu padrinho ia trabalhar para os Cebolais. Ia muito cedo, muito cedo. E às tantas de manhã vai ele por aí a cima, quando... cá ao fundo da ladeira vê o vulto de uma pessoa. E qual é o espanto dele, foi andando, foi andando e chegou a páginas tantas passou pelo homem, aí a coisa d' uns dez metros desviado, e viu que era um padre. Era um homem vestido de padre e ele foi e deu os bons dias. Deu os bons dias mas ele não lhe respondeu e então ele ficou aflito. Chegou a Cebolais e disse ao patrão, disse ao patrão que se tinha passado isto assim, assim, porque o patrão notou que ele não ia assim muito bem, não. E então o patrão disse-lhe:

- Á, não te assustes porque isso já há muito tempo que dizem que aparece lá esse padre, nos Cabecinhos.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas]

No vol IX da Etnografia da Beira (1963), o Dr. Jaime Lopes Dias regista uma lenda com esta implantação local e com a designação “O Cabeço dos Castelos e os seus Tesouros”, local este, com alguma importância arqueológica.

Na tradição popular consta que existe neste local (Castelos, Alfrívada) uma grande igreja, totalmente destruída.

### 162. A luz do Moinho Branco

O meu pai contava muitas vezes qu' ia acender o pinheiro de São João à terra do Chaveiro. Ele ia... e que uma vez viu uma luz, eu sei lá, lá pra cima, pô pé do Moinho Branco, vei, vei, vei p' ó Arraial do Spanhol e de lá levantou-se foi, foi, foi pró Casal d' Eira e d' lá escapou prá Feiteira e d' lá desapareceu. Essa luz andou por ali muitos anos. Agora num sei, nunca mais ouvi falar de nada.

Essa luz aparecia em qualquer época do ano. No Moinho Branco aparecia sobre o moinho.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 163. O medo das Fontainhas

Eu uma vez andava nas Fontainhas (ó pé da Bairrada, no caminho para a Mouta Recome), com outras pastoras da Pracana. Fui lá deitar folha de

figueira às cabras. Passa lá o Ti Manel Matias. Via-se só a cabeça, uma cabeça, uma coisa redonda, uma coisa redonda e ouvia-se:

- Uuuuuuuuu... ó pernas, nós a fugir. Eramos garotas.

Eu via mesmo lá uma cabeça. Só se via a cabeça, nunca vi nenhum home, nunca vi nada. Mas onde a gente stava via-se assim a cabeça:

- Uuuuuuuuu...

Oi nossa senhora.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 164. O medo do Vale Serrão

Havia um home no Caniçal C' meiro qu' era soldado. E d' zia-se qu' aparecia um caixão na ponte do Vale Sarrão. Ele d' zia:

- Quando eu lá passar eu faço, eu aconteço. Mas ele uma vez ia lá de noite a passar e apareceu-lhe lá, cagou-se todo.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 165. Esquife da Fonte do Meio Alqueire

O meu avô Domingos era da Bairrada e a vida dele era carreiro, num havia carros. Tinha uma parelha de bois e transportava tudo, azeite e tudo. E aparecia-lhe muitas vezes na Fonte do Meie Alqueire (no Vale Sarrasco, Moitas, caminho de Proença) e via lá muitas vezes um squife. Qu' dantes os mortos num iam em caixão, iam num squife. Teve uma vez que tirar o squife qu' s' atravessou no mei da strada e qu' num podia passar. Teve qu' lhe pegar e assim os bois, depois teve qu' os vender qu' nunca mais trabalhou bem com eles.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 166. O burro do ti Elias

O Ti Elias contou uma vez que ali no Lugar Canhoto qu' ia um homem com um burro c' uma carga e a carga caiu-lhe e tava um homem sintado. E ele qu' se viu aflito e qu' num era capaz de carregar o burro sozinho e então pediu àquele home qu' o ajudasse. O home vei e ajudou-o.

Ele, ao passarem as cordas (como se fazia nas cargas antigamente) notou qu' ele tinha as mãos muito frias e disse:

- Qu' raio, o senhor tem as mãos tão frias!

- Eu ajudei-o porque disse "por amor de Deus ajude-me", mas prá outra vez, quim vai, vai, quim stá, stá.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Assunção Vilhena (1995:104) nas Histórias Fantásticas faz um registo semelhante ao anterior.

### 167. Medo no Vale das Porcas

O padre Pereira antigamente ia a d' zer missa ao Pergulho, naquele tempo a pé. Depois passava lá no Vale das Porcas. Depois sempre lá aparecia um medo. As pessoas queixavam-se. A Ti Carma uma vez vei fazer queixa e ele disse:

- Oi v' zinha, já pode ir pra lá qu' eu já o desterrei. D' zia o padre.

A Ti Carma ouviu pra lá muita coisa.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 168. Bruxas no Vale d'Água

Uma vez havia um homem do Serimógão, eu já num sei é quem é qu' ele era. Tamém andava c' uns bois, ali no Vale d' Água, a transportar coisas. E quando era de noite trazia a carroça sempre carregada e eram as bruxas. E ele sabia quem é qu' elas eram, eram ali das povoações. O que num podia dizer é quem é que elas eram. Algumas vezes até s' amontavam nas vacas.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### 169. O medo da Pracana

A Ti Rainha contava que enquanto habitou nas margens da ribeira da Pracana ouvia, durante a noite, barulhos de loiça. Parecia que a loiça que deixava à noite no alguidar se escavacava toda. Levantava-se, ia a ver o que se passava, e constatava que tudo estava como tinha deixado.

O Ti António também contava que quando dormia na Pracana, durante a noite, o burro fazia tanto barulho que parecia que lhe estavam a dar uma grande sova e até as paredes do palheiro parecia que se desmoronavam. Ele levantava-se ia a ver o animal e encontrava-o sossegado.

[Maria dos Anjos Martins Tavares, Bairrada, Fevereiro de 1990. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Na tradição oral desta região é frequente ouvirem-se contos cuja temática são ruídos estranhos em espaços isolados, quase sempre casas, que são relacionados com a presença de espíritos (Moura, 1996: 60-61).

### Lendas históricas

Este grupo de lendas refere-se *“a personagens, que a História Geral assinala, a factos de valor militar ou político, e a locais e monumentos com tradições; nem sempre se encontra nelas o elemento maravilhoso que caracteriza as*

*lendas, mas é compensado pela feição extraordinária ou pelo simbolismo”* (Soromenho 1969: 475).

Foram recolhidas sete lendas passíveis de serem integradas neste grupo, correspondentes ao concelho de Vila Velha de Ródão. Três textos referem-se à lenda do Rei Vamba.

### 170. Lenda do Rei Vamba (1)

Era uma vez dois reis. Um deles era o rei do Alentejo (o alentejano) e o outro era o rei do concelho de Vila Velha de Ródão e chamava-se Vamba.

Certo dia o rei alentejano raptou a esposa do rei Vamba. Este, muito zangado, resolveu armar-se com todos os seus homens e foi em busca da sua mulher e do rei alentejano. No caminho, a dado momento, disse-lhes para eles ficarem naquele local e deu-lhes a seguinte ordem:

- Se ouvirdes tocar esta corna que levo comigo, sou eu a pedir socorro.

Chegado ao castelo do rei alentejano encontrou a sua esposa sozinha e perguntou-lhe onde tinha ido o rei.

- Foi à caça, respondeu ela. Deve estar quase a chegar.

Entretanto, o rei alentejano chegou da sua caçada e o rei Vamba escondeu-se no quarto.

A mulher perguntou ao rei alentejano.

- Então, mataste muita caça? Olha que eu ainda fiz melhor caçada que tu. Ora vai tu mesmo ver ao quarto.

O rei alentejano ficou bastante surpreendido ao ver o rei Vamba e perguntou-lhe:

- Se estivesse no meu lugar o que fazia?

Respondeu o rei Vamba:

- Ia para o alto daquele monte e tocava esta corna.

O rei alentejano assim fez e de todos os lados surgiram os homens do rei Vamba que depressa mataram o rei alentejano.

O rei Vamba levou a sua mulher de volta para o seu castelo. Hesitante, no entanto, sobre o qual o castigo que ela merecia consultou o seu filho mais velho:

- Se se desse o mesmo contigo como se deu comigo o que lhe fazias?

- Atava-a ao rabo de um cavalo e esporeava-o.

O rei achou que este castigo era insuficiente e foi ter com o filho do meio e perguntou-lhe:

- Se se desse o mesmo contigo como se deu comigo o que lhe fazias?

- Mandava-a pôr numa torre a pão e água até ela se secar.

Lá a puseram mas ela cada vez ficava mais bonita.

Resolveu então o rei ouvir a opinião do seu filho mais novo fazendo-lhe a mesma pergunta ao que este respondeu:

- Atava-a à mó de um moinho e punha-a a rebolar até ao rio Tejo.

Assim fizeram e a rainha morreu.

[Perais, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 171. Lenda do Rei Vamba (2)

Este acontecimento lendário desenrola-se no bloco quartzítico das Portas de Ródão, no presente castelo dos Templários e num local a que hoje chamam Nisa-Velha mais conhecido por Senhora da Graça. Tem como principais intervenientes cristãos e árabes.

Rei Vamba, monarca visigótico, esposo de uma digna e bela Senhora, da qual o rei da Senhora da Graça se enamorou. Vinha esta senhora falar-lhe todas as tardes à cadeira da Rainha; que não é mais do que um bloco rochoso quartzítico debruçado sobre o rio Tejo a grande altura e com a configuração semelhante a uma cadeira. Hoje semi-destruída. O amor avançou. Foi planeado o rapto da rainha, que se efectuariam através de uma buraca localizada toda ela no bloco quartzítico desde S. Miguel ao Castelo do Rei Vamba passando sobre o rio Tejo. Certo é que por falhanços matemáticos ou erros laborais ela veio surgir perto do cume das Portas de Ródão sendo a

rainha raptada, como estava na previsto, por cima de uma teia de linho lançada pelo amante, que esta pisou com uma enorme pedra.

Passado o rio, deu entrada na buraca.

O rapto deu-se como estava previsto quando o rei estava prá guerra.

O rei chegou, teve conhecimento do acontecido e prestou-se a ir buscá-la, imediatamente. De volta e já com a esposa reuniu-se com os filhos.

As sanções a atribuir à esposa foi o objecto da reunião. Cada filho atribuía um castigo à sua mãe. O rei aceitou a opinião do mais novo que era a de amarrar a esposa a uma mó de moinho e lançá-la ao rio. Há quem diga, versão ouvida no Alentejo, que a sanção foi a de encerrar a rainha numa barrica de argila e espetar facas na barrica lançando-a depois ao rio.

A pena foi cumprida. Durante a sua realização, a senhora em causa ainda teve tempo de pronunciar o seguinte:

Nesta terra

Não haverá cavalos de regalo,

Nem padres se ordenarão,

E putas não faltarão.

Diz igualmente a lenda que por onde a rainha passou embrulhada com a mó, jamais nasceu mato.

[Henriques, Francisco (1975), *Apontamento Etnográfico Regional – Lendas, Portas de Ródão*, nº 89, 25.09.1974]

Muitos são os que acreditam na existência deste buraco e afirmam ter lá entrado. Outros defendem que a «buraca da moura» das Portas de Ródão está a uma cota superior, ao buraco existente no morro esquerdo.

Os que lá entraram contam que o buraco à entrada está totalmente cheio de insectos. Depois, passa-se um fosso rodeado por uma estreita passagem. Outros, são os que pensam na existência no seu interior de um anel da rainha, de uma cadeira, de uma mesa, de uma agulha e de um dedal em ouro, além de algumas barras do mesmo material. Outros ainda são os que contam ter visto um dia um homem de cima da ponte com uma saca com barras de ouro.

Consta que um homem natural de Montes (Pardo, Duque ou Arneiro), compadre de um padre residente em Ródão encontrou umas coisas «compridas e amarelas», enquanto andava a trabalhar na Barroca da Corga. Não reconhecendo o que era, mas por serem amarelas semelhantes às que vira na igreja em Vila Velha de Ródão, resolveu levá-las ao seu «compadre», porque aquilo ficaria bem na igreja ao lado das outras coisas amarelas (segundo o autor do achado).

Em 4 de Abril de 1973 foi publicado no «Época juvenil» um trabalho, assinado por F. R. Henriques, do Grupo Amador Juvenil de Arqueologia, sobre «buracas da moura» na região de Ródão. Ao referir-se à buraca da moura das Portas de Ródão classifica-a como natural. O desmoronamento que ali se observa

relaciona-se, aparentemente, com uma dobra geológica. É notória a ausência de rocha em ambas as margens do rio.

O Dr. Jaime Lopes Dias no vol. I da Etnografia da Beira (1944), regista um texto semelhante com a designação de Maldição de Ródão.

Em 1965 o Dr. Paulo Caratão Soromenho publica no seu Lendário Rodanense uma versão desta mesma lenda com o título A Maldição de Ródão.

No livro Contos Mitos e Lendas da Beira, de José Carlos Duarte Moura (1996: 66) surge também registado um texto com o título Lenda do Rei Vamba.

### 172. A lenda da tripla maldição ou lenda do Rei Vamba

Vamba, rei suevo ou visigótico, fundou o castelo de Ródão, onde vivia com sua mulher, filhos e restante corte. Por força das andanças de caça e guerra ficava a rainha encarregue do governo, o que a levou em determinada altura a falar com o rei mouro que governava na outra margem. Namoravam sentados em cadeiras de pedra situadas numa e noutra margem das Portas. O namoro foi prolongado, como prolongada seria a ausência do rei, até que a rainha, de amores perdida, resolveu abandonar o seu rei e castelo e acolher-se à capital do rei mouro. O rei Vamba conhecedor destes amores, que uniam as margens do grande rio, mas furioso pelo desconchavo, muito prudentemente urdiu o estratagema necessário ao resgate da sua rainha. De combinação com os seus guerreiros e filhos, por caminhos ínvios, de forma a não ser detectado pelos espias do rei mouro, dirigiu-se para a sua capital, em cujas proximidades

se esconderam com a prévia combinação que ao seu toque de trombeta lhe acudissem.

Disfarçado de peregrino, entrou no castelo do rei mouro, pedindo esmola, chegando a falar com a rainha sua mulher. Esta, ao reconhece-lo, fingiu ser prisioneira e escondeu-o no próprio quarto, avisando o rei mouro do mesmo. O rei Vamba, feito prisioneiro, pediu à generosidade do seu inimigo que lhe concedesse tocar pela última vez a sua corna. Tocou, tanto tocou, que os seus companheiros, já de atalaia, lhe acudiram, derrotaram o exército, mataram o rei mouro e trouxeram a rainha para o castelo de Ródão.

Julgada pelo conselho e por sugestão do filho mais novo, foi a rainha condenada a ser atada a uma mó de moinho e despenhada pela íngreme encosta para o Tejo, dizendo-se, ainda hoje, que por onde o corpo rolou nunca mais cresceu mato.

A rainha, ao saber de tão cruel castigo, teria proferido:

Adeus Ródão, adeus Ródão,

Cercada de muita murta

E terra de muita puta.

Não terás mulheres honradas

Nem cavalos regalados

Nem padres coroados.

[Afonso, Ana Maria Tavares e Maria de Jesus Tavares Afonso (s/d), *Região de Ródão – A Economia e as Pessoas*, Escola Secundária Amato Lusitano, policopiado, p. 9.]

Na opinião do Sr. Inspector Baptista Martins, de Fratel e antigo presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, a maldição de Ródão não teria sido proferida pela rainha cristã mas pela rainha Santa Isabel, numa sua passagem por Vila Velha. Nesta ocasião a rainha teria sido mal recebida pelas mulheres de Ródão. Pediu água e foi-lhe negada ou dada a contragosto e foi então que proferiu a maldição (Henriques, 1997).

Acrescenta o Sr. Inspector Baptista Martins que outra coisa não seria de esperar, já que a rainha cristã, do castelo de Ródão, não teria razão para proferir a maldição sobre as gentes de Ródão, mas contra o marido e filhos. Pelo contrário, a rainha Santa Isabel teria motivo para amaldiçoar as gentes de Ródão pela má recepção que lhe concederam. Informou-nos ainda (em conversa havida em 24 de Fevereiro de 1989) que conhecia a fonte do Dr. Paulo Caratão Soromenho (1965) e acrescentou que a informante deste deu uma versão errada da lenda.

### 173. Lenda da Buraca da Moura do Vale do Cobreão

Andando um dia um grupo de pastores nas imediações da buraca da moura do Vale do Cobreão houve um que passou mais perto e viu um coucho com passas a secar e, retirando uma, foi para junto dos outros pastores. Contou o sucedido

e todos os restantes mostraram interesse em ir ao sítio. Foram, mas não encontraram o coucho ficando a acreditar que uma rainha encantada o tivesse retirado.

Dizem que muitos pastores já ouviram o canto suave e belo da rainha vindo do interior da buraca.

[Henriques, Francisco (1975), *Apontamento Etnográfico Regional – Lendas*, Portas de Ródão, nº 89, 25.09.1974]

Esta lenda encontra-se ligada à existência de um «forno» e de uma «buraca da moura», existentes no maciço quartzítico da serra do Perdigão, a NE da povoação de Vale do Cobreão. Segundo a tradição esta buraca teria ligação com o poço do Almourão ou Vale Mourão, situado no rio Ocreza, próximo da aldeia de Foz do Cobreão. O citado «forno» mais não é do que um estalamento e desmoronamento circular e côncavo da rocha, característico dos quartzitos; situa-se junto da «buraca da Moura».

Uma outra versão da lenda conta que as passas eram de oiro.

### 174. Lenda dos Castelinhos

Diz a lenda que neste monte se encontra enterrada uma caldeira em ouro; susceptível de ser revelada mediante as seguintes condições:

- Sonhar primeiro três noites seguidas indo buscá-la na última;
- Não olhar para trás, até chegar aos montes que dão para Cebolais.

Diz a lenda que muitos já tentaram a sua sorte. Conta, contudo, o caso de uma pessoa dos Amarelos. Esta, depois de sonhar três noites com a caldeira e respectivo sítio foi desenterrá-la e estava prestes a chegar ao cimo das ditas barreiras com a caldeira na mão, sempre a ouvir vozes e sons aterradores. Então proferiu as seguintes palavras:

- Á! já cá a levo e ninguém ma tira.

As palavras foram acompanhadas de uma olhadela para trás. Então a caldeira sai-lhe das mãos e rolou pela encosta, erguendo muito poeira e fazendo muito barulho; enterrando-se novamente.

[Henriques, Francisco (1975), *Apontamento Etnográfico Regional – Lendas, Portas de Ródão*, nº 89, 25.09.1974.]

Castelinhos ou Castelos é o, nome de um pequeno monte, sobranceiro à planície de Lucriz, com interesse arqueológico.

### 175. Lenda da origem do Monte Fidalgo

De geração em geração vem-se dizendo que a fundação da povoação de Monte Fidalgo, se deve à fixação de três irmãos fidalgos que, por incompatibilidades entre eles, acabaram por fixar-se cada um em seu lado, não muito distanciados uns dos outros.

Dos locais escolhidos pelos três irmãos, só dois é que permaneceram, formando-se assim a que é hoje denominada povoação de Monte Fidalgo, ficando esta a dever-se ao facto de eles terem vindo para ali desterrados.

Um dos irmãos ao morrer deixou toda a área que lhe pertencia, assim como a primitiva casa, ao povo de Monte Fidalgo, ficando esta obrigada a pagar todos os anos 13 alqueires de forro, trigo, à Nossa Senhora do Rosário de Castelo Branco, ou seja cada habitante da altura teria que pagar todos os anos um alqueire.

Só que a dada altura alguns habitantes foram a Castelo Branco, sem conhecimento dos outros, e compraram o forro, alegando que era para evitar a maçada de terem de lá ir todos os anos.

Quando chegaram à aldeia disseram aos outros que aquilo lhes pertencia, pois haviam-no comprado e começaram a construir coimas para o gado.

A restante população não se conformou com tal e foram a um advogado. O caso foi a tribunal mas eles perderam a causa, pois o advogado havia-lhes dito que aquilo não era legal e aconselhou-os a actuarem. Assim em 1906, sensivelmente, a população evadira a propriedade, destruindo coimas, destruindo o trigo e levando à frente os animais.

Mas não satisfeitos com tal decisão, por perderem a causa e ainda terem de pagar 100 mil réis de multa, voltaram a apelar ao Supremo Tribunal, desta vez ganhando a causa.

Assim, ainda hoje, todo aquele que resida lá, no fim de seis meses, tem direito à pastagem.

Pensa-se que o nome advém em honra desse Fidalgo, que generosamente legou à população o seu monte.

[Monte Fidalgo, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

### 176. Lenda da Portela do Vermum

Na Portela do Vermum (área de Fratel) dizem que há uma pedra escrita com os seguintes dizeres:

Quem a mim me voltar

Debaixo há-de achar.

Conta-se que houve uma pessoa que cavou e que a voltou encontrando na outra face a seguinte frase:

Se bem estava

Melhor estou.

[Fratel, 19 de Abril de 1984. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

### Lendas de mouras e de mouros

Neste grupo de lendas integrámos os textos em que mouros e mouras são os protagonistas.

Foram recolhidos cinco textos, dois no concelho de Proença-a-Nova, dois no concelho de Mação e um no concelho de Vila Velha de Ródão.

### 177. O mouro e a parteira

Um homem mouro que tinha uma mulher a parir necessitou de uma parteira e foi buscá-la à Bairrada.

Ele ia a cavalo. Enquanto trazia a parteira tapou-lhe os olhos, para ela não saber onde ia. Quando os destapou estava no meio de grandes salas.

Ao terminar o trabalho o mouro deu-lhe um punhado de carvões para o avental. Mas de volta, quando ela viu que eram carvões, foi-os deitando fora ficando só com uns poucos que guardou numa mala em casa. Passados uns dias foi vê-los e estavam transformados em libras de ouro. Então a parteira foi por onde julgou ter passado para tentar encontrar os que deitou fora, mas não encontrou nada.

Um dia a mulher foi a um mercado a Proença-a-Nova e reconheceu o mouro, disse-lhe que ele tinha sido o homem que a tinha ido buscar a casa para ajudar a sua mulher. Ele perguntou-lhe qual dos olhos o tinha reconhecido e ela disse-lhe qual era, ele depois passou-lhe a mão pelo olho para que ela se esquecesse da imagem dele.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

Nesta região, por "mouro" é conhecida toda a pessoa não baptizada. À parte o último parágrafo, ouvimos, com carácter de lenda, uma versão idêntica associada à Buraca da Moura do Ribeiro da Ferradura (Perais, Vila Velha de Ródão).

### 178. A parteira e os mouros dos Castelos

Num local denominado Os Castelos vivia, em tempos que já lá vão, um casal de mouros. Certo dia a esposa do mouro estava para ter bebé e então o mouro foi aos Cebolais de Cima buscar uma mulher para assistir ao parto.

Quando a mulher e o mouro estavam perto da entrada do castelo formou-se um nevoeiro e a mulher não conseguiu perceber como se entrava.

Terminado o parto, quando a mulher se preparava para partir o mouro disse-lhe:

- Apare o seu avental.

Ela assim fez e ele deitou-lhe para lá carvões. A mulher não ligou importância nenhuma aos carvões e foi-os deixando cair até aos Cebolais de Cima. Quando chegou lá só já levava um carvão e quando olhou para ele viu que era um bloquinho de ouro. Voltou rapidamente para trás no intuito de apanhar os restantes que tinha deixado cair mas não encontrou nenhum porque o mouro tinha ido atrás dela e tinha-os apanhado.

Mais tarde, por ocasião de um outro parto a mulher novamente veio prestar assistência e desta vez o mouro deu-lhe fitas. Como ela esperava que ele lhe desse novamente carvões não deu importância às fitas e novamente as foi deixando cair e chegou aos Cebolais apenas com uma ou duas fitas e o mesmo sucedeu com os carvões. Ao olhar as fitas viu que elas eram de ouro. Quis voltar atrás mas não conseguiu encontrar o caminho.

[Vale Pousadas, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão].

Assunção Vilhena (1995:99) regista uma lenda de conteúdo semelhante às duas anteriores.

É frequente, na literatura popular, o carvão surgir associado ao ouro. Isto é, a troca de um serviço um entre sobrenatural (moiro[a]) oferece carvões que se transformam em ouro por um qualquer golpe mágico (Moura, 1996: 60).

### 179. A moura do pente de ouro

Este acontecimento passou-se no Vale Peniche, ao fundo do Covão do Pedro, com um pastor do senhor Carreira, de Mesão Frio. Andava a guardar as cabras e encontrou uma senhora a assolar um tabuleiro de carvões, estando simultaneamente a pentear-se com um pente de ouro. Ela perguntou-lhe:

- O que é mais bonito, o cabelo ou o pente?

O pastor respondeu que o cabelo era bonito mas mais bonito era o pente. Ao que ela ripostou:

- Ai ladrão que perdeste.

E deu-lhe uma cinta para ele atar à cintura. Mas ele atou-a a um pinheiro. E daí a alguns dias o pinheiro estava seco. Disse o pastor depois que se a tivesse atado à cintura teria morrido.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

Assunção Vilhena (1995: 99) regista uma lenda semelhante.

### 180. Buraca da Moura do Chão de Galego

Consta, na tradição oral, que este buraco comunica com a Buraca da Moura de Rabacinas e com o poço do Almourão (Foz do Cobrão). Dizem que uma vez meteram um gato no Buraco da Moura de Rabacinas e o animal saiu gordo neste buraco.

[Henriques, F., J. Caninas, (1980), *Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa*, Preservação, 3, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.]

Assunção Vilhena (1995:99) regista uma lenda relativa a este local mas com conteúdo diferente.

### 181. Escorregadoiro da Moura

Consta que o escorregadoiro era o sítio para onde a moura vinha escorregar e que em Rabacinas havia uma mulher velha que vinha, para este lugar, fiar com a moura.

[Henriques, Francisco, João Carlos Caninas e João Luis Cardoso (1999), *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de*

*Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova*, Projecto ALTEJO, Associação de Estudos do Alto Tejo, inédito.]

O escorregadoiro da Moura está implantada na serra das Talhadas. É um afloramento quartzítico com um plano inclinado, voltado a poente, muito liso e sem líquenes numa faixa de 160 centímetros de largura por 340 centímetros de comprimento, contrariamente ao que acontece na área contígua. Parece ter havido preparação da rocha para assento, no topo do escorregadoiro.

O Escorregadoiro da Moura situa-se no mesmo afloramento da Buraca da Moura de Rabacinas mas desviado desta cerca de 10 metros, para oeste.

### Lendas etiológicas

As lendas deste tipo procuram fornecer uma explicação para determinado fenómeno, como a origem do homem ou da glote humana ou a origem do nome de um local.

São 17 os textos que agrupámos sob esta designação; dez foram recolhidos junto de informante oriundos do concelho de Vila Velha de Ródão, cinco dos informantes são do concelho de Proença-a-Nova e um do concelho de Mação.

### 182. A criação do homem e da mulher (1)

Todos vós sabeis ter sido Deus a criar o mundo.

No fim verificou faltar algo e criou então um ser em tudo parecido consigo mas de capacidade inferior. Tinha que ser assim, senão deixava de ser Deus. E ninguém que manda quer deixar de o fazer.

Para tornar a tarefa mais fácil escavou no tronco de uma árvore metade de uma figura humana, a forma. Depois, encheu esta forma com barro, alisou, deborcou o tronco e ficou com meia pessoa feita. Seguidamente fez mais três metades. Pegou em fio e agulha e começou a cozer as metades duas a duas. No final, como estava para sobrar linha deu dois nós e restou ainda uma ponta, deixou-a ficar, não dava estorvo.

Mas isso foi numa metade. Na outra aconteceu o contrário, faltou. É que a linha devia ser mesmo à justa. São Pedro vendo o erro, disse meio desapontado:

- E agora ?

- E agora ? Repetiu Deus a pergunta. Bem, agora deixa estar, tudo há-de ter a sua serventia.

Quando acabou de cozer as estátuas de barro bafejou-as. E aconteceu ficarem com vida, tornaram-se em homem e mulher.

E, está mais que visto, ser o homem oriundo da estátua onde Deus deu nós e sobrou linha e a mulher da outra, onde faltou um bocado para acabar de unir as duas partes.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

### 183. A criação do homem e da mulher (2)

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Desta vez não tinha sido em barro nem com formas. Foi logo feito de carne e osso.

Só que fez unicamente o homem.

Fez o homem e abalou para o Céu, deixando-o sozinho na Terra. E o homem começou a entristecer, a entristecer, a andar pálido e já quase nem comia, quando Deus voltou. E, ao indagar da razão de tanta tristeza, respondeu o homem precisar de uma companhia, que se sentia muito só.

- Descansa que amanhã terás companhia. Respondeu-lhe Deus.

Deitou-se desacreditado, o homem. Mas durante a noite, operou Deus o milagre, fez de uma costela do homem brotar uma linda mulher, uma companheira.

É esta a razão de o homem ter menos uma costela que a mulher.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

#### 184. A maçã de Adão

Decerto já reparaste no pescoço de uma mulher e no pescoço de um homem. São diferentes.

Na parte da frente, o da mulher é liso e o do homem tem um cabulo debaixo da pele. Esse cabulo chama-se "maçã de Adão".

Ora, porque o tem o homem e a mulher não ? É isso que a história conta.

Quando Deus fez o homem e a mulher deixou-os num lugar muito bom e bonito, onde não tinham frio nem calor e onde, para comer, não precisavam de trabalhar. Era o Paraíso.

Deus deu-lhes aquele lugar na condição de nunca comerem maçãs de determinada macieira.

Um dia, o Diabo transformou-se em cobra e pôs-se debaixo da macieira a tentar Eva, que era a mulher. A mulher não queria mas o Diabo tanto andou, tanto andou, que a mulher acabou por comer daquelas maçãs proibidas por Deus.

Comeu e chamou Adão, que era o homem, para comer também.

Adão veio, começou a comer a maçã e quando ia a engoli-la lembrou-se ser aquela a árvore dos frutos proibidos. Deitou então as mãos às goelas para a não deixar passar. E não deixou.

E assim conservou Deus a "maçã de Adão" em todos os homens.

[Luís Henriques, Rabacinas, Proença-a-Nova. Recolha e redacção de Francisco Henriques, a partir de versão ouvida em criança.]

#### 185. Lenda do Poço da Caldeira

Andava o dito de boca em boca que quem sonhasse três noites seguidas que estava uma caldeira de oiro num certo poço e não contasse a ninguém podia ir lá que conseguiria trazer a caldeira.

Aconteceu que um homem sonhou três noites seguidas com a tal caldeira de oiro e não tendo falado a ninguém sobre o sucedido decidiu ir ao poço na noite seguinte, à meia-noite, buscar a caldeira.

Conseguiu por fim tirar a caldeira do poço e quando ia a arrastá-la, puxando-a com uma baraça subindo uma barreira ia dizendo:

Deus queira ou Deus não queira

Já cá vai a caldeira d'oiro ao cimo da barreira.

E quando acabou de dizer isto a caldeira desprende-se, rolando pela encosta abaixo até ao poço e ainda hoje lá está.

[Monte Fidalgo, 1983. Recolha efectuada durante um levantamento cultural realizado no concelho de Vila Velha de Ródão.]

**186. A Penha Amarela e as Portas do Almourão**

Conta-se ainda que, alguns anos mais tarde, pai e filho andavam à azeitona quando se lembraram do que tinham, na altura, dito os mouros: “entre o Tejo e o Ocreza ficara a sua maior riqueza”. Logo, concluíram que a carroça espalhada na água constituía um autêntico tesouro e toda ela seria de ouro.

Depressa os dois aldeões se propuseram, com a ajuda de uma junta de bois, a retirar a “carroça de ouro” das profundezas daquele autêntico poço. Os camponeses iam, desta feita, tão contentes que – já no cimo da barreira em voz alta: “quer Deus queira, quer Deus não queira, a carroça já cá vai no cimo e amanhã já a levamos ao mercado, na vila”.

Ao proferirem “Deus não queira” os bois e a “carroça de ouro” começaram a recuar, encosta abaixo, e esta afundou-se de novo no rio e lá está! A testemunhar a lenda, a encosta referida conserva ainda hoje a designação de Penha Amarela.

[Marçal, José (1997), *Portas do Almourão – História, Lenda e Realidade*, O Concelho de Vila Velha de Ródão, nº 183, Lisboa, p. 7.]

**187. Ferraduras do Ribeiro das Ferraduras**

Na ribeira das Ferraduras, perto de Perais, existem gravadas na rocha algumas ferraduras. Dizem ter sido feitas pelo burro de Nosso Senhor Jesus Cristo quando por ali passou.

[Joaquim Sobreira Ramos Castelo, Perais, 27 de Março de 1983. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Na Portela do Vale Mourão, ao pé do caminho, dizem que havia a pata de um cavalo gravada. Dizem que era a pegada do cavalo de Nosso Senhor.

**188. Oliveira da Cancela**

Conta-se que quando ainda não havia nenhuma oliveira na região de Perais veio um dia um tronco ao Tejo abaixo e as pessoas acharam-no jeitoso e levaram-no para batente da cancela. Como foi espetado no chão rebentou originando a primeira oliveira da região.

[João Dias Caninas, Perais, 12 de Agosto de 1974. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

**189. Tapada dos Pés**

Contam as pessoas mais idosas de Sarnadas que este nome lhe vem dum caso sucedido com uma pessoa que se perdeu naquelas imediações aonde a noite a veio surpreender.

Como naquele tempo as feras abundassem, não tardou a ser atacada pelos lobos que imediatamente a devoraram deixando-lhe apenas os pés dentro das botas, razão pela qual àqueles sítios se ficou chamando “Tapada dos Pés”.

[Henriques, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação, 4, Vila Velha de Ródão, p. 14.]

Do ponto de vista arqueológico, este topónimo poderia indiciar gravuras sobre rocha. Em 1979 a Associação de Estudos do Alto Tejo realizou prospecção arqueológica na área, sem êxito.

### 190. A Fonte Boa de Sarnadas

Nas imediações desta aldeia ainda hoje se podem observar os restos de uma fossa que o povo diz ser noutros tempo a fonte d' aldeia. Logo que surgiram os primeiros moradores.

Pela pureza das suas águas, aliadas às qualidades terapêuticas das mesmas, os restos da dita fonte ainda hoje são conhecidos pela "Fonte Boa".

Contam-se alguns casos de cura operados pela água desta fonte e é crença tirar Sarnadas o seu nome dos maravilhosos resultados obtidos com o tratamento desta água, principalmente nas doenças de pele.

Diz-se a este propósito que há já muitos anos passava por esta povoação todas as semanas um homem a vender sardinhas que eram transportadas em cima de um burro todo chagado devido aos efeitos da "sarna" de que era portador.

Este sardineiro comia sempre o fanel de que vinha munido junto desta fonte, ao mesmo tempo que ia banhando o animal doente.

Dentro de poucos dias o animal estava completamente curado e o nosso homem, maravilhado com os resultados dos "banhos" com aquela água, aconselhava a tratar as pessoas que sofressem de doenças de pele e que fossem do seu conhecimento a lavarem-se nesta fonte pois, com este tratamento, toda a sarna desaparecia mesmo a mais renitente!

Acorreram pessoas de várias localidades a fim de se submeterem ao tratamento nestas águas e que completamente admiradas com os resultados obtidos começaram a propagar que aonde chegasse esta água, - sarna - nada.

Confirmada esta versão e com o andar dos tempos esta localidade, aonde "sarna-nada" se transformou, passando a chamar-se como ainda hoje se chama: Sarnadas.

[Henriques, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação, 4, Vila Velha de Ródão, p. 28-29.]

### 191. O Moinho das Calhondras

Há um moinho na Ribeira da Pracana chamado Moinho das Calhondras. É que certo dia o moleiro estava a assar uma febra e veio uma bruxa, pegou numa calhondra, pô-la a assar por cima da assadura e ia dizendo:

- Pinga, pinga calhondra prá assadura do moleiro.

Então, o moleiro tirava a carne. Ao repô-la sobre as brasas a bruxa voltava a sobrepor-lhe a calhondra e a dizer:

- Pinga, pinga calhondra prá assadura do moleiro.

E assim ficou baptizado o moinho, como o Moinho das Calhondras.

[Maria de Lurdes Pereira, Pereiro, Mação, Março de 1984. Recolha de Maria dos Anjos T. Henriques e redacção de Francisco Henriques.]

Assunção Vilhena (1995:102) regista uma lenda semelhante.

### 192. Corticeiros

As pessoas de Proença-a-Nova são conhecidos por corticeiros.

Esta designação advém-lhes do facto de uma vez quererem chegar à lua, julgando que era um queijo. Para tal puseram muitos cortiços, uns em cima dos outros. E, para chegar ao queijo, faltava apenas um cortiço. Então tiraram o que estava junto do solo. Caíram, como é óbvio, todos os restantes.

[Maria dos Anjos Martins Tavares, Bairrada, 1982. Recolha e redacção de Francisco Henriques.]

Outra versão conta que são conhecidos por corticeiros porque quando vinham trabalhar para a região de Vila Velha de Ródão colher azeitona, e realizar outras tarefas, traziam utensílios de cortiça (pratos, talheres, etc).

### 193. Cortiçada

No passado Proença-a-Nova já foi conhecida por Cortiçada.

A respeito do nome de Cortiçada, diz a lenda que se formou ou lhe veio do facto de os seus habitantes, vendo brilhar a lua no firmamento quererem possuí-la.

Para isso, puseram cortiços sobre cortiços e sobre a improvisada torre, um homem. Como ele dissesse, em certa altura, que só faltava um cortiço para chegar à lua, alguém alvitrou que não havendo mais cortiços se tirasse o do fundo e se passasse para cima. Com a deslocação deu-se a inevitável derrocada. E os assistentes exclamaram: “lá vai a cortiçada”.

[Vaz, Maria da Conceição Ribeiro, (1991), *Concelho de Proença-a-Nova*, inédito, Castelo Branco, p. 12-13.]

Assunção Vilhena (1995: 98) regista esta mesma lenda com outros detalhes.

### 194. Lenda da Senhora da Alagada (1)

Relativamente à construção da capela há uma lenda que eu vou contar: já há muitos, muitos anos, numa noite invernososa, uma tempestade fez transbordar o Tejo das margens, arrastando com ele tudo o que apanhava à sua frente.

No dia seguinte, quando a acalmia voltou à vila, dois pescadores que seguiam pelas margens do rio viram surgir, de entre o lodo, a imagem da virgem que viera arrastada pela corrente.

Logo ali, decidiram construir naquele local, junto ao Tejo, uma capela.

Puseram à Santa o nome de Nossa Senhora de Alagada.

[Moreira, Encarnação Barata (1989), Lenda da Senhora de Alagada, Gente em Acção, nº1, Dezembro, Escola C+S de Vila Velha de Ródão, Vila Velha de Ródão, p. 5.]

### 195. Lenda da Senhora da Alagada (2)

Dizem que a Senhora de Alagada apareceu no interior do tronco de uma oliveira, no lugar onde está hoje implantada a sua capela. A imagem foi trazida pelas águas do rio Tejo, durante uma cheia.

Durante três vezes a imagem foi levada para a igreja matriz de Vila Velha e sempre voltava ao tronco da oliveira. Por este facto, concluíram ser vontade da Senhora ficar neste lugar e aqui ergueram a capela.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques, versão ouvida em Vila Velha de Ródão.]

Na área envolvente da capela foi encontrado material arqueológico datado do neo-calcolítico. É provável que tenha existido neste local um monumento dolménico.

Em Montes da Senhora (concelho de Proença-a-Nova) contam que a Senhora do Pópulo apareceu no tronco de uma oliveira que ainda hoje se conserva no adro da igreja.

### 196. O Penedo do Sardão

Na Foz do Cibrão existe um penedo chamado Penedo do Sardão. Dizem que o penedo tem um sardão desenhado “só que ninguém o viu porque já foi há muito e as pedras estão cheias de musgo”. Contam que por baixo deste penedo existe uma mina de ouro e já houve gente que foi lá cavar para a encontrar.

[Recolha e redacção de Francisco Henriques, 1986. Henriques, F., J. Caninas, (1992), *Nova Contribuição para a Microtoponímia Rodanense*, Preservação, 13, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.]

### 197. O tesouro do Ribeiro de São Pedro

Quando eu era mais novo, passava todos os dias ali à aba de uma azinheira (por baixo da via férrea) onde havia uma coisa parecida com uma caixa de pedra. Chegava a casa e todos os dias dizia à minha mulher:

- Qualquer dia vou lá àquele sítio, a cavar aquilo que pode lá estar a nossa fortuna.

E a minha mulher sempre me dizia:

- Não sejas maluco homem, lá não encontras nada. Um dia quando lá passei já aquilo estava tudo revoltado.

E os antigos diziam que entre o ribeiro de São Pedro e a Buraca da Moura existe um tesouro tão grande, que bem de quem o encontrar.

[Henriques, Francisco J. R. e João C. Caninas (1978), *Estações Romanas de Vila Velha de Ródão*, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Castelo Branco, p. 8-9.]

### 198. A lenda do nome vale do Homem

Há muitos anos vivia naqueles sítios um homem que guardava patos e assim ficou sendo o Vale do Homem.

[Silva, Armando Dinis da & Maria Manuela Jesus Guimarães (1992), *Vale do Homem*, s/ menção do local de edição, p.16.]

### Lendas de povoações desaparecidas

Neste grupo de lendas faz-se referência a locais que foram habitados no passado e actualmente estão abandonados. Quase sempre denunciam locais com importância arqueológica, sendo por esse facto mencionados em relatórios de prospecção arqueológica. O motivo do abandono, na explicação popular, é frequentemente atribuído às formigas que atacavam as crianças.

Registamos cinco textos neste grupo; três deles correspondem ao concelho de Proença-a-Nova e dois ao concelho de Vila Velha de Ródão.

### 199. Lenda dos Castelos

Ali parece que houve, aquilo era habitado, aquilo há lá sítios de casas e parece que fugiram d' lá porque havia tantas formigas, tantas, tantas, que as crianças

morriam todas, as formigas comiam-lhes os olhos. É nos Castelos. Tiveram de passar a povoação prós Cebolais.

[Maria Pires Honrado, Perais, Vila Velha de Ródão, 1991. Recolha de João Carlos Caninas e Helena Marques, redacção de João Carlos Caninas.]

### 200. Lenda do Monte Queimado

O Monte Queimado, na área da Sarnadinha, dizem que foi uma antiga povoação. Contam que terá sido a antiga povoação de Chão das Servas. Após uma invasão de formigas as pessoas viram-se obrigados a mudar de lugar, para Chão das Servas e Sarnadinha e a deitarem fogo a este espaço residencial.

[Pequito, António & António J. T. Henriques (1986), *Relatório da Campanha de Prospecção Arqueológica da Região de Alvaiade*, Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, inédito.]

### 201. A Calva

O sítio da Calva corresponde a um cabeço sobranceiro à aldeia de Murteira. Actualmente está florestado com eucaliptos. Este cabeço é referido na tradição local como local de habitação. Na barroca, situada na encosta deste cabeço, teria existido uma pequena casa de habitação da última residente daquela suposta comunidade, conhecida por "A Calva". Esta mulher acabou por viver os últimos anos na Murteira. Nesta aldeia existe o topónimo Porta da Calva no local onde teria residido.

[Henriques, Francisco, João Carlos Caninas & João Luis Cardoso (1999), *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova*, Projecto ALTEJO, Associação de Estudos do Alto Tejo, inédito.]

Assunção Vilhena, (1995: 101-102) regista uma lenda localizada no Cabeço dos Calvos, Murteira.

### 202. Cerca do Peral

Diz a lenda que existe uma grade de ouro no Poço Fundo. O indivíduo que sonhasse três noites consecutivas com a grade poderia vir buscá-la. Numa ocasião um homem sonhou e veio buscar a grade com uma junta de bois e, quando trazia a grade no cimo do monte disse: “quer Deus queira, quer Deus não queira, já cá vai a grade de ouro no cimo da barreira”. Foi então que a grade começou a rebolar e voltou para o Poço Fundo.

[Henriques, F., J. Caninas, (1980), *Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa*, Preservação, 3, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.]

A Cerca do Peral é um povoado amuralhado com ocupação da Idade do Ferro e Época Romana. Está implantada num apertado meandro da ribeira do Peral. Neste local observa-se grande quantidade de cerâmica e materiais de construção. No sopé do monte existe uma fonte de água termal. Uma lenda associa este local ao Poço Fundo (na ribeira do Peral).

### 203. S'la Velha

Consta, na tradição oral, que foi este o local de assentamento primitivo da comunidade de Sobral Fernando. Segundo a lenda, foi abandonada porque as formigas comiam os olhos às crianças.

[Henriques, F., J. Caninas, (1986), *Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa*, Preservação, 7, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.]

Nesta área, situada na margem direita da ribeira da Fróia, existe uma conheira utilizada para actividades agrícolas. Também se observam as ruínas de seis (?) casas em xisto. As paredes são grossas e as mais altas não têm mais de dois metros de altura. Referem que o cemitério ficava junto das casas.

### 204. Salgueiral Velho

No Salgueiral [Vila Velha de Ródão] uma anciã falou-nos no Salgueiral Velho, local da antiga povoação, a qual foi abandonada por haver muitas formigas tendo a população passado ao Gavião. O local fica a poucos metros a Sul da povoação [actual] sendo atravessado pelo caminho velho.

[Do diário de campo de João Caninas, 30 de Agosto de 1976.]

## Bibliografia

Afonso, Ana Maria Tavares e Maria de Jesus Tavares Afonso (s/d), *Região de Ródão – A Economia e as Pessoas*, Escola Secundário Amato Lusitano, policopiado.

Bruno (1990), *O Valentão da Carqueijosa*, Gente em Acção, 2, Abril, Escola C+S de Vila Velha de Ródão, Vila Velha de Ródão, p. 9.

Caninas, João e Francisco Henriques (1992), *Nova Contribuição para a Microtoponímia Rodanense*, Preservação, 13, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, p.65-89.

Caragiale, Ion (1946), *Novos Contos Romenos*, Portugália Editora, Lisboa, 1946.

Coelho, Adolfo (1985), *Contos Populares Portugueses*, Publicações D. Quixote, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1944), *Etnografia da Beira*, vol. I, 2ª edição, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1967), *Etnografia da Beira*, vol. VI, 2ª edição, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1953), *Etnografia da Beira*, vol. VIII, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1963), *Etnografia da Beira*, vol. IX, Lisboa.

Dias, Jaime Lopes (1970), *Etnografia da Beira*, vol. X, Lisboa.

Henriques, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação, 4, Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco (1975), *Mito e Realidade no Passado de Vila Velha de Ródão*, jornal Época Juvenil de 4/4/1973, Lisboa.

Henriques, Francisco (1975), *Apontamento Etnográfico Regional – Lendas*, Portas de Ródão, 89, Paróquia de Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco (1975), *Apontamento Etnográfico Regional – Duas S'tórias*, Portas de Ródão, 93, Paróquia de Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco J. R. e João C. Caninas (1978), *Estações Romanas de Vila Velha de Ródão*, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Castelo Branco.

Henriques, Francisco e João Caninas (1988), *Contos Populares dos Cortelhões e dos Plingacheiros*, Preservação, 8, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco, João Caninas, Maria dos Anjos Henriques e Maria do Céu Duarte (1990), *Medicina e Farmácia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros*, Preservação, 9-11, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão, p.37-85.

Henriques, Francisco e João Caninas (1990), *Poesia Popular dos Cortelhões e Plingacheiros*, Preservação, 12, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco (1997), *A Festa do Espírito Santo no Ladoeiro e no Sul da Beira Interior*, Açafa, 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

Henriques, Francisco, João Carlos Caninas e João Luis Cardoso (1999), *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova*, Projecto ALTEJO, Associação de Estudos do Alto Tejo, inédito.

Marçal, José (1997), *Portas do Almourão – História, Lenda e Realidade*, O Concelho de Vila Velha de Ródão, 183, Lisboa, p.7.

Moreira, Encarnação Barata (1989), *Lenda da Senhora de Alagada*, Gente em Acção, 1, Dezembro, Escola C+S de Vila Velha de Ródão, Vila Velha de Ródão, p.5.

Moura, José Carlos Duarte (1996), *Contos Mitos e Lendas da Beira*, A Mar Arte, Castelo Branco, Coimbra.

Muller, Adolfo Simões (1985), *O Príncipe Imaginário e Outros Contos Tradicionais Portugueses*, Distri Editora, Porto.

Pedroso, Consiglieri (1984), *Contos Populares Portugueses*, Edições Veja, 2ª edição, Lisboa.

Pequito, António e António J. T. Henriques (1986), *Relatório da Campanha de Prospecção Arqueológica da Região de Alvaiade*, Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, inédito.

Ribeiro, Orlando, Hermann Lautensach e Suzanne Daveau (1989), *Geografia de Portugal*, Vol. III – O Povo Português, Lisboa.

Silva, Armando Dinis da e Maria Manuela Jesus Guimarães (1992), *Vale do Homem*, s/ menção do local de edição.

Soromenho, Paulo Caratão (1965), *Lendário Rodanense*, Revista de Portugal – Série A: Língua Portuguesa, vol. XXX, Lisboa, p.430-447.

Soromenho, Alda da Silva e Paulo Caratão Soromenho (1963), *Contos Populares e Lendas*, vol. 1, Acta Universitatis Conimbrigensis, Lisboa.

Soromenho, Alda da Silva e Paulo Caratão Soromenho (1969), *Contos Populares e Lendas*, vol. 2, Acta Universitatis Conimbrigensis, Lisboa.

Soromenho, Alda da Silva e Paulo Caratão Soromenho (1984), *Contos Populares Portugueses (Inéditos)*, vol. 1, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

Soromenho, Alda da Silva e Paulo Caratão Soromenho (1986), *Contos Populares Portugueses (Inéditos)*, vol. 2, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

Vaz, Maria da Conceição Ribeiro, (1991), *Concelho de Proença-a-Nova*, inédito, Castelo Branco, p.12-13

Vilhena, M. Assunção (1995), *Gentes da Beira-Baixa, Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova*, Edições Colibri, Lisboa.

## Glossário

Este glossário regista alguns dos termos menos comuns utilizados nos contos e nas lendas.

**À cata** = à procura.

**Acravar** = enterrar; mergulhar.

**Agreirito** = pequeno corpo estranho.

**Águas sujas** = água resultante da lavagem da loiça (sem detergente ou sabão), frequentemente dada aos porcos com os restos de comida.

**Aloge** = dependência da casa, no rés-do-chão ou cave, quase sempre térrea; arrecadação.

**Amadornado** = abatido; em estado febril; sem acção.

**Amigo** = amante.

**Amortalhar** = embrulhar em lençol.

**Andar faltado** = debilitado fisicamente devido à escassez alimentar.

**Apaixonada** = preocupada.

**Apoguentar** = preocupar; em ansiedade.

**Arrate** = arrátel (unidade de peso).

**Arreado** = vestido; equipado.

**Assoalhar** = expor ao sol.

**Assobacar-se** = assustar-se; com medo.

**Atragado** = em apuros; em dificuldade; atrapalhado.

**Atroumoujado** = combalido.

**Aventar** = atirar fora; lançar.

**Bailar as tropeçinhas** = contente; feliz.

**Balsedo** = amontoado de silvas de difícil penetração.

**Barranhão** = alguidar que se colocava no centro de uma pequena mesa e de onde todos comiam.

**Barrida a dar horas** = com fome.

**Basta** = densa; em grande quantidade.

**Becêlho** = órgão genital masculino.

**Bem posto** = bonito; belo.

**Botica** = medicamento.

**Cabulo** = nódulo sub-cutâneo de cor ou substância diferente; hematoma; o mesmo que coágulo.

**Caibo** = elemento do telhado, em madeira, sobre o qual assentam as ripas.

**Cair de cama** = ficar gravemente doente.

**Calhondra** = cobra de água.

**Cambalhão** = elevação.

**Caterva** = grande quantidade.

**Chorar lágrimas de sangue** = arrependido; arrependimento.

**Coirão** = mulher pouco humana; mulher infiel; má pessoa.

**Compreição** = disposição física ou psíquica.

**Conduto** = o que acompanha o pão (carne, peixe, ovo, etc.).

**Coucho** = artefacto semi-esférico feito em cortiça.

**Dar à calça** = defecar.

**Debrocar** = verter; colocar do fundo para o ar.

**Derreado** = dobrado sob a acção do peso; cansado; derrotado.

**Desabelhar** = ir; sair; separar.

**Deserta** = desejosa.

**Desazorro** = de rasto; arrastar.

**Emaleitado** = adoentado; febril.

**Embarrocar** = ficar grávida antes de casar.

**Escanzelada** = magra e com mau aspecto.

**Espalagato** = trambolhão; queda.

**Esplagatado** = deitado.

**Espojar** = acto de um animal se coçar no chão, virando-se geralmente de patas para o ar.

**Esputricado** = calcado; espezinhado.

**Estarranecina** = estado de desordem depois de uma luta.

**Estornicar** = queimar.

**Extrema** = limite ou linha de divisão de propriedade; fim.

**Famelga** = magro, subnutrido.

**Foroa** = fêmea do furão.

**Freimão** = fleimão.

**Galhapada** = mão cheia.

**Gateira** = buraco na porta, junto ao chão, por onde entram e saem os gatos.

**Lambança** = barulheira acompanhada de confusão; gritaria.

**Lamil** = lameiro.

**Malhoeira** = mangua.

**Mandar parte** = enviar recado.

**Marralheiro** = triste; abatido; hipoactivo.

**Moega** = dispositivo existente sobre a mó, geralmente troncopiramidal, que recebe o cereal para ser moído.

**Morcego** = bordo de vasilha lascado.

**Nabanão** = entretanto.

**Nalgadas** = palmadas nas nádegas.

**Nógades** = doce tradicional que se fazia pelo período pascal.

**Nem truz, nem buz** = silêncio; manter em silêncio.

**Ôlha** = substância gordurosa sobre a água ou qualquer outro líquido.

**Panedo** = penedo; pedra.

**Paneire** = paneiro; vendedor ambulante de panos.

**Paveia** = braçado de mato; conjunto de gavelas.

**Pisco** = pequeno passeiriforme; o que come pouco.

**Plantar** = pôr.

**Por o dedo no nariz** = proibir; meter na ordem.

**Prefecia** = disputa.

**Pulpado** = púlpito.

**Quedo** = quieto.

**Rabeiras** = restos de comida.

**Ralação** = preocupação.

**Rapeirozito** = covacho; cova pequena.

**Respo** = fezes de gato; algo de cheiro muito desagradável.

**Revêssa** = Pessoa com espírito de contradição; travesso.

**Rolhão** = algo que serve de rolha; rolha grande,

**Scarreirar** = mandar embora.

**Sapa** = tampa de púcaro.

**Surra** = sova.

**Taleigada** = conteúdo de um taleigo .

**Taleigo** = saco, geralmente de estopa, para transportar cereais e farinha.

**Taloca** = buraco; buraco de um dente; cavidade.

**Todos à uma** = todos ao mesmo tempo.

**Traçar na pele** = falar mal de alguém.

**Tropeça** = assento em cortiça em forma de paralelepípedo.

**Trouxa** = indivíduo débil; pessoa que se deixa facilmente enganar.

**Zorrar** = arrastar.

## Artistas plásticos

**João Sena.** Nasceu na freguesia de Esperança, distrito de Portalegre, em 1949. É professor da Escola C+S de Vila Velha de Ródão.

Em 1968 e 1972 trabalha como aderecista para o Teatro e RTP. Foi ilustrador do Diário de Lisboa (Mosca) e colabora no suplemento Literário do "Jornal do Fundão"

Desenha "Cenas Rústicas" e "Chafarizes da Beira Baixa" colecções que foram editadas pela Galeria Belgaia.

Fez, entre outras, as seguintes exposições individuais: Galeria Encontro, Évora, 1972; Centro Municipal de Vila Velha de Ródão, 1987, 1994; 1ª. Mostra de Arte-S.P.R.C, Castelo Branco, 1987; 1ª. Mostra de Arte-S.P.R.C., Covilhã, 1987; Galeria Municipal de Portalegre, 1988; 2ª. Mostra de Arte-S.P.R.C, Castelo Branco, 1988; 2ª. Mostra de Arte-S.P.R.C., Covilhã, 1988; Salas do Castelo; Campo Maior, 1989; Estalagem Vila Rica, Penamacor, 1989; Sala de Exposições, C. M. de Arronches, 1990, 1999; Galeria Belgaia, Castelo Branco, 1991; Centro Regional da Segurança Social do Distrito de Portalegre, 1995; Centro de Turismo de Elvas, 1995; Galeria Artemisia, Castelo Branco, 1999; Galeria 4 Azuis, Fundão, 2000; Casa do Povo de Esperança.

Entre as exposições colectivas em que esteve representado merecem referência: Salão de Arte do Ribatejo, Lisboa (Mensão Honrosa), 1972; Associação Internacional dos Críticos de Arte Sociedade de Belas Artes, Lisboa, 1972; Salão Os Franceses, Barreiro, 1972; Museu Francisco Tavares

de Proença Júnior, Castelo Branco, 1988; II Bienal de Artes Plásticas e Fotografia, S.P.R.C. Marinha Grande, 1988; IMARGEM Artistas Plásticos do concelho de Almada, Castelo Branco, 1988; II Mostra de Pintura dos Artistas do concelho de Nisa, 1989; IV Exposição dos Artistas Plásticos do Distrito de Portalegre, 1989; Salão Internacional de Arte Postal, Biblioteca Municipal do Barreiro, 1989; Barrind/89, Barreiro; Salão/89, Galeria de Arte Paiva, Barreiro, 1989; III Bienal de Artes Plásticas e Fotografia, S.P.R.C., Salão Mor do Mosteiro de Alcobaça, 1990; Galeria Belgaia, Castelo Branco, 1990; Arte e Video, Almada, 1990; II Salão Internacional de Arte Postal Biblioteca Municipal, Barreiro, 1990; Cerâmica Artística ARTISTICA, Jardim da Casa da Universidade, Monsaraz, 1990; Região de Turismo de S. Mamede, 1993; Centro Cultural Raiano, Idanha-a-Nova, 1999; II Bienal de Artes do Alentejo, 1ª. Internacional do Alentejo e Extremadura, 1999; 5ª. Exposição Internacional de Artes Plásticas de Vendas Novas.

Está representado no Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, em Castelo Branco, na Câmara Municipal de Arronches, na Câmara Municipal de Castelo Branco, na Santa Casa da Misericórdia de Vila Velha de Ródão e no Centro Regional de Segurança Social do Distrito de Portalegre

**Paulo Barreto.** Nasceu em Vila Praia de Âncora em 3 de Março de 1935. É comerciante em Lisboa.

Expõe desde 1982, tendo até à data participado em muitas exposições colectivas e realizado algumas mostras individuais. Merecem destaque: I Exposição de Artesanato e Arte Popular (Vila Praia de Âncora, 1982); VIII Salon de Automme de Pontault-Combault (França, 1988); II Mostra

Internacional de Artes Plásticas (Caminha, 1988); "Os Artistas e Fernando Pessoa" (Café Martinho da Arcada, Lisboa, 1991); O Mar-Exposição de Pintura de Paulo Barreto (Café Martinho da Arcada, Lisboa, 1991); Comemorações do 25 de Abril (Clube dos Sargentos da Armada, Lisboa, 1992); II Bienal de Arte do Sabugal (1ª Internacional de Sabugal e Ciudad Rodrigo, 1993); VIII Bienal da Festa do "Avante" (Amora, 1993); Outonos-Aguarelas de Paulo Barreto (Restaurante Escorial, Lisboa, 1995); I Bienal do Alentejo; III e IV Exposição Internacional de Vendas Novas.

Está representado no Museu-Escola Soares Branco (Mafra), no Museu Municipal de Arte Contemporânea do Sabugal, na Câmara Municipal de Sobral de Monte Agraço, na Casa do Alentejo, na Delegação de Turismo de Vila Praia de Âncora, no Centro Cultural e Social de Vila Praia de Âncora, no Nuceartes (Vila Praia de Âncora) e em colecções particulares em Portugal e no Estrangeiro.

**José Manuel Preto Ribeiro.** Nasceu em Luanda em 1958 e vive em Castelo Branco desde 1977. É enfermeiro e professor na Escola Superior de Enfermagem Dr. José Lopes Dias, em Castelo Branco.

Dedica uma parte dos seus tempos livres ao desenho e à pintura, privilegiando temáticas dedicadas ao ambiente, património arquitectónico e desenho etnográfico.

Expôs aguarelas e desenhos no Centro UNESCO (Porto, 1988) e desenhos de cariz etnográfico na Galeria RuralArte (Castelo Branco, 1999).

## Informantes

Nas fichas seguintes registam-se alguns dados biográficos sobre os informantes. Alguns já faleceram tornando-se, por isso, uma homenagem póstuma à sua memória. Aos outros informantes aqui ficam de novo os nossos agradecimentos.

Cada ficha regista, sempre que possível, os seguintes elementos: nome, data de nascimento, estado civil (à data da recolha), naturalidade, concelho, residência e observações.

**Balbina Castelo Pires.** 1905, casada, Perais, Vila Velha de Ródão, Perais, doméstica, tem exame da 3ª classe (foi a primeira mulher de Perais a fazê-lo), falecida.

**Benvinda Rosa.** Casada, Montes do Duque, Nisa, Vila Velha de Ródão, doméstica, analfabeta.

**Cesaltina Henriques.** Casada, Rabacinas, Proença-a-Nova, Rabacinas, após o casamento residiu muitos anos em Agualva-Sintra.

**César Correia.** 1925, Alfrívada.

**Eusébio Henriques.** 1916, casado, Rabacinas, Proença-a-Nova, Gavião de Ródão, reformado ex-assalariado rural, passou a residir em Gavião após o casamento, tem exame da 3ª classe, falecido.

**Guilhermino Pires Nogueira.** 1933, casado, Revelada, Vila Velha de Ródão, Gavião de Ródão, assalariado rural e ex-trabalhador da Celulose do Tejo, reformado, sabe ler e escrever.

**Ilda da Conceição.** 8 de Dezembro de 1932, casada, Cimadas Cimeiras, Proença-a-Nova, Bairrada, doméstica, tem exame da 3ª classe, viveu 15 anos em Vila Velha de Ródão.

**João Dias Caninas.** 28 de Setembro de 1929, Casado, porto do Tejo, Vila Velha de Ródão, Lisboa, editor.

**João Manso.** 1913, Fratel.

**João Pereira Eduardo.** 13 de Janeiro de 1901, viúvo, São José das Matas, Mação, São José das Matas, reformado, tem exame da 4ª classe, residiu os últimos anos da sua vida em Vila Velha de Ródão, falecido.

**João Ribeiro da Rosa Júnior.** 1898, Foz do Cobrão, Vila Velha de Ródão, Foz do Cobrão, agricultor, analfabeto, falecido.

**Joaquim António Baptista Alface.** Fratel.

**Joaquim Martins.** 1923, casado, Palhota, Proença-a-Nova, Palhota, reformado, durante alguns anos trabalhou, sazonalmente, em França, analfabeto, falecido.

**Joaquina Dias Rosa.** 1908, solteira, Bairrada, Proença-a-Nova, Bairrada, costureira, analfabeta.

**José António.** 1890, Perais, falecido.

**José Henriques.** 5 de Janeiro de 1925, casado, Rabacinas, Proença-a-Nova, Cacém-Sintra, reformado, tem exame da 4ª classe.

**Luís Henriques.** 18 de Outubro de 1919, casado, Rabacinas, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão, albardeiro e colchoeiro, com exame da 3ª classe, falecido em Fevereiro de 1979.

**Manuel António Valente.** Alfrívada.

**Manuel Ribeiro Santo.** 10 de Outubro de 1930, casado, Foz do Cobrão, Vila Velha de Ródão, Vale do Cobrão, reformado, tocador de concertina, exame da 4ª classe feito em adulto, é conhecido por "Manel da llda", apresenta gaguez acentuada.

**Maria dos Anjos Martins Tavares Henriques.** 4 de Junho de 1958, casada, Bairrada, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão, funcionária pública.

**Maria do Carmo Ribeiro.** 1 de Janeiro de 1926, Montes da Senhora, Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão, doméstica, sabe ler e escrever.

**Maria Helena Pereira.** 1935, solteira, São José das Matas, Mação, Vila Velha de Ródão, funcionária pública.

**Maria de Lurdes Pereira.** Casada, Pereiro, Mação, Bairrada (Proença-a-Nova), doméstica, tem exame da 4ª classe, residente também em Vila Velha de Ródão.

**Maria Pires Honrado.** Viúva, Perais, Vila Velha de Ródão, Vila Velha de Ródão, falecida.

**Maria Rosa Mota.** 1927, solteira, Gavião de Ródão, Vila Velha de Ródão, Gavião de Ródão, doméstica e trabalhadora rural, com a 3ª classe, poetisa popular.